

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

KAMILLE RAMOS TORRES

**PARA ALÉM DA EDITORAÇÃO: AS RELAÇÕES DE PODER E A PRÁTICA
EDITORIAL EM REVISTAS CIENTÍFICAS DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO**

CURITIBA

2020

KAMILLE RAMOS TORRES

**PARA ALÉM DA EDITORAÇÃO: AS RELAÇÕES DE PODER E A PRÁTICA
EDITORIAL EM REVISTAS CIENTÍFICAS DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração, Curso de Mestrado em Administração, Programa de Mestrado em Administração, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti

CURITIBA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Torres, Kamille Ramos

Para além da editoração [recurso eletrônico] : as relações de poder e a prática editorial em revistas científicas da área de administração / Kamille Ramos Torres.-- 2020.

1 arquivo texto (226 f.) : PDF; 1,52 MB.

Modo de acesso: World Wide Web

Título extraído da tela de título (visualizado em 14 abr. 2020)

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Administração, Curitiba, 2020

Bibliografia: f. 212-220.

1. Administração - Dissertações. 2. Periódicos - Editoração. 3. Ciência - Publicações. 4. Editores e edição. 5. Publicações científicas. 6. Publicações eletrônicas. 7. Publicações de periódicos. 8. Poder (Ciências sociais). I. Meneghetti, Francis Kanashiro. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: ed. 23 – 658

Biblioteca Central da UTFPR, Câmpus Curitiba
Bibliotecário: Adriano Lopes CRB-9/1429



TERMO DE APROVAÇÃO

PARA ALÉM DA EDITORAÇÃO: AS RELAÇÕES DE PODER E A PRÁTICA
EDITORIAL EM REVISTAS CIENTÍFICAS DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO
por

Kamille Ramos Torres

Esta dissertação foi apresentada às **10h00, dia 20 de fevereiro de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO, na Linha de Pesquisa **Tecnologia de Gestão, Trabalho e Organizações**, Área de Concentração **Organizações e Tecnologia**, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

Prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti
(PPGA/UTFPR)
Orientadora

Prof. Dr. Leonardo Tonon
(PPGA/UTFPR)
Membro Interno

Prof. Dr. Luciano Rossoni
(UnigraRio/RJ)
Membro Externo

Prof. Dr. Thiago Cavalcante Nascimento
(PPGA/UTFPR)
Coordenador do PPGA

Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA)

Avenida: Sete de Setembro, 3165
80230-901 – Curitiba – Paraná - Brasil
Fone: (41) 3310-4656
www.utfpr.edu.br

*Ao meu Deus, pois não chegaria até aqui sem seu sustento.
Á minha família: pai, mãe, irmã e cunhado.*

AGRADECIMENTOS

A construção dessa dissertação foi, sem dúvida, realizada de forma coletiva. Ela se mistura com minha identificação, fruto da minha trajetória social, com minha experiência na editoração de uma revista científica e com o conhecimento adquirido, ainda na graduação, mas de forma mais intensa no decorrer do mestrado. Esse percurso foi cercado de dificuldades e por isso agradeço, em primeiro lugar, ao meu Deus, que foi meu suporte e sustento nessa caminhada.

Agradeço à minha família Ramos e Torres, pelo apoio constante, pela compreensão em relação às minhas faltas, pela torcida, mesmo que muitas vezes marcada pela distância. Ao meu pai Nereu, minha mãe Marli, irmã Anny, cunhado Anderson, minhas tias, tios e primo, agradeço pelas orações e pelo incentivo sem igual. Eu não poderia fazer esse mestrado sem o apoio de todos vocês!!

No campo teórico e analítico surgiram inúmeras contribuições, entre elas a do próprio Bourdieu e de seus comentadores, mas também fui contemplada com temáticas relevantes, publicadas por vários autores, como: Rossoni, Planas, Patrus, Trzesniak, entre outros. Foram muitas dessas temáticas que me motivaram a escrever sobre o tema.

Agradeço a orientação do Dr. Francis Kanashiro Meneghetti, que muito contribuiu para meu amadurecimento como autora, como pesquisadora e como pessoa. As suas aulas e seus conselhos impactaram toda minha trajetória no mestrado, e de uma menina pra lá de produtivista (que mais cobrava do que era cobrada) e muito chorona, me tornei mais reflexiva e mais segura. Com certeza carregarei comigo as disposições subjetivas advindas de momentos que marcaram minha trajetória, e essas, farão parte de minha prática como agente em outros ou nesse mesmo campo. Agradeço por me orientar para além do mestrado. Tenho orgulho de ter sido sua orientanda!

Nesse mesmo coletivo, minha gratidão a banca composta pelo Dr. Leonardo Tonon e Dr. Luciano Rossoni, que são exemplos de pesquisadores, que me auxiliaram em todos os processos e com quem pude contar. Eu os admiro como profissionais e pessoas que são!

Agradeço, em igual nível, ao Dr. Rodrigo Alves, juntamente com o Yan Carvalho Vieira, pela importante ajuda junto ao *software* R, por aguentar minhas várias dúvidas e *e-mails*, por serem compreensíveis nesse processo e por aceitarem a mudança na análise da estatística (risos). Agradeço ao Fernando, já mestre no mesmo programa, por se disponibilizar a me auxiliar nos cálculos e *softwares* quando precisei.

Minha enorme gratidão também aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Administração: Francis, Leonardo, Giovana, Rene, Rodrigo, Jurandir e Graeml, por terem me ensinado tanto, pela paciência e incentivo constantes. Minha gratidão também pela coordenação do Thiago. Vocês são os melhores professores! Esse programa tem os melhores professores!

Agradeço ao Dr. Cristiano Bodart, pelo apoio na graduação, por me apresentar à pesquisa e à editoração, por me incentivar a entrar no mestrado e ter me ajudado com meu projeto (mesmo eu tendo mudado). Hoje, mais que meu ex-professor e ex-orientador, você é alguém que eu admiro muito. Agradeço a Dra. Thais Joi Martins que, por causa de sua tese de doutorado, me inspirou e se dispôs a conversar comigo.

Minha gratidão também aos colegas de mestrado pelas conquistas compartilhadas. Renata, Luan, Rafaella, Marjorie, Stephanie e Herminda obrigada por tornar, em muitos momentos, esse processo bem mais leve. Agradeço, ainda, ao Roberto, Allan, Edson, Silmara, Marina, Ariane e tantos outros que fizeram parte dessa trajetória. Em especial agradeço a Renata, por ter sido amiga por esses dois anos, pela sensatez, por me ouvir e aconselhar, por dividir e entender. Sua amizade carregarei pra sempre.

Por último, mas não menos importantes, agradeço aos meus amigos que não caminharam no mestrado comigo, mas sempre me apoiaram, principalmente, ao Ezequiel e ao Gustavo, e as minhas amigas Janaina, Jucieli e Camila, que mesmo longe, continuam sempre no meu coração, são irmãs. Todos vocês foram e são parte essencial da minha caminhada até aqui.

“É certo que as relações de poder estão em toda parte, ainda que não se pretenda reconhecê-las, que entram pelos olhos, ainda que não se queira vê-las, que estão presentes nos discursos, ainda que não se queira falar delas” (FARIA, 2001, p.18).

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a influência das relações de poder na prática editorial em revistas científicas da área de Administração. Para responder esse objetivo, buscou-se compreender a gênese e estrutura do campo editorial da comunicação científica em Administração com regras, relações de força e tipos de capitais; investigar as relações dos editores com os demais agentes e instituições que compõem o campo e; entender com a estrutura social do campo é interiorizada e exteriorizada possibilitando a formação de disposições duráveis (*habitus*). Estando inserida na área de estudos organizacionais, para essa pesquisa utilizou-se os conceitos de Bourdieu (campo, capital e *habitus*) em uma perspectiva relacional e apresentou-se um estudo com revistas de Administração que constavam na lista de fator de impacto do Spell de 2017. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, enfoque exploratório descritivo e temporalidade seccional e transversal. A coleta de dados se deu através de pesquisa documental e entrevistas. Sendo que a pesquisa documental foi realizada em sites, artigos e editoriais que tratassem aspectos relacionados a normatização do campo por meio das agências, indexadores e indicadores cientométricos, além da coleta de dados nas páginas das 79 (setenta e nove) revistas estudadas e na página do Spell. Já, a entrevista foi realizada com 11 (onze) editores-chefe das revistas pré-selecionadas, sendo que a escolha se deu por conveniência. Para a análise dos dados foram utilizados a Estatística Descritiva, Análise de Correspondência Múltipla e Análise Temática. Os resultados apontam que as relações de poder exercem influência na prática editorial na medida em que o interesse do editor está em possuir o capital específico do campo ou manter o valor dos capitais atribuídos a ele no campo científico. Foi possível constatar que existe influência através da submissão aos indexadores e da obseção no fator de impacto, da falta de apoio institucional, da falta de colaboração dos agentes, do interesse em preservar o capital social e da competição. Tais relações de poder resultam em uma busca exarcebada por seguir critérios das bases de dados, na manipulação dos índices de impacto por meio da autocitação, no editor atuando em várias etapas do processo editorial, no editor avaliando artigos ou adaptando o processo de avaliação, no privilégio dado a pesquisadores da rede de relações e a pesquisadores que tenham reconhecimento do campo e na influência política de editores que fazem parte de instâncias burocráticas com o objetivo de subverter a ordem científica. O campo também manifesta interesse em relação ao editor e pode corroborar para a mudança da prática editorial, isso ocorre, ainda que raro, por meio de ofertas de dinheiro, de solicitação de aprovação de artigos e da utilização de vínculos para tentar manipular o editor.

Palavras-chave: Organização Editorial Científica. Campo. Capital. Habitus. Editor.

ABSTRACT

This research aimed to understand the influence of power relations in editorial practice in scientific journals in the area of Administration. To answer this objective, we sought to understand the genesis and structure of the editorial field of scientific communication in Administration with rules, force relationships and types of capitals; investigate the relationships of publishers with the other agents and institutions that make up the field and; understand with the social structure of the field is internalized and externalized enabling the formation of durable provisions (habitus). Being inserted in the area of organizational studies, for this research we used the concepts of Bourdieu (field, capital and habitus) in a relational perspective and presented a study with management journals that were included in the list of impact factor of spell 2017. This is a qualitative and quantitative research, descriptive exploratory approach and cross-sectional and cross-sectional temporality. Data were collected through documentary research and interviews. And the documentary research was carried out in websites, articles and editorials that dealt with aspects related to the standardization of the field through agencies, indexers and scientometric indicators, in addition to data collection on the pages of the 79 (seventy-nine) journals studied and on the Spell page. The interview was conducted with 11 (eleven) editors-in-chief of the pre-selected journals, and the choice was made for convenience. Descriptive Statistics, Multiple Correspondence Analysis, and Thematic Analysis were used for data analysis. The results indicate that power relations influence editorial practice to the extent that the publisher's interest lies in owning the specific capital of the field or maintaining the value of the capital assigned to it in the scientific field. It was possible to see that there is influence through submission to indexers and the obsession in the impact factor, lack of institutional support, lack of collaboration of agents, interest in preserving social capital and competition. Such power relations result in an exaggerated search for following database criteria, manipulating impact indexes through self-citation, in the editor acting in several stages of the editorial process, in the editor evaluating articles or adapting the evaluation process, in the privilege given to researchers in the network of relationships and researchers who have recognition of the field and in the political influence of publishers who are part of bureaucratic instances with the aim of subverting the scientific order. The field also expresses interest in relation to the editor and can corroborate the change of editorial practice, this occurs, although rare, through offers of money, request for approval of articles and the use of links to try to manipulate the Editor.

Key-words: Scientific Editorial Organization. Field. Capital. Habitus. Editor.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	O CAMPO COMO ESPAÇO EM QUE SE MANIFESTAM AS RELAÇÕES DE PODER	24
2.1	O Campo	24
2.2	<i>O habitus</i> como sistema de disposições para a prática	27
2.3	O capital na sociologia de Bourdieu	32
2.4	A estrutura do campo científico	37
2.5	A organização editorial científica como campo social	40
2.5.1	A constituição do campo editorial da comunicação científica: dos colégios invisíveis aos nossos dias	42
2.5.2	O campo editorial da comunicação científica no Brasil	50
2.6	Os agentes que compõem o campo: regras, posições e relações de força	58
3	AS DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS E A DELIMITAÇÃO DOS GRUPOS DO CAMPO	73
3.1	Procedimento para a coleta dos dados	79
3.1.1	Pesquisa Documental	79
3.1.3	Entrevistas	81
3.2	Estratégias de análise dos dados	82
3.2.1	Estatística Descritiva	83
3.2.2	Análise de Correspondência Múltipla	83
3.2.3	Análise Temática.....	84
4	O ESPAÇO DE JOGO DAS REVISTAS DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL	86
4.1	Tipos de capitais em disputa no jogo	97
4.1.1	Prática voltada para internacionalização.....	97
4.1.2	Capital Simbólico Acumulado.....	98
4.1.3	Capital Simbólico Específico	98
4.1.4	Capital Econômico	99
4.2	A análise de correspondência na definição do espaço de jogo	99
4.3	A política <i>Qualis</i> Capes	108
4.3.1	Os indexadores e os indicadores cientométricos no jogo	116
4.3.2	As editoras comerciais e a internacionalização dos periódicos.....	134
4.4	A política de concessão de fomento	146
5	A LUTA POR CAPITAIS E A POSIÇÃO DO EDITOR NO JOGO	149
5.1	O interesse do docente e o campo científico	149
5.2	A relação do editor com o jogo	156

5.2.1	O trabalho desempenhado pelo editor	164
5.2.2	A relação do editor com a instituição mantenedora	174
5.2.3	A relação do editor com a equipe editorial	177
5.2.4	A relação do editor com os avaliadores e os autores.....	183
5.2.5	As relações de interesse entre o editor e o campo	191
5.2.6	A relação entre editores	198
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205
	REFERÊNCIAS.....	212
	APÊNDICE 1 – Protocolo para coleta na página das revistas	221
	APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista semiestruturada	223
	APÊNDICE 3 – Relação de revistas por número.....	224

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Região Geográfica	87
Gráfico 2 – Estrutura simplificada do campo	100
Gráfico 3 – Espaço das propriedades	101
Gráfico 4 – Espaço de intersecção das propriedades	103
Gráfico 5 – Espaço de intersecção entre as 79 revistas de Administração.....	104
Gráfico 6 – Espaço das 79 revistas de Administração	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais atribuições do Conselho Editorial no processo editorial.....	58
Quadro 2 – Principais atribuições do editor no processo editorial.....	62
Quadro 3 – Principais atribuições do editor associado no processo editorial.....	65
Quadro 4 – Aspectos relevantes para uma boa avaliação	68
Quadro 5 – Principais atribuições do autor no processo editorial.....	70
Quadro 6 – Editores Entrevistados.....	82
Quadro 7– Revistas por fator de impacto no <i>Spell</i>	93
Quadro 8 – Critérios <i>Scopus</i> para admissão de periódico	117
Quadro 9 – Critérios da SciELO para admissão de periódicos	117
Quadro 10 – Categorias e critérios do <i>Redalyc</i> para admissão de periódico.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Revistas de Administração	74
Tabela 2 – Ano de criação das revistas	87
Tabela 3 – A gestão das revistas	88
Tabela 4 – Nota do PPG de vínculo das revistas	89
Tabela 5 – Revistas indexadas no <i>Scopus</i>	90
Tabela 6 – Fator de Impacto dos Periódicos no <i>Scopus</i>	90
Tabela 7 – Idioma aceito pelas revistas	91
Tabela 8 – Revistas indexadas na base <i>SciELO</i>	92
Tabela 9 – Fator de Impacto do Periódicos no <i>SciELO</i>	92
Tabela 10 – Revistas Indexadas no <i>Redalyc</i>	93
Tabela 11 – Taxa de autocitação das revista no <i>Spell</i>	94
Tabela 12 – Estrutura editorial composta por mais de um editor	95
Tabela 13 – Estrutura editorial composta por editor ajunto	95
Tabela 14 – Agentes e Instâncias coletivas que estruturam as revistas	96
Tabela 15 – Estrutura editorial composta por Editor Executivo	97
Tabela 16 – Itens para classificação do periódico - Capes	108
Tabela 17 – Critérios para ser classificado no <i>Qualis</i> - Capes	109

ABREVIATURA

ANPAD	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração.
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CLASE	<i>Cital Latinoamericanas em Ciencias Sociales y Humanidades.</i>
CNPq	Coordenação Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DOAJ	<i>Directory of Open Access Journals.</i>
DOI	<i>Digital Object Identifier.</i>
EBSCO	<i>EBSCO Host Publishing.</i>
EnANPAD	Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração.
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.
FAPERJ	Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
FGV	Fundação Getúlio Vargas.
Gale	<i>Gale Cengage Learning.</i>
HAPI	<i>Hispanic American Periodicals index.</i>
Ibepes	Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estudos Sociais.
IBSS	<i>International Bibliography of the Social Science.</i>
ICAP	Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos.
ISI	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.
ISSN	<i>International Standard Serial Number.</i>
JCR	<i>Journal Citation Report.</i>
Latindex	<i>Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal.</i>
OJS	<i>Open Journal Systems.</i>
ORCID	<i>Open Researcher and Contributor ID.</i>
PPG	Programa de Pós Graduação.
Redalyc	<i>Red de Revistas Científicas de America Latina y el Caribe.</i>
SCI	<i>Science Citations Index</i>

SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online.</i>
SJR	<i>SCImago Journal & Country Rank.</i>
Spell	<i>Scientific Periodicals Electronic Library.</i>
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação.
WoS	<i>Web of Science.</i>

1 INTRODUÇÃO

Os periódicos científicos são instrumentos importantes para a divulgação de descobertas científicas, para proporcionar o reconhecimento e ainda, contribui para o avanço da ciência. Os primeiros periódicos surgiram por volta do século XVII, especificamente na Europa (OTLET, 2018). De acordo com Meadows (1999), o surgimento do periódico científico se deu pela pretensão dos editores em obter lucro e pela necessidade de se ampliar o debate científico e também sua divulgação. No Brasil, os periódicos científicos surgiram dois séculos depois de sua consolidação na Europa, especificamente no século XIX.

No campo da Administração, as revistas científicas brasileiras estiveram presentes desde a sua constituição, juntamente com o surgimento das instituições de ensino, das associações de pesquisa e das agências de fomento, isso á partir de 1934. É importante explicar que as revistas fizeram parte da consolidação do campo científico de Administração, pois são vinculadas ao surgimento de diversas áreas e linhas de pesquisa (FILGUEIRAS, 2017; MELLO, 1968; TONELLI, 2017; TONELLI 2018). Além disso, as revistas foram responsáveis pela criação de cursos e disciplinas delimitando, também, o campo acadêmico da Administração, de acordo com os autores.

Os periódicos científicos fazem parte da estrutura do que Bourdieu (2004b) intitula por campo científico, pois os agentes inseridos nesse campo são os responsáveis pela “produção, reprodução e difusão” da ciência. Planas (2015), no entanto, estabelece que as relações editoriais científicas fazem parte de outro espaço social, intitulado pelo autor como campo editorial da comunicação científica.

O campo editorial da comunicação científica seria, então, um subcampo do campo científico, que assim como qualquer outro campo descrito por Bourdieu (2004b) é um espaço de lutas, estruturado por agentes, instituições e pela distribuição desigual de capital. Para Planas (2015), é preciso pensar nas relações de poder que circundam o processo de editoração, procurando enxergar a posição que cada agente ocupa dentro do campo e quais são os motivos de lutas entre os agentes.

Muitas pesquisas que tratam do conceito de campo de Bourdieu apresentam apenas um tipo de organização estruturando o campo, como explicam Emirbayer e Johnson (2008), porém, um campo não inclui apenas uma organização, mas sim todas que desempenham um papel que resulte no seu produto final. As organizações que estruturam o campo editorial da comunicação científica são o conjunto de agentes e instituições (ou organizações) burocráticas, isto é, a equipe editorial do periódico científico, as agências de avaliação e fomento da ciência, as instituições de ensino e pesquisa, as editoras e os sistemas indexadores, tendo alguns como um subproduto os indicadores cientométricos.

A presente pesquisa está inserida na área de estudos organizacionais, pois foca na organização editorial científica. De acordo com Swartz (2008), Emirbayer e Johnson (2008) dificilmente se encontra nos estudos organizacionais a tríade de Bourdieu (*habitus*, capital e campo), o que se encontram são pesquisas em que os conceitos são tratados individualmente. Segundo Emirbayer e Johnson (2008), as análises organizacionais ainda precisam explorar possibilidades com uma perspectiva relacional dos conceitos de Bourdieu.

A noção de campo invoca os conceitos de capital e *habitus* para gerar a prática, e por isso não devem ser vistos de maneira isoladas (SWARTZ, 2008). Nesse sentido, utilizou-se a tríade de Bourdieu nessa pesquisa, pois entende-se que o conceito de “capital” e “*habitus*” complementam o de “campo”. O capital seria o motivo de disputa no campo e sua posse, geralmente, designa o poder do agente (BOURDIEU, 1996). O *habitus*, explica Bourdieu (2007a), é a interiorização e exteriorização das estruturas sociais e tem uma relação dialética entre a trajetória de socialização do agente e a estrutura do campo, sendo que a prática resulta dessa relação.

A prática é o intermédio entre as disposições subjetivas (*habitus*) e as estruturas objetivas (campo) (BOURDIEU, 2007a; SETTON, 2002). Bourdieu (1983a) ao definir o *habitus* como “estrutura estruturada e estruturante”, permite a possibilidade de se compreender que a prática é formada pelas estruturas objetivas e que o agente as interioriza durante sua trajetória de socialização, isto é, o *habitus* é estruturado. Mas, ele é, também, estruturante quando as disposições subjetivas são exteriorizadas pelos agentes por meio de práticas e que podem constituir a estrutura do campo.

O *doxa* aceito no campo, ou seja, a visão dominante, se impõe como tal por causa das lutas entre as diversas visões existentes (BOURDIEU, 1996). Essa visão dominante advém do agente ou instituição que se posiciona de forma privilegiada no campo. Isso ocorre também quando as disposições subjetivas de um agente se transformam em práticas legitimadas em um campo caso sejam conduzidas por agentes ou instituições que possuem poder simbólico. Com novas visões e novas práticas sendo validadas, o campo pode ter as estruturas modificadas e o *habitus* adaptado (BOURDIEU, 1983; ROSSONI, 2002).

São as práticas que estabelecem as distinções no campo (BOURDIEU, 2007a). Assim, o modo de agir do agente no campo, parte de seu interesse e o interesse tem ligação com as estratégias utilizadas pelo agente. Para se distinguirem, o agente ou grupos de agentes passam, então, a serem estrategistas inconscientes, já que a luta é simbólica (SETTON, 2002). Nesse contexto, surge nosso problema de pesquisa que se centra na seguinte indagação: **Como as relações de poder influenciam a prática editorial em revistas científicas da área de Administração?**

Além da questão central, outras foram formuladas como norteadoras dessa pesquisa, que são:

- a) De que forma o campo editorial da comunicação científica está estruturado?
- b) Como os editores se relacionam com a estrutura social do campo editorial da comunicação científica em Administração?
- c) Quais ações são desenvolvidas pelos agentes para subverter ou conservar o *doxa* no campo editorial da comunicação científica em Administração?

Ainda que reconhecendo a amplitude do campo editorial da comunicação científica, delimitou-se o campo como estruturado por agentes e instituições que exercem influência no periódico científico e que em uma visão macro, disputam pela posição dos periódicos no campo, não buscando analisar as relações de poder de agentes dentro de instituições, dentro de indexadores, dentro dos indicadores ou dentro das agências, como Planas (2015) sugere.

Para Bourdieu (1989, p. 69, grifo do autor),

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário* [...] e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.

Dessa forma, foi realizada uma explanação sobre a história do campo, bem como, sobre toda a estrutura do campo editorial da comunicação científica brasileiro. Foram analisados as posições dos agentes, atribuídos os capitais para as revistas e indentificado os motivos de lutas.

O objetivo geral que norteou o presente estudo é o de compreender a influência das relações de poder na prática editorial em revistas científicas da área de Administração. Para atingir o objetivo, foram delimitados alguns objetivos específicos. Dessa forma, buscou-se:

- a) Compreender a gênese e estrutura do campo editorial da comunicação científica, com regras, relações de força e tipos de capital;
- b) Investigar as relações dos editores com os demais agentes e instituições que compõe o campo editorial da comunicação científica em Administração;
- c) Entender como a estrutura social do campo editorial da comunicação científica em Administração é interiorizada e exteriorizada, possibilitando a formação das disposições duráveis (*habitus*).

De maneira teórica, esta pesquisa se justifica por preencher uma lacuna bibliográfica através de uma abordagem que interpreta sentido para além da editoração, pois estudos que contemplam as relações sociais que envolvem o processo editorial são escassos.

Todavia, facilmente são encontradas publicações referentes ao próprio ato de editar, discutindo o trabalho do editor, suas atribuições e suas responsabilidades (ARAÚJO et al., 2017; BERLINK, 2011; CABRAL, 2018; COIMBRA JR., 1998; CONCEIÇÃO, 2006; DIAS; SILVA, 2014; GOMES, 2010; GREENE, 1998; LOVISOLO, 2014; LIPP, 2010; PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2016; PINHO, 2005; REICH, 2013; TONELLI; ZAMBALDI, 2017; TRZESNIAK, 2014; YAMAMOTO, 2002), analisando o papel dos conselhos editoriais (TRZESNIAK, 2009), discutindo o papel dos pareceristas e a questão ética que envolve o processo de avaliação (GONDIM, 2004; MARTINEZ ABREU, 2014; MARZIALE, 2012; PATRUS, DANTAS, SHIGAKI,

2016; PINHO, 2005; PORTO; GURGEL, 2018) e, também, o papel dos autores (TRZESNIAK; KOLLER, 2005), entre outros.

Esta pesquisa se justifica, ainda, por contribuir para o aprofundamento sobre as relações de poder constituídas em revistas científicas da área de Administração, por possibilitar um maior esclarecimento sobre as práticas editoriais e por aproximar a teoria ao contexto da comunicação científica brasileira.

Apesar de Bourdieu (2008) defender a prática como forma de entender as estruturas do campo, é importante relatar que a autora desse trabalho é editora-chefe de uma revista científica, deixando, assim, evidente que as predisposições da pesquisadora podem influir no objeto de pesquisa. Assim como é importante afirmar, que as disposições adquiridas pela pesquisadora no campo científico e no campo editorial da comunicação científica justificam o seu interesse pelo tema.

A presente dissertação, além da introdução e das considerações finais, esta estruturada em 4 capítulos, que são:

1º capítulo No primeiro capítulo apresenta-se o referencial teórico que é a base de toda argumentação. Apresenta-se a Teoria dos campos sociais de Bourdieu, juntamente aos conceitos de *habitus*, capital e prática. Além disso, compreende-se o campo científico em Bourdieu, a gênese da comunicação científica e os agentes e instituições que se posicionam no campo.

2º capítulo No segundo capítulo são apresentados os percursos metodológicos e algumas definições estatísticas. São definidas a população estudada e as etapas de pesquisa, são apresentados os procedimentos de coleta de dados e as estratégias para análise de dados.

3º capítulo O terceiro capítulo apresenta a estrutura do campo e o espaço das revistas no jogo, começando por apresentar através da estatística descritiva algumas características das revistas e que podem sugerir a posse de capitais, posterior a isso e de modo mais específico, estabelece-se os tipos de capitais em disputa no campo. Apresenta-se, ainda, nesse capítulo o espaço de jogo com categorias e indivíduos, através da Análise de Correspondência Múltipla e as entrevistas realizadas com os editores, e a suas práticas em relação a política *Qualis* Capes e a política de concessão de fomentos.

4º capítulo Com o objetivo de definir a luta por capitais e a posição do editor no campo, o quarto capítulo apresenta o interesse que o docente tem em ser editor, discute a relação do editor com o jogo, apresentando o trabalho desempenhado, a relação do editor com a instituição mantenedora, a relação do editor com a equipe editorial, a relação do editor com o campo, as relações de interesse entre o editor e o campo e a relação dos editores com outros editores da área.

2 O CAMPO COMO ESPAÇO EM QUE SE MANIFESTAM AS RELAÇÕES DE PODER

Este capítulo tem por objetivo apresentar o referencial teórico referente a teoria dos campos sociais, ao *habitus* e aos tipos de capitais, visto que eles servirão de apoio para a presente pesquisa. Iniciamos com o subcapítulo expondo uma breve definição sobre a teoria dos campos sociais de Bourdieu. Em seguida, é apresentado o *habitus* como sistema de disposições para a prática, sendo ele uma importante teoria para entender como os agentes agem dentro do campo. O terceiro subcapítulo apresenta os capitais da Sociologia de Bourdieu e o quarto apresenta a estrutura do campo científico, visto que ele tem uma relação de interdependência com o campo editorial da comunicação científica. Além disso, o capítulo conta também com o quarto subcapítulo definindo a organização editorial científica como um campo social e explicando a gênese do campo; e também, com o quinto subapítulo que apresenta os agentes que compõe o campo ou que exercem alguma influência.

2.1 O Campo

O campo é um espaço social estruturado por agentes e instituições, podendo ser econômico, cultural, científico, familiar, religioso (BOURDIEU, 2004b), político, editorial e/ou literário, entre outros. Para Bourdieu (2004b), campos são microcosmos autônomos em que as leis (*nomos*) e regras são geradas no e para o próprio campo.

De acordo com Bourdieu (1983c), o campo é definido como um espaço onde se manifestam as relações de poder. É um espaço de luta, pois ele se estrutura pela distribuição desigual de capital determinando a posição hierárquica do agente. Ortiz (1983) atesta que quem possui maior capital são os que estão em uma posição hierárquica mais alta. Assim, o campo é definido como o espaço onde ocorrem lutas constantes, buscando sempre a posse de mais capital (BOURDIEU, 2004b; ORTIZ, 1983).

Os agentes que estruturam o campo têm as características de produtores, dominantes ou dominados, no campo devido a sua posição nas relações de produção (BOURDIEU, 1980), logo, tendo o agente uma produção de capital que

para o campo é requerida, poderá ele, então, ocupar uma posição hierárquica central dentro do campo. Situação essa, semelhante com a de um sistema capitalista: quanto maior o capital acumulado, mais alta a posição social ocupada pelo indivíduo. Tendo uma posição central, devido ao acúmulo de capital, maior reconhecimento dado ao agente e conseqüentemente, maior o poder do agente.

Os agentes que compõem o campo são também os que criam o espaço, e esse espaço apenas existe pelos agentes e pelas relações estabelecidas entre os outros agentes (BOURDIEU, 2004b). São eles os responsáveis por “produzir, reproduzir e difundir” o que é produzido no campo (BOURDIEU, 2004b) que, no caso do campo científico, por exemplo, é a ciência. “O campo consiste, portanto, numa estrutura de relações sociais, num espaço socialmente estruturado, cujos limites só podem ser determinados em cada situação” (CAPELLE; MELO; BRITO, 2005, p. 359).

Sobre isso, Bourdieu e Wacquant (1992) explicam que cada campo é um espaço social em que as lutas partem dentro de uma lógica própria, os agentes e instituições lutam por interesses particulares, que podem ser desinteressantes se visto de outro campo. O que Misoczky (2002, p. 52) concorda, quando afirma que os participantes do campo agem com o objetivo de se diferenciar de seus concorrentes, “[...] para impor critérios de competição e de pertencimento [...]” que pode ou não alcançar sucesso dependendo da estrutura de cada campo em particular. Os participantes do campo, almejam e disputam por distinção para que assim possam ocupar uma posição de destaque no campo, essa distinção é reconhecida como um capital simbólico por Bourdieu.

As relações de poder manifestas no campo, no entanto, nem sempre são de concorrência, de luta ou discordância, elas podem ser de consenso, aliança e cooperação. Não se busca apenas distinção (BOURDIEU, 1996), busca-se também a sobrevivência do campo, logo, a ideia de consenso se refere ao fato de que todos os agentes trabalham em prol do campo no qual estão inseridos (TRIGO, 1998). Dessa forma, o campo é o “[...] locus onde se sedimenta o consenso” (BOURDIEU, 1983c, p. 24), entre os agentes, e também é o “[...] lugar de relações de forças (e de lutas que visam transformá-las ou conservá-la) [...]” (BOURDIEU, 2004a, p. 170).

Os agentes inseridos em um campo estão interessados no progresso do campo, mesmo que haja lutas, elas são travadas no plano simbólico e não resulta

em destruição, mas sim na modificação das estruturas do campo ou das forças a que o campo está submetido. As lutas que ocorrem no interior do campo podem ser comparadas com a de um comércio capitalista, onde todos têm como objetivo o lucro, nesse caso o lucro é simbólico.

De acordo com Misockzy (2002), os diversos campos exigem dos que estão envolvidos com ele, um saber prático das suas regras de funcionamento, que é um *habitus* adquirido pela socialização prévia e/ou por aquela que é praticada no próprio campo. Trata-se de um conhecimento adquirido pela socialização do agente em um campo (CAPELLE; MELO; BRITO, 2005), que deve refletir na prática e no interesse do agente nesse mesmo campo.

Assim, o alvo a ser perseguido no campo (SETTON, 2002) se constitui em um interesse por parte dos agentes, é o que dá o sentido ao jogo jogado. De acordo com Bourdieu (1996), mesmo entre agentes que possuem posições opostas no campo, existe um acordo de qual alvo merece ser perseguido. O campo seria, então, um espaço onde estão inseridos os agentes com o mesmo *habitus*, ou seja, aqueles que têm vontades específicas e que compartilham dos objetivos do campo (ALMEIDA, 2015; THIRY-CHERQUES, 2006).

É importante citar que Bourdieu (2004b, p. 29) compara o campo a um jogo de poder, sendo que para ele a maior diferença é que “[...] o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo [...]”. Dessa forma, entende-se que as regras não são estáticas e podem ser modificadas conforme as estratégias advindas do agente para a subversão ou manutenção do *doxa* .

Caso a opção seja a de manter o *doxa*, haverá um reforço da prática do agente dominante e do valor dos capitais atribuídos a ele (RIVIERA; BRITO, 2015), no entanto se a intenção for a de destruir o *doxa*, haverá a tentativa de modificar o valor dos capitais, mudando com isso a hierarquia dentro do campo, conforme explicam os autores. Dessa forma, o campo descrito por Bourdieu considera aspectos de resistência (RIVIERA; BRITO, 2015), sendo que, os agentes lutam para manter posições ou conquistar novas posições, o que é feito de forma inconsciente e “travada” no plano simbólico, conforme explica Trigo (1998).

No campo, os agentes dominantes ocupam posições devido ao peso atribuído ao seu capital, mas os que são até então dominados têm condições de mudar a estrutura do campo, mudando as posições do agente. Os agentes inseridos no jogo

agem estrategicamente para modificar as suas regras, de acordo com seus interesses. O agente dominante luta para manter a distinção adquirida e com isso as regras do jogo que está em jogo. Esta luta incessante determina a posição de cada agente no jogo, bem como, a condução das práticas no campo, o que geralmente dificulta o alcance de um agente com posição inferior.

De acordo com Rossoni (2006, p. 55) cada campo é composto por um “[...] conjunto de práticas, normas, valores, estilos, gostos e restrições e, por conseguinte, um *habitus* [...]”. O *habitus* é um conceito importante para se entender a forma com que os agentes ajustam suas práticas no campo e o porquê de tal escolha. Além do *habitus*, em todo campo há uma *doxa*, que representa o senso comum, o *nomos*, que são as leis que direcionam o campo, o *illusio*, e o interesse dos agentes e instituições no campo, bem como, um capital específico que reflete o motivo de luta no campo.

2.2 O *habitus* como sistema de disposições para a prática

Como uma expressão do mundo objetivo e subjetivo, surge o *habitus*. *Habitus* advém de um conceito originado do pensamento de Aristóteles (ARAÚJO, ALVES, CRUZ, 2009; SETTON, 2002; THIRY-CHERQUES, 2006; WACQUANT, 2007). Bourdieu (1989) confirma a origem do conceito quando relata que o *habitus* é um retorno, transformado pela escola escolástica, da noção aristotélica de *hexis*. De acordo com Jourdain e Naulin (2017), essa origem da noção de *habitus* é uma tradução feita por Santo Tomás de Aquino.

Wacquant (2007) explica que a *hexis* foi elaborada na doutrina da virtude de Aristóteles, e que significa um estado do caráter moral, que é adquirido e estabelecido no indivíduo, e que serve para orientar seus sentimentos, desejos e as suas práticas. Para Jourdain e Naulin (2017, p. 49) “[...] *hexis* designa as atitudes e aptidões corporais (maneira de se comportar, destreza...) incorporadas ao longo da educação, e que fundam a capacidade de ação atual dos indivíduos”.

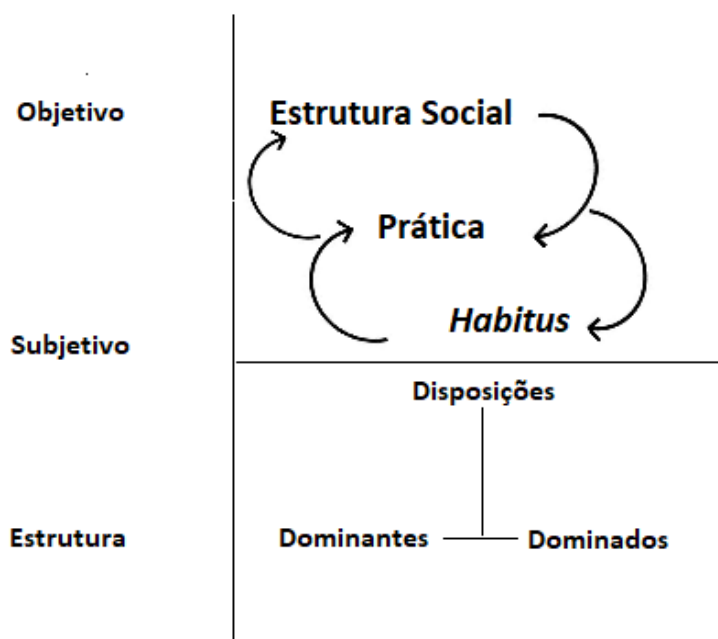
O conceito de *habitus* e suas variações já passaram por vários teóricos, como: Tomás de Aquino, Émile Durkheim, Marcel Mauss, Max Weber, Thorstein Veblen, Edmund Husserl, Alfred Schutz, Maurice Merleau-Ponty, Norbert Elias, Heidegger (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009; JOURDAIN; NAULIN, 2017; THIRY-

CHEQUES, 2006; WACQUANT, 2007), entre outros. Porém, foi no conceito dado por Bourdieu, que Wacquant (2007) afirma que se encontra a “renovação sociológica”.

O conceito de *habitus* foi uma forma de Bourdieu afirmar que as estruturas mentais seriam consequências não só das estruturas sociais, mas também das simbólicas (ARAÚJO; ALVES; CRUZ, 2009). Essa noção de *habitus* traçada por Bourdieu tem proximidade com a noção de Heidegger do “modo-de-ser no mundo”, ainda que Bourdieu tenha atribuído características próprias ao conceito por ele trabalhado (THIRY-CHERQUES, 2006).

O *habitus* é ao mesmo tempo a interiorização e a exteriorização das estruturas que foram adquiridas pelo indivíduo durante a sua trajetória de socialização, isso devido ao papel das disposições serem estruturas estruturadas preparadas para serem estruturantes, conforme explica Bourdieu (1983a; 1989). Na figura 1, essa relação fica visível.

Figura 1 – O *habitus* como estrutura estruturada e estruturante



Fonte: Elaboração própria (2019).

Percebe-se que as estruturas objetivas tendem a produzir as disposições subjetivas que produzem práticas estruturadas e, por fim, essas ações produzem as estruturas objetivas. São as disposições que estruturam o campo e que definem as

regras do jogo. O *habitus*, pode ser definido como um conjunto de disposições. Estas disposições são inculcadas no agente por meio de ações que produzem estruturas de acordo com a posição ocupada pelo agente no campo.

Bourdieu, no decorrer de seus escritos parte de uma formulação de *habitus* extremamente determinista e evolui para uma formulação em que os comportamentos dos agentes são relativamente previsíveis e que nele há espaço para a inovação e adaptação. Ao fugir da explicação de que as práticas seriam determinadas por relações causais, Bourdieu pressupõe que há um diálogo ou uma relação entre o *habitus* de um agente e a estrutura do campo (SETTON, 2002), entre o “[...] o sentido objetivo das práticas (o sentido das estruturas sociais externas e independentes da consciência e da vontade dos agentes)” (CARNEIRO, 2006, p. 43) e o “[...] o sentido vivido das mesmas (o que agentes representam, sentem, pensam, crêem)” (idem).

Dessa forma, Bourdieu (1983c, p. 140) diferencia *habitus* de hábito, já que hábito é “[...] repetitivo, mecânico, automático, mais reprodutivo que produtor” e conceitua *habitus* como um produto dos condicionamentos do agente e “[...] que tende a reproduzir a lógica objectiva dos condicionamentos, mas fazendo-a sofrer uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que “reproduzamos” as condições sociais da nossa própria produção [...]” (BOURDIEU, 1983c, p. 140), porém de maneira relativamente previsível e de tal maneira que não se possa passar de forma simplesmente mecânica do conhecimento das condições de produção para o conhecimento dos produtos, de acordo com o autor.

O *habitus* “[...] é um princípio de invenção [...]” e é também adaptação, de acordo com Bourdieu (1983c, p. 141). O *habitus* é comparado com um programa de computador, um programa que é capaz de se autocorrigir (BOURDIEU, 1983c), isto é, de se adaptar. Assim, o *habitus* é constituído por um “[...] conjunto sistemático de princípios simples e parcialmente substituíveis, a partir dos quais podem ser inventadas uma infinidade de soluções que não se deduzem directamente das suas condições de produção” (BOURDIEU, 1983c, p. 141).

Segundo Trigo (1998), o que se percebe na definição de *habitus* é um espaço para criação e inovação, com uma ideia de atualização permanente do *habitus*. Jourdain e Naulin (2017) citam como exemplo de adaptação, que as disposições adquiridas na família ou na escola podem ser “transpostas” para o trabalho,

constituindo assim um estilo de vida de adesão entre os contextos no qual o indivíduo foi socializado e o contexto no qual se encontra inserido.

Além disso, nota-se uma relação dialética entre o que foi interiorizado historicamente pelo campo e o que é interiorizado atualmente da estrutura social, conforme aponta Bourdieu (2007a). No entanto, com a falta de sincronia entre o presente e a história do campo, o agente não reproduz de modo mecânico o que foi interiorizado no passado, possibilitando uma atualização e improvisação, o que ocorre por meio de práticas abstratas que são postas como práticas realizáveis ao serem conduzidas por agentes que possuem legitimação no campo.

Muitas vezes, não é possível que a assimilação das condições históricas do campo sejam suficientes para que delas resultem um mesmo produto, sendo que, dessa forma, a atualização das práticas ocorre de maneira automática. Sobre isso Bourdieu (2007b) afirma que o *habitus* tem semelhança com a gramática generativa de Noam Chomski, sendo essa uma gramática que “[...] permite aos falantes proficientes de uma dada língua produzir impensadamente actos de discurso correctos de acordo com regras partilhadas de um modo inventivo mas, não obstante, previsível” (WACQUANT, 2007, s.p).

Da mesma forma, essa “gramática é geradora de condutas” (BOURDIEU, 2007b, p. 355), ou seja, ela gera procedimentos, modos de agir que são incorporados e fazem com que os agentes conduzam a prática, porém essa conduta é feita por regras que partem de dentro da estrutura do que já foi incorporado pelo campo, e por isso a prática do agente pode ser mais facilmente prevista por outros agentes.

Wacquant (2007) pontua, ainda, que o *habitus* se resume em uma aptidão social e não natural como a língua e ele é transferível para vários domínios da prática. Além disso, o *habitus* é durável, porém, não eterno, ou seja, “[...] as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas, ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas” (WACQUANT, 2007, s/p). Pela exposição à forças econômicas e políticas, por exemplo, ainda que para Bourdieu (2007a) o campo seja capaz de retraduzir as forças externas.

Bourdieu (2004a, p.158) conceitua o *habitus*,

[...] como sistemas de esquema de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. O *habitus* é ao

mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e sistema de esquemas de percepção e apreciação de práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhe o sentido social. Assim, o *habitus* implica não apenas um *sense of one's place*, mas também um *sense of other's place*.

Logo, o agente ao constituir o *habitus* que já é construído pela sua posição no mundo social, adquire meios de perceber e apreciar o mundo social, no entanto, isso só é possibilitado se o agente possuir os esquemas, ou o *habitus* daquele mundo social. Ao mesmo tempo em que o agente por meio do *habitus* produz as práticas, ele também é capaz de classificar as práticas, construindo assim um sentido social.

Prática é para Bourdieu (1983c), princípios de classificação, essas classificações advêm dos estímulos ou pressões das estruturas sociais (SETTON, 2002) a que o agente foi, de alguma forma, submetido. As estruturas sociais adquiridas são “[...] portadoras da história individual e coletiva, são de tal forma internalizadas que chegamos a ignorar que existem. São rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33). Dessa forma, o *habitus* possibilita a assimilação de práticas distintas entre os agentes, que tende a ser exteriorizadas, e que opera as distinções no campo (BOURDIEU, 2011).

O que Bourdieu argumenta, é que cada indivíduo forma uma espécie de matriz de percepções, apreciações e de ações, que é o *habitus*, sendo que essa matriz é a responsável por estabelecer como o indivíduo percebe o mundo, o julga e se comporta nele (JOURDAIN; NAULIN, 2017; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016). Cada pessoa tem uma trajetória social, dessa forma, o que Bourdieu classifica como *habitus* de classe pode ter a nível individual uma variação, pois as trajetórias e os estímulos sociais acumulados nunca são idênticos.

Nesse sentido, o *habitus* de diferentes concepções, ou vindas de diferentes condições, fazem com que alguns agentes achem normais determinadas práticas e outros não (BOURDIEU, 1983a), até porque o *habitus* de um agente reflete “[...] as características da realidade social na qual eles foram anteriormente socializados” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016, p. 29). Existe, assim, uma “relação entre as posições sociais (conceito relacional), as disposições (ou os *habitus*) e as tomadas

de posição, as "escolhas" que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 18).

Para Bourdieu (1983a, p. 60-61) o *habitus* é, ainda,

[...] princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto de obediência a regra, objetivamente adaptadas ao seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o princípio da ação organizadora de um regente.

Assim, o *habitus* estaria atrelado a uma forma de estratégia, já que o agente pode alterar sua prática caso as estruturas do campo tenham se modificado. Mesmo que o *habitus* seja organizado como uma estratégia, não possui uma real intenção estratégica (BOURDIEU, 1983a). Bourdieu (1983a) explica que as estratégias de jogo são inconscientes, não possui a reflexão que demandaria a ação, mesmo que um jogador ajuste sua jogada num cálculo de probabilidade de ganho, isso não deixa de ser um critério subjetivo. Assim, o agente seria um “operador de cálculo inconsciente” (TRIGO, 1998).

No entanto, o modo de agir do agente no campo no momento da exteriorização das disposições incorporadas é explicada pelo interesse do agente, pelo *illusio*, pelo sentido que o agente dá ao jogo jogado. Ainda que como explicado a adaptação e a inovação do *habitus* do campo, como um todo, possa ser feita apenas por agentes que possuem legitimação, os agentes inseridos no campo estão sempre em luta pela mudança de suas regras, assim como os grupos de agentes que possuem um *habitus* e lutam pela hierarquia no campo.

Bourdieu, sobre isso afirma que não se pode fazer sociologia sem supor que “[...] há uma razão para os agentes fazerem o que fazem [...] razão que se deve descobrir para transformar uma série de condutas aparentemente incoerentes, arbitrarias, em uma série coerente [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 138). O *habitus* seria então, o responsável pelas práticas dos agentes, pelas decisões e pela busca de capital e poder.

2.30 capital na sociologia de Bourdieu

Ao pressupor que os sistemas simbólicos são estruturantes por serem estruturados e que os instrumentos simbólicos são meios de dominação que

representam o interesse de um grupo dominante, conforme explica Jatahi (2004), Bourdieu “[...] substitui a noção de sociedade e de classe pelo relacionamento entre estruturas objetivas (campos sociais e espaço social) e estruturas subjetivas (esquemas de percepção, pensamento e ações constitutivas do “habitus”) [...]” (JATAHI, 2004, p. 6).

Assim, cada campo de produção simbólica seria um espaço de luta “[...] pelos critérios de classificação e hierarquização dos bens simbólicos produzidos e, indiretamente, das pessoas e instituições que os produzem” (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2016, p. 32-33). É nessas lutas, que o agente ou instituição impõe o peso de seu capital. O capital para Bourdieu pode ser traduzido como poder, pois é por ele que ocorrem as disputas no interior do campo. A luta ocorre entre agentes que possuem diferentes tipos de capital (BOURDIEU, 1996).

Para Bourdieu (1996), os diferentes tipos de capital são tipos específicos de poder. Dentro dos diversos campos ou espaços de jogos, conforme explica o autor, existem esses tipos específicos de capital que são instrumentos de disputa pelos agentes e instituições que o estruturam, pois quem o detém tem poder no campo. Assim, quando se cita um capital específico estamos nos referindo que ele vale dentro dos limites de um determinado campo (BOURDIEU, 1983c).

Dentro do campo científico, por exemplo, os tipos específicos de capital são o institucionalizado e o puro. No campo da literatura, “[...] o conhecimento sobre autores, estilos e obras e, sobretudo a capacidade de produzir obras reconhecidas como de alta qualidade constituem uma forma de capital (capital literário) [...]” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016, p. 36).

Alguns capitais, no entanto, estão presentes em todos os campos. Os capitais que fazem parte do campo social descrito por Bourdieu são quatro: capital econômico, capital cultural, capital social e o capital simbólico. O capital econômico pode ser definido como recursos de poder ou materiais (BOURDIEU, 1983c), um desses recursos de poder são os recursos financeiros.

O capital cultural, que também pode ser o capital intelectual, teve seu conceito formulado por Bourdieu, de acordo, com Nogueira e Catani (2007), para explicar o desempenho escolar de crianças que vinham de diferentes classes sociais, ele serviu para explicar o porquê do sucesso escolar. Dentro do capital cultural existem

outros capitais, tais como: capital literário, capital científico e capital jurídico-econômico.

Bourdieu (2007d) ainda relata que o capital cultural pode se apresentar de três diferentes formas. A primeira diz respeito ao estado incorporado, de forma a se tornar um integrante do agente, um *habitus* (BOURDIEU, 2007d). É o estado em que o capital é internalizado no indivíduo, é investido tempo e deve ser realizado pessoalmente, além disso, envolve assimilação para o recebimento do capital cultural (BOURDIEU, 2007d; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016). São as habilidades linguísticas, postura corporal, crenças, preferências, entre outros (BOURDIEU, 2007d; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016).

A segunda forma é o estado objetivado, que é o recebido pelo agente por meio de bens culturais, como quadros, livros, entre outros (BOURDIEU, 2007d; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016). Se a detenção for material se torna um capital econômico, se a detenção for simbólica é o capital cultural (BOURDIEU, 2007d). Além disso, ele é transmitido de forma instantânea e da mesma maneira que o estado incorporado, conforme explica Bourdieu (2007d).

O estado institucionalizado é a terceira forma em que se apresenta o capital cultural e este, se consolida por meio dos títulos e certificados escolares que atestam a formação cultural do sujeito (BOURDIEU, 2007d; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016). É institucionalizado, pois ele passa a adquirir determinado valor, o agente tem um reconhecimento institucional, nesse caso ele pode ser convertido de capital cultural para econômico já que pode se obter valores financeiros com o diploma, por exemplo, como atesta Bourdieu (2007d).

O capital social para Bourdieu é definido como “[...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento [...]” (BOURDIEU, 2007c, p. 67), ou seja, é a ligação a um grupo que possui agentes com interesses em comum.

Bourdieu (2007c) explica que o capital social de um agente depende das relações que são mobilizadas pelo mesmo, e também do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que cada agente vinculado por essa relação possui. Para Bourdieu (2007c, p. 68) a rede de relações “[...] é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para

a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo [...]”. Os indivíduos podem se beneficiar dessas relações e com isso adquirir “[...] benefícios materiais (um empréstimo, uma bolsa de estudos ou uma indicação para um emprego, por exemplo) ou simbólicos (prestígio decorrente da participação em círculos sociais dominantes).” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016, p. 44).

O capital simbólico para Bourdieu é toda forma de prestígio, autoridade, aceitação, honra, entre outros (BOURDIEU, 2013), o agente que possui o capital simbólico possui como lucro a distinção, conforme explica o autor. Bourdieu (1983c) cita o exemplo do mercado escolar onde o preço é a nota. Logo, o aluno poderá ser reconhecido pelo professor caso tenha uma boa nota na prova, obtendo com isso capital simbólico.

No campo, o capital simbólico adquirido se transforma em poder simbólico, que é um poder “[...] que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, um *fide*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (BOURDIEU, 2000, p. 9).

O poder simbólico é o poder “[...] de fazer ver de fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo [...]”, somente com o uso dos símbolos (BOURDIEU, 2000, p. 14). Os símbolos permitem que se obtenha o consenso sobre o sentido do mundo social. Bourdieu (2000, p. 7-8) afirma que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Assim, para ter prestígio o indivíduo deve ser percebido pelos outros com distinção e isso está atrelado aos outros tipos de capital. O agente que possui capital econômico, capital cultural e/ou capital social, por exemplo, pode possuir capital simbólico. Mas, Nogueira e Nogueira (2016) afirmam que nem sempre possuir capital simbólico se traduz em ter recursos de poder, cultura ou relações sociais, o indivíduo pode ter um capital simbólico devido ao sobrenome ser visto com certa distinção, no entanto, a distinção pode não corresponder ao capital cultural, econômico ou social do indivíduo.

De acordo com Bourdieu (1983c), um capital pode se converter em outro, como o capital social, por exemplo, pode ser convertido em econômico ou o econômico em social. O interesse do agente ou das instituições que compõem o campo é possuir o capital específico do campo de modo a ser suficiente para a ocupação de posições dominantes nos seus campos respectivos (BOURDIEU, 1996).

Além disso, o interesse do agente ou das instituições são atrelados pela “[...] conservação ou a transformação da ‘taxa de câmbio’ entre os diferentes tipos de capital e, do mesmo modo, o poder sobre as instâncias burocráticas que podem alterá-la por meio de medidas administrativas” (BOURDIEU, 1996, p. 52), isto é, alterando o poder das instituições burocráticas no campo existe, também, a possibilidade de alterar o valor do capital.

Dessa forma, os dominados no campo podem usar de estratégias de subversão para desvalorizar o capital adquirido pelos dominantes, assim como os dominantes podem usar de estratégias de conservação para manter o valor de seu capital adquirido. O dominante que obtém reconhecimento e aceitação possui o poder simbólico no campo.

Para Bourdieu (2013, p. 113), todo tipo de capital exerce uma forma de violência simbólica “[...] assim que é reconhecido, ou seja, desconhecido em sua verdade de capital, e impõe-se como autoridade exigindo reconhecimento”. Á partir do momento em que um agente adquire um capital específico, esse passa a requerer a posição de dominante dentro do campo fazendo que outros agentes se tornem os dominados, tem-se aí a manifestação do poder simbólico como aquele que tende “[...] a estabelecer uma ordem [...], pois [o poder simbólico] é um poder mágico que permite que o agente ou instituição obtenha o mesmo que pode ser obtido pela “[...] força, graças ao efeito específico de mobilização” (BOURDIEU, 2000, p. 14, acréscimo nosso), é um poder que não precisa da força física para ter efeito, ele funciona no plano do conhecimento.

Entende-se que os bens simbólicos produzidos pelo agente ou pelo campo fazem que com que ele seja reconhecido e tenha poder sobre os demais. No entanto, esse poder é motivo de disputa no campo, e com isso a estrutura do mesmo pode ser sempre modificada.

2.4A estrutura do campo científico

Nesse subcapítulo descrevemos a estrutura do campo científico, dado a proximidade com o objeto de estudo. O campo científico descrito por Bourdieu é definido da mesma maneira que qualquer outro campo social, ou seja, como sendo um espaço caracterizado pelas relações de poder, pelas lutas e pelas estratégias dos agentes integrantes do campo (BOURDIEU, 1983a; BOURDIEU, 2004b; SANTOS, 2017).

De fato, o mundo da ciência, como o mundo econômico, conhece relações de força, fenômenos de concentração do capital e do poder ou mesmo de monopólio, relações sociais de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, conhece também lutas que, em parte, têm por móvel o controle dos meios de produção e reprodução específicos, próprios do subuniverso considerado. (BOURDIEU, 2004b, p. 34).

No campo científico as posições são de dominandos e novatos, conforme Bourdieu (1983b) explica, sendo que os dominantes estabelece uma forma de censura para o que realmente tem valor ou não. Para Bourdieu (2004b), é a posição que os agentes ocupam dentro do campo científico que determina o que eles podem ou não fazer. “A estrutura de um campo é delimitada, em parte, pelos agentes que definem suas possibilidades e impossibilidades, o conjunto dominante de seus objetivos e questões que importam ou não para suas pesquisas” (CAPELARI, AFONSO e GONÇALVES, 2014, p. 100).

Reconhecido como uma espécie de jogo diferenciado, já que se busca a autoridade científica, para Bourdieu (1983a), o campo científico é autônomo, sendo que um produtor dentro desse campo só pode esperar reconhecimento por parte de outro produtor que também é um concorrente, ou seja, os agentes que compõem o campo científico são clientes e concorrentes ao mesmo tempo. “De fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos” (BOURDIEU, 1983a, p. 127).

O funcionamento do campo científico pressupõe também uma forma diferenciada de interesse, conforme afirmam os autores Teixeira et al. (2012). Para eles, as práticas científicas no campo científico são praticas interessadas. O campo científico tem uma dimensão política, já que “[...] acumular capital é fazer um “nome” conhecido e reconhecido” (TEIXEIRA et al., 2012, p. 186).

Outra singularidade do campo científico se refere ao fato de que os concorrentes não podem se contentar em apenas se distinguir de seus “predecessores já reconhecidos” (BOURDIEU, 1983a). “Eles são obrigados, sob pena de se tornarem ultrapassados e “desqualificados”, a integrar suas aquisições na construção distinta e distintiva que os supera” (BOURDIEU, 1983a, p. 127), ou seja, não é suficiente se igualar ao seu concorrente, é necessária, inclusive, uma constante busca por uma superação de si mesmo.

Os autores Capelari, Afonso e Gonçalves (2014) explicam que o campo científico está em movimento contínuo, pois os agentes estão sempre em modo de disputa por sua representação. A disputa no campo científico ocorre pelo monopólio de autoridade científica ou da competência científica (BOURDIEU, 1983a).

Segundo Bourdieu (1983a), a autoridade científica se refere à capacidade técnica e a competência científica é referente à capacidade de falar e agir de forma legítima e socialmente aceita. A posição do agente dentro no campo científico se dá pela distribuição do capital científico (BOURDIEU, 1983a; BOURDIEU, 2004b).

Para Bourdieu (2004b, p. 26), “o capital científico é uma espécie particular de capital simbólico (o qual, sabe-se, e sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares- concorrentes no interior do campo”. Teixeira e outros (2012) afirmam que o capital pode assumir diferentes formas no campo científico, como a de possibilitar que o agente esteja em um índice de citações, ganhe prêmios, entre outros; essas formas de capital conferem poder aos agentes.

Bourdieu (1983b) explica que além da formação ou prêmios recebidos pelo pesquisador e que promovem sua consagração no campo científico, existem ainda as revistas que consagram as produções científicas definindo o que de fato é a ciência, rejeitando as produções sem relevância ou mesmo interferindo na publicação por não atingir o foco e escopo indicado.

No campo científico existem duas formas de capital científico, que são: a) o poder político (capital científico da instituição), que se refere a “ocupação de posições” privilegiadas nas instituições científicas e; b) o poder específico (capital científico puro), que faz referência ao prestígio pessoal recebido pelos pares, ou pela comunidade acadêmica (BOURDIEU, 2004b).

As duas espécies de capital científico, que são descritas por Bourdieu (2004b), são acumuladas de formas diferenciadas, sendo que o capital científico “puro” se adquire através de publicações em revistas de maior prestígio, ou seja, pelas contribuições efetivas com a ciência; já o capital científico da instituição é adquirido através da participação em comissões, bancas, congressos, entre outros.

Bourdieu (2004b) explica que raramente um mesmo agente seria capaz de acumular as duas formas de capital científico de forma expressiva. Segundo o autor, um agente que esteja envolvido na coordenação ou direção em uma instituição, por exemplo, dificilmente teria tempo de contribuir efetivamente com a ciência, para ele o inverso também não é tão possível, ou seja, um agente que contribua com a ciência não se tornaria um bom diretor ou coordenador.

Ainda segundo o autor, as transmissões das formas de capital científico também se diferenciam uma da outra, o capital científico “puro” possui aspecto pessoal, tem algo relacionado aos “dons” do pesquisador sendo difícil de ser repassado para outra pessoa, ainda que seja um orientando do pesquisador; já no caso do capital científico da instituição, este é uma espécie de capital burocrático estando, com isso, relacionado a um ato de nomeação (BOURDIEU, 2004b). Para Barbosa (2013) quando Bourdieu define esses dois tipos de capitais ele está caracterizando os pesquisadores por meio do peso de seu capital.

Hochman (1994) explica que Bourdieu compara o campo científico com um mercado monetário, onde se tem o conflito por crédito científico, ou seja, pelo capital científico. Esse crédito científico é, segundo o autor explica, uma espécie de capital simbólico que pode ser acumulado, transmitido é até reconvertido em outro tipo de capital.

Se, para Bourdieu, a autoridade/competência científica é um capital que pode ser acumulado, transmitido e convertido em outras formas de capital, inclusive monetário, o processo de acumulação do capital científico seria idêntico ao de qualquer outro tipo: inicia-se com a acumulação primitiva no processo educacional e nas primeiras etapas da vida profissional (origem do diploma, cartas de recomendação); tem continuidade após a obtenção de um capital suplementar com o reconhecimento dos seus primeiros trabalhos, títulos e publicações; e se consolida a partir da determinação de seu lugar no campo, que será definido pela possibilidade de acumulação permanente de capital científico e de impor-se como autoridade na respectiva área. Uma dada estrutura de distribuição de poder - uma distribuição de capital científico entre os cientistas e instituições em competição - orienta as estratégias e seus investimentos no presente; inclusive as aspirações científicas de cada um dependem do capital já acumulado (HOCHMAN, 2002, p. 210).

Assim, compreende-se que a acumulação de capital científico já se inicia na formação profissional e educacional do agente. Com essa bagagem intelectual e profissional o agente conquista seu lugar no campo, podendo com isso, se impor como o dominante, o que determina seu lugar no campo científico. Porém, o agente dominado (como já discutido) está sempre em luta por essa posição, por meio de estratégias inconscientes ou não.

As lutas que ocorrem dentro do campo científicos são segundo Bourdieu (2004b) denominadas de lutas científicas. Essas lutas científicas são armadas, já que como explica o autor, são entre agentes adversários que possuem capital científico tão ou mais elevado do que o capital científico que foi acumulado no e pelo campo (BOURDIEU, 2004b, p.32). É na luta que os agentes devem participar com o objetivo de impor o valor de seu produto ou sua autoridade (BOURDIEU, 1983a), demonstrando que tem maior capital científico acumulado e, conseqüentemente, maior poder.

No campo científico assim como nos demais campos sociais as estratégias podem ser tanto de conservação, que assegura o prosseguimento da ordem científica dentro do campo, como também pode ser de subversão, relacionado à “redefinição da legitimação de dominação”, ou seja, seria a ação de legitimar uma troca de poder, conforme explica Bourdieu (1983a). A conservação são estratégias decorrentes dos dominantes e as estratégias de subversão partem dos dominados (BOURDIEU, 1983a). Para Teixeira et al (2012), as estratégias de conservação da ordem científica são mais seguras, já as estratégias de subversão vão contra a lógica do campo.

Assim, compreendemos que o campo científico é composto de pesquisadores que são avaliados pelos próprios pesquisadores, ou seja, pelos pares concorrentes, fato esse, que torna o campo científico singular. Os próprios pesquisadores avaliam o produto dos demais, concedem o capital científico e travam lutas científicas para se sobressair sobre seus concorrentes.

2.5A organização editorial científica como campo social

Bourdieu, em seu livro “As regras da arte”, publicado em 1992, e no artigo “*Une révolution conservatrice dans l’édition*”, publicado em 1999, trata do campo editorial. Porém, Bourdieu se detém a analisar o campo das publicações de livros em

editoras comerciais e as relações de poder entre os editores, autores ou entre as próprias editoras. É um campo autônomo no qual as relações são geradas por agentes integrantes do próprio campo (BOURDIEU, 1999). Apesar disso, Planas (2015) relaciona o campo editorial de Bourdieu com um campo editorial da comunicação científica.

Planas (2015) explica que pensar no espaço da comunicação científica através Teoria do Campo de Bourdieu significaria pensar na posição que cada agente ocupa dentro dessa estrutura, seja a posição dentro de revistas, dentro de sistemas de indexação, em empresas editoriais ou ainda em instituições relacionadas com a ciência, entre outros. Ainda de acordo com o autor, é necessário conhecer as leis que o regem e quais são os motivos de disputa nesse campo (PLANAS, 2015).

Para Planas (2015), o agente dominante relacionado ao campo editorial da comunicação científica é o mesmo que define as regras do jogo e que fornece parâmetros que serve para que se estabeleça a qualidade editorial. Quem detém o poder, neste caso, são as empresas comerciais (MENEZES, ODDONE, CAFÉ, 2012; PLANAS, 2015).

Quienes monopolizan los criterios que definen estas calidades no son, en la actualidad, las revistas y sus editores. Ni siquiera es la comunidad científica la que establece las reglas del juego. Hoy la ortodoxia del campo debe buscarse en bases de datos con fines comerciales de grandes empresas como Scopus y Web of Science. Sus estrategias de conservación, como el índice de citación, se han transformado progresivamente en una obsesión para los sistemas nacionales de evaluación académica y, con ellos, para los investigadores y las publicaciones que están involucrados con este universo (PLANAS, 2015, s/p).

Os autores citam as empresas comerciais, pois quem controla a comunicação científica internacional são as empresas comerciais, seja no estabelecimento de normas para determinar o peso que a publicação em periódicos teria para a inserção do pesquisador na carreira docente, como também para sua progressão (GRANCAY, VVEINHARDT, SUMILO, 2017), ou ainda na gestão dos periódicos (FERREIRA, 2015) e na inserção dos periódicos em critérios de qualidade através da indexação.

Para Mueller (2006, p. 31),

há interesses financeiros das editoras que dominam o mercado de periódicos, há os interesses das instituições de pesquisa e universidades que lutam por prestígio e financiamento, há interesses nacionais, políticos e econômicos que buscam o desenvolvimento e prestígio nacional e há o

interesse pessoal dos pesquisadores, tanto daqueles que já ocupam os lugares mais altos na hierarquia – e que desejam lá permanecer –, quanto daqueles que estão em ascensão e disputam lugares mais altos e também os marginalizados, para quem mudanças seriam, talvez, favoráveis.

Moizer (2009) afirma que o jogo científico é jogado por vários agentes, como o editor, o autor e os revisores. Aqui o campo editorial da comunicação científica é estruturado pela equipe editorial do periódico científico, pelos avaliadores, pelos autores, pelos leitores, pelos órgãos de avaliação e de fomento, pelas instituições de ensino, pelas instituições/associações de pesquisa, pelas editoras, pelos indexadores e pelos indicadores cientométricos. Logo, todos estão inseridos no jogo.

Entende-se, ainda, que o campo editorial da comunicação científica possui uma interdependência com o campo científico, já que, por exemplo, os pesquisadores com capital científico influenciam as posições tomadas no campo editorial da comunicação científica. Nesse contexto, o campo editorial da comunicação científica não é autônomo e as regras geradas, em muitos casos, não são próprias.

2.5.1 A constituição do campo editorial da comunicação científica: dos colégios invisíveis aos nossos dias

O campo editorial da comunicação científica surgiu da colaboração entre os agentes, sem que o interesse no capital econômico fizesse parte do campo inicialmente. O compartilhamento do conhecimento científico era realizado por meio de correspondências ou de forma presencial, através dos chamados “colégios invisíveis”¹ (GOMES, 2010; MUELLER 2000, STUMPF, 2010). Dessa forma, o que estruturava o campo era o capital social, já que quanto maior a rede de relações do agente, mais eficaz a multiplicação da sua pesquisa.

Por correspondências acontecia, ainda, o amadurecimento da pesquisa, sendo assim, eram incluídos comentários e julgamentos por agentes que tinham a posse de capital intelectual. Esse processo marcou o início da avaliação por pares. Além disso, as correspondências foram responsáveis pelo surgimento do periódico científico, destinado a um público mais amplo (SOUZA, 2006).

¹ Termo cunhado por Boyle, para explicar a reunião de pesquisadores sem que eles, necessariamente, tivessem próximos um do outro.

O processo de comunicação científica que era “artesanal” mudou com o surgimento da imprensa na Europa, no século XV. Com a imprensa foi possível a proliferação de livros, o surgimento de disciplinas e de universidades, associações e periódicos e ainda a consolidação da comunicação científica (MEADOWS, 1999; GOMES, 2013). Gomes (2013) explica que a imprensa e o papel desempenhado por Johann Gensfleisch Gutenberg, ao inventar a impressão, foram importantes para a ciência, transformando a forma como ela era pensada, articulada e divulgada. Para Meadows (1999), o aparecimento do livro impresso foi um importante fator para que houvesse o repasse de resultados de pesquisas científicas.

A restauração da monarquia na Europa, em 1660, fez com que se pusesse fim a guerra civil, sendo nesse período que grupos se reuniam para debater questões filosóficas em Londres, segundo Meadows (1999). Ainda segundo o autor, foram essas reuniões que levaram a formação da *Royal Society* na Inglaterra, em 1662. A *Royal Society* era um centro de informações, que atuava na difusão de pesquisas, mantido por Oldenburg.

Segundo Gomes (2013) e Meadows (1999), um papel semelhante à *Royal Society* era desempenhado por Marin Mersenne na França e por Denis de Sallo, este responsável por lançar o periódico *Journal des Sçavans* (posteriormente chamado de *Journal des savants*), em 1665. De acordo com Meadows (1999) o *Journal des savants* era um periódico dedicado a publicar notícias sobre o que acontecia na Europa. No mesmo ano, a *Royal Society* publica o *Philosophical Transactions*, periódico organizado por Oldenburg (MEADOWS, 1999).

Meadows (1999) explica que havia diferenças entre essas revistas e outras que eram lançadas, Denis de Sallo explica na primeira edição que o *Journal des savants* tinha por objetivo catalogar e resumir livros, publicar elogios ou notícias de óbito a importantes personalidades, descrever os progressos científicos e técnicos, registrar decisões judiciais e cobrir os interesses dos homens letrados. Porém, o *Philosophical Transactions* se interessava por estudos experimentais, tornando-se o periódico que, de fato, precedeu o início dos periódicos científicos (MEADOWS, 1999). O *Journal des savants* por sua vez, não conseguiu abarcar tantos temas e passou a se dedicar a temas não científicos, segundo Meadows (1999).

Assim, os periódicos científicos² surgiram em meados do século XVII na Europa, em uma época marcada por grandes mudanças na sociedade e no campo científico (MEADOWS, 1999; MUELLER, 2000), em consonância com a Revolução Científica. Seu surgimento se dá por pretensão dos editores em possuir lucro (MEADOWS, 1999), marcando a entrada do capital econômico no campo editorial da comunicação científica.

O estudo realizado por Larivière, Haustein e Mongeon em 2015 e que abarcou 45 (quarenta e cinco) milhões de artigos indexados na WoS no período de 1973 a 2013, mostra que as editoras comerciais atuam com a publicação científica desde o surgimento dos primeiros periódicos na Europa, em 1665 (LARIVIÈRE; HAUSTEUN; MONGEON, 2015). O surgimento do periódico também se vinculava com a ampliação da audiência dos agentes interessados no capital cultural que era mobilizado (ROSSONI, GUARIDO FILHO, 2012).

Nesse período, surgiram ainda as revistas científicas *Journal du Palais* em 1672 e as *Nouvelles Découvertes dans Toutes les Parties de la Médecine* em 1679, revelando uma clara antecipação da França, surgiram também a *Asiatic Review*, em 1875 e a *Classical Review*, em 1887 (OTLET, 2018). Segundo Stumpf (2010) os periódicos científicos se espalharam pela Europa, sendo que ainda no século XVIII, surgiram os periódicos científicos especializados em determinadas áreas, como física, química, entre outros.

Os periódicos passaram a realizar importantes funções no campo científico e acadêmico após sua expansão e especialização, publicando texto de estudiosos, registrando o conhecimento, legitimando disciplinas e campos de estudos, divulgando a comunicação e possibilitando o reconhecimento ao cientista. Reconhecimento esse, que se daria por meio do capital simbólico destinado ao agente que publicasse uma pesquisa relevante para o campo.

A publicação de artigos em revistas científicas é tida por Bourdieu (2004) como algo que proporciona distinção entre pesquisadores no campo científico, já

² Meadows (1998) explica que a palavra *journals* se referia inicialmente a jornal, mas passou a ser aplicado para se referir a uma publicação periódica organizada como uma coletânea de artigos, isso na metade do século XVII. Na mesma época a palavra *magazine* passou a ser usada também para descrever uma publicação que continha uma série de artigos, porém os *journals* passaram a ser vinculados a artigos mais sérios, com ideias originais, enquanto a *magazine* suscita a imagem de uma publicação mais popular. O termo *periodical* (periódico), segundo Meadows (1998, p. 8) passou a ser comumente usado na segunda metade do século XVIII, e se refere “[...] a qualquer publicação que apareça a intervalos determinados e contenha diversos artigos de diferentes autores”.

que o trabalho de um pesquisador só terá validade se for reconhecido por outros pesquisadores e pela própria comunidade (MEADOWS, 1999).

As revistas que existiam ainda eram divulgadas de forma impressa. Apesar da já existência de editoras comerciais de menor porte e geralmente, familiares, foi a partir do século XX que elas passaram a dominar o mercado (DINIZ, 2017; MICHAEL, 2018). De acordo com Michael (2018), após esse período (1939-1945), o proprietário de mídia, o britânico Robert Maxwell, percebia que o “mercado da comunicação científica” ainda era promissor, e que poderia conceder a ele lucro.

Após comprar a *Pergamon Press*, ele formou um sistema com pesquisadores (MICHAEL, 2018). Nesse sistema os “[...] cientistas foram convidados para coquetéis, comeram e dormiram em hotéis de cinco estrelas, receberam incentivos financeiros para lançar periódicos ou alocaram uma parte dos lucros” (MICHAEL, 2018, p. 2, tradução nossa). Dessa forma, a *Pergamon Press* passou a agir como grandes empresas comerciais (MICHAEL, 2018), tratando os artigos como uma espécie de mercadoria e aumentando consideravelmente seu lucro.

Após um determinado período ficou difícil dos pesquisadores acompanharem o número de revistas científicas, bem como suas publicações, explicam Trzesniak, Plata-Caviedes e Córdoba-Salgado (2012). Eugene Garfield é tido como o criador do primeiro indexador, o *Index Chemicus* (GARFIELD, 1998).

O conteúdo do primeiro indexador era um composto de pequenas partes das revistas (autores, título e o resumo) (TRZESNIAK; PLATA-CAVIEDES; CÓRDOBASALGADO, 2012), assim o tempo para a busca por fontes para as pesquisas foi reduzido. “Os propósitos de um indexador são, então, os de oferecer visibilidade aos trabalhos e de auxiliar pesquisadores a se manterem atualizados em suas áreas de interesse” (TRZESNIAK; PLATA-CAVIEDES; CÓRDOBA-SALGADO, 2012, p. 60).

Além disso, Eugene Garfield criou o SCI. A apresentação do SCI foi realizada pela primeira vez como uma ferramenta que propiciaria a disseminação e busca da publicação científica pela *Science*, em 1955, de acordo com Garfield (2007). Na apresentação, Eugene Garfield informava que as publicações corriam o risco de serem ignoradas com o passar do tempo, isso por causa da dificuldade de acesso. Assim, o SCI, como um indexador, oferece um novo caminho para a comunicação científica.

Da mesma forma o fator de impacto³, que é um subproduto do indexador SCI, foi proposto em 1955 por Eugene Garfield, por causa da dificuldade que se tinha de avaliar a qualidade das publicações (GARFIELD, 2007). Garfield (2007) explica que o sucesso do SCI não é decorrente da sua função como buscador de artigos, mas por ser um instrumento que mede a produtividade científica, possibilitado pelo surgimento do seu subproduto o *Journal Citations Reports* (JCR) e a criação de seu fator de impacto.

Os relatórios anuais de citações da SCI, intitulado de JCR⁴, foram oficialmente lançados em 1975 (GARFIELD, 2007). Dereck de Solla Price foi o primeiro autor a utilizar o SCI com o objetivo de examinar dados quantitativos do desenvolvimento científico. Essa relação entre tecnologia e atividade científica foi abordada por Price no editorial da revista *Scientometrics* em 1978. No editorial, Price (1978) afirmava que o uso da ciometria vinha da necessidade de industrializar a pesquisa científica e que ela tornaria o desenvolvimento científico mais eficiente.

É importante salientar que as revistas que estão inseridas em indexadores tem um maior prestígio por conseguir a sua inserção. Segundo Trzeniak, Plata-Caviedes e Córdoba-Salgado (2012) elas são valorizadas por fazer parte de um indexador “[...] tanto que a visibilidade, sua finalidade primária, é muitas vezes esquecida, superada pela aura de prestígio que lhes é atribuída” (TRZENIAK, PLATA-CAVIEDES; CÓRDOBA-SALGADO, 2012, p. 60). Mueller (2006, p. 30) explica que assim como existe uma hierarquia entre os agentes no campo científico, existe também entre os periódicos científicos, “[...] o periódico indexado costuma ser o veículo mais prestigiado”.

Em meio à evolução tecnológica surge a *internet*, essa responsável por alterar muito do que se conhecia por comunicação. Gomes (2013) afirma que a revisão de pares que é uma das bases de sustentação da comunicação científica, passou a ser

³ O fator de impacto é “[...] uma forma de avaliação baseada não apenas na quantidade de publicações individuais dos autores, mas em sua influência, ou na importância de um periódico em um dado campo de conhecimento [...]” (MATTEDI; SPIESS, 2017, p. 629).

⁴ O JCR mede as citações dos artigos e era produzido a partir de toda base de dados do SCI, conforme explicam Mattedi e Spiess (2017). O fator de impacto de um periódico é baseado em dois elementos: o numerador, que é o número de citações no ano atual para quaisquer itens publicados; e o denominador, o número de artigos substantivos publicados, todos os dois itens são calculados com base nos dois anos anteriores (GARFIELD, 2007). É importante salientar, que cartas, notícias, editoriais, entrevistas e homenagens não entram no cálculo do JCR.

ampliada e modernizada com o a inserção do computador, surgimento da *internet* e da *word wide web*.

No entanto, com o surgimento da *internet* a esperança de alguns pesquisadores era de que a soma da disponibilização de pesquisas de forma gratuita por outros pesquisadores com a disseminação por vias eletrônica resultariam em um maior desenvolvimento científico, o que de certa forma não ocorreu (MUELLER, 2006).

Havia uma estabilidade da comunicação científica até que na década de 80, estourou a conhecida crise dos periódicos (MUELLER, 2006), que se traduz em uma luta interna pelo monopólio do capital. As bibliotecas universitárias não poderiam mais arcar com os custos altos das editoras comerciais, impossibilitando que elas mantivessem suas coleções de periódicos (MUELLER, 2006).

Assim, na década de 90 várias iniciativas e ideias surgiram e passaram a afetar a forma de transmissão de conhecimento científico. Harnad (1990) escreveu sobre a forma como ele previa a divulgação científica. O autor relata que a disseminação científica ocorreria como uma pré-publicação, intitulada por ele como, *skywriting*. Essa seria uma forma de privilegiar a colaboração dos pesquisadores, sendo que outras pessoas poderiam adicionar comentários a essas publicações (HARNAD, 1990).

Outra iniciativa é a de Paul Ginspard que “[...] liderou a criação de uma base de dados de “impressos eletrônicos” exclusiva para físicos. A criação desse banco de dados ocorreu sob protesto e questionamento por parte de editoras convencionais” (BÉGAULT, 2009, p. 93), pois as mesmas perderiam com a opção da não impressão do periódico científico.

Após a criação de Paul Ginspard, foram implantados servidores *online*, onde os pesquisadores poderiam enviar seus artigos (BÉGAULT, 2009). Segundo Bégault (2009) esses servidores facilitariam o acesso aos artigos e possibilitariam a validade científica de forma mais rápida. Tem-se aí o surgimento do periódico científico eletrônico.

Posterior, à evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) surge um movimento chamado de “cultura livre” que estabelece uma dimensão oposta em comparação ao que as empresas buscavam (SANTOS, 2014), que era a privatização das informações. Junto ao referido movimento, ganha dimensão a

discussão de disponibilizar o acesso às descobertas científicas que antes eram disponibilizadas mediante pagamento, segundo relata o autor. Denominada de *Open Science*, a discussão advém da ideia de que “[...] o sigilo excessivo desfavorece o próprio caráter colaborativo e cooperativo da ciência” (SANTOS, 2014, p. 22).

Em meio a essa discussão se estabelece o Movimento de *Open Access*. A origem desse movimento é atribuído à *Budapeste open access initiative* (2002), que defende o acesso livre de artigos a qualquer pessoa que tivesse o *acesso à internet*. O *Open Access* daria poder ao leitor que teria acesso à produção científica de forma gratuita e ao autor que teria seu artigo visto (BUDAPESTE OPEN ACCESS INITIATIVE, 2002).

Para Harnad e outros (2004), o custo cada vez mais alto para o acesso aos periódicos impossibilitava o acesso de usuários às pesquisas, prejudicando o seu impacto. Sendo que o impacto é importante para crescimento, em alguns países, dos pesquisadores em suas carreiras, auxiliando nos seus salários, progresso, financiamento e prestígio (HARNAD et al., 2004). Dessa forma, se vê que o Movimento de Acesso Livre da Ciência teve não só uma real importância para o progresso da ciência, mas também para a possibilidade de reconhecimento ao pesquisador.

O Movimento *Open Access*, dessa forma, surge e se expande entre as principais editoras, tornando livre o acesso aos artigos nos periódicos científicos, o que proporcionaria uma mais rápida disseminação do conteúdo publicado e maior rapidez na evolução científica. O *Open Access* proporciona ao periódico uma maior visibilidade, devido ao acesso ser livre.

Ainda que, que o movimento tenha causado um impacto não tão positivo no modelo de negócio das editoras comerciais, elas conseguiram transformar o prejuízo em lucro ao fazer adaptações que não retirassem a lógica capitalista do jogo, que as possibilitasse de continuar obtendo capital econômico. Um exemplo é a *Taylor & Francis* que oferece aos autores dois planos, caso eles optem por pagar um custo maior o artigo tem o acesso livre desde a sua publicação, mas se eles decidirem por pagar o menor valor o artigo passa por um período de embargo antes de o acesso livre ser obtido. Além disso, nem todas as revistas científicas e editoras aderiram ao movimento, muitas cobram dos autores ou dos leitores, principalmente as internacionais, porém as que têm o acesso aberto tem uma maior visibilidade.

Diniz (2017, p. 360) aponta que, atualmente, as editoras comerciais são alvos de críticas “[...] por explorar a mão de obra acadêmica, cobrando preços exorbitantes daqueles (os pesquisadores) que lhes forneciam gratuitamente um caro produto, os artigos científicos, muitas vezes à custa de altos investimentos do setor público”. Mueller (2006) explica que as editoras comerciais são empresas poderosas, financeiramente e politicamente, pois elas controlam o sistema de comunicação científica. “Além disso, as editoras mais conceituadas ainda derivam poder justamente desse prestígio que lhes é atribuído pela comunidade” (MUELLER, 2006, p. 34).

Com a era digital, as editoras (*Reed-Elsevier*, *Wiley-Blackwell*, *Springer* e *Taylor & Francis*) só tem aumentado a participação na publicação científica (LARIVIÈRE; HAUSTEIN; MONGEON, 2015). Larivière, Haustein e Mongeon (2015) explicam que somados, as cinco editoras supracitadas, tiveram o controle de 50% dos trabalhos publicados em 2013, sendo que a área de Ciências Sociais tem o percentual mais alto de concentração com 70% dos trabalhos publicados no controle das editoras.

Michael (2018, p. 2) aponta que em “[...] todo o mundo, as bibliotecas gastam 7,6 bilhões de euros por ano em revistas científicas, o que significa que, com cerca de 1,5 a 2 milhões de artigos publicados a cada ano, o artigo custa em média entre 3.800 e 5.000 euros”, sendo que “a margem de lucro de editoras como *Elsevier* ou *Springer* excede 30%”, desse valor (*idem*).

O capital das editoras comerciais advém da venda do acesso aos periódicos, já os pesquisadores contribuem com os artigos, como editores e revisores, todos os três sem receber nada para tal (FERREIRA, 2015). Dessa forma, se torna notório que os interesses dos pesquisadores e das editoras não convergem, enquanto para as editoras o retorno financeiro é o que importa, os pesquisadores se contentam com o reconhecimento da comunidade científica, e que pode, dependendo do caso, se converter em capital econômico (MUELLER, 2006).

Com o surgimento do fator de impacto, definindo a qualidade das publicações deu-se “[...] origem ao nexo fatal entre o capital econômico, ao lado das editoras, e o capital cultural, ao lado dos pesquisadores” (MICHAEL, 2018, p. 2). Somado a isso, verifica-se que o fator de impacto tem sido em muitos países, fonte de requisito para que os pesquisadores consigam progresso nas carreiras, “[...] explicando assim por

que a comunidade científica é tão dependente da “Tecnologia Obsoleta Mais Rentável da História” (LARIVIÈRE; HAUSTEUN; MONGEON, 2015, p. 13). Segundo os autores, os pesquisadores precisam da função simbólica das editoras para acumular capital acadêmico, dado o prestígio das mesmas.

Inerente ao capitalismo, tem surgido no campo editorial da comunicação científica o que Michael (2018) intitula como “capitalismo de dados”. A ligação do *Open Access* e do capitalismo de dados, levou a criação de diversas editoras e revistas predatórias (MICHAEL, 2018), ou que apresentam práticas duvidosas, segundo Michael (2018).

A maioria dessas revistas e editoras “[...] são pequenas máquinas de fazer dinheiro que cobram taxas dos autores [...]” (MICHAEL, 2018, p. 4). A entrada dessa conduta por alguns agentes que tentam se inserir no campo, pode comprometer a estrutura do mesmo. Para Diniz (2017, p. 360),

[...] se as editoras científicas de modelo “fechado” exploram o trabalho dos autores, mas devolvem uma recompensa em reputação por terem publicado em um periódico reconhecidamente relevante para a comunidade científica, as predatórias, nem isso. É meramente “pagar para publicar” (DINIZ, 2017, p. 360).

Esse último fato evidencia a luta pelo domínio do campo, através da tentativa de legitimar práticas duvidosas. Assim, o que se percebe em toda a evolução da comunicação científica é a busca por capital, seja pelo aumento da busca por parte dos agentes pelo capital cultural mobilizado pelos periódicos, seja pela busca por capital econômico no caso das editoras comerciais, ou do capital simbólico em relação ao reconhecimento dado aos agentes. Além disso, se identifica as diversas mudanças com o objetivo de crescimento do campo.

2.5.2 O campo editorial da comunicação científica no Brasil

O periódico chegou ao Brasil no século XIX, dois séculos depois de sua consolidação na Europa, quando ocorre a transformação brasileira de colônia à sede da Corte, em 1808 (FREITAS, 2010). A Corte portuguesa permitiu a existência de imprensa no Brasil e criou instituições científicas que iniciaram a prática e o estudo da ciência, como explica o autor. No Brasil, a comunicação científica passou a ser divulgada em jornais cotidianos, sendo que o primeiro periódico impresso no Brasil,

a Gazeta do Rio de Janeiro, foi um dos jornais que passou a comunicar assuntos científicos (FREITAS, 2010).

Com a fundação da Imprensa Régia em 1808, surgiram algumas publicações importantes, como a Gazeta Médica do Rio de Janeiro e a Gazeta Médica da Bahia, tendo seu início em 1862 e 1866, respectivamente (SARMENTO E SOUZA; VIDOTTI; FORESTI, 2004). Em 1887, surge a revista Brasil-Médico que ganhou destaque por publicar trabalhos de Carlos Chagas, em 1909, foi editada a Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, que até 1979 só publicava experiências realizadas no Instituto de Patologia Experimental, instalado na cidade do Rio de Janeiro e em 1917, surgiu a Revista da Sociedade Brasileira de Ciências, atual Anais da Academia Brasileira de Ciências (SARMENTO E SOUZA; VIDOTTI; FORESTI, 2004).

Após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil viveu significativos avanços tecnológicos e científicos, o que proporcionaram mudanças e o entendimento do valor da ciência, sendo criadas as instituições de ensino e pesquisas, as agências de avaliação e fomento. Para Café (2017, p. 62), a criação da Capes e do CNPq “[...] representou não apenas o início da valorização da universidade como principal locus de formação especializada de profissionais de alto nível acadêmico como também um espaço privilegiado de indução de pesquisas e geração de produção científica”. As duas agências, são um importante marco para a ciência brasileira.

A criação de um conselho nacional de pesquisa foi proposta pelo Almirante Álvaro Alberto da Motta e Silva, em 1946 (CNPq, s.d.). Em 1949 foi elaborado um projeto de lei que resultou na criação do CNPq em 1951, pela lei 1.310, sendo esse um importante marco para a ciência. De acordo com a Portaria nº 816, de 17 de dezembro de 2002, o CNPq tem por objetivo promover e fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

Menezes, Oddone e Café (2012) tratam o CNPq como um órgão que tem um peso importante no campo científico, o CNPq concede bolsas a pesquisadores (graduandos, mestrandos, doutorandos), como uma forma de financiamento de pesquisa. O CNPq também “[...] concede aos pesquisadores considerados célebres, àqueles que já possuem grande capital científico acumulado no campo, um dos postos mais prestigiados da ciência brasileira, a Bolsa de Produtividade Científica” (MENEZES; ODDONE; CAFÉ, 2012, s.p.), para os autores esse tipo de reconhecimento designa o acúmulo de capital científico puro.

Além do CNPq conceder financiamento aos pesquisadores, ela passou, juntamente com a Capes, a financiar os periódicos científicos. O objetivo, do financiamento, é o de incentivar a qualificação dos periódicos brasileiros. O periódico que recebe esse tipo de financiamento recebe o capital econômico e o capital simbólico como recompensa. Cabe citar, que outras agências também podem, eventualmente, através de editais, fornecer auxílio financeiro para periódicos, como as fundações de amparo à pesquisa existentes em diversos estados (FAPEMIG⁵, FAPESP, FAPERJ, entre outras).

A Capes, outra importante agência de fomento à ciência e tecnologia, foi criada em 1951, pelo Decreto nº 29.741 como órgão de apoio a promoção à capacitação pessoal de nível superior (CAPES, 2008). A partir dos anos de 1960, a política brasileira passou a requerer a formação de recursos humanos, para o trabalho nas indústrias. Como a pesquisa era integrada à universidade, a Capes foi de essencial importância para o desenvolvimento esperado.

Em meio a mudanças, como a extinção da Capes e depois a recriação da mesma, a Lei nº 8.405 de 09 de janeiro de 1992 institui a Capes como Fundação Pública (CAPES, 2008). A Capes, como órgão avaliador dos programas de pós-graduação no Brasil, considera a produção intelectual do corpo docente e discente como um indicador de qualidade do programa.

Segundo Souza e Paula (2012) “o trabalho inicial reuniu em uma base, por área de avaliação, todos os veículos utilizados pelos programas para divulgar a produção científica, a partir dos relatórios anuais enviados para a CAPES [...]”; após esse processo, foi solicitado às comissões que qualificassem esses veículos (SOUZA; PAULA, 2012). Depois de convidar uma comissão de especialistas para sugerir melhorias na forma de avaliação em meados de 1997, a Capes reformula o sistema de avaliação e cria o *Qualis* (SOUZA; PAULA, 2012).

A base de dados *Qualis* foi instituído em 1998, tendo como objetivo o aprimoramento dos indicadores de produção científica. O *Qualis* foi utilizado até 2007 com duas classificações: a primeira, quanto à circulação do periódico e a segunda, quanto ao reconhecimento científico (CAMPOS, 2010). Na circulação do

⁵ Um exemplo pode ser encontrado no *site* da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), onde existe um edital com chamada para as revistas beneficiadas com o auxílio. Disponível em: https://fapemig.br/pt/chamadas_resultados_oportunidades_fapemig/. Número de chamada 05/2017.

periódico poderiam ser classificados em internacional, nacional e local; já no reconhecimento científico, ele poderiam ser inseridos em um dos estratos (A, B ou C) (CAMPOS, 2010). A classificação, então, poderia ser: internacional A (IA), internacional B (IB), internacional C (IC), nacional A (NA), nacional B (NB), nacional C (NC), local A (LA), local B (LB) e local C (LC). Um periódico nacional sem fator de impacto era classificado como A, se tivesse fator de impacto ele era classificado como internacional (CAMPOS, 2010).

Porém no triênio 2005 – 2007 a Capes detectou vários problemas nesse sistema, pois periódicos nacionais estavam classificados como internacionais. Perdia-se, assim, a capacidade de distinguir o que realmente tinha qualidade ou não, dentre as publicações (GOMES, 2010). Em 2008 o Conselho Técnico e Científico deliberou sobre a reestruturação do sistema *Qualis*, assim a classificação passou a ser dividida em oito estratos, que são: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Sendo o estrato A1 é o mais elevado, e o C o que tem peso zero. O *Qualis* é, então, um sistema que classifica a produção intelectual dos programas de pós-graduação.

De acordo com Sandes-Guimarães e Diniz (2013), no ano de 2008 os índices de citação foram incorporados à avaliação do *Qualis* de várias áreas. Eles são utilizados como critérios para classificação no *Qualis* A1 e A2, além dos periódicos estarem indexados precisam também ter citações (SANDES-GUIMARÃES, DINIZ, 2013).

Mueller (2006) aponta que o sistema de avaliação que se baseia em indicadores, como a quantidade de publicação, o impacto e a visibilidade internacional é o que mantém a posição de prestígio dos cientistas e dos periódicos. Ao avaliar um periódico, a Capes transfere o capital ao periódico. “A capitalização simbólica da Capes concede a ela o poder, através do seu sistema de avaliação da produção científica, de reputar as instituições científicas e o corpo de sujeitos do meio científico nacional” (MENEZES; ODDONE; CAFÉ, 2012, s.p.).

Para Meneses, Oddone e Café, a Capes faz a concepção reputacional aos periódicos, e por isso, possui “[...] peso político-científico acumulado que lhes confere o poder de regular e aferir reputação para os artefatos intelectuais produzidos pelos agentes (indivíduos e instituições) que constituem os campos” (MENEZES; ODDONE; CAFÉ, 2012, s.p.).

Os autores tratam a Capes e o CNPq como, no nível institucional, os que possuem hierarquia mais alta no campo científico, fato este que também tem impacto direto no campo editorial da comunicação científica. No campo científico o fato de publicar em um periódico de *Qualis A*, por exemplo, já constitui um acúmulo de capital científico, concedendo prestígio e distinção ao pesquisador.

Em pesquisa Rossoni e Guarido Filho (2012) buscaram construir uma rede de relações entre os periódicos através dos membros do conselho editorial e verificaram associações entre o fator de impacto e a avaliação *Qualis Capes*. Os autores identificaram uma avaliação subjetiva por parte da Capes, onde a formação do conselho editorial legitima os periódicos no campo, ou seja, concede prestígio a eles.

No Brasil existe também a interferência de empresas comerciais, com o início da parceria com editoras comerciais e também, de modo mais estabelecido com as bases de dados comerciais. No entanto, o *Open Access* atingiu praticamente todas revistas brasileiras e também alguns indexadores como o *SciELO*, mostrando, com isso, uma oposição aos valores comerciais em jogo.

Além disso, diferentemente de alguns países, no Brasil a maioria dos periódicos são de responsabilidade de instituições de ensino (IES), das instituições/associações de pesquisa, que também são sua mantenedora, ou seja, arcam com os custos da mesma. Em casos raros, a revista pode ser mantida pela IES e gerida por editoras.

É importante observar que sendo a instituição a mantenedora do periódico, o prestígio dele pode estar relacionado ao prestígio que a instituição possui no campo (ROSSONI, 2018b). Mas, de acordo com Diniz (2017), o periódico não consegue *status* sozinho, é preciso ser amparado por repositórios e indexadores, que proporcionem visibilidade.

Os indexadores mais importantes no campo internacional são *Scopus* e *Web of Science*, que são indexadores comerciais, já no Brasil o indexador *SciELO* também é importante, sendo a primeira base que possibilitou o acesso aberto aos artigos seguida, posteriormente, da base *Redalyc*. Em relação aos indicadores cientométricos, podemos citar o JCR da *Clarivates* e o SJR da *CiteScore/Scopus-Elsevier*. Outras bases de dados foram definidas em áreas específicas, como o *Spell* na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo.

Cabe destacar que os indicadores cientométricos podem exercer influência nos editores devido à preferência dos autores em publicar em periódicos de fator de impacto⁶ alto, segundo Dong, Loh e Mondry (2005). Essa preferência pode estimular os editores a aumentar artificialmente o fator de impacto, solicitando a autocitação⁷ por parte dos autores (DONG; LOH; MONDRY, 2005). Miranda (2013), em reportagem na Folha de São Paulo, revelou que quatro revistas brasileiras foram suspensas do JCR, dado ao uso de citação cruzada, onde a revista A cita a revista B e vice e versa.

De acordo com Trzeniak, Plata-Caviedes e Córdoba-Salgado (2012) as revistas indexadas são “supervalorizadas” pela comunidade científica, ocasionando em um alto índice de submissão e, conseqüentemente, em um maior número de rejeição. Elas possuem maior prestígio que outras revistas que não estão nessas bases.

Diniz (2017) explica que os periódicos científicos podem usar de algumas estratégias para internacionalizar, como: publicação em inglês, parceria com editoras comerciais e publicação de chamadas de trabalhos internacionais. No entanto, a indexação na *Web of Science* e no *Scopus*, também pode ser entendida como uma estratégia do editor de internacionalizar a produção brasileira.

Rossoni (2018a) aponta que a internacionalização por meio da indexação em bases internacionais não garante a visibilidade que se busca. Para o autor, existe um poder de indução ao apontar que essa poderia ser a forma correta de internacionalizar, mas que na verdade o que se percebe é que dificilmente um periódico brasileiro seria reconhecido em uma base de dados internacional.

Em relação a língua inglesa como a que proporciona visibilidade internacional, Diniz (2017, p.361) afirma que

⁶ O cálculo do fator de impacto pode ser influenciado por vários fatores, como: preferência que o indexador possui pelo idioma e pela cobertura do periódico; os procedimentos utilizados para a coleta de citações da base de dados; o algoritmo usado para calcular o fator de impacto; a distribuição de citações de periódicos; a disponibilidade *online* das publicações; citações para artigos inválidos; a preferência dos editores por artigos de um determinado tipo; comportamento das citações em diversas disciplinas; e ainda, a possibilidade de exercício de influência em editores de periódicos, como afirma Dong, Loh e Mondry (2005).

⁷ A autocitação se diferencia do autoplágio. A autocitação se dá através da coerção do editor para com o autor, ou seja, ele induz o autor a citar um artigo de sua revista, e o autor geralmente o faz de forma cega, sem precisar de fato do artigo. Já, o autoplágio se refere ao uso de trechos de artigos pelo autor sem que o artigo originário do trecho seja referenciado.

[...] não se pode confundir visibilidade com qualidade. Quem argumenta que os artigos mais citados estão em inglês, deveria considerar também que há muito artigo em inglês que não recebe citação alguma. Assim, para um artigo ser lido e, principalmente, citado por outros, é preciso bem mais do que traduzi-lo para o inglês. Colocar o foco exclusivo na publicação em inglês talvez nos desvie do principal objetivo a ser perseguido, ou seja, a qualidade científica e editorial do periódico. Se isso acontecer, correremos o risco de termos brasileiros publicando em inglês para outros brasileiros lerem, com a desvantagem de encarecer o processo editorial e reduzir a relevância local do que é publicado. A língua deve ser o meio, não o objetivo final, para se obter visibilidade com qualidade.

A internacionalização dos periódicos científicos é para Goulart e Carvalho (2008, p. 837), a luta pelo monopólio de capital, “[...] que define posições centrais e periféricas na produção do conhecimento”, é o processo de “inserção e posicionamento” do periódico científico no jogo, conforme explicam os autores. Rossoni (2018a), no entanto, argumenta que a busca por visibilidade no campo científico através da internacionalização pode levar o periódico à uma posição mais periférica no jogo, já que os indicadores de impacto apontam que o periódico brasileiro não é mais visto no âmbito internacional e sim no nacional.

No último quadriênio (2013 - 2016) a Capes passou a incentivar parcerias com editoras comerciais, com a estratégia clara de internacionalizar os periódicos brasileiros. Em 2014, na Folha de São Paulo, foi publicada reportagem na qual a Capes propõe investir na internacionalização (TUFFANI, 2014).

Tuffani (2014) cita na reportagem, que a Capes abriria um edital para selecionar as revistas que receberiam o incentivo, bem como ocorreria à seleção dos *publishers* a serem contratados. Porém, a exigência da Capes era de que as publicações científicas brasileiras tivessem o acesso livre, para isso as editoras seriam remuneradas pelo órgão (TUFFANI, 2014). Essa iniciativa da Capes “[...] traria aprimoramentos e maior profissionalização aos periódicos nacionais, bem como daria mais visibilidade internacional, dessa forma, contribuindo para maiores inserção e influência da pesquisa brasileira no âmbito mundial” (KIMURA et al., 2014, p. 1).

De acordo com Khulmann Jr. (2015), a proposta da Capes se mostrou lucrativa para as editoras. Sendo que na reunião da Capes composta por 60 editores-chefe de revistas científicas brasileiras, estiveram presentes as seguintes editoras: *Elsevier* da Holanda, *Emerald* do Reino Unido, *Springer* da Alemanha, *Wiley* dos Estados Unidos e *Taylor & Francis* também do Reino Unido (TUFFANI,

2014), para apresentar seus históricos e formas de trabalhar. O que demonstra o interesse no capital que seria mobilizado para a internacionalização dos periódicos.

Sobre as editoras comerciais, Rossoni (2018a) explica que elas não são responsáveis pela qualidade dos periódicos, tendo “baixa ou pouca influência”. O autor cita alguns exemplos.

Tomando como referência somente três periódicos importantes da área de *management* editados pela mesma editora, a SAGE, *Journal of Management* (pertencente a *Southern Management Association*), *Administrative Science Quarterly* (de propriedade da *Samuel Curtis Johnson Graduate School of Management, Cornell University*) e *Organization Studies* (pertencente ao *European Group for Organizational Studies – EGOS*), é possível notar que todos eles apresentam linha e processos editoriais totalmente distintos, inclusive no que se refere aos critérios de qualidade e relevância, bem como no estilo de redação e apresentação dos artigos. A SAGE, em todos os casos, se apresenta como parte do processo quase que exclusivamente somente após o artigo ser aprovado, pois até as ferramentas de gestão editorial, como o *Manuscript Central*, não são de sua propriedade e tendem a ser compartilhados por muitas editoras. Nesse processo, pouco se incorpora da editora na identidade dos periódicos, muito menos provável ainda que algo se altere em termos de qualidade dos artigos (ROSSONI, 2018a, p. IV).

Diniz (2017, p. 361) explica que na manutenção dessas revistas científicas pelas instituições “[...] não há retorno financeiro direto [...]”, tornando difícil o investimento, além, de não cobrir todos os custos envolvidos para colocá-las em um mesmo nível de periódicos internacionais que são mantidos por editoras. Para Diniz (2017), se observarmos o *ranking* dos periódicos, os que estão bem colocados geralmente são porque tem sua gestão atrelada a uma equipe profissional, ou a editoras comerciais, porém essas revistas são internacionais e não nacionais.

Pecebe-se, como no capítulo anterior, a luta por capitais. O campo editorial da comunicação científica brasileira evidencia a busca pela internacionalização para o aumento do valor do capital. Nota-se, ainda, que as revistas estão em constante avaliação, seja pelas agências, pelos indexadores, pelos indicadores cientométricos e tudo isso atribui maior prestígio para a revista no campo. Os pesquisadores buscam as revistas com prestígio, pois também são induzidos a isso pela Capes, devido aos critérios de avaliação dos programas. A busca por prestígio, no entanto, pode influenciar negativamente os editores, por meio de práticas anti-éticas.

2.6 Os agentes que compõem o campo: regras, posições e relações de força

Os agentes que compõem o campo editorial da comunicação científica são os que estão inseridos nas instituições, nos indexadores, nas agências de fomento, nos periódicos, entre outros. Aqui a intenção é tratar dos agentes ou instâncias coletivas inseridos nos periódicos e os pesquisadores que podem influenciar algumas decisões, são eles: o Conselho Editorial, o editor, o editor associado, o Comitê Editorial, os avaliadores, os autores e o leitor.

Rossoni e Guarido Filho (2012) explicam que o Conselho Editorial é um órgão normativo e consultivo. Dado a função normativa os membros do Conselho Editorial controlam o “discurso da ciência” explicam Bedeian, Fleet e Hyman III (2009). É uma forma de exercer o poder, de acordo com os autores. Para exercer esse poder que tem possibilidade de ser mal utilizado ou bem utilizado, o Conselho Editorial assume posição privilegiada (BEDEIAN; FLEET; HYMAN III, 2009). Trzesniak (2009) afirma que o conselho é a “retaguarda institucional” do periódico.

Em alguns periódicos os membros do Conselho Editorial assumem uma posição mais elevada no campo, pois estabelecem as normas que devem ou não ser seguidas. Em outros casos, os membros são consultivos e não definem as regras.

No quadro 1 são citadas as principais atribuições do Conselho Editorial:

Quadro 1 – Principais atribuições do Conselho Editorial no processo editorial

Principais atribuições do Conselho Editorial
Discutir, emendar e aprovar regras para sua própria constituição.
Discutir, redigir e aprovar a Política Editorial, não se esquecendo das instituições que prestam suporte ao periódico.
Discutir, redigir e aprovar a missão da revista e a forma de revisão dos artigos.
Discutir, emendar e aprovar as regras para escolha do editor-chefe.
Discutir, emendar e aprovar o Regulamento do Periódico, que deverá contemplar mídia, periodicidade, seções que existirão, possibilidade de números especiais, edições compostas por artigos provenientes de eventos, existência e número de editores (associados, convidados, assistentes).
Sugerir critérios gerais para aceite e recusa de trabalhos.
Discutir, emendar e aprovar o intercâmbio e a cooperação com outros periódicos.
Discutir e aprovar a política de circulação e distribuição do periódico.
Discutir, emendar e aprovar o balanço da revista.
Discutir, emendar e aprovar o orçamento da revista.

Fonte: Elaborado com base em Trzesniak (2001 apud TRZESNIAK, 2009).

Percebe-se, nesse caso, uma função executiva, sendo que toda a normatização do trabalho na revista é realizada por esses membros. No entanto, cabe ressaltar que o editor-chefe ainda tem a palavra final em relação as publicações (BEDEIAN; FLEET; HYMAN III, 2009; TRZESNIAK, 2009). Nessa relação e diferença entre executivo e consultivo, nota-se claramente uma disputa pelo poder.

Rossoni e Guarido Filho (2012) explicam que a função dos conselhos editoriais são a de “regulamentar, referenciar e qualificar” a política editorial, eles são “[...] arranjos vinculados à disseminação do conhecimento e, mais do que isso, e de forma essencial, estão associados à certificação do conhecimento válido” (ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2012, p. 191).

Para Rossoni e Guarido Filho (2012), o papel do conselho editorial é vital, contribuindo tanto para a validação do conhecimento, como para a estrutura normativa. Além disso, os conselhos editoriais exercem “[...] grande influência sobre a trajetória e parâmetros para o conhecimento num determinado campo” (ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2012, p. 195). O grupo do conselho editorial pode ser uma formação de quatro a nove integrantes, sendo que o editor-chefe também pode participar dessa formação (TRZESNIAK, 2009).

Rossoni e Guarido Filho (2012) afirmam, que devido a distinção que os membros do conselho editorial da revista possuem, existe um repasse de reputação para o periódico. A pesquisa realizada por Rossoni e Guarido Filho (2012), de certa forma, evidencia isso, pois aponta que a composição dos conselhos editoriais estaria relacionada com a legitimação do periódico no campo científico, visto que há uma relação significativa entre o *Qualis* do periódico e os membros que ele congrega, inspirando aspectos subjetivos na avaliação, já que o fator de impacto que é uma avaliação mais objetiva não representa a mesma relação.

Bourdieu (1983c) explica que as instituições ou agentes inseridos no campo lutam pela distinção, nessa luta existe também o interesse do agente em jogo, o interesse de ser reconhecido no campo científico. Brinn e Jones (2008) afirmam a adesão ao conselho editorial por parte do pesquisador também tem impacto no seu prestígio pessoal, e por consequência o da instituição ao qual é afiliado, principalmente se o periódico tiver classificação alta. Somado ao peso que o conselho editorial pode proporcionar ao periódico, o prestígio do periódico pode ter

relação com o seu histórico no campo científico e o peso do editor (ROSSONI, 2018b).

Para Mueller (2006), entre os periódicos científicos que estão no topo da lista do prestígio, há também os editores reconhecidos no campo. O editor tem uma posição de destaque na revista. Assim, segundo Trzesniak (2004, p. 1) “não há exagero em dizer que a sobrevivência e a perenidade do periódico dependem da pessoa do editor”. Para o autor, o editor é “[...] responsável pelo seu próprio trabalho, pelo dos membros do seu Corpo Científico e pelo dos consultores *ad hoc* e, ainda, tem que ficar sempre atento à data de circulação do próximo fascículo” (TRZESNIAK, 2004, p. 1). É ele o “administrador” do processo editorial.

O trabalho do editor é repleto de prazos e normas que precisam ser respondidos em tempo, por exemplo, a “[...] insatisfação de autores cujos trabalhos não são aceitos, pareceristas que não entregam os pareceres ou que fornecem pareceres agressivos e inaceitáveis [...]” (LIPP, 2010, p. 433) e critérios a serem seguidos para ter o periódico indexado e bem avaliado. A pressão é inerente ao trabalho do editor, como os autores Araújo et al. (2017) e Lipp (2010) afirmam.

Conceição (2006) explica que o editor precisa gerenciar todos os interesses que estão envolvidos no processo editorial. Concordando com isso Dias e Silva (2014, p. 803), explicam que

[...] os editores também são obrigados a se confrontarem com exigências múltiplas, cada vez maiores e complexas, em circunstâncias, todavia, grotescamente amadoras. Com razão, autores exigem-lhes celeridade na avaliação de manuscritos, ao mesmo tempo em que o número de submissões [...] cresce aceleradamente. Indexadores, por seu turno, exigem-lhes cumprimento de normas técnicas bastante minuciosas, ao mesmo tempo em que revisores, por motivos diversos, mostram-se cada vez menos disponíveis para a apreciação de manuscritos.

Cabral (2018) cita uma fala de Thomaz Wood em um encontro de editores realizado em 2013 no EnANPAD, onde o então editor da RAE afirmava ser muito fácil acumular inimigos na função de editor, justamente pela recusa de artigos. Para Cabral (2018), que também é/era editor de uma revista científica, ser editor pode até ter benefícios, mas existem também os seus custos, não só pelo acúmulo de inimigos, mas também pela falta de tempo para com as suas pesquisas, pela falta de tempo de preparar adequadamente as suas aulas e até mesmo pela ausência frente aos familiares.

Patrus, Dantas e Shigaki (2016) explicam que o editor tem o papel de *gatekeeper*, pois ele é o responsável pela primeira triagem do artigo submetido, podendo exercer controle pelo veto à avaliação do artigo (*desk rejection*) ou encaminhar aos revisores. Ele pode exercer o poder de veto, inclusive, antes de uma segunda ou terceira avaliação, atestam os autores. Dessa forma, reconhece-se que “[...] o papel do editor é um papel de poder, um exercício de autoridade, na medida em que ele tem a capacidade (*potentia*) de vetar a avaliação do artigo pelos pares [...]” (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2016, p. 803), decidindo assim, o destino do artigo.

É o editor que tem o poder de fazer com que o autor seja reconhecido, visto que a publicação de um artigo corrobora, de certa forma, para a concessão de prestígio ao pesquisador no campo científico (LIPP, 2010). Ele tem o poder de conceder ou não conceder um *status* ao autor. Dessa forma, percebe-se que muitas vezes os conflitos surgem por negar uma publicação, o que automaticamente negaria a concessão de *status* ao mesmo.

Araújo e outros (2017) ao buscarem descrever a visão dos editores de periódicos sobre o processo de gestão editorial de periódicos brasileiros descobriram que existe uma preocupação grande por parte dos editores quanto à sobrecarga de trabalho.

Para Cabral (2018, p. 436), em outros países os editores, normalmente, “[...] contam com redução em sua carga horária em sala de aula para exercer atividades editoriais”, porém, isso não é o que ocorre no Brasil. Segundo o autor, os editores brasileiros, em sua maioria, assumem essa posição sem nenhuma compensação, de forma voluntária.

Dessa forma, além do que já foi exposto, o editor tem as atribuições técnicas e éticas para que a edição do periódico seja publicada. No quadro 2 é possível verificar as atribuições técnicas.

Quadro 2 – Principais atribuições do editor no processo editorial

Principais atribuições do editor
Receber os artigos
Tomar a decisão inicial (<i>desk review</i>) entre uma das quatro opções descritas: 1) Rejeitar (<i>desk reject</i>); 2) Solicitar ajustes antes de enviar para os avaliadores; 3) Enviar para avaliação ou; 4) Aceitar (raramente acontece).
Selecionar os avaliadores
Receber os pareceres, analisar e consolidar as análises.
Tomar decisões com base nos pareceres e leitura própria
Decidir entre uma das quatro opções descritas: 1) Rejeitar de forma fundamentada; 2) Solicitar revisão com base nos pareceres; 3) Aceitar sem modificações (raramente acontece) ou; 4) Aceitar com pequenas modificações.
Receber o artigo revisado e as cartas explicativas
Analisar as explicações recebidas e alterações que foram realizadas
Decidir entre uma das opções descritas: 1) Rejeitar; 2) Solicitar nova avaliação; 3) Solicitar pequenas modificações adicionais ou; 4) Aceitar.
Caso decida por solicitar nova avaliação aos avaliadores, é necessário enviar novamente o artigo a eles.
Receber pareceres, analisá-los e consolidá-los
Formar opinião com base nos pareceres e leitura própria
Tomar decisão final
Acompanhar a revisão e edição
Publicar o artigo
Disseminar o artigo na comunidade

Fonte: Elaboração própria

É possível verificar que o editor é quem toma a decisão em todo o processo editorial, sendo que é inclusive possível, ainda que raro de se acontecer, que ele aceite o artigo sem precisar passar pela avaliação por pares. É do editor o poder de decisão sobre os artigos e sobre a publicação (LIPP, 2010; TONELLI; ZAMBALDI, 2017).

Buscar avaliadores para os artigos submetidos e acompanhar o processo de avaliação de forma a qualificar o trabalho desenvolvido (ARAÚJO et al., 2017), também são atribuições do editor. É, ainda, necessário que o editor divulgue o

periódico, já que a isso está atrelado aos indicadores de impacto. São esses indicadores de impacto que mensuram a visibilidade, o alcance e o prestígio do periódico.

Dessa forma, entende-se que o editor deve ser o responsável pela busca de qualificação do periódico e pela manutenção de sua qualidade (ARAÚJO et al., 2017; GREENE, 1998; TONELLI; ZAMBALDI, 2017; YAMAMOTO, 2002). “O interesse do editor-chefe, em princípio, é publicar os artigos que tragam *insights*, contribuições teóricas, contribuições metodológicas” (TONELLI; ZAMBALDI, 2017, p. 532), e que proporcionem maior visibilidade e prestígio ao periódico científico frente ao campo científico.

Porém, além das suas atribuições técnicas, o editor ainda tem responsabilidades éticas. Sobre isso, alguns autores atestam ser importante que o editor evite conflitos de interesses e/ou preconceitos (GREENE, 1998; REICH, 2013), isto é, “o editor não deve escolher revisores visando a resultados previsíveis” (GREENE, 1998, p. 230). Berlink (2011) aponta que podem existir conflitos de interesse entre a instituição que mantém o periódico e a missão do periódico, a “[...] revista científica não pode ser inteiramente fiel à instituição onde é publicada” (BERLINK, 2011, p. 424), sendo que essa é, segundo o autor, a maior dificuldade encontrada pelo editor de periódico científico.

O editor é o responsável por evitar que autores citem artigos publicados na revista que submeterá, sem um estudo aprofundado (de forma cega) (REICH, 2013). É importante, ainda, que o editor mantenha a confidencialidade do processo editorial (COIMBRA JR., 1998; REICH, 2013), e isso deve ser feito desde a entrada do artigo no sistema até a sua publicação, caso seja aceito. A confidencialidade é também inerente a avaliação às cegas, onde o parecerista não pode ter conhecimento de quem seja o autor do documento que está sendo avaliado e vice e versa.

Diante do exposto, é notório que o editor tem o poder de decisão dentro do periódico científico, porém sua decisão é permeada por múltiplos fatores, como por exemplo, os pareceres emitidos pelos avaliadores e os interesses dos agentes e instituições que envolvem todo o processo editorial, além da responsabilidade ética que cerca suas decisões e ações. O editor de periódico científico é cobrado para ter uma visão ampla e assim conseguir atender de forma satisfatória os agentes e as instituições ligados ao processo editorial.

No entanto, devido à sobrecarga de trabalho, é comum nas revistas a presença de editores associados ou do Corpo Editorial Científico. Além disso, para que seja publicada uma edição específica, para abordar determinado tema ou para coordenar um dossiê, é possível que o editor-chefe convide um editor para a função, que é chamado de editor convidado. Para o editor convidado caberá à coordenação da edição até que ela seja publicada (TRZESNIAK, 2009).

Em relação aos editores associados, estes são integrantes do periódico científico, que tem como função auxiliar o editor-chefe (ANPAD, 2010). A presença de editores associados esta relacionado ao tamanho do periódico (TRZESNIAK, 2009) e o número certo de editores associados que deve atuar nele, depende da carga de trabalho que ele deverá desempenhar isoladamente (ANPAD, 2010).

Cabral (2018) aponta, que bons periódicos contam com editores associados como apoio ao trabalho do editor, para auxiliar com o *desk review* e para auxiliar no encaminhamento do artigo aos pareceristas, porém, esse processo ainda tem sido insuficiente para liberar a carga do editor. A revista científica só precisaria de um editor associado se o fluxo de artigos ultrapassasse 50 artigos, o que define como um item não obrigatório de se ter (ANPAD, 2010; 2017).

O que se propõe como mais indicado (ressalvando que mais indicado não significa a inexistência de boas alternativas) é que os editores associados e membros do Conselho Editorial Científico realizem a revisão de admissão (*desk review*) e sugiram os revisores *ad hoc* e, com base nos pareceres destes recomendem ao editor a primeira decisão editorial (rejeitar, reformular/ressubmeter ou reformular/aceitar). No caso da opção reformular/aceitar, o artigo, após a reformulação realizada pelos autores, vai para um integrante do Corpo Editorial Científico, ou para o editor, para verificar o atendimento ou a refutação fundamentada das sugestões dos pareceres e para uma recomendação final de aceitação ou não. Essa divisão de tarefas e responsabilidades tem o duplo mérito de colher diversas opiniões e de evitar a sobrecarga dos envolvidos (ANPAD, 2010, p. 10).

Assim, o editor associado ficaria com a responsabilidade de contatar os pareceristas e enviar ao editor a decisão com base na avaliação realizada. Segundo Trzesniak (2009, p. 96) “[...] às vezes pode ser interessante possuir um editor associado para promover ou ampliar o número de submissões em uma subespecialidade emergente ou em um “nicho do conhecimento” [...]”. Com isso a revista pode se tornar importante na área de conhecimento (TRZESNIAK, 2009).

No quadro 3 verifica-se as principais atribuições do editor associado dentro de um periódico científico.

Quadro 3 – Principais atribuições do editor associado no processo editorial

Principais atribuições do editor associado
Receber os artigos
Tomar a decisão inicial entre duas das opções descritas: 1) Aprovar o atendimento das normas por parte dos autores; 2) Retornar para o autor ajustar.
Receber o artigo corrigido, e tomar uma das três decisões: 1) Aprovar o atendimento das normas; 2) Reprovar; 3) Enviar para que um integrante do Corpo Editorial Científico tomar a decisão.
Escolher e enviar aos avaliadores o documento a ser avaliado
Recebimento e avaliação dos pareceres e recomendação editorial, ou enviar para que um integrante do Corpo Editorial Científico faça.
Decisão editorial, sendo possível decidir entre uma das quatro opções: 1) Aceitar sem modificações (raramente acontece); 2) Rejeitar de forma fundamentada; 3) Solicitar revisão com base nos pareceres; 4) Aceitar com pequenas modificações.
Verificar a correção dos autores e formular nova recomendação editorial, ou enviar para que um integrante do Corpo Editorial Científico faça.
Decisão editorial, sendo possível decidir entre uma das quatro opções: 1) Aceitar sem modificações; 2) Rejeitar de forma fundamentada; 3) Aceitar com pequenas modificações; 4) Escolher e enviar para outros avaliadores (retornando o processo).

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que diferentemente do editor-chefe, o editor associado não tem o poder do veto, ele pode apenas enviar para os autores ajustar as normas, sem rejeição, além de ter que enviar para os avaliadores e rejeitar apenas com fundamentação. De acordo com Tonelli e Zambaldi (2017), é importante que o editor confie nos editores associados que em muitas revistas científicas trabalham em conjunto com os avaliadores e decidem sobre o destino de um artigo, a interferência nesse processo pode destruir o sistema de avaliação.

A denominação, “editor associado”, pode mudar para editor de área ou de seção, dependendo da revista. O editor associado pode comandar uma área específica, ele pode ser editor de área, como por exemplo, em um periódico que aceite artigos da área de Administração e de Ciência Contábeis, o editor associado pode ficar responsável por uma dessas áreas em específico. Outra função que pode ser designada ao editor associado é a de editor de seção, assim ele pode ser solicitado para estar à frente da seção de artigos ou de ensaios teóricos, por exemplo.

Para Trzeniak (2009), a conotação, “associado”, remete a um *status* que pode ser equiparado com o de editor, pois o editor associado poderia rejeitar ou aceitar um artigo, enquanto que o editor de área ou de seção não teria esse poder. Os editores associados são “[...] colaboradores muito próximos do editor e, geralmente, membros do Comitê Editorial Científico, com envolvimento significativo no dia a dia do processo editorial” (ANPAD, 2010, p. 9).

O Comitê Editorial Científico é formado por especialistas, que cobrem todas as áreas de um periódico e que são de variadas instituições e regiões geográficas, podendo ser, inclusive, de outros países (ANPAD, 2017). Os membros do Corpo Editorial Científico (ou Comitê Editorial Científico) trabalham no periódico individualmente e exercem influência no conteúdo das edições publicadas (ANPAD, 2017). Eles atuam em conjunto com o editor-chefe e editores associados, sendo importante que eles em conjunto com os editores associados realizem o *desk review* e encaminhem o artigo aos revisores. É ainda, requerido que esses membros tenham credibilidade e reconhecimento do campo científico (ANPAD, 2017).

Além do editor, editor associado ou convidado, Conselho Editorial e Comitê Editorial Científico, as revistas científicas contam com avaliadores⁸ que dão o parecer sobre o artigo enviado pelo autor. O surgimento da avaliação por pares antecede o surgimento do periódico científico. De acordo com Gomes (2013), no campo da comunicação científica, o rigor científico está associado à revisão por pares, sendo a “base de sustentação” da comunicação científica.

Apesar de Lindsey (1976) afirmar que o grupo de avaliadores tem seus integrantes escolhidos com base na sua distinção no campo científico, Shigaki e Patrus (2014) revelam que a reputação não é utilizada para se definir avaliadores no Brasil, diferente de outros países. Ainda assim, os avaliadores representam o capital intelectual da revista (BRINN; JONES, 2008).

Patrus, Dantas e Shigaki (2016, p. 803) explicam que “a avaliação por pares no início da publicação de periódicos científicos foi feita para aumentar a experiência editorial, em vez de exercer modos mais convencionais de controle de qualidade”. No entanto, o processo de avaliação de artigos para uma revista científica é uma etapa crucial para que a publicação tenha qualidade, sendo ele realizado por

⁸ O avaliador pode também ser identificado como parecerista, árbitro, revisor e *referee*.

especialistas na área (MARTINEZ ABREU, 2014; PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2016; RIGO, 2017).

A avaliação em revistas científicas é realizada com o *blind review* (PINHO, 2005), assim o revisor avalia de forma cega o artigo. No processo de avaliação, se dois avaliadores têm um desencontro na decisão sobre a aprovação ou rejeição de um artigo, um terceiro avaliador é designado pelo editor para que ocorra a decisão final. Esse tipo de avaliação é conhecida como *peer review*.

De acordo com Pinho (2005), a designação de um terceiro avaliador pode ocorrer mesmo no caso de pareceres que sejam favoráveis a publicação do artigo, porém sem apontar os pontos forte ou fracos, e que podem levar o editor a ter desconfiança se de fato o artigo foi avaliado. Nesse contexto, o editor precisa ter cuidado com os pareceres dos revisores, não devendo, o editor ter uma confiança cega nele, ainda que, reconhecendo o importante aliado que é o avaliador para que o produto final tenha uma real qualidade (BERLINK, 2011).

Para Marziale (2012), Patrus, Dantas e Shigaki (2016), o processo de avaliação *peer review* tem controvérsias. Marziale (2012) relata que o processo *peer review* é considerado lento, e onde os consultores não recebem nenhum crédito ou reconhecimento pelo trabalho desempenhado, porém, as revistas científicas de maior prestígio continuam utilizando esse processo por resultar em artigos de maior qualidade.

Shigaki e Patrus (2014) que realizaram uma revisão de literatura e identificaram alguns argumentos contrários a revisão por pares. As críticas mais comuns, que também foram identificadas nas entrevistas com onze avaliadores

[...] estão relacionadas ao tempo, sobrecarga de trabalho, subjetividade das avaliações, falta de reconhecimento do trabalho do avaliador, falta de padrão de qualidade na seleção dos avaliadores, necessidade de ter mais avaliadores para criar a rotatividade, parcialidade dos editores e abuso de poder [...] (SHIGAKI; PATRUS, 2014, p. 13).

O revisor é o responsável para que a avaliação aconteça da melhor maneira. Segundo Porto e Gurgel (2018, p. 112) “[...] o avaliador deve ter o máximo de respeito pelos trabalhos dos autores”, já que eles decorrem de um trabalho árduo por parte do autor, conforme apontam Porto e Gurgel (2018). Porém, ainda que o avaliador seja cuidadoso com o parecer, muitos autores não são preparados para receber uma crítica (RIGO, 2017).

Para que os autores recebam críticas de maneira mais fácil, é preciso que o avaliador tenha uma postura desenvolvimentista (BISPO, 2018). “Um bom revisor e uma boa revisão sempre tem uma postura cordial e desenvolvimentista. Os revisores que adotam essa perspectiva buscam ajudar os autores a melhorarem os seus trabalhos, e não apenas criticá-los e desqualificá-los” (BISPO, 2018, p. 439). No quadro 4, é possível verificar as contribuições de Bispo (2018) e Marziale (2012) para uma avaliação desenvolvimentista.

Quadro 4 – Aspectos relevantes para uma boa avaliação

Aspectos relevantes para a avaliação
Julgar a qualidade da pesquisa produzida em seu domínio de conhecimento;
Seguir critérios relacionados ao conteúdo (originalidade, novidades do estudo, adequação teórico-metodológica, contribuição do conteúdo para a área) e forma do texto apresentado (redação clara, sequência lógica dos parágrafos, ortografia, tradução e normas da revista);
Revisar o artigo considerando o que o autor fez buscando contribuir para a melhora no artigo;
Apresentar crítica em conjunto com as contribuições para o artigo;
Organizar o parecer em tópicos para que fiquem claras as sugestões;
Indicar literatura que seja pertinente para o artigo;
Perguntar ao autor quando algo gerar dúvidas ou incertezas.

Fonte: Elaborado com base em Bispo (2018) e Marziale (2012).

Pode ocorrer no processo de avaliação do parecerista não aceitar as reformulações feitas pelo autor “[...] ao ponto de o parecerista querer que o artigo seja escrito como se fosse ele o autor” (PINHO, 2005, p. 170). “A assimetria de poder se torna flagrante e torna o ato de avaliar apenas um instrumento de poder, quando um parecer não aponta caminhos de correção e de preenchimento das lacunas daquilo que foi submetido à avaliação” (GONDIM, 2004, p. 196).

São comuns os casos de editores de revistas fornecerem aos avaliadores um roteiro⁹ de avaliação com esses critérios, visando o conteúdo do artigo e formato, para que o parecerista evite avaliações subjetivas, dessa forma o poder de decisão do avaliador é controlado e a avaliação padronizada.

O ato de avaliar, segundo Gondim (2004, p. 196) “[...] é um ato de poder”, principalmente por ser a avaliação feita às cegas, já que, segundo a autora, o

⁹ Como exemplo, conferir o roteiro sugerido por Porto e Gurgel (2018).

avaliador é protegido do resultado que seu parecer gera no autor. Para Thiry-Cherques (2005) o abuso de poder pode advir também do editor, que tem o acesso ao nome do autor e pode recusar o artigo ou mesmo pressionar os pareceristas.

Além disso, o processo de avaliação torna o avaliador dotado de poder, já que ele é designado a dar o parecer sobre o destino do artigo (RIGO, 2017).

E, em sendo assim, não podemos ignorar as questões de natureza ética daí decorrentes, particularmente, pelo fato de haver desigualdade de poder nesta relação avaliador-avaliado. O que está em jogo é a conduta moral de alguém que goza de uma condição privilegiada de decisão, com poder de desqualificar o trabalho alheio ou de enaltecê-lo (GONDIM, 2004, p. 196).

Na questão da ética, muitos avaliadores delegam a sua função para seus alunos de mestrado e doutorado e isso esbarra em questões éticas de confiabilidade, já que o artigo e seus resultados não podem sair das “paredes” do sistema antes de sua publicação, além de comprometer a qualidade da revisão (BISPO, 2018; PORTO; GURGEL, 2018). Além disso, é preciso evitar conflitos de interesse, sejam eles colaborativos ou não.

O Manual de Boas Práticas da Publicação Científica da ANPAD (2010) estabelece que a função de avaliador seja uma contrapartida do que se espera que aconteça com ele como autor, isto é, ao mesmo tempo em que ele emite o parecer sobre o artigo de um pesquisador, esse pesquisador pode estar emitindo o parecer em um artigo de sua autoria.

Dois pontos são importantes na relação editor e autor, que são: (1) é necessário que os avaliadores tenham consciência da sua contribuição em face da avaliação de um artigo, não comprometendo a qualidade do mesmo, já que se deve dar para receber (ANPAD, 2010), isto é, se o avaliador emite parecer que resulte na qualidade do que é publicado, ele receberá e poderá cobrar por literatura científica relevante na função de autor; (2) é necessário que os avaliadores percebam a importância da aceitação do processo de avaliação, da mesma maneira que os avaliadores na função de pesquisadores percebem a importância de escrever e publicar artigos, pois assim teria um equilíbrio no sistema (BISPO, 2018).

Assim, evidencia-se que os autores estão no cerne de todo o processo editorial (ANPAD, 2010). As principais atribuições do autor estão descritas no quadro 5:

Quadro 5 – Principais atribuições do autor no processo editorial

Principais atribuições do autor
Planejamento e execução da pesquisa.
Seleção do periódico.
Ler as instruções para autores no periódico.
Submeter o artigo no sistema do periódico.
Receber a rejeição ou solicitação dos ajustes.
Ressubmeter o artigo.
Receber parecer do editor e dos avaliadores
Analisar os pareceres.
Efetuar os ajustes solicitados.
Ressubmeter o artigo na revista, de preferência com a indicação da correção, segundo o parecer dos avaliadores.
Receber o parecer dos revisores (inglês, normas, entre outros) e do editor.
Receber o parecer final.
Disseminar o artigo no campo científico.

Fonte: Elaboração própria.

Na questão da ética, muitos autores reutilizam partes de seus trabalhos anteriores em um novo artigo o que pode ser caracterizado como autoplágio, prática essa geralmente tida como normal pelo autor, no entanto, para o periódico pode acarretar em problemas complicados que envolvem a cessão de direitos do autor a outro periódico (DINIZ, 2018).

Somado a isso, alguns autores enviam seu artigo para duas revistas de forma simultânea, fato que também é entendido como prática antiética já que eles informam antes da submissão que o artigo é inédito e que não está passando por processos de revisão em outra revista.

Rigo (2017) afirma ser recorrente que autores submetam artigos sem se atentar para o escopo do periódico, para a política editorial e para os artigos nele publicados e ao serem negados, os autores acabam ficando frustrados com o periódico e todo o processo ao qual o artigo foi submetido, sendo que é recorrente a submissão de artigos com erros severos em sua normatização.

Além disso, a autora explica que muitos dos autores ficam em silêncio durante o processo e, dificilmente se contrapõe ao parecer dado pelo avaliador, para ela, isso é devido à pressa em publicar, “[...] o que o leva a aceitar todas as críticas para acelerar o processo de revisão e a consequente decisão do editor” (RIGO, 2017, p. 513). A pressa em publicar está atrelado ao produtivismo acadêmico, o que vem

acompanhado de desvios mais sérios como o plágio, a produção em série de artigos e a coautoria cerimonial.

A produção de artigos é avaliada pela Capes e define a permanência do professor em um programa de pós-graduação, nesse sentido, não é raro ver o pesquisador se submetendo a pressão para publicar e com isso, alcançar sua posição de destaque no campo. Já o plágio, não é algo novo, ele já é tido como uma “prática” natural. Para Diniz (2018, p. 201), a maioria dos casos de plágio advém de “[...] erros de interpretação e falta de entendimento do processo editorial acadêmico”. Mas, também existem práticas realizadas propositalmente.

Em relação a coautoria cerimonial, essa se dá porque o indivíduo é caracterizado como autor sem ter contribuído efetivamente com a produção do artigo, sua “contribuição é inexistente ou superficial” (ROSSONI, 2018c). A coautoria cerimonial é onde “[...] um ou mais autores assumem toda a pompa e cerimônia de um dos desenvolvedores do estudo, gozando dos frutos do reconhecimento pelo ato de publicar uma peça particular de comunicação científica” (ROSSONI, 2018c, p. 1), mas esse reconhecimento não deveria existir, é uma farsa, segundo o autor.

Para Rossoni (2018c), devido ao excessivo número de publicações e pelo fato do autor se apropriar de trabalhos escritos por outros, o campo editorial da comunicação científica acaba dando “poder na mão de pesquisadores” sem que eles mereçam. Esse poder é dado pelo editor que decide conceder o *status* ao pesquisador, pelo avaliador que aprova o artigo e pelos leitores que são também os futuros autores e que fornecerão o capital simbólico por meio de citações.

O campo editorial da comunicação científica conta, ainda, com a presença dos leitores. Eles são agentes importantes, ainda que poucos citados em publicações. De acordo com Trzesniak e Koller (2005) o pesquisador que se torna editor acaba que tomando consciência desse agente, pois é ele que poderá se tornar autor ou pesquisador e produzir mais conteúdo científico com base no que lê. Por isso, tem-se como importante, que o editor sempre esteja atento ao que o leitor poderá encontrar de conteúdo científico em sua revista (TRZESNIAK; KOLLER, 2005).

No entanto, ainda que não valorizados, Berlink (2016) cita que existe o leitor que simplesmente procura artigos para ler por prazer, porém a visibilidade não é acompanhada ao se medir o fator de impacto da revista. É notório que o fator de

impacto deixa de lado os leitores não especializados, pois eles não citariam os artigos da revista (BERLINK, 2016). Para o autor, a internacionalização das revistas, também seria uma forma de ignorar o leitor não especializado, já que se privilegiariam os leitores políglotas do país (BERLINK, 2016).

Assim, entende-se que os leitores, só são disputados se eles forem pesquisadores, ou leitores especializados, e que poderão futuramente favorecer o fator de impacto da revista científica por meio de citação, o que é uma forma de luta por capital simbólico.

Percebe-se, diante de tudo que foi exposto, que o autor está no centro das decisões, pois ele é um agente com poder dentro do campo científico, ainda que todas as decisões passem pelo crivo do editor e pela aprovação dos avaliadores, no campo editorial da comunicação científica existe esse reconhecimento. São os editores e avaliadores que concedem o reconhecimento aos autores, porém são os autores que possibilitam um alto fator de impacto ao periódico.

3 AS DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS E A DELIMITAÇÃO DOS GRUPOS DO CAMPO

A relação dialética do *habitus* é o que determina as distinções entre as práticas dos agentes, ou no caso o *habitus* de classes determina as distinções de “[...] qualquer grupo definido pela ocupação da posição em um campo” (BOURDIEU, 2007a, p. 98), assim como uma revista na hierarquia das revistas, ou de um grupo de revistas de determinado *Qualis* hierarquicamente superior aos demais grupos.

Ao utilizarmos a estatística descritiva a intenção é de demonstrar aspectos de distinção entre as revistas, levando em conta as variáveis que demonstrem um completo sistema de relações, como explica Bourdieu (2007a), isto é, escolhendo não só aquelas que representam a importância da revista no contexto histórico do campo, mas as variáveis que demonstram as relações de produção atuais, advindas das práticas distintas entre os grupos de agentes e/ou das regras que regem o campo.

Já, em relação à Análise de Correspondência Múltipla, com base em Bourdieu (1999), busca-se visualizar onde estão localizadas dentro do espaço, ou da estrutura do campo editorial da comunicação científica, as classes dominantes do jogo da comunicação científica. Nesse caso, utiliza-se a ideia de grupos que compõe o campo. Cada grupo é constituído por agentes (como discutido no capítulo 3). Com o apoio da Análise de Correspondência Múltipla é possível considerar o espaço editorial da comunicação científica como um espaço de lutas pela posse dos capitais, ou ainda, um espaço que é constituído por regras que viram estratégias.

Em relação à Análise Temática, entende-se que é um método de análise flexível, apresentando de forma abrangente as práticas dos agentes no campo, bem como, as relações de poder que se manifestam.

A pesquisa é de temporalidade seccional e transversal, pois ao mesmo tempo em que se compreende a configuração atual do campo, também se indentifica a sua gênese e o *habitus*. Além disso, este estudo é de enfoque exploratório descritivo. Foi selecionada para essa pesquisa a população de revistas da área de Administração já indexadas no *Spell*, e que estivessem na lista de impacto divulgada pelo mesmo¹⁰. No entanto, dado ao fato do *Spell* abranger toda a área de Administração Pública e

¹⁰ A lista pode ser conferida em: <http://www.spell.org.br/impacto>.

de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, um filtro foi feito para selecionar apenas revistas de Administração, que tivessem ligação com PPG's da área ou mantidas por associações e instituições de Administração, totalizando, então, em 79 revistas estudadas

Cabe ressaltar que as revistas estudadas são classificadas com *Qualis* A2, B1, B2, B3 e B4, isso porquê as revistas classificadas como A1 são apenas internacionais. Já, as revistas com classificação B5 e C, essas não foram encontradas na base de dados (conforme Tabela 1).

Tabela 1 – Revistas de Administração

(continua)		
Nome*	Mantenedora	Qualis
Administração: Ensino e Pesquisa (RAEP)	Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (ANGRAD)	B2
Administração Pública e Gestão Social (APGS)	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	B1
Amazônia, Organizações e Sustentabilidade (AOS)	Universidade da Amazônia (UNAMA)	B3
BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos	Univesidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	B1
Brazilian Administration Review (BAR)	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD)	A2
Brazilian Business Review (BBR)	Fucape Business School	B1
Caderno Profissional de Administração da Unimep (CPA)	Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)	B4
Caderno EBAPE.BR (CEBAPE)	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	A2
Cadernos Gestão Pública e Cidadania (CGPC)	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	B1
Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão	Universidade Federal do Ceará (UFC)	B1
Desafio Online	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)	B3
Faces – Revista de Administração Faces Journal	Universidade Fumec	B2
Future Studies Research Journal: Trends and Strategies	Fundação Instituto de Administração (FIA)	B3
Gestão & Conexões	Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)	B4
Gestão.Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	B3
Gestão e Sociedade (GES)	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	B2
Gestão & Regionalidade (G&R)	Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)	B2

(continuação)

Nome*	Mantenedora	Qualis
Interface – Revista do Centro de Ciências Sociais Aplicadas	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	B3
International Journal of Innovation (IJI)	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	B3
InternexT- Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)	B3
Journal of Information Systems and Technology Management (JISTEM)	Universidade de São Paulo (USP)	B1
Journal of Operations and Supply Chain Management (JOSCM)	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	B3
NAVUS – Revista de Gestão e Tecnologia	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de Santa Catarina (SENAC)	B3
Organizações Rurais & Agroindustriais (OR&A)	Universidade Federal de Lavras (Ufla)	B2
Organizações & Sociedade (O&S)	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	A2
Pensamento & Realidade (P&R)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)	B3
Perspectivas em Gestão & Conhecimento (PG&C)	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	B3
REUNIR: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	B2
Revista ADM.MADE	Universidade Estácio de Sá (RJ)	B2
Revista Administração em Diálogo (RAD)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)	B3
Revista Alcance	Universidade do Vale do Itajaí (Univali)	B2
Revista Brasileira de Finanças (RBFIn)	Sociedade Brasileira de Finanças (SBFin)	B1
Revista Brasileira de Gestão de Negócios (RBGN)	Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP)	A2
Revista Brasileira de Gestão e Inovação (RBGI)	Universidade de Caxias do Sul (UCS)	B3
Revista Brasileira de Marketing (REMark)	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	B1
Revista Capital Científico – Eletrônica (RCCe)	Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro)	B3
Revista Ciências Administrativas (RCA)	Fundação Edson Queiroz (FEQ)	B3
Revista de Administração (RAUSP)	Universidade de São Paulo (USP)	A2
Revista de Administração Contemporânea (RAC)	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD)	A2
Revista de Administração, Contabilidade e Economia (RACE)	Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unioesc)	B3
Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace (RACEF)	Fundação para Pesquisa e Desenvolvimento da Administração, Contabilidade e Economia (Fundace)	B3

(continuação)

Nome*	Mantenedora	Qualis
Revista de Administração da UFSM (REA UFSM)	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	B2
Revista de Administração da Unimep (RAU)	Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)	B2
Revista de Administração de Empresas (RAE)	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	A2
Revista de Administração e Inovação (RAI)	Universidade de São Paulo (USP)	B1
Revista de Administração Hospitalar e Inovação da Saúde (RAHIS)	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	B3
Revista de Administração IMED (RAIMED)	Faculdade Meridional / IMED	B3
Revista de Administração Mackenzie (RAM)	Universidade Presbiteriana Mackenzie	B1
Revista de Administração Pública (RAP)	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	A2
Revista de Administração, Sociedade e Inovação (RASI)	Universidade Federal Fluminense (UFF)	B3
Revista de Carreira e Pessoas (RECAPE)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)	B4
Revista de Ciências da Administração (RCA)	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	B1
Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (REGEPE)	Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (ANGEPE)	B1
Revista de Gestão (REGE)	Universidade de São Paulo (USP)	B1
Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade (GeAS)	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	B3
Revista de Gestão em Sistemas de Saúde (RGSS)	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	B3
Revista de Gestão e Projeto (GeP)	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	B2
Revista de Gestão e Secretariado (Gesec)	Sindicato das Secretárias e Secretários do Estado de São Paulo (SINSESP)	B2
Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade (RGFC)	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	B2
Revista de Gestão Social e Ambiental (RGSA)	Universidade de São Paulo (USP)	B1
Revista de Micro e Pequenas Empresas (RMPE)	Faculdade Campo Limpo Paulista (FACCAMP)	B1
Revista de Negócios	Universidade Regional de Blumenau (FURB)	B2
Revista de Tecnologia Aplicada (RTA)	Faculdade Campo Limpo Paulista (FACCAMP)	B3
Revista do Serviço Público (RSP)	Escola Nacional de Administração Pública (ENAP)	B4
Revista Eletrônica Científica do CRA-PR (RECC)	Conselho Regional de Administração do Paraná (CRA/PR)	B3
		(conclusão)
Nome*	Mantenedora	Qualis

Revista Eletrônica de Administração (REAd)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	B1
Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECAAdm)	Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais (Ibepes)	B1
Revista Eletrônica de Estratégia e Negócios (REEN)	Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul)	B2
Revista Eletrônica do Mestrado em Administração da Universidade Potiguar (RAUnP)	Universidade Potiguar (UnP)	B3
Revista Eletrônica Gestão e Serviços (REGS)	Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)	B3
Revista Gestão Organizacional (RGO)	Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)	B4
Revista Gestão & Planejamento (G&P)	Universidade Salvador (UNIFACS)	B2
Revista Gestão & Tecnologia (RG&T)	Fundação Pedro Leopoldo (FPL)	B3
Revista Ibero-Americana de Estratégia (RIAE)	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	B2
Revista Interdisciplinar de Gestão Social (RIGS)	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	B4
Revista Organizações em Contexto (ROC)	Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)	B1
Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (RPCA)	Universidade Federal Fluminense (UFF)	B2
Revista Pretexto	Universidade Fumec	B2
Teoria e Prática em Administração (TPA)	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	B2

*Foram criadas siglas para as revistas que não tinham com o propósito de se adequarem melhor ao espaço da Análise de Correspondência Múltipla.

Fonte: Elaboração própria (2019).

Ressalta-se que revistas de Finanças, Tecnologia, Contabilidade ou ainda com foco em outros temas também considerados na Administração, como no caso da BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos, da Revista Brasileira de Finanças (RBFin), da Revista de Tecnologia Aplicada (RTA), da Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade (RGFC), entre outras, fizeram parte deste estudo, pois não constavam na página a vinculação a programas. No entanto, outras revistas que mesmo sendo de áreas afins, mas que estavam vinculadas à programas que não eram específicos de Administração, foram desconsideradas.

As revistas científicas analisadas, compõem o campo de Administração, mesmo reconhecendo que existem mais revistas da área, o propósito foi buscar revistas que firmaram estratégias de autonomia ao estarem indexadas no *Spell*, que é um indexador brasileiro e de acesso aberto aos artigos, não remetendo a dependência de capital econômico elevado para ali estarem.

Bourdieu (1999) em sua pesquisa sobre o campo editorial, descarta as editoras pequenas que não tem o capital ou tempo necessário para terem se

estabelecido no campo. Aqui, no entanto, estaremos usando todas revistas que estavam indexadas na base de dados, até porque na análise preliminar realizada, pôde se perceber a falta de revistas de *Qualis* mais baixo, como B5 e C.

Para a construção do objeto e alcance do objetivo, a presente pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- 1) A primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico para a construção do referencial teórico, sendo abordado: a teoria dos campos sociais, o *habitus* como sistema de disposições para a prática e fundamento das condutas, o capital na sociologia de Bourdieu e a estrutura do campo científico.
- 2) Na segunda etapa foram feitas coletas exploratórias em fontes secundárias, visando artigos, editoriais, comunicações, relatos de experiência, bem como, consulta à *sites* de instituições com o propósito de compreender como se constitui o campo editorial da comunicação científica. Nesse capítulo foi entendido o contexto histórico do campo, foram descritos as regras que regem o campo, identificados os dispositivos normatizadores e identificados os instrumentos e agentes que compõem a estrutura do campo editorial da comunicação científica.
- 3) Foram feitas, para a terceira etapa, coletas no *Spell* e nas páginas das revistas em busca de aspectos que distinguissem uma revista da outra. Para essa etapa, foi utilizado um questionário *online* e a tabulação foi realizada com ajuda do *excel*. Na elaboração e análise de correspondência múltipla o *software R* foi utilizado, bem como, contou-se com a ajuda do Laboratório de Análise de Dados em Gestão e Economia (LADGE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
- 4) Já, a quarta etapa consiste nas entrevistas que foram realizadas com editores das revistas pré-selecionadas. Para a análise foi utilizada a Análise Temática.

A pesquisa envolve a apresentação do campo com os tipos de capitais em disputa, a apresentação das práticas e, posteriormente, do *habitus* do campo, ainda

que reconhecendo, como inicialmente abordado, que tanto as práticas, como o *habitus* específico do campo de Administração no Brasil, pode apresentar diferenças em nível individual, dado a multiplicidade de agentes que estão também ligados à outros campos.

3.1 Procedimento para a coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de fontes secundárias e primárias. Sendo que, os dados primários foram coletados através de entrevistas aos editores, enquanto que os dados secundários foram colhidos em *sítes* de instituições, no *Spell* e na página das revistas estudadas. Nessa seção, é apresentado o caminho percorrido para a coleta.

3.1.1 Pesquisa Documental

A pesquisa documental, como fonte de coleta de dados, se fez necessário para entendermos a normatização do campo editorial da comunicação científica em Administração no Brasil. Dessa forma, foi realizada a coleta de documentos que normatizam a conduta de editores e disciplinam os periódicos de Administração.

Além da coleta no *website* da Capes, foram colhidas as regras dos indexadores que são aceitos na área de Administração (*Scopus*, *SciELO* e *Redalyc*), bem como, a história do campo e da constituição dos indexadores, com o propósito de realizar a configuração do campo de forma mais real.

Foram executadas buscas nos *sítes* das bases, bem como, de artigos e editoriais que traziam como tema as especificidades dos indexadores ou indicadores cientométricos. Os documentos e literatura coletados nessa etapa foram usados para compor a análise temática, conforme subcapítulo 3.2.3. São eles: o Relatório de Avaliação Quadrienal 2017 da área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo e os critérios de avaliação encontrados nas páginas dos indexadores.

Além disso, foi criado um protocolo¹¹ para coleta de dados nas páginas das 79 (setenta e nove) revistas estudadas e na página do *Spell*. Para a elaboração do

¹¹ O protocolo consta no Apêndice 01.

protocolo de pesquisa, teve-se como referências o questionário apresentados por Bourdieu (1999) e a coleta realizada por Sapiro (2002), por tratar-se nos dois casos de uma configuração de editoras literárias, apesar do questionário se diferenciar em seu uso do protocolo. Assim, o protocolo foi construído como base nesses autores e do sistema editorial brasileiro, usando para isso a base teórica para fundamentar algumas escolhas.

As primeiras questões focaram em aspectos que, ao mesmo tempo são tidos como características, mas que também, em alguns casos, simbolizam capitais, como o ano de criação da revista, a classificação *Qualis*, a gestão da revista, tipo da instituição mantenedora, a região de localização da IES ligada a revista, se tem vínculo e a nota do PPG.

Em seguida, as questões se direcionaram para a constituição editorial das revistas. Para isso, as questões foram formuladas com o objetivo de conhecer a estrutura editorial, se tem mais de um editor-chefe, se possui todas as instâncias coletivas (conselho editorial, comitê científico) e se as funções são diferenciadas do padrão (conselho editorial, editor-chefe, editores associados, comitê científico, editor executivo).

A partir disso, focou-se em questões que representassem a forma como a revista é conduzida pelos editores, onde são indexadas (*Redalyc, SciELO, Scopus e/ou Web of Science*), a taxa de autocitação, os idiomas aceitos para publicação, observando também as regras do jogo. É importante olvidar que a forma de condução da revista, demonstra as estratégias utilizadas para a busca de capital. Muitas vezes, o editor conduz a revista através de uma prática que não ganhou a legitimidade do campo e por isso é abstrata.

Por fim, foram realizadas questões focando em aspectos próprios do campo editorial de comunicação científica, como o fator de impacto das revistas e se recebem bolsa CNPq/Capes. As respostas do protocolo foram utilizados em dois momentos, na apresentação da estatística descritiva e, também, no momento de reconhecer os capitais de disputa no campo¹² e de estabelecer o espaço do jogo. Além disso, alguns dados foram utilizados na análise temática. A coleta com o protocolo foi realizada do apoio do *Google* Formulários e tratada no *Excel*.

¹² As questões que designam os tipos de capitais acumulados pelas revistas são discutidas no subcapítulo 4.1.

3.1.3 Entrevistas

Sobre as entrevistas, Bourdieu (2008) explica que elas devem apresentar rigor sem ser rigorosa. Como o autor defende a sociologia reflexiva é evidente, aqui, o abandono de uma entrevista completamente estruturada, porém será utilizado a semiestruturada, ou seja, ela começa com perguntas já formuladas, mas tende a deixar o entrevistado mais confortável para responder. Depois, ela assume as características de um diálogo.

Para Bourdieu (2008), é importante que entrevistador tenha a prática do campo a ser pesquisado, já que assim as distorções podem ser corrigidas com maior facilidade. O conhecimento em relação aos autores a serem entrevistados é essencial para que a linguagem seja mais bem compreendida em uma entrevista (BOURDIEU, 2008), já que tendo as disposições do campo faz o agente apto a classificar as práticas de outros agentes (BOURDIEU, 2004a). Assim, cabe destacar que a autora dessa pesquisa é editora-chefe de uma revista científica de Administração.

O desenvolver da entrevista ocorreu a partir do convite realizado dia 9 de setembro de 2019, por *e-mail*, para 39 (trinta e nove) editores. No mesmo dia 05 (cinco) editores responderam. Posteriormente, outros 03 (três) editores retornaram o *e-mail* para agendar a entrevista, que assim como nos demais casos, foram realizadas via *Skype*. Cabe destacar, ainda, para a realização de uma entrevista presencial em um evento da área. Essas primeiras entrevistas foram realizadas dentro do período de 11 de setembro de 2019 a 9 de outubro de 2019.

No dia 28 de outubro de 2019, outros 09 (nove) foram convidados e mais 02 (duas) entrevistas foram realizadas, uma, no mesmo dia de envio do convite e outra no dia 1 de novembro de 2019, totalizando, assim, em 11 (onze) editores entrevistados, 6h54m (seis horas e cinquenta e quatro minutos) de gravação e 111 (cento e onze) páginas de transcrição. Essa parte da coleta foi encerrada após a saturação dos dados.

Com a finalidade de evitar a exposição dos editores entrevistados os chamaremos de acordo com o número correspondente na primeira coluna, conforme quadro 06, sendo que a utilização do *Qualis* da revista também se fez útil.

Quadro 6 – Editores Entrevistados

Entrevistado	Sexo	Qualis da revista
1	M	B2
2	F	B1
3	M	B1
4	M	B1
5	M	B3
6	M	B3
7	F	B2
8	M	B1
9	M	A2
10	F	A2
11	M	B3

Fonte: Elaboração própria (2019).

Todas as falas que continham o nome da revista em que os entrevistados são editores, tiveram o nome ocultado, bem como, qualquer dado que remetesse à sua identificação. Se a fala se mostrava muito evidente, a sua utilização foi realizada de maneira não literal. Alguns editores, tem sua formação vinculada a outra área, exercem a função de editor em revistas nessas áreas de formação, mas também na área de Administração.

A entrevista¹³ foi utilizada e formulada para responder à questão norteadora dessa pesquisa: como as relações de poder influenciam a prática editorial em revistas científicas da área de Administração? Assim, as questões realizadas levam em conta a configuração do campo editorial da comunicação científica em Administração, as relações de poder e a prática editorial.

3.2 Estratégias de análise dos dados

Para Bourdieu (2007, p. 467) ao apresentar os desdobramentos dos dados é importante ter o cuidado “[...] tanto a ênfase metodológica que mascara muitas vezes a ausência de toda reflexão real sobre as operações quanto a arrogância teórica que priva o leitor de todo instrumento de verificação [...]”. Nessa seção são apresentadas as estratégias utilizadas para a análise dos dados, isto é, são definidas a Estatística Descritiva, a Análise de Correspondência Múltipla e a Análise Temática.

¹³ O roteiro utilizado pra guiar as entrevistas se encontra no Apêndice 2.

3.2.1 Estatística Descritiva

A estatística descritiva é utilizada para descrever e resumir os dados, sendo uma etapa inicial da análise do que foi coletado. Lébaron (2006 *apud* MARTINS, 2015, p. 313) explica que “[...] as estatísticas descritivas permitem nos apropriarmos dos dados de nosso questionário e os colocarmos em perspectiva com outros trabalhos [...]”.

Além disso, Martins (2015) aponta que a estatística descritiva serve para provar problemáticas e hipóteses encontradas na teoria. Nessa pesquisa, foi utilizada a estatística descritiva para uma análise preliminar dos dados. Assim como Martins (2015), as tabelas apresentadas representam a posse de alguns capitais pelas revistas: como o econômico e simbólico.

A utilização da estatística descritiva se deu, em um primeiro momento, como método para a apresentação dos dados coletados com o protocolo que foi construído. Já, a “comparação” ocorreu entre esses dados apresentados, os dados dos documentos que foram pesquisados e as falas dos editores colhidas por entrevista.

3.2.2 Análise de Correspondência Múltipla

O método utilizado para tratar os dados coletados no *Spell* e nas revistas foi a Análise de Correspondência Múltipla (ACM). Tal método é proposto por Bourdieu (1999; 2007) para explorar o espaço social, sendo adaptado de um método estatístico.

Esse método permite uma visão espacial dos dados. De acordo com Rouanet, Ackerman e Le Roux (2005, p. 45) esse aspecto levou Bourdieu “[...] com o objetivo de analisar inquéritos e questionários, a preferir um método em que as diferenças, os desvios, traços distintivos entre indivíduos são calculados em termos “espaciais”[...]”. Para Martins (2015), na ACM os indivíduos são representados por uma “nuvem de pontos” distanciando um indivíduo do outro.

O formato das variáveis é dado da seguinte forma: quando os indivíduos não concordam com a resposta de uma dada questão, pode-se dizer que eles estão em desacordo. A distância dada aos indivíduos é obtida à partir de suas respostas em desacordo. A distância entre os indivíduos será maior quanto mais eles estiverem em desacordo (MARTINS, 2015, p. 316).

É importante olvidar que, nessa pesquisa, os indivíduos são representados por revistas científicas, utilizando como exemplo o campo editorial de Bourdieu (1999) e de Sapiro (2002), no entanto, a dinâmica é a mesma, se as revistas são geridas ou editadas através de condutas diferenciadas no campo editorial da comunicação científica, mais distante ela ficará de outras revistas, o que representa a distinção entre uma e outra.

Assim, a ACM além de ser um método de análise de dados, é também um meio de se estudar espaços geográficos “[...] por um lado, um espaço (análogo ao espaço físico) em que os indivíduos são localizados [...] por outro lado, e em representação simultânea com o espaço dos indivíduos, um outro espaço que demonstra a complexidade de relações estatísticas que expressam relações sociais [...]” (ROUANET; ACKERMAN; LE ROUX, 2005, p. 46).

No subcapítulo 4.1 é possível verificar como os dados foram utilizados para a definição das categorias disputadas pela revista e para a configuração do espaço das 79 revistas de Administração. Além disso, dois gráficos (Gráfico 03 e 04) foram criados, para fins dessa pesquisa, e que demonstram mais claramente a luta pelos capitais. Os gráficos foram criados por meio do *software* R.

3.2.3 Análise Temática

Na análise das entrevistas foi realizada a identificação de temáticas. O uso da análise temática decorre da ideia de que ele é um método independente da epistemologia ou teoria, conforme afirmam Braun e Clarke (2006).

De acordo com Aronson (1994), a análise temática foca em temas e padrões observados nas entrevistas. O primeiro passo, então, é coletar os dados, e após a transcrição que são identificados alguns padrões que podem ser listados tanto através de citações diretas, como pode ser parafraseado, explica o autor. Esses padrões são “tópicos de conversação, vocabulário, atividades recorrentes, significados, sentimentos ou provérbios e provérbios populares” (TAYLOR; BOGDAN, 1989, p.131 apud ARONSON, 1995, p. 2).

Braun e Clarke (2006) apontam que tudo que é identificado, codificado e analisado precisa ser reflexo de todo conteúdo dos dados coletados. Assim a “análise temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que

potencialmente resulta em um relato rico e detalhado, mas complexo de dados” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 5). Os temas reunidos formam uma “imagem abrangente” das experiências que ocorrem com os indivíduos (ARONSON, 1995), ou nesse caso, com os agentes no campo possibilitando que se compreenda, inclusive, a sua configuração.

Para Braun e Clarke (2006), a importância de um tema, na análise temática, não reside em quantidade e sim na relação com a questão de pesquisa, o que o difere de métodos como a análise de conteúdo. Os temas podem ser identificados em vários momentos da entrevista em si, aparecendo em qualquer lugar ou mesmo ser decorrente de uma pergunta específica, a flexibilidade do método vem, justamente, da forma maleável que se tem para definir os temas (BRAUN; CLARKE, 2006).

Dessa forma, os temas e subtemas identificados foram: a política *Qualis* Capes, os indicadores cientométricos e indexadores, a internacionalização (publicar apenas em inglês, parceria com editoras, pagar pra ter acesso), a política de concessão de fomento. Tais temas e subtemas nos ajudam a estruturar o campo editorial da comunicação científica.

Em relação aos agentes integrantes no campo, como as entrevistas tiveram foco no editor, os seguintes temas e subtemas foram identificados: o interesse do docente e o campo científico, o trabalho do editor e o alvo no jogo, o trabalho desempenhado pelo editor, a relação do editor com a instituição mantenedora, a relação do editor com a equipe editorial, a relação do editor com os avaliadores e autores, as relações de interesse entre o editor e o campo (do editor para com o campo e do campo para com o editor) e as relações entre editores da área de Administração.

4 O ESPAÇO DE JOGO DAS REVISTAS DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

Para entender como esta configurado o espaço das revistas de Administração no Brasil é necessário uma noção da gênese social do campo acadêmico e científico, a apresentação das distinções entre revistas ou entre os grupos de revistas e, também, dos tipos de capitais em disputa no campo.

A Administração surgiu no Brasil, um século depois da sua consolidação nos Estados Unidos, sendo que a profissão foi inserida na legislação brasileira em 1930, na reforma administrativa que criou o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) (STORK, 1983). Em 1944 a Fundação Getúlio Vargas é criada pelo Decreto nº 6.693, porém, foi após a Segunda Guerra Mundial que o Brasil experimenta um crescimento industrial sendo, assim, exigido maior capital, mão de obra especializada, tecnologias e uma maior capacidade gerencial, conforme esclarece Stork (1983).

Nesse período foi registrado a criação da Escola Superior de Administração de Negócios (Esan), pelo Padre Sabóia de Medeiros, e o Instituto de Organização do Trabalho (Idort), pelo Armando Salles de Oliveira (STORK, 1983). A autora ainda cita que em 1946, criou-se o Instituto de Administração da Universidade de São Paulo (USP) ; em 1952, a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) e em 1954, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), ambas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), apontando dessa forma para as instituições que tiveram papel importante na constituição do campo.

Os periódicos foram essenciais em vários campos. Na Administração eles fazem parte do estabelecimento de disciplinas e na criação de áreas, delimitando então o campo acadêmico e o científico (FILGUEIRAS, 2017; MELLO, 1968, TONELLI, 2017; TONELLI, 2018). Os primeiros periódicos que surgiram na área foram a Revista do Serviço Público (RSP)¹⁴ em 1937, Revista de Administração da Universidade de São Paulo (RAUSP) em 1947, Revista de Administração de Empresas (RAE) e a Revista de Administração Pública (RAP) em 1961 e 1967,

¹⁴ A RSP teve seu primeiro número editado pelo Conselho Federal do Serviço Público Civil, órgão instituído no governo de Getúlio Vargas. Posteriormente, o órgão foi extinto e transformado em Departamento de Administração do Serviço Público (DASP). A RSP foi interrompida duas vezes, no período de 1975 a 1980, e no período de 1990 a 1993. Atualmente, a revista é mantida pela Fundação Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) (Dados retirados do *site* da revista).

respectivamente. Sendo que essas revistas tem a sua criação vinculada ao DASP, à USP e FGV, respectivamente.

Nesse mesmo período surgiram as agências de avaliação e fomento, que, atualmente, delimitam o campo. A tabela 02 apresenta o período de criação das revistas estudadas, que foram reunidos nas seguintes categorias: “Abaixo de 1983”, “De 1983 a 1993”, “De 1994 a 2004” e “Depois de 2004” (conforme tabela 2).

Tabela 2 – Ano de criação das revistas

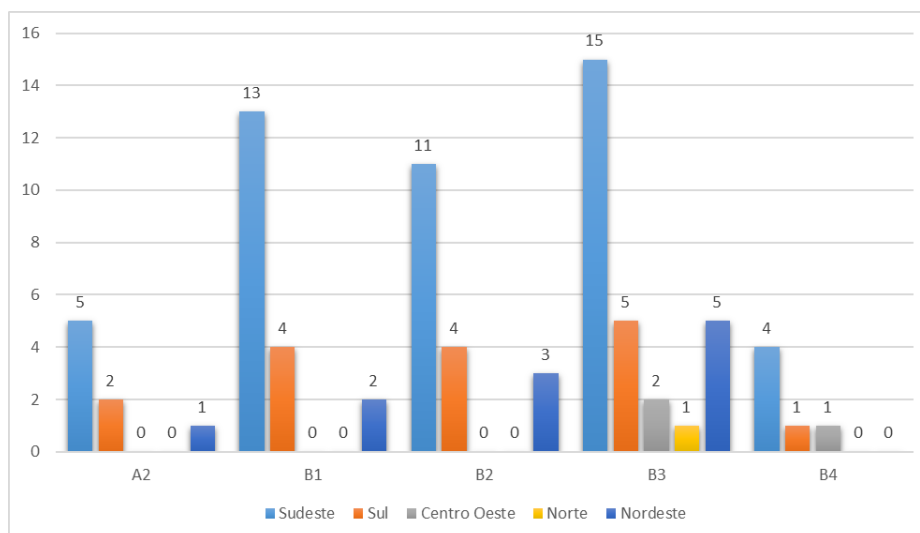
	Antes de 1983		De 1983 a 1993		De 1994 a 2004		Depois de 2004	
	N	%	N	%	N	%	N	%
A2	3	75,00	1	50,00	4	12,50	-	-
B1	-	-	-	-	15	46,87	4	9,75
B2	-	-	-	-	8	25,00	10	24,39
B3	-	-	1	50,00	5	15,63	22	53,65
B4	1	25,00	-	-	-	-	5	12,19

Fonte: Elaboração própria (2019).

Das revistas criadas em anos anteriores a 1983, 75% são A2, 46,87% das revistas criadas no período de 1994 a 2004 são B1, das criadas depois de 2004 53,65% são B3. Já, em relação às revistas criadas no período de 1983 a 1993, 50% é A2 e 50% é B3.

Em relação à região geográfica da instituição, o gráfico 1 apresenta os dados.

Gráfico 1 – Região Geográfica



Fonte: Elaboração própria (2019).

Verifica-se que existe na região sudeste um maior percentual de revistas, o que pode ser explicado pelo alto número de PPG's de Administração. A região centro-oeste e norte são as que concentram o menor número de revistas.

No Brasil, as revistas na sua maioria são geridas por instituições de ensino ou de pesquisa, o que difere de outros países em que suas gestões são realizadas por editoras comerciais (GRANČAY; VVEINHARDT; ŠUMILO, 2017; ROSSONI, 2018a). Na tabela 3 apresentamos esse dado em um cruzamento com o *Qualis* da revista.

Tabela 3 – A gestão das revistas

	A2		B1		B2		B3		B4	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
IES	5	62,50	14	73,68	17	94,44	27	96,43	6	100
IAP	2	25,00	2	10,52	1	5,55	-	-	-	-
EC	1	12,50	2	10,52	-	-	-	-	-	-
Outros	-	-	1	5,26	-	-	1	3,57	-	-

Legenda: IES = Instituição de Ensino; IAP= Instituição ou Associação de Pesquisa; EC= Editora Comercial.

Fonte: Elaboração própria (2019).

Percebe-se que 62,5% das revistas de Administração de *Qualis* A2 são geridas por Instituição de Ensino (IES), 25% por Instituição ou Associação de Pesquisa (como ANPAD e Ibepes) e 12,5% por Editora Comercial (*Emerald*). Das revistas classificadas com B1, 78,94% são geridas por IES, 10,52% por Instituição ou Associação de Pesquisa (como ANGRAD e ANGEPE), 10,52% por Editora Comercial e 5,26% por outros (como sindicatos). As revistas de *Qualis* B2, B3 e B4 são na sua maioria, senão a totalidade, geridas por IES, com percentual de 94,44%, 96,43% e 100% respectivamente.

Rossoni (2018a) afirma que sendo a revista gerida por instituições de ensino, o seu reconhecimento pode ter relação com o prestígio que a instituição tem no campo. O mesmo é percebido por revistas que são geridas por associações ou instituições de peso, como ANPAD, ANGEPE, entre outras. Além disso, ao ser gerida por IES o periódico pode ser vinculado a um PPG, sendo que a nota do programa também repassa capital simbólico para a revista.

As questões que verificavam se a revista tinha vínculo com PPG e a nota do programa, foram reunidas (Tabela 4).

Tabela 4 – Nota do PPG de vínculo das revistas

	A2		B1		B2		B3		B4	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sem vínculo	4	50,00	9	47,36	6	33,33	5	17,85	1	16,70
De 1 a 3	-	-	1	5,26	1	5,55	6	21,42	2	33,30
De 4 a 5	1	12,50	7	36,84	11	61,11	16	57,14	3	50,00
De 6 a 7	3	37,50	2	10,52	-	-	1	3,57	-	-

Fonte: Elaboração própria (2019).

O que se nota na tabela 4 é que 50% das revistas A2 não tem vínculo com PPG, como 37,5% das revistas A2 eram geridas por instituição ou associação de pesquisa e por editora comercial (Tabela 3), observa-se que 17,5% das revistas geridas por instituição de ensino não tem um vínculo com PPG. Verifica-se, ainda, que 37,5% das revistas de *Qualis* A2 tem vínculo com PPG de nota 6 ou 7, sendo que todas as instituições que congregam esses PPG's são da região sudeste (RAP RAUSP, RAE).

Outro valor significativo é das revistas de estrato B2, em que 61,11% são de revistas ligadas a PPG's de nota 4 ou 5, dessas revistas 54,54% são de instituições da região sudeste, 36,36% da região sul e 9,09% da região nordeste. Nenhuma revista B4 tem ligação com PPG de nota 6 ou 7, mas 50% das revistas nesse estrato são vinculados a PPG's de nota 4 ou 5 e 33,33% dessas são de instituições do tipo privada (CPA, RGO).

Em relação às revistas geridas por editora comercial, conforme tabela 03, o que se percebe é que elas já possuem reconhecimento do campo já que estão vinculadas a programas com notas elevadas e instituições de prestígio, mas os editores desses periódicos procuram a parceria das editoras para ter visibilidade no âmbito internacional também.

Para ter visibilidade internacionalmente os editores procuram, ainda, a indexação em bases de dados que já são reconhecidas nesse contexto, como a *Scopus* e *Web of Science*.

Tabela 5 – Revistas indexadas no Scopus

	Indexadas no Scopus			
	Sim		Não	
	N	%	N	%
A2	4	66,66	4	5,55
B1	3	33,33	16	22,22
B2	-	-	18	25,00
B3	-	-	28	38,88
B4	-	-	6	8,33

Fonte: Elaboração própria (2019).

Em relação à indexação na *Scopus*, quatro (RAE, BAR, RBGN, e RAP) das oito revistas A2 estão nessa base de dados. Entre as revistas de *Qualis* B1, três (BBR, G&P e RGSA) das dezenove estudadas estão na *Scopus*. Verifica-se, ainda, que das revistas classificadas como B2, B3 e B4, nenhuma estão indexadas no *Scopus*.

Ao estarem indexadas nessa base é possível verificar também o fator de impacto. A tabela 6 apresenta esses resultados, em um comparativo entre os anos de 2013, 2014, 2015 e 2016.

Tabela 6 – Fator de Impacto dos Periódicos no Scopus

Fator de Impacto Scopus - SJR						
Estrato	H-Scopus	Periódicos	2013	2014	2015	2016
A2	11	Revista de Administração Pública	0,202	0,213	0,216	0,236
A2	9	<i>Brazilian Administration Review</i>	0,164	0,175	0,198	0,182
A2	5	Revista Brasileira de Gestão e Negócios	0,129	0,194	0,150	0,181
A2	7	Revista de Administração de Empresas	0,203	0,201	0,206	0,155
B1	1	Revista de Gestão Social e Ambiental	0,000	0,101	0,142	0,145

Fonte: Adaptado com base em Rosa e Romani- Dias (2019).

Como se percebe as revistas A2 mantém o fator de impacto crescendo ou caindo pouco ao longo dos anos, com exceção da RAE que apresentou uma queda bem acentuada de 2015 para 2016 no *Scopus*. É importante ressaltar que a *Brazilian Business Review* (BBR) está indexada na base de dados, porém não apresenta os dados da tabela para comparação, já que a indexação é recente.

Na base de dados da *Web of Science*¹⁵ apenas a RAE e RBGN estão indexadas. Rosa e Romani-Dias (2019) apontam que em relação ao impacto JCR as

¹⁵ Algumas revistas que estão em processo de aceite para indexação ficam em uma lista de periódicos emergentes (*Emerging Source Citation Index*) com o propósito de ganhar mais

duas revistas cresceram no quadriênio 2013 - 2016, passando de 0,185 para 0,408 e de 0,042 para 0,153, respectivamente. No entanto, os autores apontam para um cenário não tão positivo frente a internacionalização e aumento do impacto.

De acordo com Rosa e Romani-Dias (2019), existe uma alta porcentagem de autocitação desses periódicos na *Web of Science*, sendo que 46,1% das citações da RAE e 40% da RBGN, são autocitações. No caso da RBGN, é ainda possível verificar que ela não é citada por nenhum periódico nacional, diferente da RAE em que 83,1% das citações foram feitas por revistas nacionais (ROSA; ROMANI-DIAS, 2019).

Outro fator que indica a intenção das revistas na internacionalização é o idioma, conforme (DINIZ, 2017). Apresentamos na tabela 7 o idioma aceito pelas revistas para a publicação de artigos.

Tabela 7 – Idioma aceito pelas revistas

	A2		B1		B2		B3		B4	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
AI	2	25,00	2	10,52	1	5,55	2	7,14	-	-
AP	-	-	3	15,78	4	22,22	3	10,71	1	16,66
PI	2	25,00	5	26,31	7	38,89	5	17,85	2	33,33
PIE	3	37,50	8	42,10	6	33,33	18	64,28	3	50,00
PIEF	1	12,50	1	5,26	-	-	-	-	-	-

Legenda: AI= Apenas Inglês; AP= Apenas Português; PI= Português e Inglês; PIE= Português, Inglês e Espanhol e; PIEF= Português, Inglês, Espanhol e Francês.

Fonte: Elaboração própria (2019).

Percebe-se que nenhuma das revistas A2 são editadas ou aceitam apenas artigos em português, mas 37,5% aceitam artigos em português, inglês e espanhol, 25% em português e inglês, 25% são editadas em inglês e 12,5% em português, inglês, espanhol e francês. Dos estratos B1, B2, B3 e B4 poucas aceitam apenas artigos em inglês.

Em relação ao *SciELO*, um indexador de acesso aberto e com maior peso no contexto nacional. A tabela 8 apresenta os dados:

citações, estão nessa lista os seguintes periódicos: NAVUS, RAD, RAUSP, Gesec, REEN, RGO e RG&T. No entanto, isso não foi contato como algo que proporcionasse maior hierarquia.

Tabela 8 – Revistas indexadas na base SciELO

	Indexadas na SciELO			
	Sim		Não	
	N	%	N	%
A2	8	61,53	-	-
B1	5	38,46	14	21,21
B2	-	-	18	27,27
B3	-	-	28	42,42
B4	-	-	6	9,09

Fonte: Elaboração própria (2019).

Nota-se que das revistas classificadas como A2, todas são indexadas no SciELO. Em relação as revistas com *Qualis* B1, cinco estão na base de dados (BBR, G&P, JISTEM, REAd e RAM). Das classificadas como B2, B3 e B4, nenhuma estão na base de dados.

Na tabela 9 apresenta-se o fator de impacto no SciELO.

Tabela 9 – Fator de Impacto do Periódicos no SciELO

Fator de Impacto SciELO – 2 anos					
Estrato	Periódicos	2013	2014	2015	2016
A2	Revista de Administração Pública	0,114	0,173	0,149	0,306
A2	Revista de Administração de Empresas	0,304	0,280	0,310	0,283
A2	Revista de Administração Contemporânea	0,172	0,214	0,263	0,216
A2	<i>Brazilian Administration Review</i>	0,105	0,105	0,146	0,196
A2	Revista de Administração da USP	0,164	0,114	0,123	0,167
A2	Cadernos EBAPE.BR	0,195	0,202	0,295	0,138
B1	Read Revista Eletrônica de Administração	0,083	0,117	0,067	0,117
B1	<i>Journal of Information Systems and Technology Management</i>	0,000	0,034	0,077	0,062
B1	Revista de Administração Mackenzie	0,088	0,090	0,104	0,029
A2	<i>Brazilian Business Review</i>	0,000	0,000	0,000	0,000
A2	Organizações & Sociedade	0,066	0,093	0,000	0,000
A2	Revista Brasileira de Gestão de Negócios	0,000	0,000	0,000	0,000

Fonte: Adaptado com base em Rosa e Romani-Dias (2019).

No SciELO algumas revistas de *Qualis* inferior tem ultrapassado o fator de impacto de periódicos A2, como o *Journal of Information Systems and Technology Management* (JOSCM) e a Revista de Administração Mackenzie (RAM).

O Redalyc também é um indexador de acesso aberto, porém, tem uma relevância internacional, ainda que não nos EUA. Na tabela 10 apresentamos os dados das revistas que estão indexadas no Redalyc.

Tabela 10 – Revistas Indexadas no *Redalyc*

	Indexadas Redalyc			
	Sim		Não	
	N	%	N	%
A2	8	24,24	-	-
B1	10	30,3	9	19,56
B2	8	24,24	10	21,73
B3	6	18,18	22	47,82
B4	1	3,03	5	10,86

Fonte: Elaboração própria (2019).

No *Redalyc* assim como no *SciELO* todas revistas classificadas como A2 estão na base de dados. Dez revistas classificadas como B1 estão indexadas no *Redalyc*, que são: APGS, BASE, BBR, REAd, RBFin, RAI, RAM, RCA UFSM, REGEPE e RECADM. Em relação as de *Qualis* B2, B3 e B4 que não estão em outras bases, oito (RAEP, G&R, Revista Alcance, ReA UFSM, RAU, FACES, Gesec e RIAE), seis (FUTURE, IJI, InternexT, NAVUS, RAD e RCA) e uma (RIGS), respectivamente, estão na base de dados da *Redalyc*.

O *Redalyc* não apresenta indicador cientométricos, mas, em relação ao *Spell* no quadro 7 é possível verificar a classificação das revistas por fator de impacto (2 anos e 5 anos).

Quadro 7– Revistas por fator de impacto no *Spell*

FI 2 ANOS	Periódicos	FI 5 ANOS	Periódicos
Até 0,218	APGS, AOS, CPA, CGPC, Contextus, Desaiio Online, FUTURE, G&C, GESTÃO.Org, GES, Interface, IJI, InternexT, JISTEM, JOSCM, NAVUS, OR&A, P&R, PG&C, RACE, RAUnP, Reunir, RAD, ADM.MADE, RAPE, RBFin, RBGN, RBGI, RCCe, RMPE, RACEF, ReA UFSM, RHAIS, RASI, RECAPE, REGEPE, RGSS, GeP, Gesec, RGFC, RGSA, Revista de Negócios, RTA, RSP, RECC, RECADM, REEN, REGS, RGO, RG&T, RIGS, Revista Pretexto, TPA.	Até 0,269	APGS, AOS, CPA, CGPC, Contextus, Desafio Online, FUTURE, G&C, GESTÃO.Org, GES, G&R, Interface, IJI, JISTEM, JOSCM, NAVUS, OR&A, P&R, PG&C, RACE, RAUnP, Reunir, RAD, ADM.MADE, RBGI, RCCe, RCA, RMPE, RACEF, ReA UFSM, RAHIS, RAIMED, RASI, RECAPE, RGSS, GeP, gESEC, RGFC, RGSA, Revista de Negócios, RTA, RSP, RECC, RECADM, REEN, REGS, G&P, RG&T, RIGS, Revista Pretexto.
De 0,219 a 0,437	BASE, BAR, BBR, CEBAPE, G&R, REAd, Revista Alcance, REMark, RCA, RAUSP, RAU, RAI, FACES, RAIMED, RCA UFSC, REGE, GEAS, G&P, ROC, RPCA.	De 0,270 a 0,539	RAEP, BAR, InternexT, REAd, Revista Alcance, RBFin, RBGN, RAU, RAI, FACES, RCA UFSC, REGEPE, REGE, GEAS, RGO, RIAE, ROC, RPCA, TPA.
De 0,438 a 0,656	O&S, RAM, RIAE, RAP.	De 0,540 a 0,809	BASE, BBR, CEBAPE, O&S, REMark, RAUSP, RAM, RAP.

FI 2 ANOS	Periódicos	FI 5 ANOS	Periódicos
Maior que 0,656	RAC, RAE.	Maior que 0,809	RAC,RAE.

Fonte: Elaboração própria (2019).

Já a taxa de autocitação no *Spell* pode ser verificada na tabela 11.

Tabela 11 – Taxa de autocitação das revista no *Spell*

	A2		B1		B2		B3		B4	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 25%	8	100	17	89,47	14	77,78	17	60,71	5	83,30
De 26% a 51%	-	-	2	10,52	2	11,11	5	17,85	1	16,70
De 52% a 77%	-	-	-	-	2	11,11	5	17,85	-	-
À partir de 78%	-	-	-	-	-	-	1	3,57	-	-

Fonte: Elaboração própria (2019).

Todas revistas A2 tem baixa taxa de autocitação, demonstrando que a equipe editorial fica atenta a esse critério, já que não tem uma relevância positiva em alguns indexadores. Analisando os estratos A2, B1, B2 e B3 percebe-se um aumento da taxa de autocitação, porém, as revistas com estrato B4 ainda possuem taxa de autocitação baixa, o que pode simbolizar a recente entrada dessas revistas no campo. Das revistas classificadas com B3, por exemplo, uma delas tem a maior taxa de autocitação (RASI).

No meio da coleta de dados, identificou-se que uma das revistas classificadas como B3 estava mudando a estratégia, buscando o capital econômico. No caso citado, a revista passaria a cobrar dos autores uma taxa caso seu artigo fosse publicado. Por ser apenas uma revista, identificamos ela como uma prática ainda abstrata e não legitimada no campo. Ainda que, de acordo com a estrutura histórica do campo essa prática fosse previsível, pois em outros países é algo legítimo.

Outros dados coletados estão relacionados com a estrutura editorial das revistas pesquisadas, ainda que não ajude a identificar capitais de disputa no campo, pode servir para entender melhor o campo como um todo. Na questão da constituição editorial das revistas, a tabela 12 apresenta as revistas que tem mais de um editor.

Tabela 12 – Estrutura editorial composta por mais de um editor

	Revistas com mais de um editor-chefe	
	N	%
A2	1	4,76
B1	4	19,04
B2	3	14,28
B3	11	52,38
B4	2	9,52

Fonte: Elaboração própria (2019).

Verifica-se que entre as revistas com mais de um editor, apenas uma é classificada como A2 (CEBAPE.BR). Das revistas classificadas como B1, quatro (BASE, OR&A, REMark e RAI) possuem mais de um editor. Cabe ressaltar que aqui também foram contabilizadas as revistas que possuem na equipe, o editor-chefe e o editor científico pois, não constam diferenças significativas entre os dois. Em relação as revistas classificadas como B2, B3 e B4, 76,19% possuem mais de um editor.

No entanto, algumas revistas possuem editores adjuntos, conforme Tabela 13, que substituem o editor-chefe caso necessário.

Tabela 13 – Estrutura editorial composta por editor ajunto

	Revistas com editor adjunto	
	N	%
A2	2	12,50
B1	5	31,25
B2	6	37,50
B3	3	18,75
B4	-	-

Fonte: Elaboração própria (2019).

Nesse caso, percebe-se que das revistas classificadas como A2, duas (RAE e RAP) possuem editor adjunto, e das classificadas como B1, cinco (APGS, BBR, CGPC, RAI e REGE). Nota-se ainda que todas vinculadas a FGV (RAE, RAP e CGPC) possuem essa mesma estrutura, demonstrando a influência da instituição na padronização da constituição editorial das revistas. Das revistas classificadas como B2 e B3, 56,25% possuem editor adjunto, e nenhuma das classificadas com B4 possuem o editor adjunto.

Em relação às demais instâncias editoriais, a tabela 14 apresenta as revistas que possuem editores associados, corpo editorial científico e conselho editorial.

Tabela 14 – Agentes e Instâncias coletivas que estruturam as revistas

	Editores Associados				Corpo Editorial Científico				Conselho Editorial			
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
A2	3	8,33	5	11,62	7	13,46	1	3,70	3	5,08	5	25,00
B1	11	30,55	8	18,60	14	26,92	5	18,51	17	28,81	2	10,00
B2	8	22,22	10	23,25	12	23,07	6	22,22	13	22,03	5	25,00
B3	11	30,55	17	39,53	16	30,76	12	44,44	20	33,89	8	40,00
B4	3	8,33	3	6,97	3	5,76	3	11,11	6	10,16	-	-

Fonte: Elaboração própria (2019).

Nota-se que as revistas científicas em maior parte possuem o Conselho Editorial (74,68% das revistas pesquisadas), que conforme visto estabelece a política editorial da revista, podendo ser executivo ou apenas consultivo.

Dentre as revistas classificadas como A2, sete (CEBAPE, O&S, RAC, RAE, RBGN, RAUSP e RAP) são compostas por Corpo Editorial Científico e dentre as classificadas como B1, quatorze (BASE, BBR, CGPC, Contextus, JISTEM, OR&A, RBFin, REMark, RAI, RAM, REGEPE, REGE, RGSA e ROC) também possuem essa instância coletiva.

Em relação aos editores associados que podem substituir o Corpo Editorial Científico, três (RAC, BAR e RBGN) das classificadas como A2, onze (APGS, BBR, Contextus, JISTEM, REAd, RBFin, REMark, RAI, RCA UFSC, REGE e RGSA) revistas B1 e oito (GES, G&R, Revista Alcance, RAU, FACES, Gesec, RIAE e TPA) possuem editores associados como membros da equipe editorial. Cabe retomar, que ter editores associados não é obrigatório, mas eles ajudam a diminuir a carga de trabalho dos editores.

Ainda na constituição editorial, uma função que é menos científica e mais administrativa é a dos editores executivos. A tabela 9 apresenta o percentual de revistas que possuem esses agentes.

Tabela 15 – Estrutura editorial composta por Editor Executivo

	Revistas com editor executivo	
	N	%
A2	5	17,24
B1	8	27,58
B2	7	24,13
B3	8	27,58
B4	1	3,44

Fonte: Elaboração própria (2019).

Nessa tabela é possível verificar que cinco (RAC, BAR, CEBAPE, RBGN e RAP) das revistas classificadas como A2, oito (APGS, BBR, RAI, RCA UFSC, REGEPE, REGE, RGSA e ROC) das classificadas como B1, sete (RAEP, GES, G&R, Revista Alcance, GeP, Gesec e REEN) das classificadas como B2, oito (FUTURE, Interface, IJI, InternexT, JOSCM, RACE, RAHIS e RAIMED) das revistas B3 e uma (RSP) B4, possuem editores associados. No entanto, 63,29% do total de revistas estudadas não possuem editores executivos em sua composição editorial.

4.1 Tipos de capitais em disputa no jogo

Para a construção do espaço das revistas foram considerados onze variáveis, das pesquisadas, divididas em quatro grupos, usando de base o Bourdieu (1999). Essas categorias representam o capital em disputa no espaço da comunicação científica, o capital específico do campo, que assim como no campo científico designa uma espécie de capital simbólico, vinculado ao reconhecimento que a revista possui no campo.

É importante destacar, que o capital científico também poderia fazer parte do jogo, porém, seria inviável nessa pesquisa a identificação do capital científico acumulado nas revistas através da análise dos integrantes da equipe editorial.

4.1.1 Prática voltada para internacionalização

Nessa pesquisa optou-se pelo uso da variável “idioma” com o objetivo de identificar como é a dinâmica dessa prática no campo, já que a internacionalização é bastante discutida. O idioma é definido como um “peso no mercado” por Bourdieu (1999) ao definir o campo editorial literário, porém como visto na revisão de literatura

existe uma opção de alguns editores por essa prática, como uma alavanca para maior visibilidade no contexto internacional.

Assim, foi identificado o idioma aceito para a submissão e publicação dos artigos, distinguindo as revistas em cinco grupos: “Apenas Inglês” (8), “Apenas Português” (11), “Português e Inglês (21), “Português, Inglês e Espanhol” (37) e “Português, Inglês, Espanhol e Francês” (2).

4.1.2 Capital Simbólico Acumulado

Para a construção desse grupo foi utilizado a variável referente a criação da revista, pois o tempo e a história no campo designam reconhecimento à revista. Como dito anteriormente, algumas revistas foram criadas juntamente com o campo de Administração. Nessa variável as revista foram divididas em quatro grupos, que são: “Antes de 1983” (4), “De 1983 a 1993” (2), “De 1994 a 2004” (32), “Depois de 2004” (41).

Outra variável que também se caracteriza como um capital simbólico acumulado, porém esse advém do campo científico, é a questão de estar ou não vinculado à um PPG e a nota do PPG. A nota do PPG é uma forma de reconhecimento, ele adquire capital simbólico. A revista vinculada a esse PPG acaba recebendo esse prestígio, de forma bem simbólica. Nesse caso, as duas variáveis foram unidas e divididas da seguinte forma: “Sem vínculo” (25), está vinculado a programa de notas “1 a 3” (10), “4 a 5” (38) e “6 a 7” (6).

4.1.3 Capital Simbólico Específico

O capital específico, como visto, é o capital em disputa no campo editorial da comunicação científica, pois a sua posse, geralmente se refere ao poder que a revista tem no campo. Para construir esse grupo foram utilizadas as variáveis referentes ao *Qualis* da revista, ao fator de impacto, a taxa de autocitação e as indexações.

Em relação ao *Qualis* da revista junto à Plataforma Sucupira, e que por si só já estabelece a posição das revistas, a variável foi dividida em cinco grupos “A2” (8), “B1” (19), “B2” (18), “B3” (28) e “B4” (6).

Para medir o êxito da revista no campo, foi utilizado o fator de impacto, que mede a visibilidade da revista, e distinguiu as revistas em quatro categorias: “Até 0,269” (50), “De 0,270 a 0,539” (19), “De 0,540 a 0,809” (8) e “Maior de 0,809” (2).

A taxa de autocitação também são variáveis importantes para o acúmulo de capital simbólico. A variável autocitação foi dividida em quatro: “Até 25%” (60), “De 26% a 51%” (11), “De 52% a 77%” (7) e “Á partir de 78%” (1).

Outras três variáveis são a indexação em bases de dados comerciais como o *Scopus* e *Web of Science*, sendo que no *Scopus* apenas 7 (sete) revistas estão na base de dados e 72 (setenta e duas) não estão. Na *Web of Science* foi verificado que duas revistas estão na coleção principal, tendo por isso o fator de impacto contabilizado no JCR, 76 (setenta e seis) não estão no indexador.

A indexação da revista no *SciELO* também se traduz em capital simbólico para a revista, no entanto, por ser um indexador brasileiro seu peso é maior no campo editorial da comunicação científica brasileiro. Nessa variável, divididas em duas categorias “Sim” e Não”, 13 (treze) revistas estão indexadas no *SciELO* e 66 (sessenta e seis) não estão indexadas.

A indexação no Redalyc, ainda que como menor peso, também constitui um capital específico do campo, sendo que 33 (trinta e três) revistas constam indexadas na base de dados e 46 (quarenta e seis) não estão.

4.1.4 Capital Econômico

Em relação à política de fomento do CNPq ou Capes que significa maior posse de capital econômico e também capital simbólico, a variável foi dividida em dois grupos. Dessa forma, 10 (dez) revistas possuem bolsa pelo Programa Editorial da CNPq/Capes e 69 (sessenta e nove) não possuem. Cabe ressaltar que o capital econômico também está relacionado com o apoio e poder institucional, o que discutiremos com base nas entrevistas no subcapítulo 4.4.

4.2A análise de correspondência na definição do espaço de jogo

A análise de correspondência múltipla é uma adaptação de um método estatístico e utilizado para a definição do campo social ou do espaço do jogo (BOURDIEU, 1999; 2007; MARTINS, 2015; ROUANET; ACKERMAN; LE ROUX,

2005, SAPIRO, 2002). Nos gráficos são apresentadas as posições das revistas, os capitais em disputa, assim como, algumas práticas.

Em suma, é possível ver como se opõem, sob a relação do volume global do capital possuído, as grandes [revistas] antigas que acumulam todas as espécies de capital – econômico, [científico] e simbólico – [...] e as pequenas [revistas] recentes que, estando na fase inicial de acumulação de capital, são menos ou mais desprovidas de toda espécie de capital (BOURDIEU, 1999, p. 219, acréscimo nosso).

No gráfico 01, verifica-se a estrutura do campo compreendida pela Análise de Correspondência Múltipla.

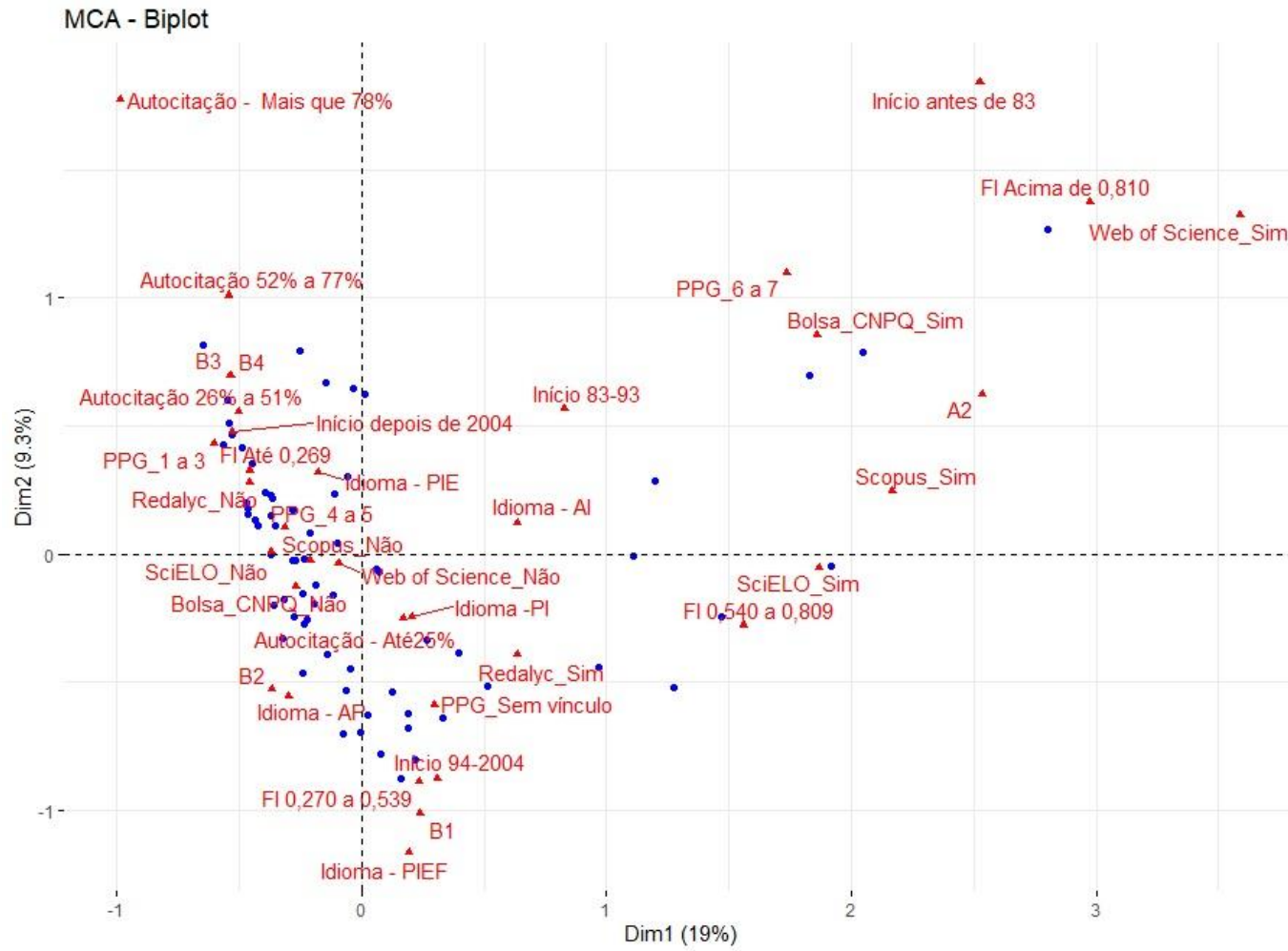
Gráfico 2 –Estrutura simplificada do campo



Fonte: Elaboração própria.

As revistas que se localizam no quadrante superior direito possuem, então, maior posse de capital e as práticas são mais voltadas para a internacionalização, através da indexação ou da publicação em inglês. As do quadrante inferior direito tem maior posse de capital, mas não tem tantas práticas voltadas para a internacionalização. As posicionadas no quadrante inferior esquerdo tem menor volume de capital e não possuem práticas voltadas para a internacionalização. As localizadas no quadrante superior esquerdo tem volume de capital inferior, mas algumas revistas publicam em inglês. Ainda, assim, muitas do quadrante superior esquerdo tem uma visão mais local

Gráfico 3 – Espaço das propriedades



Fonte: Elaboração própria (2019).

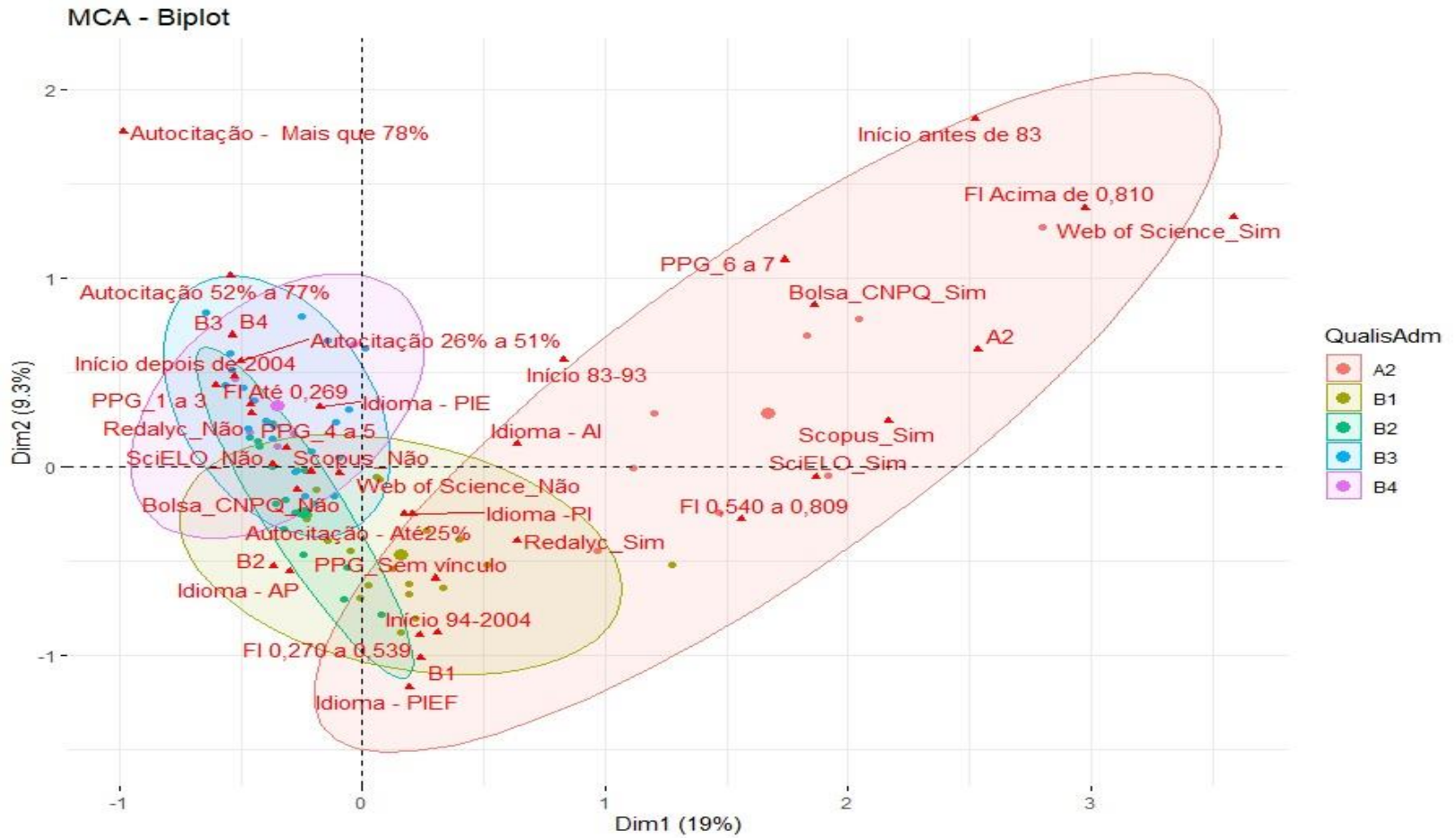
Se percebe no gráfico 02 a estrutura de capital que diferencia as revistas. O primeiro grupo é observado no **quadrante superior esquerdo** e está relacionado ao *Qualis* B3 e B4, a um início mais recente (depois de 2004), uma taxa de autocitação de média a elevada (26% a 77%), um baixo fator de impacto (até 0,269), vínculo à PPG's de médio a baixo prestígio, com notas 1,2,3,4 ou 5. Além disso, como conduta elas publicam em português, inglês e espanhol e não estão no *Redalyc*. Assim, o que se nota é uma baixa acumulação de capital simbólico e de capital específico do campo.

No **quadrante inferior esquerdo** está localizado o segundo grupo que relaciona-se com *Qualis* B2, com baixa taxa de autocitação (até 25%) e a não posse de bolsa CNPq. Além disso, publica artigos apenas em português, não estão no *SciELO*, *Scopus* ou *Web of Science*. É perceptível a tentativa de maior acúmulo de capital simbólico e de capital específico, mas ainda existe um baixo prestígio do campo.

O terceiro grupo está no **quadrante inferior direito** em que existe uma aproximação maior com o *Qualis* B1, com a não vinculação com nenhum PPG, que tiveram o início da atividade dentro do período de 94 a 2004, a um fator de impacto um pouco mais elevado (0,270 a 0,539). Em complemento, a maioria publica os artigos em português e inglês e estão indexadas no *Redalyc*.

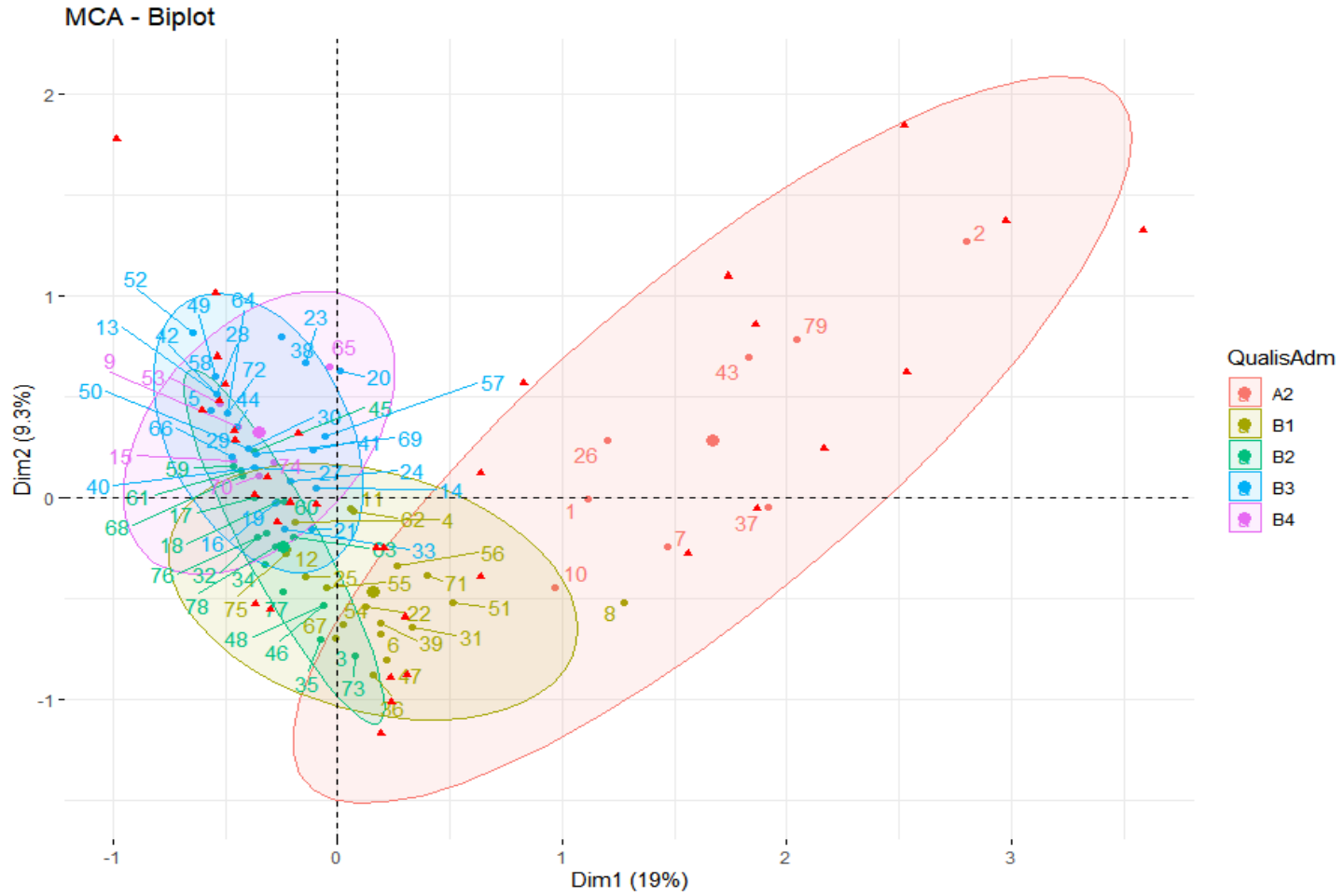
No **quadrante superior direito** está o quarto grupo em que algumas variáveis tem uma maior relação. Percebe-se uma aproximação entre o idioma de publicação de artigos (apenas inglês) e do período de início de atividade (83-93). Além disso, nota-se a relação entre o *Qualis* A2, nota do PPG elevada (6 ou 7), indexação no *Scopus* e posse de bolsa CNPq. Indicando que as revistas desse quadrante dependem mais de capital econômico, e possuem mais capital simbólico acumulado e capital específico do campo.

Gráfico 4 – Espaço de intersecção das propriedades



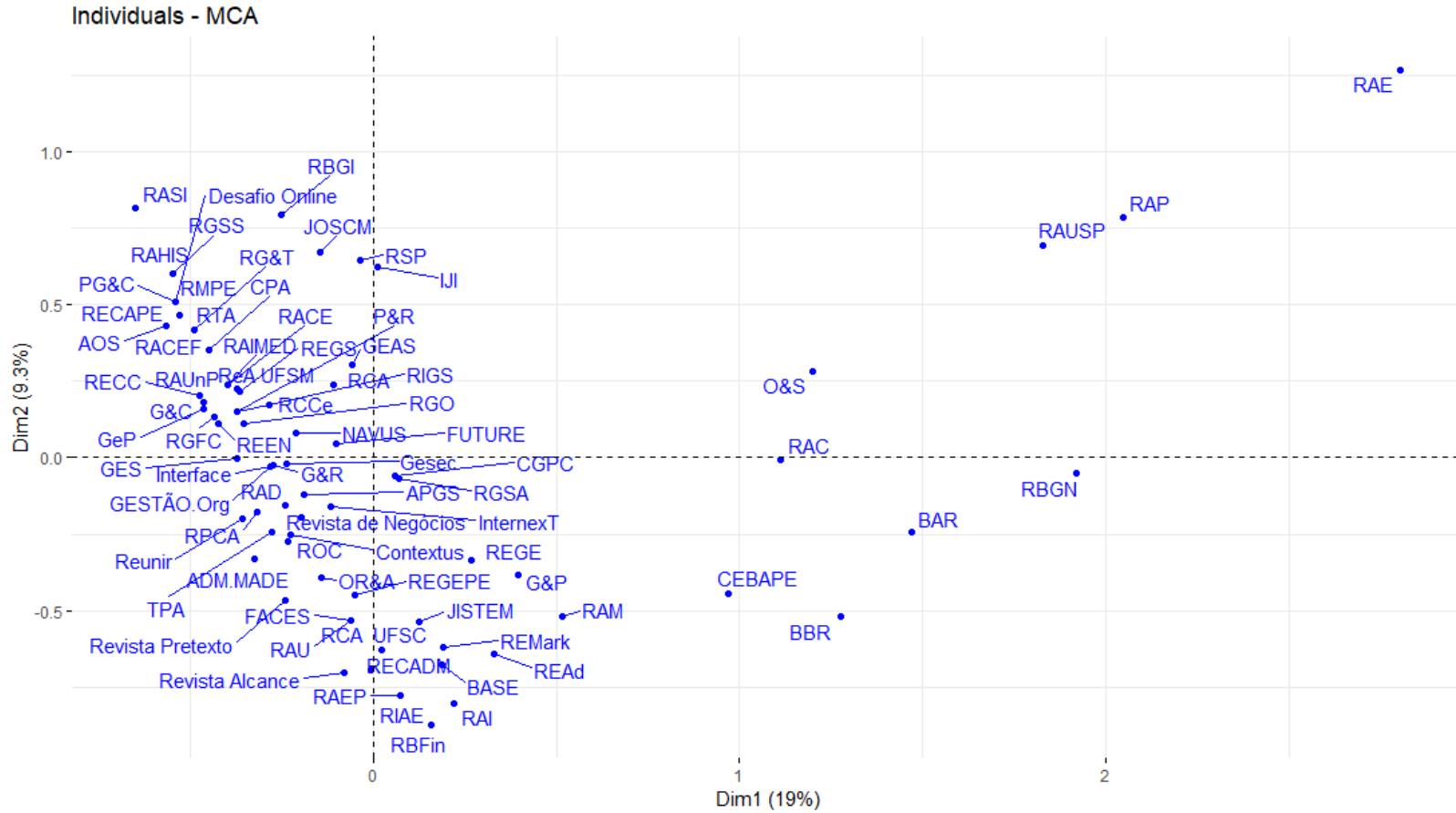
Fonte: Elaboração própria (2019).

Gráfico 5 – Espaço de intersecção entre as 79 revistas de Administração



Fonte: Elaboração própria (2019).

Gráfico 6 – Espaço das 79 revistas de Administração



Fonte: Elaboração própria (2019).

Tanto o gráfico 03 como gráfico 04¹⁶ foram construídos afim de identificar de forma mais clara as disputas no campo pela posse de capital. O que se apresenta é uma intersecção que pode servir para indentificarmos revistas que tem uma distinção dentro dos estratos definidos pela Capes. No gráfico 05 apresentamos o espaço das revistas.

No **quadrante superior esquerdo** nota-se uma intersecção entre os grupos B2, B3 e B4. O que se percebe é que a revista FUTURE (B3), GEAS (B3), JOSCM (B3), NAVUS (B3), RAHIS (B3), RBGI (B3), RCA (B3), REGS (B3) e RGSS (B3) estão bem na intersecção entre o B3 e B4. O que representa um capital de menor valor acumulado pelas revistas B3.

Ainda nesse quadrante, as revistas AOS (B3), CPA (B4), Desafio Online (B3), GeP (B2), G&C (B4), PG&C (B3), P&R (B3), RACE (B3), RACEF (B3), RAIMED (B3), RAUnP (B3), RCCe (B3), ReA UFSM (B2), RECAPE (B4), RECC (B3), REEN (B2), RGFC (B2), RGO (B4), RG&T (B3), RIGS (B4), RMPE (B3) e RTA (B3) estão na intersecção entre revistas B2, B3 e B4 (Gráfico 04 e 05). Logo, as revistas B2 tem um menor capital simbólico no estrato e as B3 e B4 tem um maior capital simbólico.

Nesse quadrante (Gráfico 03, 04 e 05) nota-se que a RASI não faz parte da intersecção por se destacar negativamente com alta taxa de autocitação (acima de 78%) e a RSP que é uma revista B4, mas, se destaca pelo capital simbólico acumulado (início antes de 1983 e indexação no *Redalyc*). A revista IJI (B3) está mais afastada, conforme gráfico 04 e 05, pois publica em inglês e possui bolsa CNPq, ainda que apresente alta taxa de autocitação (52% a 77%).

O **quadrante inferior esquerdo** apresenta uma intersecção entre os estratos B1, B2 e B3, com as seguintes revistas: ADM.MADE (B2), APGS (B1), Contextus (B1), GES (B2), Gesec (B2), GESTÃO.Org (B3), G&R (B2), Interface (B3), InternexT(B3), RAD (B3), Reunir (B2), Revista de Negócios (B2), RGSA (B1), ROC (B1), RPCA (B2) e TPA (B2) (Gráfico 04 e 05). Percebe-se, nesse caso, que as revistas no estrato B2 possuem capital de valor mais elevado que as do quadrante anterior e as B3 tem um capital mais elevado que as demais revistas desse estrato. Já, as revistas B1 tem menor volume de capital do estrato.

¹⁶ Os números relativos as revistas constam no Apêndice 3.

As revistas OR&A (B1), FACES (B2), RAU (B2), REGE (B1), Revista Alcance (B2) e Revista Pretexto (B2) estão localizadas na intersecção entre B1 e B2. Sendo que a revistas B2 possui capital mais elevado e as revistas B1 estão posicionadas no meio, com peso do capital não tão elevado.

No **quadrante inferior direito** existem dois grupos com intersecção, a primeira é entre B1 e B2 com as revista: RAEP (B2), RBFin (B1), RCA UFCSC (B1), RECADM (B1) e RIAE (B2). Por estar mais próximas de revistas com estrato A2, as revistas B1 tem mais capital que as do quadrante anterior e as B2 são as com capital mais elevado do grupo.

A segunda intersecção é composta pelas seguintes revistas BASE (B1), CEBAPE (A2), G&P (B1), JISTEM (B1), RAI (B1), RAM (B1), REAd (B1), REGE (B1) e REMark (B1). As revistas do estrato B1 tem mais prestígio que as demais do grupo e a do estrato A2 tem menor capital no estrato. Nesse grupo a CGPC tem um destaque em relação as demais pois está vinculada à um PPG de nota 6 ou 7. A BBR (B1), a BAR (A2), a RAC (A2) e a RBGN (A2) são as revista que apresentam uma distinção nesse quadrante, apesar das revistas A2 apresentarem menor valor de capital simbólico e específico do estrato.

A BBR está nas bases de dados *Redalyc*, *SciELO* e *Scopus*, tem um fator de impacto mais elevado (0,540 a 0,809) e tem bolsa CNPq. A BAR está no *Redalyc*, *SciELO* e *Scopus*, publica apenas em inglês e tem bolsa CNPq. A RAC está no *Redalyc* e *SciELO* e tem fator de impacto acima de 0,810. A RBGN está no *Redalyc*, *SciELO*, *Scopus* e *Web of Science* e tem bolsa CNPq. Elas tem proximidade com o quadrante superior direito.

No **quadrante superior direito** percebemos, conforme gráfico 05, as revistas O&S (A2), RAUSP (A2), RAP (A2) e RAE (A2). A O&S iniciou dentro do período de 83 a 93, tem vínculo com PPG de nota 4 ou 5, está no *Redalyc* e *SciELO*, tem fator de impacto elevado (0,540 a 0,809), publica em português, inglês e espanhol e tem bolsa CNPq. A RAUSP foi criada antes de 83, tem vínculo com PPG de nota 6 ou 7, está no *Redalyc* e *SciELO*, tem fator de impacto elevado (0,540 a 0,809), publica apenas em inglês e tem bolsa CNPq.

A RAP também foi criada antes de 83 e tem vínculo com PPG de nota 6 ou 7, está no *Redalyc*, *SciELO* e *Scopus*, tem o mesmo fator de impacto que a RAP e O&S, publica em português, inglês e espanhol e tem bolsa CNPq. Por fim, a RAE

que também foi criada antes de 83, tem vínculo com PPG de nota 6 ou 7, está no *Redalyc*, *SciELO*, *Scopus* e *Web of Science*, tem fator de impacto acima de 0,810, publica em português e inglês e também tem bolsa CNPq. Nesse quadrante encontramos as revistas com maior acúmulo de capital no campo e, por isso, as que ocupam uma posição dominante.

4.3 A política *Qualis* Capes

Após a criação da Capes e do estabelecimento do *Qualis* para a avaliação da produção científica dos docentes de PPG's, e indiretamente, para a avaliação das revistas, a Administração passou a estar integrada em uma das áreas instituídas pela agência, a área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. Dessa forma, as agências passaram a normatizar a conduta dos editores dessas revistas e a repassar capital para as mesmas através de avaliações.

Em relação às normas, na última avaliação da Capes feita no quadriênio 2013 - 2016 foram considerados os seguintes itens para classificação dos periódicos (Tabela 16):

Tabela 16 – Itens para classificação do periódico - Capes

Itens para classificação do periódico
O Fator de Impacto do periódico (<i>Journal Impact Factor</i>) na base <i>Thomson Reuters</i> na última edição anual da base à época do processo de classificação (informação de 2016, calculada com base em dados de 2015);
O fator <i>H-Scopus</i> do periódico na base <i>Scimago/Scopus</i> na última edição anual da base à época do processo de classificação (abril 2017);
Se ele consta como corrente ou em progresso na base <i>SciELO</i> à época da classificação dos periódicos (abril 2017).
Se ele consta na base <i>Redalyc</i> à época da classificação dos periódicos; Se ele é informado por uma das editoras selecionadas pela área - <i>Sage</i> ; <i>Elsevier</i> ; <i>Emerald</i> ; <i>Springer</i> ; <i>Inderscience</i> ; <i>Pergamo</i> ; <i>Wiley</i> ; e <i>Routledge</i> – como parte de sua respectiva base de periódicos;
Se ele consta na base do <i>Ebsco</i> , <i>Doaj</i> , <i>Gale</i> , <i>Clase</i> , <i>Hapi</i> , <i>ICAP</i> ou <i>IBSS</i> , que foram os indexadores definidos pela área nos triênios passados. Foram usados os dados informados pelos indexadores para identificar se o periódico estava indexado; Idade do periódico em anos;
Número de edições por ano do periódico ou se é fluxo contínuo; e Número de edições atrasadas.

Fonte: Elaborado com base em Capes (2017).

A classificação de novos periódicos se dá quando um pesquisador publica na revista, por exemplo, quando o pesquisador vinculado a um Programa de Pós-

Graduação de Economia e publica em um periódico de Administração, o periódico passa a ser avaliado também nessa área. Além disso, considera-se muito positivo o uso do DOI¹⁷ nos artigos de periódicos da área.

Os itens apresentados foram utilizados na base de dados para classificação do periódico, porém novos itens para a avaliação *Qualis* foram inseridos a fim de introduzir os periódicos que eram editados fora do país (CAPES, 2017). Seguindo a mesma lógica utilizada no triênio 2010 - 2012, a tabela 17 apresenta os critérios para classificação nos estratos, conforme avaliação realizada no quadriênio 2013 - 2016.

Tabela 17 – Critérios para ser classificado no *Qualis* - Capes

Critérios para ser classificado no estrato	
A1	JCR >1,4 (67%) ou H-Scopus > 24 (75%), o que for mais favorável. Periódicos nos limites acima, mas que não listados como da área na respectiva base de cálculo de Fator de Impacto, foram classificados no estrato A2.
A2	1,4 >= JCR > 0,7 (33%) ou 24 >= H-Scopus > 9 (50%), o que for mais favorável. Periódicos nos limites acima, mas não listados como da área na respectiva base de cálculo do indicador de impacto, foram classificados no estrato B1.
B1	Na Scielo ou 0,7 >= JCR > 0 ou 9 >= H-Scopus > 0 ou Índice Spell >0,225 (67%), o que foi mais favorável. Periódicos relacionados no JCR ou no Scopus, nos limites acima, mas não listados como da área na respectiva base de cálculo do indicador de impacto, foram classificados no estrato B2.
B2	Estar no Redalyc ou ser editado por Editoras indicadas pela área ou na Scielo, mas não listado como da área na base Scielo ou Índice 0,225 >= Spell > 0,114 (33%).
B3	Ter ISSN, índice de atraso no máximo igual a 0,5, 3 ou mais anos de existência; e ter no mínimo um dos indexadores definidos pela área; ou Índice Spell <=0,114.
B4	Ter ISSN, índice de atraso no máximo igual a 0,5 e 2 ou mais anos de existência.
B5	Ter ISSN e, no máximo, um ano de atraso.
C	Periódicos cujo conteúdo foi identificado como sendo técnico ou estritamente de conteúdo aplicado.

Fonte: Capes (2017).

Como visto, para Mueller (2006), esse sistema é o responsável por atribuir *status* ao periódico. Na avaliação, a Capes transfere o capital simbólico, e o periódico passa a ter um maior reconhecimento no campo.

¹⁷ *Digital Object Identifier* (DOI) é uma identificação digital padronizada para documentos disponíveis na *internet*. Com ele, o documento pode ser localizado e acessado de maneira facilitada.

O sistema de avaliação da Capes sempre sofreu críticas pelo aspecto indutivo que causa nos pesquisadores, estando associado ao produtivismo acadêmico (CAFÉ, 2017; TEIXEIRA, 2011). No campo editorial da comunicação científica a crítica não está associada apenas ao produtivismo, mas também ao excesso de revistas que surgiram e surgem no campo. Os dados coletados apontam que das 79 revistas estudadas, 68,35% das revistas estão ligadas à PPG's, o que pode estar relacionada com a política de indução da Capes.

É importante perceber nessa indução, o poder simbólico da Capes junto às universidades e PPG's, isso no campo científico, mas impactando de modo significativo o campo editorial da comunicação científica. A proliferação exarcebada de revistas fortalece o produtivismo acadêmico, como evidencia o entrevistado 4, editor de uma revista B1.

No Brasil a gente tem revista demais, a gente tem uma.. **o sistema de avaliação da Capes que incentiva a.. a proliferação de revistas.** É.. é.. e é muito fácil publicar no Brasil, muito fácil publicar no Brasil.. muito fácil publicar no Brasil fazendo pontos Capes (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

De modo semelhante a entrevistada 10 e editora de revista A2 demonstra o poder simbólico, quando afirma que a Capes obriga os programas a terem revista, no entanto, ela cita que devido ao excesso de revistas o que se nota é uma maior dificuldade que alguns periódicos apresentam para conseguir artigos.

[...] tem muita revista, né, muita revista ainda, né. Então.. e a Capes, de certa forma, valoriza a ter revista nos programas, né, então, isso que acaba fazendo, **meio que obrigando as.. os programas a terem revista.** Talvez.. eu não sei se valeria a pena, eu acho que seria bom assim, três faculdades ter uma revista, quem sabe fazer uma coisa mais cooperativa. É uma ideia, não sei, não sei como que isso seria visto, mas eu acho que essa seria.. talvez uma solução porque tem muitas revistas **e eu vejo que essas revistas sofrem pra conseguir, hã.. trabalhos, tal, né.** Então, é... complicado, né, então, pra elas fica complicado, é como falei a gente que tem a pontuação máxima, né, na Capes hã.. de revistas brasileiras, a gente tem menos dificuldade (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

Cabe destacar a posição na Análise de Correspondência Múltipla, por meio do *Qualis*. As revistas classificadas como A2 tem posições mais elevadas, com mais acúmulo de capitais e por isso, mais visadas pelos autores/pesquisadores. Na fala da editora entrevistada 10 essa posição privilegiada é mais evidente, pois a mesma relata que pra revista que tem pontuação máxima não chega a ser tão difícil o recebimento de artigos.

Na questão de avaliação dos periódicos por meio do *Qualis*, a Capes demonstra ter um aspecto impessoal para alguns editores. Já, outros editores consideram que a avaliação da Capes é subjetiva.

O entrevistado 01 e editor de periódico B2 afirma que “[...] há uma questão impessoal. A avaliação, ela é quantitativa, então há uma questão de.. de avaliação em termos de *Qualis*, por exemplo, ele é quantitativo” (ENTREVISTADO 01). Tal afirmação pode decorrer da ideia de que o método quantitativo não deixa transparecer os vieses de quem o produz ou aplica.

No entanto, o sistema de avaliação da Capes tem alguns critérios subjetivos, como bem atestam Rossoni e Guarido Filho (2012). Para os autores, a formação do conselho editorial, por exemplo, pode influenciar a avaliação. Outro fator importante de se notar é que as revistas classificadas como B2 tem menor volume de capital e não tem tanto o objetivo de internacionalizar (isso por meio das práticas evidenciadas pela Análise de Correspondência Múltipla), o que pode explicar o distanciamento evidenciado pela fala do editor em relação a Capes.

Nesse mesmo sentido, é possível perceber o distanciamento na fala do editor de periódico B3 (entrevistado 05), explicada pela posição ocupada por essas revistas no gráfico de Análise de Correspondência Múltipla, onde o volume de capital é quase zero. Nota-se, que o editor não percebe muita influência da Capes.

Olha, eu percebo que a influência delas é, basicamente, através do *Qualis*, né, quais são os critérios? [...] é... então, essa é a maior influência que eu vejo do.. dos órgãos reguladores.. regulatórios sobre a revista. É claro, que eles ajudam um pouco na medida em que publicam diretrizes é.. **pautam** também, né, **através dessas diretrizes as ações das revistas**, os encontros de editores, os congressos são interessantes, **mas acho que é relativamente pequena a influência dos órgãos.** É.. é.. **é grande por causa desse *Qualis*, mas, não é constante. É impessoal..** é impessoal. Talvez os editores de revista que tem maior visibilidade e prestígio e acesso, haja uma relação mais pessoal. **A relação, pra mim, é uma relação bem impessoal** (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

Mas, o editor reconhece que existe influência por meio do *Qualis*, quando afirma que os critérios pautam a conduta do editor. Para ele, é necessário seguir os critérios impostos pela Capes para alcançar determinada posição no campo, “nós fizemos um esforço grande para sermos incluídos em alguns [indexadores], porque era importante o *Qualis*, né” (ENTREVISTADO 05, acréscimo nosso).

Percebe-se, aqui o poder simbólico como o poder invisível citado por Bourdieu (2000), pois o editor se torna cúmplice do poder que é exercido pela Capes, mesmo

afirmando que não existe uma influência tão grande. Não existe uma confirmação de que esse poder existe, mas o agente se posiciona como dominado perante ele.

O entrevistado 11 e editor de periódico B3 afirma que o sistema de avaliação da Capes privilegia o produtivismo. Ele reconhece a Capes como dominante no campo, concordando com Menezes, Oddone e Café (2012) que atribuem essa posição, em nível institucional, no campo científico para a Capes. Para o editor entrevistado, é preciso se submeter a algumas dessas regras impostas para continuar jogando o jogo.

[...] é um sistema de produtivismo acadêmico, se você não joga as regras do jogo você acaba perdendo. Então, quando a Capes, por exemplo, vai determinar quais são as características *Qualis A1*, você vai ficar.. vai trabalhar, vai determinar todas as suas ações pra alcançar aqueles requisitos do *Qualis A1*, então, ele acaba sendo uma.. uma régua e um parâmetro das atividades do editor. Se ele quiser continuar recebendo artigos, se ele quiser continuando que os artigos sejam citados, e por ai vai. Então, sim, com certeza determina as ações do.. do editor (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

As revistas classificadas como B3 não possui grande acúmulo de capital, até por estarem em um quadrante em que esse volume de capital é mais difícil de medir. É comum, nesse caso, que o editor siga o que a agência determina, mesmo que inconscientemente, para alcançar posições mais elevadas no campo.

Mas em relação a avaliação o editor entrevistado reconhece que a avaliação da Capes para alguns periódicos pode ser impessoal, porém tem conhecimento que as tomadas de decisões da agência que seguem interesses políticos.

Em relação a minha revista eu sei que é impessoal, mas na [minha área] eu sei que não é pessoal.. não é impessoal. É.. e eu sei que em outras áreas também não é impessoal. Eu sei que tem algumas tomadas de decisões que são pra elevar ou diminuir periódicos que vão totalmente contra os novos critérios, por conta de uma jogada política (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

É importante lembrar que em pesquisa Rossoni e Guarido Filho (2012) demonstram que a avaliação do *Qualis* inspira uma avaliação subjetiva em que a composição editorial, o tempo de criação da revista ou o prestígio no campo influenciariam a avaliação dos conselheiros dessas agências. Os editores de periódicos com posições mais elevadas no campo obsevam com maior facilidade a avaliação da Capes como subjetiva.

Nota-se, ainda, o que para Bourdieu (1996) é a luta constante pela posse de maior capital, em que as mudanças na gestão de organizações burocráticas pode facilitar a mudança na estrutura do campo ao alterar o valor dos capitais em disputa. A avaliação sendo subjetiva e tendo como causa uma jogada política, pode caracterizar que a gestão dessas agências privilegia determinados periódicos com determinadas práticas, em detrimento de outros.

A editora da revista B2 concorda com a classificação da revista em que atua, porém, ela acredita que falta transparência com os critérios. Em sua fala é possível perceber que a editora acredita que a avaliação é subjetiva e que grupos com maior prestígio acabam tendo um tratamento diferenciado.

Então, é.. é um padrão que a gente, as vezes, não entende muito bem, né, assim.. como é que eles avaliam, né. Então, eu acho que tem algumas injustiças e eu acho que isso tem culpa nós.. nós mesmos da área da Administração **que tem um monte de universidade que quer que só poucas revistas sejam valorizadas**, né. [...] E.. é, assim, eu não me sinto é.. eu sou muito crítica, né [risos], comigo mesmo e com meus produtos, né, então, eu não me sinto é.. é, vamos dizer, prejudicada pelos critérios de avaliação, é **o que eu sinto é essa falta de clareza no.. em quais eles são, né, e também na.. essa diferenciação, mas eu acho que um pouco também é.. é a política entre as universidades, quem tá lá na ANPAD, né, então tem.. tem uma cosmopolis meio espúrios que em vez de agregar valor, atrapalha**, né (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A editora enfatiza o excesso de universidades ou de cursos de Administração, que tem revistas por “imposição da Capes”, mas que poucas são valorizadas, o que corrobora com a afirmação do entrevistado 01 que explica que não entende muito bem a divisão feita na avaliação da Capes.

[...] este escalonamento que a gente tem. **Os escalamentos que são complicados da gente interpretar, muitas vezes, porque você tem a pirâmide dos periódicos lá da Capes, né, de pico achatado, né, tem poucas lá em cima** e tem trilhões lá embaixo por causa daquela divisão percentual que estabeleceram e o acesso ao topo.. ele é.. é restrito [...] (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

Tanto a entrevistada 07, como o entrevistado 01, são editores de revistas classificadas como B2, ou seja, eles tem a posse de algum capital, porém apresentam maior proximidade de grupos que publicam em português. Mesmo as revistas próximas e que publicam em inglês, além do português, estão indexadas apenas no *Redalyc*. A Capes, porém, privilegia a internacionalização o que pode

prejudicar tais revistas e ser responsável pelo “tratamento diferenciado” citado pela entrevistada 07.

O entrevistado 9 é editor de revista *Qualis* A2 acredita ter problemas sérios em relação à avaliação da Capes, mesmo assim ele concorda com a avaliação da revista em que atua como editor.

Olha, em relação à minha revista eu acho que.. que elas estão sendo justas, mas eu acho que há... **se eu for analisar outras revistas, eu acho que ou [...] elas são super avaliadas ou [...] sub avaliadas, né, e eu não gosto muito dessas classificações** aí, porque, especialmente a nossa *Qualis* Capes, **eu acho que tem... acho não, tenho absoluta convicção de que há problemas muito graves** (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

É ao ser perguntado se ele considera a avaliação subjetiva, o editor responde, “Eu acho. Acho não, tenho certeza. Tenho certeza, há alguns grandes absurdos” (ENTREVISTADO 09). Esse fator subjetivo também aparece na fala do editor da revista B3, ao demonstrar que o contato com a Capes, até em relação ao PPG, pode, de certa forma, influenciar a avaliação do periódico.

É.. com relação as agências, né, de.. de avaliação e etc, na verdade é assim a relação é muito boa porque **a gente tem outras portas com a [...] Capes e essas coisas acabam fazendo efeito**. Quer dizer, nos somos aqui é.. né, o *boom* da universidade aberta do Brasil, a gente tem um programa grande [...], então, **acaba que essas coisas, obviamente, são com setores diferentes da Capes, mas essas coisas reverberam, né,** e o fato da gente estar sempre lá por conta desses cursos [...] de pós graduação, de formação [...] da pós, quer dizer, nosso mestrado é novo, ele foi criado em 2013, a primeira avaliação foi pra nota 4, quer dizer, a [revista] surgiu aí, [...] logo depois, então, ela começou na verdade em 15.. 2015 é.. e também logo foi credenciada é... como B3. Então, assim a relação é excelente. Nesse aspecto a gente não tem o que reclamar não, de olhar e dizer “Ah não, a gente acha que a gente tem uma avaliação incondizente [...] com o padrão e a qualidade da revista”, não, [...] acho que tá adequado (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

É importante olvidar que a ligação da revista com PPG de fato proporciona um capital simbólico para a revista, que é acumulado do campo científico, visto que a avaliação dos programas é parte do campo científico (CAFÉ, 2017; TEIXEIRA, 2011), no entanto, apenas cinco (05) das revistas analisadas (CGPC, JOSCM, RAE, RAUSP, REGE e RAP) são vinculadas à programas de nota máxima e que por isso, acumulam maior capital simbólico no campo editorial da comunicação científica.

O editor de periódico classificado com B1 acha a avaliação da Capes ruim, porém, nesse caso, ele faz uma crítica ao fato de que determinada revista brasileira tem a mesma classificação de uma revista bem conceituada internacionalmente. Na

fala do editor se percebe também a influência da Capes, quando afirma que como editor ele tem que estar atento à avaliação. Além disso, nota-se que as revistas bem avaliadas pela Capes tem maior prestígio do campo.

[...] é.. sinceramente eu acho a avaliação da Capes ridícula, **sei que é importante pra revista porque se você quer atrair bons artigos nacionais que só vão ser enviados para revistas nacionais com a melhor.. com melhor pontuação.** Mas, o sistema da *Qualis* é ridículo, acho que ela até avalia razoavelmente bem as revistas brasileiras, mas as revistas internacionais [...] é uma coisa ridícula pensar que a [revista X] vai valer tanto quanto uma *Econometric* no teu currículo. Então, como pesquisador eu ignoro, **como editor, obviamente, você tem que ta preocupado com isso** (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Entende-se através dos relatos que os editores do campo percebem mais a avaliação realizada pela Capes como algo que pode proporcionar uma distinção para o periódico, no entanto, o poder que a Capes tem no campo não é tão evidente quanto o poder dos indexadores e indicadores cientométricos. Ainda assim, evidencia-se as relações de poder instituídas, quando editores que estão em revistas com posições inferiores, acreditam mais na avaliação da Capes e não percebem o poder que ela exerce. Trata-se, como bem evidenciou, alguns editores, de uma preferência de conselheiros da agência por revistas que tem interesses convergentes, corroborando, portanto, com o que evidenciou Bourdieu (1996).

Apesar da conduta ser regrada pela Capes, nota-se que o *Qualis* é apenas a consequência do periódico que está em determinado indexador, já o fator do impacto mede a visibilidade do periódico no campo e tem se tornado central. No entanto, a centralização exacerbada do fator de impacto pode fazer com que se valorize muito a internacionalização dos periódicos nacionais, além de colocar em segundo plano a história do periódico no campo.

Apenas o entrevistado 05 e editor de uma revista B2 afirma ter indexado devido a necessidade de se fazer isso para ter um *Qualis* mais elevado. Mas, em outro momento o editor afirma que os indexadores “[...] pautam o *Qualis*”. Para Planas (2015), no campo editorial da comunicação científica quem define as regras do jogo são as empresas comerciais como o *Scopus* e *Web of Science*, pois as estratégias relacionadas aos índices de impacto vem sendo transformadas em uma obseção para os pesquisadores, e conseqüentemente, para os editores. Assim, se percebe o poder dessas bases no campo de forma nítida, como veremos o próximo subcapítulo.

4.3.1 Os indexadores e os indicadores cientométricos no jogo

No subcapítulo anterior foram analisados o tema “avaliação da Capes”, este, de certa forma, é um complemento do anterior pois ainda trata de uma política *Qualis* Capes. Como visto, alguns indexadores eram requeridos pela avaliação trienal (2010-2012) feita pela Capes para a área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, como: *Ebsco, Doaj, Gale, Clase, Hapi, ICAP, IBSS*, o que serviu de critério também para a avaliação quadrienal (2013 – 2016), além de ser requerido estar nas bases: *Redalyc, SciELO, Scopus* (CAPES, 2017), das quais apontaremos os critérios de inserção de periódico.

É importante salientar, que nem todas as revistas científicas se encontram inseridas em todos os indexadores por causa dos critérios que possuem. Além disso, os custos envolvidos no processo de adequar a revista para inserção, muitas vezes não são alcançáveis pela instituição que mantém a revista. Esses critérios são as regras do campo, e que estabelecem, segundo Planas (2015), o poder dominante do campo.

A *Scopus* é definida como uma base de dados de resumos e citações de artigos, fornecido pela *Elsevier*, e criada em 2004. Contém mais de 22.000 títulos, sendo 1455 da área de *Business, Management and Accounting*, oferece ainda o acompanhamento de citações, de fator de impacto, entre outros.

A *Scopus* valoriza o prestígio dos autores e dos editores e avalia ainda, o reconhecimento que os artigos publicados na revista possuem, isso por meio das citações, além disso, seus critérios são básicos e fáceis de cumprir, possivelmente por ser uma base de dados comercial.

São divididos em cinco categorias os critérios para aceite de periódicos na base de dados, conforme quadro 8.

Quadro 8 – Critérios Scopus para admissão de periódico

Categorias para admissão de periódico
1- Política da Revista - Política editorial convincente, revisão por pares, diversidade geográfica de autores e editores, referências citadas em alfabeto romano, resumos em inglês.
2 - Qualidade do Conteúdo - contribuição para o campo científico, resumos claros, cumprimento dos objetivos estabelecidos pela revista e legibilidade dos artigos.
3 - Prestígio - citações de artigos da revista no <i>Scopus</i> e prestígio dos editores da revista.
4 - Disponibilidade online - é valorizado a disponibilidade do conteúdo <i>online</i> e a página da revista deve ter qualidade e ser publicada em inglês.
5 - Regularidade - é importante que não haja nenhum atraso na publicação das edições

Fonte: Elaborado com base em Criterios (2018).

Os dados apontam que quatro revistas classificadas como A2 (RAE, BAR, RBGN, e RAP) e três das classificadas como B1 (BBR, G&P e RGSA) estão indexadas. Cabe lembrar que a *Scopus* é uma base de dados comercial e de peso internacional, sendo requerida para revistas à partir do *Qualis* B1. Percebe-se, ainda, que além das revistas possuírem maior prestígio, o editor, os autores e os artigos publicados também possuem grande reconhecimento do campo.

Criada em 1997, a *SciELO* é um banco de dados bibliográfico que define os critérios de admissão de periódicos em valores mínimos aceitáveis e valores esperados (SCIELO, 2017). No quadro 9, apresentamos os principais critérios do indexador para admissão de periódicos na coleção:

Quadro 9 – Critérios da SciELO para admissão de periódicos

(continua)

Critérios para admissão de periódicos
1 - Caráter Científico - os periódicos devem publicar predominantemente artigos de revisão e de pesquisa ou ensaios.
2 - Tipos de Documentos - só serão indexados os documentos com conteúdo relevante, com autoria e afiliação institucional dos autores, título, citações e referências bibliográfica. Serão aceitos editoriais que apresentem conteúdo científico, resenhas críticas, adendo, artigo de pesquisa, artigo de revisão, carta, comentário de artigo, comunicação breve, comunicação rápida, discurso, discussão, editorial ou introdução, entrevista, errata, norma ou diretriz, obituário, registro, relato de caso, resenha crítica de livro, resposta, retratação, retratação parcial e “outro”.
3 - Gestão Editorial – deve ser especificada e com o mínimo da documentação do periódico atualizada, conforme segue:

(continuação)
Critérios para admissão de periódicos
<p>a) Sobre o periódico: Título, ISSN <i>on-line</i>, data de criação, títulos anteriores; Nome da instituição responsável; Estatuto ou outro documento sobre a institucionalidade; Financiamento; Missão; Cobertura temática de acordo com a classificação do CNPq; Histórico do periódico; Licença <i>Creative Commons</i>* de publicação com Acesso Aberto; Instruções aos autores.</p> <p>b) Instruções aos autores: Tipos de documentos e escopo; Critérios de aceitação de manuscritos <i>pré print</i>; Estrutura dos textos; Normas bibliográficas em relação a citações e referências; Diretrizes sobre guia de publicação; Critérios de autoria; Diretrizes sobre conflitos de interesse, plágio e outros aspectos éticos; Descrição do procedimento de avaliação; Direitos do autor sobre o artigo publicado; taxa de submissão ou publicação, e política de isenção.</p> <p>c) Fluxo editorial: a gestão dos manuscritos deve ser toda documentada, das etapas de processamento do recebimento à decisão final.</p> <p>d) Composição da equipe editorial:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Editores-chefes: Os periódicos devem ter um ou mais editores-chefes, com afiliação nacional ou estrangeira. Eles devem ser reconhecidos na área dos periódicos e suas afiliações bem como o currículo devem estar disponíveis na página, em parceria com o ORCID**. Os editores são os responsáveis pelo desenvolvimento e implantação de política editoria, pelo cumprimento dos critérios de indexação, pela coordenação editorial e pelo desempenho do periódico. • Corpo de Editores associados ou de seção: a gestão editorial deve contar com editores associados. Eles também são editores que deve ser reconhecidos na área, podem ser de afiliação nacional ou estrangeira, devem ter o currículo e o número de ORCID acessíveis. • Editores honorários “Quando cientistas, ex-editores ou personalidades são referenciados por motivo honorário ou para agregar prestígio ao periódico sem, entretanto, participar ativamente na gestão editorial, os nomes devem ser listados separadamente sob denominação correspondente que evidencie que não atuam como editores na gestão dos manuscritos” (SCIELO, 2017, p. 12). • Conselho editorial: “[...] tem a função de assessorar a instituição responsável pelo periódico, o editor-chefe e os editores associados, avaliar o desempenho do periódico e elaborar recomendações sobre políticas editoriais, visibilidade e inovações para o seu aperfeiçoamento” (SCIELO, 2017, p. 12).
<p>4 – Avaliação de manuscritos: A avaliação dos artigos deve ser realizada por um dos editores e por pareceristas a fim de apoiar os editores na decisão de aceite ou rejeição do mesmo. Os procedimentos devem constar em instruções para os autores, tornando o processo de arbitragem transparente. Os artigos devem ser publicados com a data de recebimentos e de aprovação do manuscrito. A gestão da avaliação deve ser feita com apoio de um sistema de gestão <i>on-line</i> e a etapa de avaliação deve ocorrer no prazo máximo de 6 (seis) meses.</p>
<p>5 – Fluxo de produção editorial: a periodicidade e o número de artigos publicados são indicadores do fluxo de produção editorial. Se o periódico organiza suas publicações em edições, elas devem ser publicadas no início do período. A <i>SciELO</i> recomenda a periodicidade e o número de artigos por área, no caso de Ciências Sociais Aplicadas são recomendados um periodicidade mínima quadrimestral e o recomendado trimestral, e em relação ao número de artigos: 25 no mínimo e 35 recomendado.</p>
<p>6 – Tempo de existência para admissão: O periódico deve ter no mínimo 4 (quatro) números publicados.</p>
<p>7 – Pontualidade para admissão: Deve ser pontual.</p>
<p>8 – Idioma dos títulos, resumos, palavras-chave e textos: Os artigos devem conter títulos, resumos e palavras-chave publicados no idioma original do texto e no inglês.</p>

(conclusão)
Critérios para admissão de periódicos
9 – Afiliação dos autores: é acompanhada a origem institucional e distribuição geográfica dos autores, sendo assim, todos os artigos devem ter descrição completa desses itens. Periódicos endógenos, que publicam, em sua maioria, artigos de autores filiados a instituição responsável pelo periódico ou da mesma região, não serão aceitos.
10 – Citações recebidas: O periódico deverá apresentar um índice de citações recebidas de artigos e de autocitações compatível com os demais periódicos da mesma área temática. Para admissão serão consideradas as citações nos índices bibliográficos, <i>Google Metrics</i> e demais índices que porventura o periódico esteja indexado.
11 – Normalização dos textos, citações e referências bibliográficas: os periódicos devem especificar nas instruções aos autores as normas adotadas para as citações e referências.
12 – Política de acesso aberto e alinhamento com a ciência aberta: todos os periódicos e artigos indexados na <i>SciELO</i> são publicados em acesso aberto, “na modalidade dourada e sem embargo”. “O Programa <i>SciELO</i> formaliza o acesso aberto por meio da adoção de atribuições de acesso do <i>Creative Commons</i> para todos os periódicos e artigos indexados em suas coleções. A licença adotada pelo <i>SciELO</i> a partir de 2015 é CC-BY. A informação do tipo de licença adotado pelo periódico, deve obrigatoriamente constar nos PDF’s e XML’s enviados para publicação.
13 – Disponibilização dos dados da pesquisa: A disponibilização dos dados das pesquisas utilizados nos artigos em repositórios de acesso aberto é recomendável, pois contribui para a replicabilidade das pesquisas, além de aumentar a visibilidade e citações.
14 – DOI e link para os textos completos – Todos os periódicos científicos devem ter o respectivo DOI registrado na base de dados do sistema <i>CrossRef</i> .
15 – Textos completos em XML – A estrutura dos documentos periódicos devem ser em XML.
16 – Marketing e divulgação – Os periódicos devem contar com um plano de <i>marketing</i> e divulgação.
17 – Indexação na base de dados DOAJ – Para ingresso na coleção <i>SciELO</i> é obrigatório a indexação no DOAJ.
18 – Erratas e retratações – os editores-chefes devem enviar a <i>SciELO</i> a comunicação de errata logo que elas forem emitidas e quando o artigo é retratado o editor deve comunicar o motivo.
19 – Termo de responsabilidade sobre os conteúdos publicados – A responsabilidade pelo conteúdo dos periódicos e dos artigos é dos autores e dos editores. O Programa <i>SciELO</i> não assume nenhuma responsabilidade legal relacionada com os conteúdos publicados pelos periódicos.
20 – Declaração da contribuição de autores e colaboradores – Os periódicos devem instruir aos autores a registrar ao final do artigo a contribuição de cada um dos autores e colaboradores.

*Licenças *Creative Commons*, basicamente, são licenças que permitem a distribuição gratuita de uma obra que tem a proteção de direitos autorais.

**ORCID é um código alfanumérico que identifica os pesquisadores e sua produção científica.

Fonte: Elaborado com base em *SciELO* (2017).

É notório que a exigência para ter o periódico aceito na coleção *SciELO* é bem maior que em outros indexadores, possivelmente, por esse indexador ter acesso aberto e os outros serem indexadores comerciais.

Na base de dados *SciELO*, a pesquisa aponta que as oito (08) revistas (BAR, CEBAPE, O&S, RAC, RAE, RAUSP, RAP e RBGN) com *Qualis* A2 e cinco (05) B1

(BBR, JISTEM, REAd, RAM e G&P) estão na base de dados. No entanto, o editor entrevistado 08 e editor de revista B1 afirma que não solicitou a inclusão no *SciELO* por considerar que alguns critérios são inadmissíveis.

[...] a [revista] escolheu ignorar o *SciELO*, pra mim o *SciELO* faz um papel ruim, ele quer atuar como editora.. não como editora, como editor, isso é péssimo. Algumas exigências em termos de mínimo internacional, algumas exigências de formato são inadmissíveis, então, a.. a [revista] enquanto eu for editor e enquanto eu tiver no conselho orador da [revista] ela não vai estar no *SciELO* (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

O que se nota na fala do editor é que o *SciELO* influencia mais as ações dos editores com a normatização que outros indexadores, mas o editor apresentou uma resistência em relação ao *doxa*, a visão dominante do campo. A mudança da prática editorial também pode advir da resistência, pois ao tornar tal ato legítimo perante o campo, o *habitus* pode ser adaptado e a estrutura do campo modificada (ROSSONI, 2002).

Nota-se, que muitas revistas classificadas como B1, apresentam uma certa resistência (conforme Análise de Correspondência Múltipla), pois mesmo com maior volume de capital, muitas, ainda, não apresentam práticas que evidenciem a busca pela internacionalização, ainda que alguns editores sinalizem essa busca ou intenção por meio dos discursos.

O entrevistado 06 e editor de revista B3 afirma que o *SciELO* apresenta algumas normas que fogem da possibilidade da revista se adequar.

[...] *SciELO* mesmo eu já fui ver e tem uma inconscistência grande, por exemplo, com a nossa proposta, né, pelo fato de.. eles não aceitam publicação de trabalhos com artigos tecnológicos, né, e isso pra gente é um tiro no pé, porque o nosso programa é profissional, né. Então, fica muito estranho um programa profissional que é avaliado pela Capes, muito em função, também dos produtos tecnológicos não permitir que a.. que a revista acadêmica publique tais produtos (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

Como visto, nenhuma revista classificada como B3 consta no *SciELO*, elas ainda não estão totalmente adequadas para serem aceitas (conforme exigências da Capes). Mesmo assim, já se percebe a resistência do editor em se adequar ao indexador, o que demonstra que o *SciELO* não influencia tanto editores de revistas posicionadas em quadrantes inferiores.

Por fim, o *Redalyc* é uma base de dados de acesso aberto apoiado pela *Universidade Autónoma do Estado do México*, criado em 2002. A decisão de

inclusão do periódico na base de dados do *Redalyc* é feita pelo Comitê Científico Consultivo da *Redalyc* e leva em conta três categorias: Critérios Básicos de Admissão; Critérios altamente valorizados e; Critérios Desejáveis (REDALYC, s.d.). Além disso, a *Redalyc* divide em seis categorias o que para eles é necessário que se tenha na prática editorial: 1) Permanência; 2) Conteúdo Científico; 3) Periodicidade; 4) Gestão Editorial; 5) Visibilidade do Conteúdo e; 6) Tecnologia de aproveitamento (REDALYC, s.d.).

As categorias e critérios, bem como suas especificidades estão descritas no quadro 10.

Quadro 10 – Categorias e critérios do *Redalyc* para admissão de periódico

(continua)

Categorias e critérios para admissão de periódico
1- Permanência:
a) Critérios Básicos de Admissão – O periódico deve ter no mínimo três anos de existência.
2 - Conteúdo Científico:
a) Critérios Básicos de Admissão - 75% de conteúdo original frente ao que é publicado, a exigência explícita de que todo artigo seja original, a submissão do original ao processo de revisão por pares e a revista precisa detalhar todo o processo editorial (todas as fases, como se resolve casos controversos e os resultados possíveis).
b) Critérios Altamente Valorizados - menção sobre a participação de avaliadores externos da instituição ou do país, apresentar em instruções para os autores ou em sua política editorial sobre o tempo estimado do processo de avaliação, tornar público o formato de avaliação, indicar nos artigos o período de recebimento e aceite do mesmo, deixar visível a taxa de rejeição dos artigos, 70% dos artigos publicados nas edições devem ser de autores externos a instituição de publicação e por fim, as edições publicadas sem conteúdos científicos.
3 - Periodicidade:
a) Critérios Básicos para Admissão - atualização e periodicidade (a periodicidade semestral não é recomendada e os periódicos anuais não serão avaliados), política de embargo, cumprimento da periodicidade e por fim, os arquivos devem apresentar os meses que compreende a edição, bem como, o dia de publicação de cada edição.
4 - Gestão Editorial:
a) Critérios Básicos de Admissão - identificação da revista (título completo, ISSN e editora).
b) Critérios Altamente Valorizados - dados gerais da revista (corpo editorial completo, objetivo da revista e público-alvo), dados da editora (nome do contato, nome completo da instituição, cidade e país, endereço, e-mail e telefone), cobertura (propósito, público, tipos de documentos aceitos, idiomas aceitos para publicação, fontes de financiamento e formatos de edição), tema específico, afiliação do conselho editorial, características do sumário (título completo de todos os artigos, e nomes completos de todos os autores), poderá ser incluído além do título em idioma original a sua tradução para o inglês, deve constar informações sobre os autores nos artigos (nomes completos, instituição de afiliação, o país da instituição e o e-mail de, pelo menos, um dos autores), deve haver homogeneidade entre as edições e o número de artigos publicados nelas e especificação dos registros em que a revista e encontra (diretórios, base de dados e indexadores).

(conclusão)
Categorias e critérios para admissão de periódicos
c) Critérios Desejáveis - deverá ter detalhado as normas de citação requeridas, instruções para os autores em um segundo idioma e código de ética (terá maior valor a declaração de uso de <i>software</i> para detecção de plágio).
5 - Visibilidade do Conteúdo:
a) Critérios Básicos para Admissão - incluir em cada artigo o resumo e as palavras-chave.
b) Critérios Altamente Valorizados - permitir a publicação simultânea em repositórios institucionais.
c) Critérios Desejáveis – identificar os artigos com nome da revista e ISSN, volume e número, período de cobertura da edição (meses e anos) e nome dos autores.
6 - Tecnologia de Aproveitamento:
a) Critérios Básicos de Admissão - conter plataforma eletrônica.
b) Critérios Altamente Valorizados - disponibilizar aos autores mais de um formato para publicação dos artigos, homogeneidade dos formatos, ter um gestor editorial eletrônico (indica-se o OJS 3.0), protocolo de interoperabilidade, ter um buscador de conteúdo, permitir que se baixe os arquivos individualmente, ter seus artigos marcados no formato (XML-JATS), ter todas as edições visíveis em apenas uma página da <i>web</i> , identificadores do autor (ORCID, <i>Research Gate</i> , <i>Mendeley</i> , <i>Academia</i> , <i>Google Citations</i> , etc) e usabilidade.

Fonte: Elaborado com base em Redalyc (s.d.).

O *Redalyc* tem uma grande quantidade de revistas indexadas, possivelmente, por ser uma base de dados aberta e por ser requerida para revistas à partir do *Qualis* B2. Nela estão oito (08) revistas A2 (BAR, CEBAPE, O&S, RAC, RAE, RAUSP, RAP e RBGN), dez (10) B1 (APGS, BASE, BBR, REAd, RBFin, RAI, RAM, RCA UFSC, REGEPE e RECADM), oito (08) B2 (FACES, Gesec, G&R, RAEP, RAU, ReA UFSM, Revista Alcance e RIAE), seis (06) revistas classificadas como B3 (FUTURE, IJI, InternexT, NAVUS, RAD e RCA) e uma (01) B4 (RIGS).

O entrevistado 01 é editor de uma revista B2 chama a atenção para o custo envolvido em colocar a revista em uma base de dados, mesmo que com acesso aberto. Assim, percebe-se a dependência de capital econômico.

Em relação aos indexadores também, é.. há uma dificuldade, porque algumas mudanças, por exemplo [...] é a [revista] não tem *Redalyc* mas, a [revista X] tem o *Redalyc* e eu lembrei de uma norma agora da *Redalyc*, **pra que todos os artigos já publicados na revista sejam enviados em formato de artigo específico pra alimentar o *Redalyc***, por ano tem uma pessoa que faz isso, não é qualquer arquivo, [...] não é qualquer trabalho em uma área de informática que vai gerar o arquivo que tem que gerar. **A.. a.. o pessoal da [revista X] tá pagando 1000 reais por ano de geração de um arquivo pra poder mandar pro *Redalyc***, então isso dificulta o acesso, de algo que poderia incrementar a.. o indexador da.. da.. da revista, né (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

As revistas indexadas, segundo Trzesniak, Plata-Caviedes e Córdoba-Salgado (2012), possuem maior prestígio por estarem indexadas, ultrapassando, inclusive, sua função de proporcionar visibilidade aos artigos. Para a entrevistada 02 e editora de revista B1, no entanto, a visibilidade proporcionada pelos indexadores é importante, mas para entrar nessas bases de dados a editora acredita que é preciso demonstrar a qualidade da revista.

A gente tem é... caminhado muito bem, né, [...] por ser uma revista muito jovem, uma revista que nasceu em 2012, os indexadores levam em consideração a questão da periodicidade e longividade da revista. Então, hoje **a gente já tem bastante indexadores é.. que ajudam a elevar o nível da revista, né.** Então, é... **é uma questão de tempo mesmo, né, a gente tem que ter paciência, fazer um bom trabalho, de qualidade, mostrar a relevância da pesquisa na área, no campo, para que os.. para que os indexadores verifiquem isso como uma.. um privilégio que pode ser indexado** (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Como discutido anteriormente, percebe-se que muitas revistas classificadas como B1 não apresentam práticas que evidenciem a busca pela internacionalização, mas os discursos evidenciam essa busca. O entrevistado 03 e editor de revista classificada com *Qualis* B1 acredita que os indexadores pautam a conduta dos editores. Para estar em determinados indexadores é necessário se submeter às suas normas.

Eu acho, **em algum grau uma necessidade de cumprir o que eles pedem, tá. Então, muitas vezes quem dá o ritmo, quem dá o tom do trabalho é.. são os indexadores, é seguir as normas dos indexadores.** Então, sim.. então vamos dar um exemplo é.. ah o que poderia ter acontecido. Um exemplo, né, o indexador pede que eu publique a revista no primeiro dia do período que ela se refere, né. Então, por exemplo, se ela é número 1 do ano, ela é semestral.. se ela é número 1 do ano eu tenho que colocar no ar até dia 1 de janeiro, e, por exemplo, tem que tá pronto.. é um período de férias, claro que a gente acaba adiantando, né, mas, a gente acaba fazendo isso aí, acaba fazendo um esforço adicional final de dezembro, né, pra deixar.. pra garantir que esta tudo certo, por que? Por causa da norma do indexador, então, sim a gente acaba se esforçando em algumas coisas, por que eles pedem, né (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

Nota-se também as relações de poder instituídas entre indexadores e editores, que de forma bem objetiva admitem serem conduzidos pelas bases de dados. O entrevistado 05 e editor de uma revista classificada como B3 também atribui aos indexadores uma influência na conduta do editor. De acordo com o editor entrevistado, os indexadores pautam, inclusive, o *Qualis*, e o editor acaba se adequando às normas para alcançar maior visibilidade para a revista.

É.. e nesse sentido eles influenciam, por exemplo, número de artigos há.. até formato, por exemplo, em [...] quantos idiomas você vai publicar o *abstract*. O *abstract* se é estruturado ou não é estruturado, é.. então, esses indexadores tem esse.. tem uma influência forte. Bom, acho que é essa é a influência que eles tem, eles pautam o *Qualis*, eles influenciam a sua visibilidade, então, você quer estar indexado, e ter ampliado, né, indexadores e aí você olha bastante para o que eles querem. Acho que, basicamente, é essa a influência (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

E complementa,

[...] eu acho que elas fazem pressão, mas, acho que é uma pressão que acaba sendo benéfica, porque te força a ficar atento à aspectos de pontualidade, qualidade e outras que .. há.. acho que as exigências das revistas..dos indexadores, de uma forma geral são.. são legítimas, né, são válidas (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

Com relação ao poder simbólico das bases de dados, ou na influência dos indexadores na prática editorial, o editor entrevistado acredita ser necessário estar indexado por causa da visibilidade proporcionada às revistas, ele reconhece que existe uma pressão, um poder nessas bases de dados, mas a considera benéfica. O editor afirma que as normas dos indexadores são legítimas, o que o classifica como dominado e os indexadores como dominante.

A indexação, no entanto, demonstra que o editor tem como estratégia o crescimento do campo, é uma conduta racional, nos termos de Bourdieu (1996), uma conduta que passa a ter coerência devido a dinâmica do campo. Assim, com a normatização das bases de dados existe um consenso de que a indexação é necessária, o editor que se submete a ela, conforme Riviera e Brito (2015) explicam, tem a intenção de manter a dominação, reforçando o valor dos capitais atribuídos a ele. É uma estratégia para conservar a posição ou conquistar novas posições no campo.

Sobre os indexadores de uma forma geral, o entrevistado 06 e editor de periódico B3 evidencia a relação com os gestores desses indexadores. O editor entrevistado explica que busca entender algumas regras para inserir a revista nas bases de dados.

[...] a gente tá prevendo pro início do ano que vem fazer um esforço de é.. entender um pouco mais, estudar um pouco mais, exatamente porque a gente quer entrar no.. no *Redalyc*. A relação com esses é.. indexadores, né, que todos eles tem gestores, etc, ela não é uma relação muito fácil não, porque cada indexador tem uma lógica diferente e alguns são bem ativos, no sentido de.. de.. que os gestores interajam bastante com você. Sai um número novo, eles automaticamente, né, puxam a

informação, se tem algum problema no DOI e etc., eles já sinalizam, né, ou se tem alguma incoerência na página, algo que eles vejam, etc., eles sinalizam logo e tem vários outros indexadores que são muito mais.. são mais passivos, né, que a gente acaba não se relacionando muito. Então, por exemplo, a gente tá pra fazer, em 2020 aí uma revisão [...] da atuação com esses indexadores, né, até pra entender algumas regras, então, obviamente, que a gente mira à médio prazo, né, tá no *SciELO* também e quem sabe mais a frente, né, é.. no *Scopus*, né, *Web of Science*, essas coisas, é mas, tem que dar um passo de cada vez. [...] Então, tem algumas estratégias aqui que a gente tá discutindo, tá. E com relação aos indexadores é isso é.. a relação com uns é mais próxima, com outros é mais distante e a gente vem olhando [...] como avançar com eles (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

O entrevistado 11 e editor de periódico classificado como B3 complementa que algumas bases tem uma relação mais próxima por causa da inserção dos artigos que é feita de maneira mais manual e outras bases fazem de forma automática. Ele afirma que é cobrado para manter a revista nas normas dos indexadores.

Não basta entrar no periódico.. no... no indexador, tem que se manter, então, somos cobrados pelo *Redalyc*, somos cobrados pela *Spell* de mandar os arquivos dentro dos formatos que eles querem e fazer a conversão de XML, e por ai vai.. então, a gente também tem esse trabalho de acompanhar a indexação pra que o nível não caia, né, até porque a *Web of Science* ela faz a indexação automática, né, não é um processo de indexação como as demais. Então, à medida que vai caindo a usabilidade e as nossas citações, a *Web of Science* tira o nosso periódico da base deles, que daí isso acaba sendo ruim (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

Já, em relação aos indicadores cientométricos é importante citar que por muito tempo o indicador da SCI, criado por Garfield, manteve uma hegemonia, porém, outros indicadores foram criados, disputando espaço com o JCR. Atualmente, os indicadores requeridos pela Capes para a avaliação da área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, são três: o JCR da *Clarivates*, SJR da *SCImago/Scopus- Elsevier* e o índice *Spell* representado pela ANPAD e Ibepes.

O *Journal Citation Index* (JCR) é publicado pelo *Institute for Scientific Information* (ISI) e distribuído mediante assinatura na *Clarivates* que comprou os direitos da *Thomson Reuters* em 2016, sendo uma base que avalia os periódicos que estão inseridos na *Web of Science* e é disponibilizado aqui no Brasil pela Capes. O JCR fornece dados quantitativos que ajudam os pesquisadores a comparar os periódicos e assim decidir em qual publicar. O JCR ainda utiliza a fórmula criada por

Garfield em 1955, contabilizando as citações feitas no ano, dos documentos publicados nos dois anos anteriores.

O índice *SCImago Journal & Country Ranking* (SJR) calcula e ranqueia a influência dos periódicos que estão indexados na *Scopus* da *Elsevier*. A *Scopus*, criada em 2004, cobre um número de revistas maior do que a *WoS*, são mais de 21 mil periódicos na base de dados, e possui indicadores para medir a qualidade e o impacto das publicações.

Por fim, o *Scientific Periodicals Electronic Library* (*Spell*) teve início em 2012, sendo ele uma ferramenta que agrega a produção científica dos periódicos da área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo (SPELL, s.d.). A partir de 2016, o *Spell* que é um indexador com indicadores de impacto, passou a ser utilizado na classificação *Qualis* da área (SPELL, s.d.). Tem cerca de 120 periódicos indexados.

De acordo com Rossoni (2018b), a criação do *Spell* foi pensada para diminuir a desigualdade entre os periódicos, proporcionando visibilidade de forma igualitária a produção científica nacional. Para o autor, a *Spell* diminuiu o efeito Mateus na ciência, que é nome dado para o acúmulo de recompensas de maneira desproporcional, sejam essas recompensas materiais ou simbólicas (ROSSONI, 2018b). Assim, o *status* não advém apenas de fatores subjetivos, mas também de fatores objetivos, conforme afirma o autor. Com o acesso livre, a base *Spell* passou a propiciar visibilidade a todos os periódicos, independentemente do estrato *Qualis* e em consequência do capital simbólico adquirido (ROSSONI, 2018b).

O editor de periódico B1 (entrevistado 08) afirma que ter entrado no *Spell* é uma vantagem pela igualdade que proporciona entre os periódicos. Já, a entrada no indicador cientométrico JCR é mais complicado por ter critérios que não possuem transparência, segundo o entrevistado.

[...] a gente ficou um tempo inoperante e por isso a gente ficou prejudicado no *Spell*, mas, isso vai ser recuperado. Eu acho, assim, por ter.. o *Spell* é uma vantagem pra gente, porque como que o acesso é igual pra todo mundo a gente compete em igualdade com os demais, pelo menos naquele espaço. Então, **estar no *Spell* é uma forma de valorizar o trabalho local que nós temos**, [...] quando a gente entrar no *Scopus* a entrada já habilita a gente a ter acesso a mais algumas coisas, **no JCR ainda é um sonho distante e não é claro, não é transparente, não existe critério. Critério é obscuro de entrada**, mas, pelo que eu acompanho no *CrossRef* a [revista] é extremamente citada internacionalmente, porque? Porque tem muito [...] autor que já publicou nela e que publica, que publica internacionalmente e acaba carregando as citações. Isso acontece muito com os outros

periódicos também. Então, se por ventura a gente entrar no *Scopus*, a gente vai ter uma.. em pouco tempo, uma posição boa, mas, a gente nunca vai ser central. Se nós tivermos algum periódico central, serão um ou dois. Só pra você ter uma ideia, a China em poucos anos assim.. a maior potência científica e acadêmica no mundo em termos de volume de produção e dentro de *management* ela tem um periódico central, um! A China! A gente tá longe disso ainda. Então, se a gente for olhar a posição da RAE no.. tá lá embaixo, por muito tempo a RAE e a RBGN eram irrelevantes internacionalmente e se você for olhar as citações é brasileiro e revista hispânica citando, eu falo isso porque eu levantei, eu tenho um.. um editorial que eu critico o modelo, o *modus operandi* da internacionalização nacional e eu pego o caso, exatamente, da RAE e da RBGN, 70% da citação da RBGN era.. metade das quais eram dela, 35% era da RBGN e 35% era de Academia Caracas, de Espacios Caracas, de Revista Hispânica não sei do que, ou seja, é uma ilusão achar que a *Administrative Science Quartely* vai ficar citando a gente, não vai! Então, significa que a citação periférica lá fora é mais valorizada do que a citação central aqui dentro? Eu me nego a admitir esse tipo de coisa. O melhor brasileiro é pior do que qualquer um gringo? Me nego a aceitar esse tipo de coisa. Pelo contrário, a gente vê aí a torto e à direita o brasileiro publicando nos principais periódicos internacionais já (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

O editor entrevistado também confirma que o foco no fator de impacto pode tirar a centralidade que algumas revistas tem no contexto nacional, pois o interesse está em internacionalizar ou nos periódicos internacionais, como explica Café (2017), ou pelo menos nos periódicos que possuem posições mais elevadas no contexto internacional.

Em outro momento o editor entrevistado explica que o *Spell* possibilita ao periódico o crescimento e que mesmo que a revista não possua melhor estrutura, hoje é possível tornar o periódico reconhecido.

[...] Se eu perguntar pra você, quais os três periódicos mais.. que acha que tem maior prestígio no Brasil? Eu tenho certeza que você vai me dizer algo que é muito próximo daquilo que você vai ver lá na... no *Spell* e se a gente for olhar os mais conhecidos estão lá. Significa que [o *Spell*] reforça a regra? Não, **antes de ter *Spell*, por exemplo, periódicos como o meu, duvido se teriam alguma chance de ascender, por melhor que o trabalho fosse.** Mas, agora que todo mundo tem a mesma disponibilidade e são vistos da mesma forma, o trabalho que o editor faz para melhorar a qualidade do processo editorial, é mais facilmente reconhecido, a simetria de poder no campo, nesse caso, de poder da.. da editora, que são uma instituição maior, mais conhecida..o poder de alavancar as citações ele diminui, tanto que a desigualdade de citação e de impacto nos periódicos nossos, diminuiu muito. Não porque a área cresceu, mas, porque o espaço está mais igualitário. Então, vai ganhar quem? Lógico a vantagem é de quem sempre foi bom, **mas, se você é capaz de melhorar, e você é capaz de mostrar que seu periódico tem um valor diferenciado, hoje é possível crescer** (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

A editora de periódico B2 e entrevistada 07 afirma não ter muito tempo pra ficar acompanhando os indicadores. Ela relata que atua em uma revista que publica

em português e por isso não tem uma visão internacional, o que a posição na Análise de Correspondência Múltipla confirma.

É.. é.. eu.. eu não fico acompanhando, né, os acompanhando sempre, não tenho possibilidade [risos] de fazer isso, né, assim.. em termos de tempo e de esforço, né, mas, eu.. assim, eu é.. assim, eu.. as vezes eu acho que eles poderiam ser melhores, né, mas não.. não vou te falar assim, eu acho que a gente deveria fazer um esforço pra que as pessoas vissem mais os nossos artigos, né, então, porque a gente tá competindo num mundo que a informação brota de todos os lados, né, então, como também **a gente é... é uma revista que publica grande parte dos artigos em português, a gente não tem essa visão é.. internacional,** né. Então, isso também eu acho que é.. essa questão da gente.. **essa forçação pra gente se internacionalizar as vezes eu acho que é prejudicial, porque as nossas jaboticabas [risos], né, todas as pesquisas que se referem só ao Brasil,** elas podem perder importância e achar aquilo que é bom pros Estados Unidos, pra Europa é bom pro Brasil, e não é, né, a gente tem especificidades, então, eu acho que a gente deveria valorizar mais os artigos brasileiros e tal, então... [...] eu acho que isso é prejudicado as vezes. Foca muito em você ter indicadores internacionais quando a gente não tem dinheiro, não tem como ficar nesse.. é.. nessas bases de dados internacionais, pra poder aparecer, é complicado, né. Então, é isso.. (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A entrevistada também acredita que existe muita insistência para que os periódicos internacionalizem e isso pode prejudicar os artigos brasileiros. Essa internacionalização citada pela editora está ligado aos indexadores como o *Scopus* e *Web of Science*, que possuem maior visibilidade internacional e, por isso, os periódicos que lá estão são mais visados por pesquisadores internacionais, corroborando ao que Planas (2015) afirma sobre a obseção em possuir índices de impacto. Essa obseção também evidencia o poder das bases de dados sobre o editor, já que os indicadores cientométricos são um subproduto das bases.

Já, o editor da revista A2 e entrevistado 09 afirma não ficar acompanhando os diversos índices. Para o entrevistado o que importa são os índices e medidas com grau de internacionalização, discordando da entrevistada 07.

Hã.. também eu acho que eles fazem um bom trabalho, né. **Na verdade eu não presto atenção em muitos deles, eu só presto atenção no *Web of Science*, no *Scopus*** é.. no caso do *Scopus* eu uso a ferramenta *SCImago* pra.. pra fazer análise de medidas é.. tem o *Spell* agora, né, mas, eu.. eu uso muito pouco o *Spell*, **eu me baseio mesmo no fator de impacto e no índice *h*, algumas outras medidas com grau de internacionalização** a endogeneidade, e tudo mais, mas, eu acho que.. eu acho que são ferramentas muito boas e a [revista] tá bem em alguns indicadores, mal em outros, e eu acho que é reflexo do estado atual da revista mesmo. Não tenho nada a criticar (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

Percebe-se, nesse caso, que o editor tem um discurso parecido com o de outros países, em que apenas a *Web of Science* e *Scopus* teriam valor. A posição elevada no campo proporciona isso, pois modifica os interesses envolvidos. Muitas revistas classificadas como A2 tem uma visão pró-internacionalização.

Para o editor de uma B3 é possível perceber uma ligação dos indexadores com as editoras comerciais.

[...] a gente vê muito assim, que [...] **esses indexadores acabam estando muito ligados a essas grandes editoras, né.. Elsevier, Springer, Emerald, né, Taylor & Francis, etc, e aí fica parecendo meio é... como é, um jogo de cumpadres, né. Quem tá dentro.. a revista que tá dentro de uma editora dessa acaba conseguindo ter métricas de avaliação, né, [...] bem mais altas, etc. É.. até a gente não pensa hoje isso, [...] de migrar para uma [editora] dessa, acho que a gente é ainda muito pequeno pra.. pra eles olharem pra gente, é, mas, é uma coisa que talvez a médio prazo faça sentido (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).**

De acordo com o editor entrevistado, no entanto, o fato de estar em uma editora e ter métricas elevadas não significa que os indexadores ou indicadores cientométricos façam uma avaliação subjetiva, mas sim que a junção dos dois proporcionaria maior visibilidade aos periódicos, “ [...] acaba que o periódico que tá numa editora dessa grande acaba tendo uma visibilidade muito.. muito forte, né, e.. e com isso ele acaba sendo mais buscado, né, pra referência e etc, ta [...]” (ENTREVISTADO 06).

Porém, de acordo com Rossoni (2018a), o periódico indexado em base internacional não possui uma maior visibilidade no contexto internacional, nem mesmo ter parceria com editora comercial possibilitaria isso. Mas, de fato, ao estar indexada a revista é mais vista, o que independe da base de dados. A fala do entrevistado 06 evidencia, novamente, as relações de poder no jogo editorial científico, onde os indexadores, através do poder simbólico, induzem os editores a possuírem determinadas práticas, pensamentos e visões.

Segundo o entrevistado 04, ficar acompanhando os indicadores da revista, pode gerar má influência no editor, isto é, ele pode ser influenciado a manipular os dados. Além disso, o editor entrevistado afirma ter mudado a política para conseguir a inserção em um dos indexadores, corroborando ao que afirmou o Entrevistado 03 e 05.

[...] Nem olho pra falar a verdade é... eu sei que a gente é indexado em um monte de coisa, em um monte desses *gatekeepers* é.. a gente teve [...] uma

dessa que estávamos com dificuldade. [...] o editor anterior que explicou que era basicamente impossível entrar, que a gente precisaria publicar muito mais artigos do que a gente publica por ano pra poder.. ter uma esperança. Então, **me concentrei, basicamente, em mudar a política editorial, ver se a gente consegue mais submissão, pra ver se consegue mais artigos pra revista pra tentar fazer essa indexação.** É.. eu pra falar a verdade não conheço bem todos esses índices de impacto, é.. existem milhares, eu conheço os principais e a revista tá mal, como todas revistas brasileiras estão mal, né, comparada às revista lá fora é... [...] **acho que ficar mirando muito esses índices de impacto, você acaba tentando fazer o jogo, né, onde você.. vai tentar manipular o índice, enfim, fazer esse jogo acho que eticamente é furado, não tenho intenção em fazer isso,** então, eu, basicamente, ignoro, nem olho. Se você falar “Qual é?”, não tenho a menor ideia qual o impacto hoje da revista (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

O “fazer o jogo” citado pelo entrevistado 04 se refere à importância dada aos indicadores cientométricos e, conseqüentemente, aos *rankings*, sendo que a má influência se relaciona na obseção em estar à frente nessas classificações. Esse fato, também demonstra o poder simbólico agindo, ainda que inconscientemente.

O entrevistado 11 e editor de periódico B3, também afirma não dar muito valor aos indicadores e explica que tem editores que manipulam os dados pela consideração extrema que tem ao fator de impacto.

Assim, a gente não... é engraçado que tanto eu como o outro editor que é um doutor na área da Educação, **a gente não.. não se preocupa tanto com a questão cientométrica e de métricas,** né. A gente gosta de acompanhar as métricas no sentido de dar um boletim pro autor, no sentido de que o trabalho dele é o mais visitado, mais citado, né. Mas, a gente não utiliza isso como um troféu, sei lá, em ações de *marketing* ou *e-mail*, nesse sentido. A gente acompanha, claro! Sabe que é importante, mas não.. não dá tanto valor assim, como outros periódicos dão, né, de tá lá acompanhando dia após dia os índices de fator de impacto, de estar acompanhando o *ranking*, mas é a gente não... nosso trabalho, acho que a medida que tem um fluxo editorial transparente é.. fidedigno isso repercute depois na qualidade do trabalho publicado e que vai trazer as citações, então, a gente gosta de se garantir por esse lado e não tanto de usar estratégias aí pra elevar indicadores cientométricos. **Eu sei, por exemplo, [...] de ter editores que exigem que.. editores tá? Não tô falando de avaliadores.. editores que exigem que as submissões tenham no mínimo um artigo do periódico.. é citado nas referências. O editor exige, exige isso do autor. Porque? Porque daí isso daí faz aumentar o fator de impacto dele. É uma atitude antiética, né, e de manipulação. Então, alguns editores trabalham nesse nível, né, com essas métricas.** Tá, mas nós não consideramos tanto assim não (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

O entrevistado 04 e o 11 afirmam que o editor pode ter uma mudança de conduta caso comece a se importar muito com os índices de impacto, isto é, ele pode manipular para que sua revista apareça como mais reconhecida que as demais, o que não seria real. Misoczky (2002) afirma que os participantes do campo agem

com o objetivo de se diferenciar de seus concorrentes, eles lutam e almejam pela distinção no campo.

Concordando com o descrito, o editor de um periódico B2 e entrevistado 01 afirma que existem editores que tentam influenciar o indicador por meio de sua função como docente, dessa forma, ele diz não confiar no indicador *Spell*.

[...] Qual o grande problema da base *Spell*? Você quer aumentar o seu índice de impacto [...] eu sou professor na graduação de uma disciplina [...], ai eu vou lá e digo aos meus alunos para utilizarem o artigo tal, o artigo tal e o artigo tal da [revista] e que eles devem baixar do *Spell*. Aí eu chego lá no mestrado, peço aos meus 20 alunos e falo pra eles “agora, vocês irão baixar esse, esse, esse artigo lá do *Spell*” [...]. Há uma inflação dos índices do *Spell* justamente, por uma questão de atitude, de pessoas que fazem esse tipo de coisa. Você já imaginou que beleza? A [...] cada bimestre, mas se você trabalhar em uma disciplina, se você tiver 20, 10 alunos de mestrado e colocar essas pessoas para baixarem os artigos, o que você vai inflacionar o índice?. Pois é.. eu não faço isso com meus alunos, mas em compensação **eu conheço pessoas que fazem com seus alunos, né** [...]. Então, eles fazem isso ... então aquele índice da [revista X], de 300 e pouco, que ela tem hoje 335.. estou usando esse exemplo da [revista X] porque ela está perto de mim.. **eu não acredito naquele índice, né, que é o índice de citação, de autocitação e tudo mais, eu sei.. quantos *downloads* que você fez, mas [...] da pra você dar uma inflacionada, né. Se todo dia eu entrar lá no *Spell*, e consultar um artigo da [revista], eu vou ganhar ponto, né**, então em alguns índices da pra confiar, em outros não da pra confiar, mas de forma alguma (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

De fato, o cálculo do fator de impacto pode ser influenciado por vários fatores, como: preferência que o indexador possui pelo idioma e pela cobertura do periódico; os procedimentos utilizados para a coleta de citações da base de dados; o algoritmo usado para calcular o fator de impacto; a distribuição de citações de periódicos; a disponibilidade *online* das publicações; citações para artigos inválidos; a preferência dos editores por artigos de um determinado tipo; comportamento das citações em diversas disciplinas; e ainda, a possibilidade de exercício de influência em editores de periódicos, como afirmam Dong, Loh e Mondry (2005). Esse exercício de influência citado pelos autores está relacionado á autocitação.

Para o entrevistado 08¹⁸, que além de editor de periódico é um dos criadores da base *Spell* e também operador do sistema,

Download e acesso não serve pra nada, entendeu? E assim, os artigos com mais *downloads* e acessos, são tantos *downloads* que não seria muito prático a pessoa manipular, entendeu? Alguns artigos, as pessoas teriam

¹⁸ Foi autorizado pelo entrevistado a sua indentificação nessa pesquisa, apesar de não citarmos o seu nome.

que ficar um mês gastando horas de trabalho com um robôzinho fazendo *download* e nosso sistema acusaria, que isso é um robô. Você, provavelmente, seria eliminado e.. citação é mais difícil, mas acontece em quais casos? Quando saiu o primeiro indicador de impacto do *Spell*, eu falo isso porque tu sabe que sou um dos criadores e operacionalmente eu que conduzo.. **teve um periódico da nossa área que quatro anos seguidos ficou entre os cinco mais citados, na hora que fui olhar a autocitação era quase que 100% ou 100%**, na época eu falei com os colegas “se o *Spell* for utilizado a gente não pode admitir de forma alguma que seja o impacto considerando as autocitações”, tanto que **a área considera o impacto do *Spell* sem autocitações**, são menos, você não tem 10% dos periódicos que usam essa prática ruim, mas, teve um periódico que na hora que você tirava a autocitação, ele caía pros 20% piores, na hora que você considerava pros 10% maiores. Porque isso acontecia? **De forma velada ou não, o editor.. os editores induziam os autores a citar os artigos do próprio periódico, isso é antiético**. Se há artigo de valor, os autores já sabem disso, eles vão.. normalmente, você busca se há algum artigo naquela revista que você está mandando, que faça sentido. É de bom tom, se tiver algo útil e [...] que seja válido citar que você usou, **você pode citar. Mas, você citar porque alguém tá te obrigando, porque quer alavancar o impacto.. isso é antiético**. E teve casos do JCR que os periódicos foram expulsos. No nosso caso é que ainda não há um código de ética claro de qual a conduta do periódico no *Spell*, tem dos pesquisadores, mas, isso uma hora vai ter que ter. Eu acho que hoje o problema diminuiu, porque o periódico viu que não surtiu efeito algum, pelo contrário alguns periódicos ficaram mal vistos. E você poderia me falar, ah é periódico de área? Não! Tem periódicos que são exclusivos de área, como é.. as revistas de finanças, de *marketing* e de produção que tem um percentual de autocitação um pouquinho maior, mas não muito. Esses periódicos que tavam tentando alavancar eram periódicos generalistas. Isso é uma prática ruim, antiética. Então, assim, **a capacidade que tem de manobrar é muito pequena** (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

Mesmo não sendo possível manipular os indicadores de impacto por meio do *download*, verifica-se que o editor pode influenciar o autor por meio da autocitação, como relatam os entrevistados 08 e 11. Essa influência pode ter relação com o citado pela autora Rigo (2017) sobre a pressão que os autores tem em publicar, o que leva os mesmos a seguirem com o processo de acerto do artigo submetido sem se contrapor com o editor. Porém, isso é facilmente detectado nos indicadores, o que gera um caminho inverso ao que o editor poderia pretender.

Sobre a autocitação do periódico, o entrevistado 03 e editor de periódico B1 afirma que não pediria para os autores ficarem citando sua revista, pois ela consta com uma taxa elevada no *Spell*.

Da minha revista? **Eu acho que nem é uma boa ideia eu fazer uma autocitação, porque ela está com índice alto de autocitação no *Spell*, então não teria.. nesse momento não seria nem bom pra mim, pensando em gestão, né, gestão dos indicadores dela**. Claro, que eu não vou sugerir.. tirar uma referência por origem de revista, a menos que seja uma revista.. uma revista predatória.. aí beleza. Eu sugiro tirar anais de eventos que pode ser substituído por uma publicação definitiva, uma tese e

dissertação também, isso sim, mas tirar em função do periódico, não lembro não, não lembro de receber um caso desse (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

É importante citar que em relação à autocitação, existe um aumento da taxa de autocitação conforme *Qualis* da revista, isto é, todas as revistas classificadas como A2 tem baixo índice de autocitação no *Spell*, já em relação as de *Qualis* B1, duas (02) possuem de 26% a 51% de taxa de autocitação, que são a JISTEM e a REGEPE; das classificadas como B2 quatro (04) tem taxa de 26% a 77%, que são: a GeP, Gesec, ReA UFSM e RGFC; das revistas com *Qualis* B3, dez (10) tem taxa de 26% a 77% (AOS, Desafio Online, IJI, JOSCM, PG&C, RBGI, RMPE, RAHIS, RGSS e RECC) e uma (01) ultrapassa os 78% (RASI); já as revistas classificadas como B4 duas (02) tem taxa de autocitação de 26% a 51%, que são a RECAPE e RSP.

No entanto, quando a revista cobre uma área específica ou quando é uma revista recente é comum que a taxa de autocitação seja um pouco elevada, mas em relação à revistas mais generalistas é visível a influência do editor para que a revista seja citada pelos autores que nela publicam.

Em relação às revistas com maior tempo no campo, a autocitação pode ser tanto por influência direta, como por influência simbólica devido ao prestígio da revista no campo, os autores Rosa e Romani-Dias (2019) citam que no índice do WoS dois periódicos apresentam alta taxa de autocitação, que são a RAE e o RBGN.

Nesse subcapítulo buscamos analisar a influência que os indexadores e indicadores cientométricos tem nos editores, quanto aos indexadores foi possível constatar que os editores buscam se adequar às normas das bases de dados para poderem ser aceitas. Já, em relação aos indicadores de impacto a influência não é tão benéfica, os editores podem ser influenciados à manipular os dados, ainda que para a base de dados isso possa ser identificado.

Considera-se, ainda, que os indicadores de impacto e os indexadores atribuem prestígio aos periódicos e pesquisadores, o que pode mudar a estrutura do campo científico e a do campo da comunicação científica, pois são contabilizados pelo *Qualis*. As revistas estão em constante disputa pela distinção no campo¹⁹, pela posse de capital específico do campo, e por isso buscam se inserir nessas bases de dados.

¹⁹ Esta disputa é observada na configuração do campo por meio da Análise de Correspondência Múltipla (ACM) apresentado no subcapítulo 4.2.

Para Bourdieu (1996), nos diversos espaços de jogos existem esses tipos específicos de capital que são instrumentos de disputa pelos agentes e instituições que o estruturam, pois quem o detém tem poder no campo. No campo editorial da comunicação científica, como já visto, um dos capitais específicos é o fator de impacto.

4.3.2 As editoras comerciais e a internacionalização dos periódicos

Na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, a Capes avalia como positivo que a gestão do periódico seja feita por uma das seguintes editoras: *Sage, Elsevier, Emerald, Springer, Interscience, Pergamo, Wiley e Routledge* (CAPES, 2017).

Além disso, a Capes chegou a oferecer um benefício para periódicos que, através de edital, se dispusessem a ter parceria com editoras comerciais (KIMURA et al., 2014; TUFFANI, 2014). Tanto os critérios utilizados para a avaliação, como a proposta de investir tem o propósito claro de internacionalização dos periódicos. Esse investimento da Capes não chegou a acontecer no campo de Administração, no entanto, a influência dela para com o campo, no sentido de internacionalização é nitído.

Sobre isso, o entrevistado 01 e editor de periódico B2 atenta para o fato de que entrar em uma dessas editoras não é tão fácil. Para o editor é importante internacionalizar a revista, mas ele cita também que a internacionalização vai forçar uma elitização ainda maior, pois as revistas que não possuem a estrutura para conseguir fazer isso serão descartadas.

Tentar alcançar um *Emerald, Elsevier*, alguma coisa assim... *Interscience*, tá vou me candidatar a eles, **eu tenho que ter um monte de critérios pra poder fazer parte e aí vem o outro detalhe, eu não tenho os critérios. Porque que eu quero fazer parte deles? Por que eu quero ter os critérios. É interessante? É, mas nem sempre é viável de se conseguir, né.** [...] Eu acho que deve ser feito, que tem que ir, o caminho que tem que ser seguido é esse, e não basta simplesmente publicar o resumo em português, em inglês, em espanhol, né, isso aí não basta.. isso aí não resolve nada. **O que a gente tem que fazer é ir pra fora.. e essa internacionalização vai forçar uma elitização cada vez maior das revistas, porque são aquelas que tem condições de bancar, né,** e a eliminação, a exclusão daquelas que não tem uma estrutura básica que permita realizar isso (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

O editor entrevistado deixa evidente que ele quer ter o capital específico e o simbólico, mas para isso é necessário ter o capital econômico. O interesse do editor é possuir o capital específico para poder ocupar a posição de dominante no campo, como explica Bourdieu (1996).

Para o entrevistado 08, que é editor de periódico classificado como B1, as parcerias com editoras comerciais tem seus custos, não sendo acessíveis para todos. O editor explica que as editoras comerciais ainda existem por causa do capital simbólico que elas repassam ao periódico, pois não acrescentam para as revistas em relação à qualidade.

É..parceria com editora comercial você precisa de dinheiro, nós não temos, então, a gente tá excluído desse mercado. Não faz parte do nosso mundo. As editoras é um mal que já foi necessário, na boa.. hoje eu vejo que só atrapalha. Se nós não tivéssemos mais *publishers*, a academia funcionaria melhor, eu acho. Os grandes *publishers*.. grandes *publishers* se fossem *publishers* locais, de associações, usando uma infraestrutura, seria muito melhor, porque? **Existe um capital simbólico muito forte na SAGE, na Wiley, mas o que eles fazem de fato para melhorar um artigo? Nada! Então, você pega lá a *Administrative Science Quartely* que é um periódico internacional que eu mais gosto, é editado pela SAGE. O que a SAGE faz pra ASQ ser melhor? Absolutamente nada! Nada!** Se fosse a *Emerald*, se fosse qualquer editora tupiniquin, chinesa, não importa, o trabalho de deixar, de disseminar, de deixar aberto é nulo. Pelo contrário, isso só atrapalha, você tem que pagar pra ter acesso. Então, o.. a.. esse modelo de ciência fechada, cada vez tá mais difícil de justificar, tanto que tem um artigo de 2015, esqueci o nome do cara, até citei, fala que a..os ***publishers* internacionais é a indústria arcaica mais rentável do mundo, é uma indústria arcaica, não faz sentido mais. Ela existe devido ao capital simbólico, devido a.. a capacidade que ela ainda sinaliza, é irracional, mas, ela sinaliza ainda,** então, ela é muito mais prejudicial do que benéfica. Então, a gente vai querer entrar nesse meio? Não! (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

É possível perceber uma resistência quanto a entrada das editoras comerciais no campo brasileiro, pois isso pode reconfigurar todo o campo. No caso, o editor luta pra conservar a ordem científica, nos termos de Bourdieu (1983a).

A fala da entrevistada 10 acaba corroborando com a afirmação do entrevistado 08, pois deixa notório que a editora comercial só trabalha com o artigo depois que o mesmo foi aprovado, é como exercer a função de uma assistente editorial. Além disso, a editora entrevistada evidencia que a revista fica no *site* deles quando pronta, isto é, a revista tem como principal resultado o prestígio, o capital simbólico.

Então, é o processo de editoração, é.. tem a marcação, tem o DOI, tem algumas coisas que ela faz... ela faz tudo, né, [...] a questão física mesmo, né, tipo de montar o artigo, de montar o.. quando termina [...] [os artigo são enviados], aí eles fazem toda a editoração mesmo, né. E o.. e a revista fica no *site* deles. (ENTREVISTADA 10).

Mueller (2006) explica que as editoras comerciais tem poder, justamente pelo prestígio que a comunidade científica lhes atribui. Porém, conforme aponta Rossoni (2018a), as editoras comerciais hospedam os principais periódicos de diversas áreas, que repassam capital simbólico, mas elas não contribuem com periódico.

De acordo com o autor, os periódicos brasileiros que não possuem a mesma distinção no contexto internacional acabam não alcançando o reconhecimento que buscam. Isto acontece porque as editoras não conferem nenhuma diferenciação aos periódicos, não acrescentam em termos de qualidade (ROSSONI, 2018a).

O editor de periódico B1 concorda com a parceria com editoras comerciais. Para o entrevistado é uma estratégia do editor para tentar aumentar o fator de impacto, revelando aqui uma forte influência dos indicadores cientométricos, corroborando com o entrevistado 06 quando citou que as revistas com altas métricas estão muito relacionadas com as editoras comerciais. Diniz (2017) afirma que as revistas geridas por editoras, geralmente estão no topo do *ranking*, no entanto, as revistas no topo são internacionais, o que não significa que as brasileiras estariam bem posicionadas se fossem geridas por editoras. Percebe-se que nem no Brasil, tais revistas ocupam posições dominantes, o que pode mudar, se a estrutura do campo for modificada.

É.. a [revista] faz isso, por exemplo, né. Não acho nada demais, **é uma.. uma decisão estratégica pra tentar aumentar a circulação, tentar aumentar o impacto e.. conseguir novos artigo, né.** Eu acho que a [revista] recebe muito artigo agora de gringo que antes não recebia e tá na *Elsevier*, eu acho isso bom. Eu acho que tem um excesso de revistas no Brasil, meio esquisofrenico dizer isso, né, já que sou editor de duas revistas, editor associado na [revista X] e editor chefe na [revista Y], acho que tem um excesso de revista, muita picaretagem as pessoas ficarem publicando artigos completamente insignificantes em revistas insignificantes no Brasil. Então, as revistas que estão colocando o seu na reta e .. pra *Elsevier*, eu acho que estão fazendo um movimento em direção a qualidade e por isso eu acho que a gente tem que dar o crédito, né, reconhecer esses editores que estão tentando fazer isso. Agora tem um custo, um custo financeiro de colocar as coisas na *Elsevier*, por outro lado você não tem que se preocupar com editoração, o *copy desk*, que eles fazem tudo isso [...], então existem custos, existem prós e contras, como tudo na vida, a decisão editorial se vou fazer pela *Elsevier* ou não. É... eu só queria dar os parabéns pra quem conseguiu fazer pela *Elsevier*, recurso para isso, e teve a ideia, né.. eu acho legal (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Percebe-se, ainda, que o editor entrevistado 04, assim como o entrevistado 01 e 08, explica que é necessário recursos financeiros para estar em uma editora, mas diferente do entrevistado 08, ele acredita que a revista busca uma maior qualidade ao ser gerida por editora, o que não é confirmado no relato da entrevistada 10.

O editor de revista A2 e entrevistado 09 afirma que não tem crítica quanto à atuação das editoras.

Olha, a parceria com editoras comerciais eu acho natural e **não faço coro à crítica que existe em relação à elas. Se não fossem as editoras comerciais, seguramente a gente não teria a ciência que a gente tem hoje, né, quer dizer, no passado, principalmente, né.. vamos olhar bem pro passado mesmo em que as coisas eram impressas, se não houvesse alguém pagando pra imprimir, quem é que imprimiria de graça pra distribuir pra sociedade? Absolutamente ninguém**, eu não faria isso, tá. Então, eu não tô no time que critica as editoras comerciais, eu, pelo contrário, eu vou dizer de novo, se não fossem elas a gente não teria a ciência sendo distribuída como a gente tem. Eu sou a favor delas, a [revista] é totalmente *Open Access* porque a [instituição] paga os custos, agora nada é de graça tem que.. tudo só existe porque alguém financia. Então, eu não sou contra, eu **sou favorável à comercialização da ciência** também [...] (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

O editor ainda revela que é favorável à comercialização da ciência e para fundamentar explica que as editoras foram as responsáveis pelo desenvolvimento científico. É importante relatar que a comunicação científica teve início através dos “colégios invisíveis” e das correspondências (GOMES, 2010; MUELLER 2000, STUMPF, 2010) e que só após o surgimento dos primeiros periódicos que as editoras começaram a entender que os artigos poderiam ser vendidos como mercadoria (DINIZ, 2017; MICHAEL, 2018). Essa mudança na estrutura do campo revela a luta pelo monopólio do capital, nesse caso, do capital simbólico, intelectual e econômico.

A entrevistada 07 e editora de revista B2 acredita, da mesma forma que o entrevistado 06, que a parceria com editoras comerciais significa a comercialização da ciência.

A questão da comercialização dos.. você fala tipo *Elsevier*, é isso? [...] Então, **é um modelo de negócio**, né, então é.. a gente.. as universidades elas pagam pra ter acesso as bases de dados, né, então se parassem de pagar as... as empresas para ter o acesso aos dados e pagasse para publicar os artigos, né, desde que realmente fossem bem avaliados e tal, poderia ter um outro modelo de negócios, né. Então, [...] eu acho que assim... é claro que vai ter um *lobby* forte nessas organizações pra que isso não aconteça, né [...] (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

Ela complementa afirmando que

[...] **a gente tá convivendo com vários modelos de negócios conflituosos, né**, e um deles.. é, normalmente, sempre o melhor é que sobressai, né. Mas, eu não acho também tão errado, sabe? Porque.. na hora que eu tenho o artigo aberto e aí mais pessoas podem acessar, né, então é.. isso também acho que ajudaria nós brasileiros. Você vai la fora e tem.. as outras universidades, elas tem acesso a muitos outros artigos, né, então, por exemplo, eu pago para ter os artigos da *Academy*, acesso, leitura e custa, não lembro agora, acho que uns 450 dolares, né, então, [risos] eu também tô pagando. E se esses artigos fossem publicados de uma maneira mais é.. gratuita, né, então.. gratuita muito mais pessoas teriam acesso, né. Então, eu acho que toda essa questão ela ajuda a gente a se distanciar dos melhores, né, os melhores eles já nascem tendo acesso as melhores coisas, né. **Então, a gente não tem a língua, não tem [risos] acesso a tudo, né, acaba, assim, dificultando e até no desenvolvimento, né, nas referências, assim, no próprio estudo, né, de todos os outros brasileiros** (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A editora, no entanto, pensa que ao invéz de pagar para ter acesso aos artigos, as universidades poderiam pagar para publicar o artigo e o acesso ser livre, e enfatiza que as editoras iriam resistir, como já fizeram quando a editoração passou ser *online* (BÉGAULT, 2009). No campo, o agente ou instituição dominante luta para manter sua prática e o valor de seus capitais, segundo Riviera e Brito (2015).

A editora entrevistada também acredita que a gestão das editoras é um modelo de negócios, deixando notório a incorporação de disposições que não, necessariamente, são entendidas por outros agentes. Quando ela cita “modelos de negócios conflituosos” é possível entender que existe luta no campo pela mudança do *doxa* (RIVIERA; BRITO, 2015). A visão dominante do campo, conforme visto no gráfico da Análise de Correspondência Múltipla, não está relacionada com as editoras comerciais, ainda que haja luta para que isso ocorra. Percebe-se, claramente, as relações de poder em jogo.

O entrevistado 05 e editor de uma revista B3, reconhece que essa discussão é difícil de ser tratada, mas acredita que o acesso aos artigos deveria ser livre. O editor afirma que o Brasil tem o acesso livre porque os custos são mantidos pelas instituições e associações.

É. é.. **essa questão está bastante discutida e acho que é bastante complexa**, não é, pra ser tratada rapidamente. É claro que.. é preferível que as revistas.. que haja livre acesso, os artigos que nos produzimos e... mas, é .. o fato é que não há quem mantém esse tipo de custo, quem que vai pagar esse custo? No Brasil, são muitas vezes as instituições acadêmicas e .. é.. as associações que pagam. Nessa medida, eles.. no fim, pegarem esses artigos e colocarem em revistas que vão ter lucro, não apenas arcar

com seus custos, mas, eventualmente, ter lucro é uma questão complicada. Mas, acho que a solução não é óbvia também (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

O editor entrevistado também revela a luta no campo pelo monopólio do capital quando afirma que a “questão é bastante discutida”.

Segundo entrevistado 06, a internacionalização do periódico é uma estratégia e a parceria com editoras comerciais é importante, porém, ele não mudaria a revista 100% para o inglês como o editor da RAI fez.

É.. não, olha só a. a internacionalização ela é essencial, né. Assim, a gente começou a dar alguns passos é.. a [revista] não tinha *site* em inglês, desenhamos agora de .. de maio pra cá. É.. a gente vem tentando atrair autores estrangeiros, temos conseguido alguns aí por conta do é.. não só do [evento X], mas de outros eventos, tentando colocar a [revista] no *fast track*²⁰ de outros é.. de outras conferências. Então, agora eu, né, eu tava numa organização de uma conferência internacional [...] botei a [revista] lá, nós vamos editar um número especial para o ano que vem, então, acho que a internacionalização é essencial. A questão do publicar é.. em inglês é.. aí hoje acho que o trabalho seria.. só mover a revista para o inglês não resolve, quer dizer, na verdade a ideia seria publicar em dois idiomas, tá, que é o que eu vejo, por exemplo, a Gestão e Produção que é uma A2 da área de Administração faz. Eu tive até uma conversa recente com o professor [...] da.. da.. RAI USP que agora é *International Innovation & Management Review*, fizeram a migração, fizeram a parceria com a *Elsevier*, né, não sei se *Elsevier* ou *Emerald*.. migraram a revista e passaram a só publicar em inglês, quer dizer, internacionalizaram a revista é.. acho que é um passo importante, mas eu não faria 100% como eles fizeram. **Acho que eu manteria a publicação em português também, tá, pra atingir determinados públicos que não são atingidos, que as vezes tem uma dificuldade de ler em inglês. Mas, eu.. internacionalização é.. é estratégia** [...] da revista, do nosso programa de pós e da universidade como um todo, então, é... não sei.. um caminho sem volta. Então, é se estruturar pra isso, né (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

É importante citar que as únicas revistas da área de Administração que tem sua gestão atrelada à uma editora comercial, são a RAUSP, RAI e REGE, sendo, que todas as três são mantidas pela USP. Além disso, as três mudaram o nome da revista que passou a ser escrito em inglês e todos os artigos aceitos são publicados em inglês.

Em relação às revistas que publicam artigos apenas em inglês, 02 (duas) tem *Qualis* A2 (BAR e RAUSP), 02 (duas) são B1 (RAI e REGE), 01 (uma) B2 (Revista de Negócios) e 03 (três) são de *Qualis* B3 (FUTURE, IJI e JOSCM). Isto demonstra

²⁰ *Fast Track* é uma forma de tornar mais rápida a avaliação de artigos que já foram aceitos em determinado evento. O editor do periódico faz um acordo com o organizador do evento e o artigo não passa pelo *desk review*. No entanto, a etapa de avaliação por pares é realizada normalmente.

que o campo editorial da comunicação científica em Administração no Brasil ainda não tornou a prática totalmente aceitável, ainda que as editoras comerciais façam parte da história do campo.

A entrevistada 2 e editora de um periódico de *Qualis* B1 não concorda com a internacionalização, até porque a revista é de uma instituição nacional e seria contraditório publicar apenas em inglês.

É.. eu tenho criado algumas.. ahh.. alguns debates, alguns embates, né, com os editores. [...] Ahh... **primeiro que eu acho que se a gente torna uma revista exclusivamente em inglês a gente ta desvalorizando demais o nosso país, a nossa língua e eu não aceito isso.** Enquanto eu estiver como editora da revista, jamais que eu vou permitir que isso aconteça, **até porque os leitores da nossa revista lêem como muita dificuldade o inglês, os avaliadores as vezes demoram mais tempo, tem mais dificuldade para avaliar um artigo em inglês** ahh.. então o que eu fiz?... é muito importante o nosso.. a nossa produção científica brasileira tenha... comece a ter uma visibilidade, então qual a estratégia que eu montei? Ahh.. a minha revista, ela é B1, tá? Eu aceito os artigos em português, faço toda a avaliação em português, deixo o artigo preparado em português, depois eu peço uma.. um artigo em inglês de responsabilidade dos autores, e eles tem que mandar uma carta do tradutor, dizendo da competência dele e aí eu ponho um artigo em português e um em inglês, completo e [...] na versão em português, então ele tem um resumo estruturado em português, inglês e espanhol. E na versão inglesa é só inglês.. só resumo estruturado em inglês e o artigo em inglês. **Então, dessa forma, eu acredito que a gente começa a ter uma... uma visibilidade no exterior, mas eu não tiro a identidade, até porque minha revista ela é [de uma instituição] nacional, então, seria uma incoerência muito grande da minha parte, como editora-chefe da revista tirar a língua portuguesa, tirar nossa nacionalidade.** Então, eu tenho feito bastante apelo nesse sentido quando vou para fórum de editores, nesse sentido de que nós não podemos desvalorizar a nossa comunicação em português (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Nota-se, aqui a ligação do discurso com a prática, pois as revistas classificadas como B1, tem um volume considerável de capital, mas não tem as práticas voltadas para a internacionalização. A editora entrevistada acredita que a internacionalização dá maior prestígio pra revista, mas percebe que a mudança da revista para o inglês desvalorizaria a produção brasileira.

Para o entrevistado 3, é importante internacionalizar para que a revista ganhe visibilidade no exterior, mas ele diz que publica poucos artigos em inglês.

É.. então ahh... a gente é bilingue hoje, tá, já faz algum tempo que a revista é bilingue, já deve fazer.. acredito que 1 ano.. de cabeça aqui, porque veio da outra editoria, mas se me lembro bem é um ano, tá. **Ahh.. a gente estimula muito o recebimento de artigos estrangeiros, que ajuda a divulgar a revista, isso não quer dizer que um artigo estrangeiro ganhe preferência em relação a outro, é pelo contrário, que a gente vem**

recebendo, visualmente, a gente tá até um pouco abaixo do nosso nível, então, a gente ainda publica pouco estrangeiro. Mas, a gente recebe é.. trabalhos estrangeiros mais frequente hoje, tá crescente essa recepção de artigos estrangeiros, só não tá publicando mesmo porque eles não passam no processo editorial, não é né... não porque ele é estrangeiro que eu vou favorecer ele, mas a gente gosta da ideia, muito de não só internacionalizar a revista, no sentido de.. dela se tornar lida por estrangeiros, mas ela ter também artigos estrangeiros ali, então, a gente tá trabalhando pra isso, mas, tudo que a gente pode fazer pra internacionalizar ela, buscar indexadores internacionais, colocar em língua estrangeira, que pode fazer a gente tá tentando fazer há um tempo (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

O entrevistado 04 não discorda da publicação em inglês. Para o editor de revista classificada como B1, a publicação em inglês possibilita um maior impacto ao periódico e aos artigos.

Eu acho importante, eu acho importante.. é .. nada contra artigos em português, eu também publico revista em português [...] talvez porque eu não tenho saco de fazer a tradução ou porque eu acho que o artigo só vai ter, realmente, impacto no Brasil, **mas eu acho uma lástima por outro lado você deixa de.. você, basicamente, corta qualquer probabilidade de impacto internacional.** E você pode dizer “Ah não, mas impacto sempre tem”, você pode olhar para outro lado, né, tem gente lá fora que talvez tenha interesse no que você está escrevendo e não consegue ler, mas difícil isso, né. A [revista] por muitos anos pagava a tradução de todos os artigos pra publicar a revista toda em inglês e todo ano se discute se... se vai se manter essa política ou não, eu acho que é uma decisão que não toca a mim, toca a [instituição], então, todo ano se discute na [instituição] e se vota ou se levanta a mão na assembléia e as pessoas preferem manter essa situação híbrida onde se tem artigos em português e em inglês. **Bem, acho que deixa a decisão ao autor, se o autor quer ter mais impacto, quer alcançar pessoas lá fora que talvez tenham interesse, escreve artigo em inglês, se não, escreve em português. A gente deixa a critério do autor,** mas eu não vejo mal não. Eu acho importante é.. pesquisa é pra todos, né, eu acho que é importante você tentar maximizar o impacto, o alcance da tua pesquisa, acho que é.. (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Aqui fica evidente que a internacionalização faz com que produção científica nacional seja devalorizada, o mesmo ocorre com os periódicos. No entanto, Rossoni (2018a) explica que os periódicos não alcançam visibilidade por publicar em inglês, até porque o periódico brasileiro é mais visto no contexto nacional do que no internacional. Se a internacionalização é a luta por posições no jogo científico, (GOULART; CARVALHO, 2008), a revista que publica em inglês pode assumir uma posição mais periférica nesse jogo (ROSSONI, 2018a).

É importante notar que a visão de que o idioma inglês é o mais importante, de fato é uma visão dominante no campo da comunicação científica. Mas, o que se percebe em algumas falas é que existe um luta para a mudança do *doxa*, pelo

menos no contexto nacional. Concordando, a editora de um periódico classificado como B2 (Entrevistada 07), não concorda que a revista publique apenas em inglês, pois pode tornar a publicação brasileira menos visível.

Bom, então, **essa coisa [...] de.. é de fazer só em inglês tá subtendendo que todas as.. que todo mundo deveria ler super bem o inglês, né, enquanto você vê, né, que no Brasil não é todo mundo que lê. Isso eu acho que também traz um distanciamento é.. da própria é.. área afim, né, então, por exemplo, as empresas na área de Administração que poderiam estar usando os nossos métodos de gestão, tá em inglês elas nem.. talvez leiam, né. Então, tem assim... essa proximidade eu acho pode prejudicar, então, a gente acaba se deixando aí... novos estudantes, né, por exemplo, a graduação, *lato sensu*, especialização que também nem todos lêem.. e também isso é.. dificulta, né.** Como eu falei né, eu acho que a gente tem as nossas jaboticabas (risos) que são preciosas, amo jaboticaba, então.. nossos problemas eles precisam ser atacados como.. com propriedade, né. **Então, as vezes você ficar querendo transformar isso numa coisa global, pode ser irrelevante, né,** e aí a gente nem consegue comunicar lá fora e quem tá aqui tem que... então, eu acho que isso que a gente precisa se.. né, se questionar, né, o quanto realmente a internacionalização ela é salutar, né? Eu acho que a gente tem que saber inglês, tem que ter uma.. uma outra língua, né, mas, a gente.. nossa língua mãe é o português. Então, eu acho que deveria debater mais, né (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

E complementa, que a mudança colocaria para fora os jogadores que não seguem as regras.

[...] Então, você tem que publicar em boas revistas, tem que publicar em revista que recebe em inglês e assim, é... ah, quais.. quais são os profissionais que tem a capacidade de escrever em inglês? Não tem, né, muitos do que eu conheço não tem [...] (ENTREVISTADA 07).

O entrevistado 08 que também é contra a publicação em inglês afirma que a revista em que atua sempre será em português, não existe uma intenção de internacionalizar.

No caso da [revista] ela vai continuar sendo em português, enquanto ela não for proibida de ser em português, ela vai continuar em português. Nós não temos ambição e nem interesse em ser.. sermos internacional, deixa isso [...] para outras revistas. E assim, isso independe se os pesquisadores vão se internacionalizar, é importante, com a comunidade maior se aprende. Quando eu tenho contato com colegas de fora eu aprendo muita coisa, e aprendo com colegas da Rússia, da Itália, não necessariamente Americano, se necessário. E não significa que a gente vai se submeter a tudo que eles fazem, a lógica de pesquisa, de escrita, inclusive, brasileira sempre foi um pouco diferente e tem coisa que é interessante, Não é que existe um formato internacional que é diferente do nosso que é melhor, pelo contrário em algumas coisa eu acho que nosso modelo é até mais enriquecedor. Eu tenho.. se for pensar bem, os colegas que eu mais admiro aqui no Brasil, do trabalho que fazem, da qualidade do trabalho que fazem, não publicam fora ou nunca publicaram. Se eu pegar

uns cinco que eu mais admiro, nenhum deles. Minto, um deles eu admiro muito, mas, pelo trabalho e não pelo conteúdo. Pelo conteúdo sim, os que mais admiro não publicam fora. Se fosse somente publicação internacional, provavelmente, as coisas melhores que eles fariam, mais interessantes, não teriam espaço. Você pega até os prêmios Nobel, os caras que já ganharam o prêmio Nobel eles falam “Não olhem o periódico, olhem o conteúdo”, se você quer ver inovação, você nunca vai achar a grande inovação num grande periódico, o próprio Einstein.. Einstein ganhou o prêmio Nobel com um artigo que discutia partícula elétrica, o trabalho dele sobre relatividade geral espacial ficou em segundo plano. Se fosse.. fosse esperar que fosse publicado num grande periódico, não sei se teria publicado. Fisher que foi um dos estatísticos mais brilhantes, ele nunca conseguiu publicar nos principais periódicos de estatística matemática, até porque o Pearson o perseguia. Ele só conseguiu publicar uma vez no *Biometric*, e foi um dos caras mais brilhantes que gastaram décadas pra poder corroborar muitos estudos que ele fazia brincando em um pedaço de papel. **Então, assim, a gente não pode apostar somente em um modelo de periódico com alto impacto, a gente tem que apostar um pouco mais em um caminho alternativo e, inclusive, os livros que sempre teve um papel central que tá um pouco se perdendo, acho que a gente tem que resgatar os livros, a tradição ensaísta brasileira que sempre foi muito boa, mas, que não tem espaço no periódico tradicional** (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

O editor entrevistado explica que é preciso ter caminhos alternativos para o desenvolvimento científico. É importante observar que o editor espera que algumas práticas que são parte da gênese campo voltem, demonstrando uma resistência à outras que foram legitimadas no campo.

No entanto, o entrevistado 09 e editor de um periódico A2 é favorável ao inglês. Para a pesquisa brasileira ser lida tem que publicar em inglês, de acordo com editor entrevistado.

Olha, é aquele negócio não.. **não tem pra onde correr, infelizmente**, tá, É.. seria melhor que a gente pudesse falar no idioma que a gente quisesse, mas, o problema é que pouca gente entenderia. Eu não.. eu não entro mais nessa discussão. É.. eu pra mim já é assunto batido. Eu só publico em inglês porque é o jeito de eu me fazer entender e ser lido, ponto. Não é uma questão de bem ou mal, certo ou errado, tá, é.. é.. essa é a situação, e eu não tenho nem autoridade, nem motivação pra.. pra liderar um movimento, é pra que a gente adote, sei lá, o Esperanto, a língua neutra como a língua das publicações mundiais. Se alguém quiser fazer esse movimento, que faça, mas, eu... eu não vou... eu tenho muito problema pra resolver no dia a dia e eu nem penso sobre isso, tá. Não sou contrário é.. as.. as publicações em inglês (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

O editor entrevistado também relata que existe uma “discussão”, revelando assim como o entrevistado 05 e a entrevistada 07, que a publicação em inglês, ou mesmo a internacionalização, não é uma prática totalmente aceita pelo campo. Concordando com o entrevistado 09, a também editora de uma revista A2 afirma que

[...] **é fazer ou morrer, né.** Assim, eu assim não tenho nem essa questão “ah você não tá publicando pro mercado internacional”, aí eu falei.. hoje em dia é muito fácil você ler um texto em inglês, você põe no *Google Translation* lá e mesmo que você não sabe, você... você consegue entender o que.. né. E a língua... **a língua que domina é o inglês, então, hã.. sendo contra ou sendo a favor, se você quer jogar o jogo que estão jogando hoje tem que se internacionalizar,** internacionalizar é você ter a sua revista... se você só publicar em português, quem vai ler teu artigo? Só a.. só o mercado aqui, mesmo assim as pessoas top, top, top não.. não citam artigo em português. Se.. se você olhar, temos os.. os.. brasileiros que estão publicando em revista top, se tiver artigo em português, não cita. **Então, o jogo é esse, né, se a gente quer estar dentro dele** que é.. eu acho, assim, que no fundo a gente está fazendo um bem pros pesquisadores brasileiros, porque eles estão sendo conhecidos lá fora, eu acho que é isso (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

É possível visualizar nas falas dos entrevistados 09 e 10 a tentativa de subverter a ordem científica no campo, visto que as revistas brasileiras não tem essa prática legitimada. A editora também aponta para a desvalorização da produção científica brasileira. De acordo com a editora, pesquisadores com grande reconhecimento no Brasil não citam artigos nacionais. Esse foco em internacionalização já é prejudicial para a produção do campo científico e tem impactado o campo editorial da comunicação científica na medida em que editores tentam aumentar o fator de impacto, através de estratégias que não funcionam adequadamente (DINIZ, 2017; ROSSONI, 2018a).

Sobre isso, o entrevistado 08 afirma que a internacionalização é um mito e que ela de fato pode prejudicar a produção nacional.

[...] **essa regra dessa.. desse mito da internacionalização ela acaba canibalizando aquilo que a gente tem de melhor as vezes,** não tô falando que não é importante internacionalizar, mas o mito da interna.. da internacionalização dos periódicos nacionais, ela não faz muito sentido. **Você não vai estar internacionalizando a produção nacional por meio de periódicos nacionais, não faz muito sentido ao meu ver,** do jeito que tá sendo.. tenho vários argumentos contra (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

Para o entrevistado 11 que é editor de uma revista classificada como B3 no *Qualis*, internacionalizar não é publicar em uma língua apenas ou tornar o acesso fechado por meio da parceria com editoras comerciais, mas discutir assuntos de relevância nacional e internacional e estar em indexadores que proporcionem visibilidade internacionalmente.

Mas.. é.. porque, por exemplo, **hoje é.. o que os órgãos de fomento, agências reguladoras como Capes e SciELO e por aí vai.. prerrogam inter.. internacionalização de periódicos é você estar na Web of**

Science, então, eu penso enquanto internacionalização no sentido de eu dar maior visibilidade para nossa produção lá fora, né, nesse sentido e não no sentido de “Ah receber mais citações pra aumentar fator de impacto e tal”, tem gente que pensa que internacionalizar é isso. Eu sei que tem periódicos que deixaram de publicar em português pra publicar em inglês, pra elevar e entrar num contexto de internacionalização, eles não sobreviveram um ano nisso, porque daí eles acabaram mendigando submissões porque as pessoas.. os autores deixaram de publicar, é... mandar para aquele periódico. **Então, eu acho que a ciência brasileira.. na verdade a ciência latino americana ela tem uma particularidade que é muito distinta dos demais países, ela tem uma valorização muito maior a respeito do acesso aberto, né, que vai um pouco... um pouco não, vai de maneira muito diferente dos países,** de fora assim, então.. não sei, eu penso que a internacionalização ela pode dar no sentido do corpo editorial com pessoas de vários países, ou então, um dossiê, um número especial de relação Brasil e outro país, de determinado tema, sabe. Pra que essa internacionalização ela reflita também no conteúdo, né. Por quê, por exemplo, não colocar pesquisadores do Mercosul para discutir o futuro do Mercosul perante esse novo governo? Em um número especial, por exemplo.. seria muito bem vindo, né, eu acho que essa internacionalização precisa ser mais engajada pra que não seja uma coisa muito egoísta por parte do editor, né (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

Na fala do editor se percebe com clareza a estrutura do campo editorial da comunicação científica brasileiro, que preza o acesso aberto e não reconhece a parceria com editoras como algo que proporcione visibilidade, diferente de outros países. Ele cita que algumas revistas que tentaram buscar capital por meio dessa conduta, não conseguiram se consolidar. Para o editor, é preciso discutir ainda o assunto para que não seja uma decisão egoísta, no sentido de querer aumentar o fator de impacto sem pensar no acesso dos brasileiros à pesquisa brasileira, concordado com Berlink (2011) que cita que a internacionalização exclui leitores que não conseguem ler em inglês.

Nesse subcapítulo foi possível analisar os temas da internacionalização, parceria com editoras comerciais e a publicação em inglês. O fator de impacto, funciona como um poder simbólico, que provoca uma indução nos editores e está ligado a busca por indexadores e, em menor grau, pela internacionalização, mas o que se espera na verdade é o reconhecimento.

Percebe-se que são poucas revistas que aderiram à parceria com editoras comerciais e pela publicação em inglês. Os editores de periódicos A2 concordam com as editoras comerciais e com a publicação em inglês. Já, entre os editores de periódicos classificados com *Qualis* B1, B2 e B3 não há um consenso. No próximo subcapítulo trataremos da política de concessão de fomento.

4.4A política de concessão de fomento

Como visto anteriormente, a Capes e a CNPq além de conceder bolsa produtividade aos pesquisadores, também financia periódicos. Além dessas agências, as fundações de apoio à pesquisa também oferecem bolsa, através de editais específicos.

O entrevistado 01 explica que no edital da Capes/CNPq para uma disponibilização de recursos há uma segregação nos critérios estabelecidos. O editor explica que as agências locais também faziam uma seleção de periódicos seguindo o modelo da Capes/CNPq e acabavam dando “mais pros mesmos”.

[...] na Capes na hora que estabelecem o edital para a disponibilização de recursos financeiros, para um possível.. futura, sei lá..é.. disponibilização de recurso, é.. há uma segregação, há um direcionamento de.. mais pros mesmos. Então se você exige que a revista.. antigamente, um edital que eu vi.. exigia que a revista fosse B2 e a revista era B3, eu queria um recurso para ela virar B2, né, daí outro dia eu tava vendo lá “Ah tem que ter *Scopus*, tem que ter isso..” aí eu fale “Ah não perai, pode parar aí”, a [revista X] que vai entrar, que é o que? Que já tem estrutura.. pra pegar mais recursos, mais estrutura e nós que não temos, não vamos ter, porque nós não vamos ter isso aí? Nós não cumprimos os critérios básicos. Aqui [...] no processo de avaliação das instituições, né, pra poder fazer parte.. pra ter o recurso financeiro.. tinha essa mesma lógica, seguia o modelo da Capes de.. de.. de edital da Capes e do CNPq e segregava também, então ninguém conseguia recurso daqui, aí você aí olhar.. quem conseguia? Era uma revista [de uma Universidade Federal], aqui, nada contra a revista, nada contra as pessoas mas, só ela que conseguia recurso, né, então.. por que? Porque pegavam o recurso e não dividiam esse recurso, né, de forma em escala, em cascata, né, em cascata e aí concentrava mais recurso e chegava esse recurso na revista. À partir do governo passado teve esse editorial.. esse edital que aí houve uma abertura maior pra.. pra.. pra outras escalas. Seria mais ou menos o seguinte, né, minha casa, minha vida só vale pra quem recebe acima de 24.000 reais por mês, alguma coisa assim (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

Concordando, o entrevistado 08 afirma que as agências de fomento ignoram o periódico que não está o *SciELO*, no *Scopus* ou no JCR.

Eles ignoram, você não ta no *SciELO*. [...] Então, o que acontece eles.. eles só te fomentam se você estiver no *SciELO*, no *Scopus* ou no JCR, se você não esta, você não é nada. Então, isso é ruim. Nós temos periódicos que são excelentes e não estão em nenhuma delas, só no *SciELO*, e não é suficiente pra você obter recurso. Mas, infelizmente, essa é a regra, porque você compete com os demais também [...] (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

A editora de um periódico A2 e entrevistada 10 afirma que teve verba aprovada, mas não pôde utilizar por norma interna.

Hã... olha, hã.. eu assim, em termos de fomento a Capes e o CNPq, eu não.. no período que eu.. eu passei aí eu consegui verba. Hã.. mas, por exemplo, **na própria universidade houve restrições [...], então a gente, não.. não conseguiu verba** (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

Outros editores não se manifestaram ou afirmaram não terem tentado obter fomento. A entrevistada 02 explica:

Então.. **a minha revista ela nunca teve nenhuma.. nenhum fomento. É uma revista, é por enquanto dos órgãos de fomento... é uma revista jovem, né, ela nasceu em 2012, então, até por questão de longevidade, um dos critérios dos órgãos de fomento no sentido de ajudar a editoração**, nós ainda não tivemos, infelizmente, ainda nenhuma ajuda de custo. Este ano, com a abertura de um edital no CNPq, eu submeti uma.. um pedido de fomento e vou aguardar ansiosamente pelo resultado, não temos nenhum resultado nisso. Mas, a revista também não pediu nenhuma ajuda pra nenhum órgão de fomento. Então, por isso ahh.. essa avaliação, pra mim, fica muito difícil de ser feita, até porque eu não tive ainda nenhum retorno (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

O entrevistado 06 afirma que nunca solicitou fomento e não se recorda de nada específico relacionado à Capes/CNPq, já em relação as outras agências o editor explica que não se encaixa nos critérios.

[...] **a gente nunca pediu fomento pra.. pra [revista], né, que aqui no estado é pela [agência de fomento X], né, que tem linha editorial e CNPq eu não lembro de ter visto uma coisa específica, é.. ate porque a [revista] aconteceu muito rápido, então, a gente não.. não conseguiria enquadrar ela no tipo de edital que a [agência de fomento X] usa** (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

O que se percebe é que a Capes e a CNPq também são criticadas em relação aos critérios estabelecidos para proporcionar o fomento, pois estabelece, muitas vezes, focando em quem já tem uma certa estrutura. “Há um direcionamento”, como afirma o entrevistado 01.

Na consulta no site do CNPq foi possível verificar que alguns periódicos foram selecionados para a obtenção de verba, sendo que 06 (seis) são revistas A2 (BAR, O&S, RBGN, RAE, RAUSP e RAP), 01 (um) periódico é B1 (BBR) e 03 (três) periódicos são classificados como B3 (IJI, RBGI e GEAS).

Em relação às outras agências de fomento, não houve uma busca para saber quais revistas tinham o benefício. É importante citar que as revistas que conseguem esse tipo de benefício obtém capital simbólico e econômico, e tem facilitado a busca por capital específico.

Além disso, o capital econômico está vinculado ao apoio e poder institucional, isto é, a falta de apoio institucional reflete a falta de capital econômico e a dificuldade de se conseguir maior capital específico, o que veremos no próximo subcapítulo.

5 A LUTA POR CAPITAIS E A POSIÇÃO DO EDITOR NO JOGO

De acordo com Bourdieu (1999, p. 199),

O editor é aquele que tem o extraordinário poder de assegurar a publicação, ou seja, de fazer com que um texto e um autor tenham acesso à existência pública (*Öffentlichkeit*), conhecida e reconhecida. Essa espécie de “criação” implica quase sempre uma consagração, uma transferência de capital simbólico (análoga à de um prefácio) cuja importância é proporcional ao grau de consagração daquele que a realiza [...].

Assim, se percebe que entre os agentes, o editor tem posição de dominante no campo editorial da comunicação científica, pois sua função é fazer reconhecido o pesquisador ou autor, mesmo que outros poderes estejam atrelados a sua decisão. Lipp (2010), Patrus, Dantas, Shigaki (2016) e Treszniak (2009) atribuem ao editor um papel de poder no campo, pois é ele controla o processo editorial. Nesse capítulo trataremos do tipo de interesse que o docente tem em ser editor, do trabalho do editor (objetivos e dificuldades) e das relações com a estrutura social do campo editorial da comunicação científica, bem como, com o campo científico.

5.1 O interesse do docente e o campo científico

É importante relatar que os editores entrevistados são docentes e lutam por capital no campo científico, nos termos de Bourdieu (1983a). Dessa forma, eles podem ser agentes que já possuem determinado prestígio, como podem possuir menor volume de capital. Podem ter interesse em subverter ou conservar o valor dos capitais atribuídos a ele (RIVIERA; BRITO, 2015). A entrevistada 02 afirma que assumiu a revista por convite, o que, pode demonstrar um certo prestígio no campo científico.

[...] outra pesquisadora.. ah **ela me convidou para ser editora** da [revista] que é a revista da [instituição], que eu também ajudei a criar. Ah... e estou na.. na frente como editora-chefe dessa revista desde 2017 [...] (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Assim também ocorreu com o entrevistado 04 que afirma que o capital social foi um fator importante para que o convite acontecesse.

[...] **me convidaram**, basicamente, [a pessoa] que era **o editor tava saindo e não só porque já tinha ficado à bastante tempo em frente.. à frente da revista [...]** e me convidaram para ser o novo editor, eu

assumi, isso mais ou menos em Outubro ou Novembro a gente teve essa decisão é.. **facilita muito o fato também da.. do vice presidente e presidente da [instituição x], né, o antigo presidente da [instituição x], o vice presidente ta aqui.. tá no meu andar na [instituição] e que efetivou o convite** (ENTREVISTADO 04, grifo nosso)

O entrevistado 09 também afirma que foi convidado para ser editor. Segundo o entrevistado, “[...] ano passado eu fui convidado pela [instituição] pra ser editor chefe do.. da [revista] e eu tô.. tô como editor da [revista] desde então, maio de 2008.. 18 [...]” (ENTREVISTADO 09).

Para a editora entrevistada 10, foi realizado um convite para assumir a revista. A editora afirma que o capital intelectual foi importante.

[...] **depois eu fui convidada pelo professor [...] que tava saindo da [revista], para assumir a [revista], né. Eu já.. na época eu já estava fazendo concurso pra titular e tinha um pouco essa.. essa questão de você ter uma qualificação, né, maior pra você assumir a editoria de uma revista.** E.. foi um pouco assim, meio natural... assim, não foi uma coisa planejada assim “vou ser editora de revista”, né. Você acaba tendo experiência um pouco mais como autor, né, não como editor, né, quando você chega a editora a coisa é um pouco diferente, né (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

Nota-se, que os docentes podem ter sido convidados pelo prestígio que já possuem no campo científico. Fato que é corroborado por Rossoni (2018b) quando afirma que o prestígio do periódico pode ter relação com o peso do editor, assim a luta por capital simbólico envolve também a disputa por editores mais distintos no campo científico. Mas, o editor de prestígio também pode ter o interesse em possuir mais capital simbólico ao buscar administrar uma revista reconhecida no campo. Tanto o entrevistado 09 como a entrevistada 10 são editores de revistas classificadas como A2. A entrevistada 02 e o entrevistado 04 são editores de revista B1.

Em relação ao entrevistado 03, o mesmo afirma que se tornou editor porque gostava, mas na revista em que ele atua foi uma rotatividade do próprio departamento, assim como existe a rotatividade para ser coordenador.

Na verdade esse negócio de editoria é.. é um negócio que **eu sempre gostei, antes de mais nada, né.** [...] Então, na verdade como eu me tornei.. da [revista], especificamente, essa última? **Foi na verdade uma rotatividade natural, do departamento que eu trabalho [...], os outros editores que tavam trabalhando já haviam, né, uma jornada que tinha bem seus 6 anos, então, foi natural, né, foi uma reconfiguração natural do departamento, das revistas, que acontecem naturalmente e aí que eu comecei, especificamente, com a [revista].** Mas, falando de interesse

para virar editor, isso aí é uma coisa que sempre tive, né, avaliador, sempre tive interesse de fazer isso, então paralelamente sempre tentei fazer curso de certificação de... trabalho de editoração, de.. trabalho de avaliação, né, pra atuar como avaliador, pra atuar como editor. Então, é uma coisa que gosto de fazer especificamente, né, e esse interesse acabou ajudando aí... a juntar o interesse com a necessidade. Eu já sabia que gostava, na hora da rotatividade foi quase que natural aí (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

De acordo com o entrevistado 06, ele se tornou editor por necessidade do departamento, como o entrevistado 03, já que o outro editor havia saído. O mesmo aconteceu com o entrevistado 08 e 11.

A [instituição] mantém duas revistas, [...] a [revista X] e a [revista Y] [...]. Um amigo nosso, **um professor que era o editor-chefe saiu da revista..** saiu da instituição em 2010, nessa, vamos dizer assim, leva de demissões um outro colega nosso assumiu. Ele assumiu e tava muito atrasado, tava muito artigo parado, tava muito coisa.. tinha muita coisa com problema na [revista Y], e a [revista X] tinha 9 artigos em avaliação, já tinha muito tempo.. aí ele pegou e pediu ajuda, pediu ajuda e aí o que foi feito.. alguns colegas fizeram a avaliação.. fizeram a avaliação dos artigos, um pré-avaliação e foi feita uma.. uma.. uma divisão de trabalho. Foi feita uma divisão de trabalho, **eu assumi a.. foi em 2012, eu assumi a [revista X] [...]** (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

[...] lá da [revista], especificamente.. como ela é uma revista do nosso programa de mestrado é.. é houve um.. um.. um.. não vou dizer que é **um processo seletivo**, mas, houve um primeiro colega que ficou como coordenador durante 4 anos, né, como editor-chefe durante 4 anos, quer dizer.. a gente trata ela dentro do programa como um projeto, assim como outros.. outras atividades que a gente tem, né, é.. nos temos um congresso grande [...] e.. outros projetos com empresas, então, a gente trata ela como um projeto. Então, **um [colega] ficou durante 4 anos à frente e aí ele, quando tava vencendo o mandato, ele trouxe pro programa é.. pra fazer um.. ver se algum dos colegas queria assumir, ou então pra gente abrir um edital, né, pra fazer um chamamento de um editor, e aí, no caso, é.. eu me candidatei, né, assumi.** Então, o processo foi bem formal, né, ficou dentro do nosso programa (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

[...] quando [o editor anterior] pediu pra sair, ele queria ver alguém [da instituição] e o nome que tinha mais interesse na época era eu. Então, **assumi a editoria** e fiz uma série de mudanças técnicas: implementação do *site*, tentei dar mais eficiência no processo editorial, acompanhar as coisas mais de perto. E eu tô na [revista] desde o segundo semestre de 2017, não tem muito tempo.. tem.. se tiver tem dois anos, dois anos e quebrar em um mês, não tenho exatamente a data que eu entrei, mas, não é muito tempo (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

[...] o periódico nosso aqui de Administração foi criado em 2011, era uma outra editora, uma.. né.. editora, ela que cuidava da revista e eu já fazia parte do Corpo Editorial dessa revista, enquanto, Bibliotecário com o papel de fazer a indexação nas bases internacionais. **Eu ficava responsável por essa parte mais técnica, né. E com a saída dela, ela foi desligada em 2015, eu assumi como editor-chefe** (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

O entrevistado 05 também revela que se tornou editor pela necessidade e que para ser editor não foi necessário capital intelectual, mas que o conhecimento sobre o trabalho em uma revista é necessário.

[...] como todo mundo que se torna editor de periódico, não é? **Tava precisando de um editor** [...], formação nenhuma, orientação nenhuma.. no máximo, o mais próximo que foi chegado disso era.. pra publicar os meus artigos, né, então.. Eu acompanhava um pouco o trabalho do editor em *office*, é.. alguma noção eu tinha, não é? a.. a partir disso, mas o resto foi tudo descoberto. **Até hoje eu sinto enormes carências na minha capacidade e formação como editor** (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

Percebe-se, existe uma luta simbólica por capital, enquanto, alguns com prestígio foram convidados e aceitaram pela possibilidade de se acumular mais capital, mas também repassaram pra revista, outros assumiram a posição por interesse, ainda que de forma inconsciente (SETTON, 2002). Essa relação se torna mais perceptível quando os editores entrevistados, em sua maioria, concordam que o interesse do docente em ser editor significa a disputa por capital científico no campo, a disputa pela autoridade científica (BOURDIEU, 1983a).

Para o entrevistado 11, a vantagem é maior para o editor de instituição pública que consegue progressão através da produção no *lattes*, no entanto, em instituição privada é difícil encontrar alguém com interesse em ser editor. Importante mencionar que a revista em que o entrevistado é editor é classificada como B3 e não possui elevado volume de capital no campo, o que pode colaborar com a dificuldade de se conseguir editores.

Eu acho que há interesse.. é.. há interesse sim, por mais que no nosso caso chega a ser difícil a gente manter um docente [...] aqui na nossa instituição a gente utiliza o termo técnico e o termo docente, né, ou então colaboradores docentes, então, a gente sempre queria que um dos editores fosse docente também. Então, lá em 2011 a gente teve essa dificuldade de encontrar um docente e manter esse docente, em contrapartida **em instituição que é pública**.. claro, que você não vai receber a mais por isso, por ser editor, né, mesmo na instituição pública, mas **ele dá um certo reconhecimento a mais, assim, né.. de entrar no lattes, aquela coisa de produtivismo acadêmico, então, acaba pontuando um pouco a mais, assim. Na instituição privada é um pouco diferente porque não é o lattes que vai determinar a minha progressão de carreira, né, é um pouco distinto isso, então, não há tanto interesse de docentes, assim, ser.. ser editor, né.** E eu acho que há cada vez menos interesse mesmo em instituição pública, de docente querer ser editor, não sei.. essa é a impressão [...] (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

Concordando com o entrevistado 11, o editor entrevistado 06 afirma que o interesse do docente em ser editor envolve a progressão de carreira, no entanto, o

editor afirma não ter interesse em capital econômico. Nota-se que o editor entrevistado reconhece que o interesse do editor está no prestígio que o campo oferece.

[...] a gente tem uma.. é tem.. **tem um interesse sim em termos de progressão, né, de carreira dentro da universidade.** Acho que esse é um interesse bem pragmático, né. A gente tem a cada dois anos é um processo de progressão que aí as tuas atividades contam nisso e aí a atividade editorial é uma atividade importante, né, é.. até porque você publica, né, **em função dos editoriais, você acaba tendo é.. a possibilidade de abrir portas aí pra.. pra alunos, pra colegas, não na.. na tua revista, né, na revista que tu tá gerindo, mas em outras, né, de.. de conhecer esses meandros dos *fast tracks* melhor, etc. É.. acho que tem um lado, obviamente, de.. de *status* profissional, né, quer dizer, você tá comunicando, tá mostrando ao mercado é.. que você tem uma capacidade gerencial, que você ta.. ta.. ta jogando o jogo, que.. que as pessoas entendem, né, que outros.. quer dizer, quem tá jogando também olha você como.. como par, acho que basicamente isso. É realmente, **pecuniário não tem** é.. não tem nenhuma vantagem, nenhum retorno. Não é isso que traz, pelo menos na minha.. na minha percepção, não é isso que traz ninguém pra ser.. ser editor de revista (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).**

O editor também cita que existe uma aproximação com outros editores e com os “bastidores” do campo editorial da comunicação científica, o que pode facilitar algumas conquistas. Da mesma forma, a entrevistada 10 afirma que o interesse de ser editor ocorre por causa da facilidade de conseguir algumas coisas do campo, como a bolsa produtividade e com isso ter capital científico puro, conforme Menezes, Oddone e Café (2012) explicam. Além disso, a editora aponta para o fato de conhecer novas pessoas e fazer parcerias, isto é, adquirir capital social.

[...] hã, se você olhar, por exemplo, **pra conseguir bolsa produtividade, ser editor tem.. tem.. eu acho que conta,** né. Hã.. que mais? Hã.. ah eu acho que essa coisa de conhecer o meio hã.. o meio de editoração, né. Hã.. por exemplo, [...] **o fato de você estar ali nesse meio, você conhece as revistas, conhece as pessoas, troca informação de pesquisa, né, então, assim... essa troca de favor meio salutar assim, né,** [...] assim, você vai conhecendo as pessoas, vai abrindo um pouco perspectiva de pesquisa, você vai conhecendo o trabalho de outras pessoas, é muito bom, eu acho que é muito enriquecedor, né. Eu acho legal...(ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

O entrevistado 01 afirma que o interesse em ser editor se dá pelo capital simbólico, não só para o agente, mas também para a instituição. Além disso, o editor entrevistado vê que o capital social também pode ser um dos interesses.

[...] **eu acho que tem a questão da contribuição pra instituição.** Então tem um lado que não é um lado de remuneração, né, que é um lado de.. de..

de fazer parte.. **de um lado de ter a consciência da contribuição que pode ter e..e cada um dando sua parte, cada um fazendo a sua parte pra poder manter a revista, que a revista da visibilidade. Essa visibilidade é interessante e tem que ser aproveitada, ela da visibilidade para a instituição e da visibilidade para o editor-chefe.** Então, as vezes.. **é interessante manter certas redes de relacionamento,** né, que não necessariamente vão facilitar sua vida, mas na maioria das vezes não irão dificultar sua vida (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

O entrevistado 05 também aponta para o reconhecimento como o interesse do docente querer ser editor, o que envolve disputas no campo científico, no entanto, assim como o entrevistado 11, ele afirma que por ser um trabalho de muita responsabilidade não é todo docente que busca isso.

Acho que sim, há.. **te dá uma visibilidade** há... há.., **você aprende nesse processo,** muitas vezes a instituição reconhece isso te liberando de outras funções poderiam não te interessar tanto. Enfim, **eu vejo muito retorno pro editor. O problema é que ser editor também dá muito trabalho, é muita responsabilidade, né, você decide se um artigo vai ser publicado ou não e isso tem impacto sobre a carreira dos autores. Então, muita responsabilidade e muito trabalho. Isso é um aspecto que.. afasta, né,** mas de outra maneira eu acho muito gratificante (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

Para o entrevistado 08, ser editor envolve capital simbólico, envolve, em alguns casos, capital econômico e pode envolver capital social e intelectual, devido a aproximação com outros editores.

[...] **simbólico isso envolve prestígio.** Então, normalmente, você ter uma.. **ser editor é uma posição de prestígio, e quanto melhor o periódico é posicionado no Qualis, no campo, mas é.. mais bem visto você é.** Então, querendo ou não, **ser editor de periódico é uma função de status, uma função de prestígio e isso alavanca alguns capitais. As pessoas se aproximam, as pessoas barganham com você,** ten.. alguns oferecem favores. Eu já recebi oferta de dinheiro pra publicar na [revista], não de brasileiro, de gringo, por *whatsapp*.. achei um absurdo! Mas, tudo bem.. e se isso aconteceu comigo com uma revista pequena, uma dessa, imagina com os demais. **E querendo ou não, ser editor te dá acesso a.. a algumas comunidades que são específicas, a gente não tem ainda isso muito disseminado, eu tenho interesse que isso seja resgatado novamente aqui no Brasil, que é a comunidade de editores falando de editores.** É legal, as trocas são interessantes, os editores insistem muito em ensinar e quando você está com eles você aprende muito no processo, e um ajuda o outro. Igual eu faço parte de vários conselhos editoriais e depois que eu me toquei que eu não sabia que eu participava de tanto já, eu sempre ajudo e eles sempre me ajudam. Quando eles precisam de alguma avaliação que ninguém tá avaliando eles falam comigo. Então, isso é legal! E, além disso, **algumas instituições pagam pro editor ser editor, então, há também uma recompensa financeira.** No meu caso não, só perco.. só gasto tempo e é prazeroso. Você não orienta, mas, você ajuda a avaliar como editor. Isso é legal. **E você aprende muito, eu aprendi muito como editor,** o processo de coordenar as coisas dentro do prazo é.. que esse tipo de atividade eu sou bom, não é o primeiro projeto que eu toco, já toquei

projeto muito mais longo e muito mais complexo na minha vida, mas é legal você ver que o trabalho que você tá fazendo, que é um trabalho de longo prazo tá dando resultado [...] (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

De acordo com o entrevistado 04, o interesse do docente em ser editor está na possibilidade de repasse do capital intelectual.

Eu acho que é.. **é um serviço que a gente presta à comunidade, eu acho que faz parte.. eu acho que faz parte da *job creation* acadêmico dar parecer para as revistas**, de ajudar em seminários, dar comentários em seminários, de.. nas conferências, eu sou super caxias, vou nas conferências, vou na seção pôster, é.. converso com os jovens, tento passar um pouco da minha experiência e.. **eu acho que a editoração.. ser editor faz parte disso, você passar sua experiência do que é importante e do que não é importante, você guiar um pouquinho [...]** (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Para o entrevistado 09, não existe interesse em capital econômico ao querer ser editor, mas sim interesse em adquirir maior conhecimento o que reverbera para a sua própria produção científica.

Pois é, deveria ter, mas.. mas eu mesmo acho.. acho é.. vamos dizer assim oh.. **interesse utilitário, acho que não tem, eu pelo menos não.. não.. não consigo é... alcançar benefícios ou objetivos pra mim, né. Agora, é uma função que se a pessoa desempenha com motivação, com interesse, ela dá muito aprendizado** e isso eu, certamente, valorizo e é, basicamente, o motivo pelo qual eu assumo esse tipo de função, é o aprendizado **e esse aprendizado se reflete na qualidade do meu pensamento acadêmico e também nos artigos que eu mesmo produzo e publico** (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

Aqui se evidencia, ainda que de forma mais simbólica, a busca por reconhecimento, pois o interesse em métodos diferenciados, em teorias e técnicas evidenciam a busca pela autoridade científica no campo científico, conforme aponta Bourdieu (1996). A busca do pesquisador é sempre por reconhecimento, segundo o autor.

A entrevistada 02 afirma que o fato do docente querer ser editor, de uma forma geral, está vinculado ao prestígio que ele pode ter no campo científico, embora, ela afirme não possuir esse tipo de interesse. Para a entrevistada, o papel do editor é relevante para o desenvolvimento científico, e concorda com o entrevistado 09 ao afirmar que não é pelo capital econômico.

Ahh.. hoje eu vejo como um papel bastante relevante na área científica. Ahh... precisa ter muita.. é um trabalho muito missionário, porque a gente não.. **financeiramente, não compensa**. O trabalho é intenso, a gente gasta horas... horas na semana trabalhando na revista, ahhh.. então, é muito

missionário mesmo, né, **eu acho que a gente precisa querer, pelo avanço do conhecimento da área.** No caso, na área [...] a revista que eu sou editora-chefe, é a única revista [...] de porte. Então, é um trabalho missionário, eu quero que essa área cresça no Brasil e internacionalmente também. É.. então eu vejo mui.. no meu caso específico, muito focado nesse sentido, né, de ver essa área avançar. Ahhh..**eu sei que tem alguns editores que também assumem essa... esse papel pela relevância na academia, né. É um trabalho que a gente tem um certo reconhecimento, né. Eu, particularmente não me preocupo muito com isso,** mas ele não deixa de ter um papel relevante, o editor-chefe (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Dessa forma, nota-se que ser editor para o docente significa a posse de vários tipos de capitais, mesmo que alguns não reconheçam que existem benefícios materiais e simbólicos, a posição de destaque que o editor tem em relação ao periódico proporciona uma posição elevada em relação ao campo editorial da comunicação científica e ao campo científico. O papel do editor é realmente um papel de poder, conforme destacado por Patrus, Dantas e Shigaki (2016), e por isso, é um dos interesses de docentes.

5.2A relação do editor com o jogo

Como visto, para o pesquisador o fato de contribuir com a ciência significa a posse de capital científico puro, segundo Bourdieu (2004b). Logo, publicar em revistas com *Qualis* A1 e A2 constitui o interesse no reconhecimento do campo (CAFÉ, 2017), assim como assumir a função de editor. Nesse mesmo sentido, a busca do editor é para que a revista consiga alcançar estratos mais altos e ter o reconhecimento do campo.

De acordo com a entrevistada 10 e editora de revista A2, o trabalho do editor proporciona reconhecimento, não só aos autores ou a revista, mas também a si própria.

[...] na verdade acho que foi um trabalho bacana [...], **a gente vendo a revista no final, a gente reconhe.. sendo reconhecido, né.** Outro dia um autor bonitinho falou “[...] eu fui citado numa revista top internacional”, pra nós é uma satisfação enorme, né. Então, foi um período de muito trabalho, que como você sabe a gente não recebe nada por isso, né. É trabalho voluntário mesmo, né, então.. então, foi.. mas, foi legal [...] Eu gostei, eu gostei do trabalho, [...] mas dá muito trabalho na verdade, final de semana você tá trabalhando, entra lá pra ver se tem artigo, não sei o que [...] (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

Nesse momento, percebe-se que a editora atribui o reconhecimento do autor a si, mas entende-se na forma de um ciclo que o autor ganhou certo *status* por ter

publicado em uma revista que possui capital simbólico elevado no campo. Logo, o fato da revista ser prestigiada faz o editor transferir esse reconhecimento para ele. Sobre isso o entrevistado 08 e editor de periódico B1, explica que o trabalho do editor

[...] é um trabalho por vocação, você trabalha pra ver o que? Pra ver que os artigos melhorem, que você tem algo a dizer que não é algo que você está dizendo pra alguém que você fez.. não somente cultuou, mas, você curou. Então, essa questão da curadoria do editor, de tentar aprimorar o artigo por meio do trabalho de terceiros, isso dá satisfação. E assim, é um objeto, quando você vê um periódico que tá com um trabalho sendo reconhecido, é como se você tivesse sendo reconhecido. Então, você transfere algo.. é muito simbólico isso, você transfere o reconhecimento da.. do artigo.. do periódico pra você. Se as pessoas gostam do periódico e você trabalha para ele ser diferenciado, significa que as pessoas estão reconhecendo seu trabalho. Então, isso é legal (ENTREVISTADO 08, grifo nosso) .

O editor explica que quando o periódico é reconhecido no campo é como se o seu trabalho fosse também, como um repasse de capital simbólico. Dessa forma, quando os editores falam da busca para que o periódico ganhe prestígio existe, na verdade, a disputa por possuir o capital simbólico do campo.

Em outro momento o entrevistado 08 afirma que ser editor está muito ligado ao papel do periódico científico no campo, isto é, desenvolver áreas e para isso o editor acaba tendo contato e definindo as temáticas como relevantes.

[...] tem dois aspectos: primeiro editoria te equipa, então, o editor acaba conduzindo muito daquilo que tende a ser relevante, que é válido, que merece ser pesquisado. [...] aqui no Brasil, os periódicos tem menos esse papel. Mas, os periódicos também organizam a sociedade, ajudam a disseminar o que são boas práticas e acho que.. o mais importante é que eles definem uma determinada audiência, uma determinada comunidade. Não existem comunidade científica sem periódico. Então, se você for avaliar um dos critérios de institucionalização de uma área, ou de um tema é o que? É a existência de um periódico. E quando você tem periódicos mais focados isso fica mais evidente, por exemplo, eu trabalho com análise de redes, o periódico que define a área é o *Social Networks*, com a ascensão da *Network Science* hoje existem periódicos *Network Science*. Aqui no Brasil por muito tempo, quem definia o que era válido e não era válido ou tinha um papel muito importante em disseminar alguns temas era RAE, RAC, RAUSP, hoje isso é mais pulverizado e a centralidade delas diminuiu com isso, mas, você vê que os periódicos tem um papel importante. Eles despertam pro tema, eles despertam pra aquilo que é relevante, mas, também as vezes eles acabam disparando modismo, tem um contra-ponto também, porque há um.. há um vies de julgamento. O editor ele não é.. ele é falho, o editor ele não consegue ser onisciente, então, sempre vai ter um.. um.. certo.. uma certa tendência de privilegiar umas áreas que sejam de maior interesse, métodos que sejam de maior interesse do pesquisador e aí cabe maturidade [...] (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

O entrevistado explica que o periódico tem importância para a constituição do campo científico ou acadêmico, e o editor é parte disso. Para ele, no entanto, o editor pode ter alguns vieses ao privilegiar determinados temas ou métodos de maior interesse pessoal.

Para o entrevistado 03 e editor de revista classificada como B1, o trabalho do editor é sacerdotal, como uma missão. O editor explica que a sua função está ligado ao repasse de capital intelectual para o autor.

[...] é um trabalho.. se eu posso usar uma palavra.. **quase sacerdotal. O que isso quer dizer? É um trabalho de muita entrega, né. Trabalha muito.** Não da pra ficar uma semana sem.. sem ver, “oh essa semana vou fazer outra coisa”, não! Funciona bem quando se tem uma disciplina, acho que cada um tem uma disciplina.. tem gente que pega uma vez por semana e faz bem, tem gente que faz um pouquinho todo dia. Eu procuro fazer sempre que eu posso, mas, difícil uma semana que eu não mexa com editoria, é difícil. Assim, **você tem que estar pensando em aprimorar e ajudar um autor, lógico.. faz parte do papel do editor é.. ajudar o desenvolvimento, construção e avanço do campo científico** que eu estou trabalhando, então, dar bons retornos, dar boas sugestões.. faz parte desse bom retorno e **faz parte da minha função desenvolver a área.** Porque, afinal, algum dia a revista vai ser a vitrine, né, do desenvolvimento da área. Então, **eu tenho interesse da revista estar bom.. estar boa, né, estar num patamar adequado aí de qualidade, então, tenho interesse que a própria área se desenvolva pra fazer trabalhos bons, pra gente crescer, pra revista ganhar relevância.** A gente tem essas iniciativas de internacionalizar a revista também, então, sim a gente tem muito essa ideia de trabalhar com a revista e acho que é um trabalho, muitas vezes, pensando em prol dos outros. E eu vou te falar, né, muitas vezes, é.. de novo.. **não é um trabalho que tem que ser feito nem por dinheiro, nem por reconhecimento, mas, muito mais por satisfação, tá.** Ahh.. tem que gente que reconhece? Não, tem gente que reconhece sim, mas, não é muito pelo controle de achar... de chegar em algum lugar e dizer “ah sou editor de revista x”, acontece, mas não é.. não é tão comum assim, então não acho que é isso que faz a gente fazer melhor, não. **Eu acho que.. é essa função de querer ajudar mesmo, querer desenvolver a área é... fazer o seu papel dentro do desenvolvimento da comunidade** (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

Nota-se, que mesmo o editor afirmando que o trabalho não deve ser feito para buscar reconhecimento e sim para auxiliar no desenvolvimento científico da área, ele espera que a revista ganhe prestígio no campo. O interesse do editor é sempre pelo reconhecimento, já que o capital específico do campo científico é uma forma de capital simbólico.

As disposições subjetivas (*habitus*) advém da incorporação das estruturas do campo, nesse caso, percebe-se que ele incorporou a função da revista, ao afirmar que o editor trabalha para o desenvolvimento do campo científico. O entrevistado 05

e editor de uma revista classificada como B3, nesse mesmo sentido, liga o trabalho do editor ao objetivo da revista, que é desenvolver áreas e divulgar trabalhos.

O trabalho do editor, de fato é importante para o desenvolvimento do conhecimento científico, mas nesse caso, a questão era específica sobre o trabalho do editor e o entrevistado 05 respondeu pela revista, demonstrando a incorporação das disposições (*habitus*).

Puxa.. eu acho que é um trabalho da máxima importância, tenho o maior orgulho de ser editor da revista. Parece que a revista vai ter, se for mantido o *Qualis*.. vai ter uma evolução muito legal, o que me deixa muito orgulhoso. Tem um número de acessos importantes, *downloads*. Eu percebo que a revista tem um respeito na área onde ela atua. **Acho que, assim, eu vejo a revista como um instrumento de divulgação**, isso é meio óbvio, né, conhecimento gerado, mas eu também procuro fazer com que a revista contribua pro desenvolvimento de autores, tá, então... eu tendo a ter uma tolerância muito grande com artigos mal redigidos, eu só rejeito mesmo quando eu acho que não dá, né, [...] dou mais chance, dou mais tempo, porque penso que nossa comunidade ainda é uma comunidade de pesquisadores em formação. **Muita gente não tem orientação adequada e a revista pode, de certa forma.. pode contribuir para o desenvolvimento desses autores. Então, procuro sempre incentivar, as vezes eu acho que esse é o segundo papel mais importante da revista, se não for o primeiro, né, que é contribuir pro desenvolvimento dos autores.** E.. basicamente, são as duas.. **bom, contribuir pra divulgação, imagem do grupo, né, da instituição que a patrocina, sem dúvida! Objetivo importante..** (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

É importante observar que, conforme explica Rossoni (2018b) o prestígio do periódico pode estar atrelado ao prestígio da instituição que o mantém tem no campo, mas o entrevistado afirma que o periódico também contribui para a imagem “da instituição que o patrocina”, assim como o entrevistado 01 afirmou no subcapítulo anterior que o trabalho do editor está relacionado com a “contribuição” que ele pode atribuir a instituição.

De acordo com o entrevistado 01 e editor de uma revista B2, o trabalho do editor deveria ser classificado como o 13º trabalho de Asterix. É um trabalho difícil, segundo o editor entrevistado, talvez por ser, como atesta Lipp (2010), um trabalho repleto de normas e prazos que precisam ser cumpridos.

Você tinha os 12 trabalhos de César, né? Que era lavar o estabulo, né, matar o leão.. aí o Asterix, né... o César propôs os 12 trabalhos de Asterix, que eram os mais difíceis do que os trabalhos de Hercules. Dentre eles, só pra você ter ideia, estava conseguir um salvo conduto A38 numa revelação pública em Roma, era mais difícil que matar o leão. **É.. eu acho que essa.. função de..de editor deve ser colocado como o 13º trabalho de Asterix, certo?! Principalmente, por causa da....** e aí eu não sei se todos vão ter esse mesmo pensamento que eu.. **da agonia que me dá ver um artigo**

sendo avaliado sem ter a resposta, né, isso.. isso que é agonia (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

O editor complementa afirmando que ser editor dá acesso ao conhecimento e que proporciona prestígio ao editor no campo.

[...] **O trabalho primeiro pra mim.. ele traz uma grande vantagem, que eu tenho acesso às pesquisas que as pessoas estão desenvolvendo, né, então eu começo a ter.. eu passo a ter uma visão mais ampla.** Porque a nossa revista, ela não é específica, ela não publica só um tema.. então [...] alguém de logística se mandar será publicado, alguém de estratégia, alguém de finanças.. então nós somos muito abertos nesse ponto. Então, com isso eu tenho muito ganho de conhecimento, e isso me ajuda muito nas orientações, por exemplo, de mestrado. [...]. **É.. o segundo ponto e aí vem um lado bem mais.. mais humano da coisa, é quando eu publico um número, eu imagino a satisfação das pessoas..** é queira ou não queira.. é .. atualmente,né, ... é uma B2, né..então é.. ajuda bastante. [...] **É.. também tem um lado pessoal, né, é pro bem e pro mal, né, é chega num evento “ah eu sou editor da [revista]”, “ah você que é o editor da revista, né, valeu.. obrigado lá pela publicação dos artigos, coisa e tal”, “eu que agradeço”, e as vezes tem uns que olha e fala assim “ah você que é [editor] da [revista], que rejeitou meu artigo”,** então tem essas reações, e aí.. isso aí faz parte também do processo (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

O entrevistado também cita que o trabalho do editor proporciona algumas insatisfações no campo. O campo científico é muito ligado ao campo editorial da comunicação científica e, dessa forma, ao negar um artigo o editor está negando o *status* ao autor, causando a insatisfação. Como Thomas Wood (apud CABRAL, 2018) afirma, é muito fácil arrumar inimigos na função de editor.

Concordando como o entrevistado 01, a entrevistada 07 e editora de um periódico B2 afirma que ser editor é *status*. No entanto, a editora acredita que a revista não cresce por esforço dela apenas, já que tem a questão da avaliação da Capes ser subjetiva.

Muito trabalho [risos]. **É.. assim, acho que é *status*, né, você ser editor de um.. de uma revista, né, que representa o.. a área na qual você trabalha, né, então, realmente é um *status*.. é um *status*, é um prestígio, né.** É.. assim, as vezes você vê que os esforços pra você fazer crescer a revista, não necessariamente depende de você, né. **É.. e as vezes eu acho também que essa questão da.. é do *Qualis*, né, como as revistas são avaliadas tem muitos fatores subjetivos, né [...]** (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A editora complementa afirmando que a função concede a ela capital intelectual, mas que o editor tem como objetivo repassar capital também aos autores.

Pra mim, é assim.. pra mim é.. **e eu acho que tem um outro lado também, você sendo editora, né, você lê esses artigos, você também muitas vezes.. é uma forma de aprendizado, né.** Então, vem teorias, vem.. então, as vezes também eu sei que uma pessoa tá estudando aquilo aí eu passo, ou mesmo eu estou estudando algum ponto, eu vejo artigos, né, que foram acessados, que.. maneiras de ver, então, assim é uma forma de aprendizado também. **Então, status, prestígio, forma de aprendizado, né, mas, assim eu fico pensando se realmente esse esforço todo que eu faço, né.. me dedico a isso, se realmente vale a pena, né,** porque se eu tivesse também artigos melhores talvez eu ficasse mais contente, né, mas, as vezes eu recebo artigos que fazem, sei lá, é três casos, uma entrevista cada um, quer dizer, qual é o valor (risos) científico nisso, entendeu. E aí até você pegar.. e assim, eu também tenho um compromisso meu que é.. eu detesto receber dessas revistas que está fora do foco e escopo, quando eu percebo que realmente vem uma.. um artigo sobre enfermagem pra mim, isso as vezes fica claro, né, mas, as vezes... então eu tenho também, mesmo aqueles que eu vou rejeitar numa avaliação de submissão, eu dou um retorno, sabe? “Olha, seu artigo tá com esse, esse, esse, esse problema” tal. Então, eu não, simplesmente falo que tá fora do foco e escopo, entendeu, mesmo pra esses que tem três casos e (risos) uma entrevista cada um, entendeu. Eu.. eu.. eu sei que é um esforço que eu poderia não ter, né, de dar a resposta [...] mas, eu.. eu acho isso não é... não agrega valor pra comunidade. **Então, se a pessoa ta se esforçando pra fazer um artigo, eu acho interessante que a gente também tenha um esforço de fazer que aquela pessoa cresça e entenda o que é um bom artigo, né** (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A entrevistada afirma, ainda, que o editor tem como alvo tornar a revista reconhecida, mas da mesma forma que os demais entrevistados, é percebido as disposições que foram incorporadas do campo na sua fala.

[...] **o primeiro alvo é você ter edições bem feitas dentro do prazo.** Eu.. assim, minha meta esse ano seria a gente publicar é.. os artigos, né, as.. as edições antes do prazo, né, pra eu até poder ter artigos é.. antecipados, né, “ah a edição tal”, e eu não tô conseguindo por causa, tanto da quantidade de artigos que a gente recebe, né, quanto pelo... pelas dificuldades, pelo esforço que eu tenho que fazer pra sair uma edição, então, eu teria que fazer tipo um esforço dobrado pra poder ter duas edições bem rápidas pra poder fazer isso, e eu não.. a gente não tá conseguindo esse fôlego. **E o outro esforço também é de ser reconhecido, de ter bons artigos, de ter.. de ser citado, né, então, é.. tem um.. nossa meta é a gente ser uma boa revista, né. Quanto mais bem avaliada você é, mais artigos bons você recebe, né, então, é um estímulo a gente estar ali no meio do caminho, né.. então, o esforço ainda é grande, né** (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

O entrevistado 09 e editor de um periódico de *Qualis* A2 explica a ligação entre o papel do editor e o periódico. Para o entrevistado, o editor é fundamental para que o periódico se desenvolva, e isso inclui a ideia do editor não ser apenas um seguidor de normas, mas se dedicar de fato ao periódico.

O trabalho do editor é um trabalho fundamental e **ele é parte da.. da qualidade do *journal*.. do periódico e isso também é uma coisa que**

não.. nã há muita gente que entende. **O editor é o cara.. o bom editor é extremamente comprometido com a qualidade do periódico e ele vai se.. ele vai fazer.. ele vai se envolver com cada artigo profundamente é.. tanto ou mais quanto um revisor**, porque ele quer entender realmente a potencial contribuição daquele artigo pra.. pra literatura da área e internacional, [...] né, tô falando de uma revista com escopo global. É.. e o editor ele precisa tomar decisões muito fortes, eu, eventualmente, tomo decisões que são contrárias as decisões dos editores associados e revisores, e apesar de todos serem muito qualificados é.. **o editor ainda precisa ter uma.. uma qualificação superior, se não na área específica, mas, sim na percepção do que que é uma pesquisa de impacto e o que que não é uma pesquisa de impacto**. Então, o editor é absolutamente fundamental e volto a dizer, muito pouca gente sabe disso e eu acho até que muito editor não sabe disso, tá, **o editor ele não é um processador de burocracia** [...], o editor é absolutamente fundamental, tá, é.. é a cara do periódico (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

Para o entrevistado 11 e editor de um periódico classificado como B3, o trabalho do editor envolve os diferentes tipos de capitais do campo, o intelectual, pois o editor tem contato com novo conhecimento, o científico, pois ele assume uma posição relevante para desenvolvimento da ciência e o capital simbólico, por causa do prestígio que o editor adquire.

Eu acho que envolve muito a questão de *habitus*, de capital intelectual, de capital científico, de capital simbólico dependendo da potência da revista, né. Eu acho que o editor ele acaba sendo um.. **você é tratado diferente perante o campo enquanto você é editor, né**. Ah.. isso a gente vê até no *e-mail* assim, por mais que a pessoa te conheça ao vivo ela vai te escrever Senhor Editor, com toda aquela... aquela pompa e circunstância. Mas, **eu acho que o editor ele tem um papel bem preponderante na.. em qualquer campo, né, porque ele acaba sendo um cara que vai aceitar ou não a publicação daquele artigo**, mesmo pela avaliação, né, por exemplo, agora no nosso periódico em que a gente tem um número muito grande... a gente acaba tendo um papel fundamental na escolha da entrada do artigo ou não. Não é somente o avaliador que vai me dizer sim, né, pra publicação ou não, a gente também tem esse papel aí, então, **eu acho que o editor tem um viés ai bem.. bem importante para o desenvolvimento de um campo, e até da preocupação de ele ter um olhar de não só ter a gestão tradicional do periódico**, mas, por exemplo, ele criar um dossiê que esteja atrelado às condições socioeconômicas em que o país vive, por exemplo. Esse papel social dele perante a sociedade como um todo e não só dentro do campo ao qual ele representa, né, porque não criar.. por exemplo, se eu fosse da saúde pública a época da... do vírus da zika, por exemplo, seria fundamental ter um dossiê que discutisse zika para a sociedade, né. **Então, isso é um papel de retorno da... da ciência pra sociedade, então, tem que ter esse olhar mais preocupado do editor pra essas questões que circundam nosso contexto, não só pra dentro do campo** [...] (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

O entrevistado 11 afirma, ainda, que o editor tem um papel importante perante a sociedade de publicar temas relevantes. Para ele, o editor deve ter uma visão ampla e exercer o papel com o propósito de qualificar o periodico, como afirmado

também pelo entrevistado 09. O papel do editor, de acordo com Araújo et al. (2017), Greene (1998), Tonelli, Zambaldi (2017) e Yamamoto (2002), é o de buscar a qualificação do periódico e zelar por essa qualidade alcançada.

De acordo com o entrevistado 04 e editor de periódico B1, o trabalho do editor no começo significou a busca por capital econômico, no entanto, atualmente, ele vê como gratificante o fato de ensinar outras pessoas a desenvolverem os artigos.

É, honestamente, eu tenho duas filhas e precisava de dinheiro. Eu assumi a editoração da [revista] por motivos financeiros, porque é um trabalho chato é.. por outro lado, agora que assumi tô cagando pro dinheiro, **mais importante eu acho que é esse trabalho de ensinar as pessoas a como fazer pesquisa, como escrever um *paper*, é.. eu acho que ele é muito gratificante** e.. se a gente conseguir fazer isso, né, e [...] eu acho que vai ser um trabalho legal, que vale a pena (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

E complementa afirmando que o objetivo do trabalho do editor é o de proporcionar maior visibilidade do periódico.

Eu acho que é tornar a revista interessante, né, ampliar, aumentar o impacto da revista é.. eu acho que esse é a função objetivo do editor, do jeito.. se você olha no *stricto sensu* é, esse é o objetivo.. eu .. como a academia de [determinada área] no Brasil é muito incipiente, pra mim meu objetivo no *lato sensu*, pra mim é mais disciplinar as pessoas, o que é uma agenda de pesquisa [na área], o que que tá... o que é atual, o que não é, **ensinar os mais jovens a como escrever, como postar um documento quando chega num *paper*** (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Para o entrevistado 06 e editor de revista B3, o papel do editor no jogo é de meio campo, pois ele se posiciona entre autores e entre temáticas. O editor também atribui ao seu trabalho a visibilidade que o programa recebe.

[...] **acho que o editor ele tem.. ele tem um.. assim, tem que fazer um meio de campo**, né, quer dizer... porque a gente acaba sendo muito..é a gente tem uma ponta que a gente é pesquisador, a gente tem uma outra parte que a gente é gestor de pesquisa, né, a gente tem que gerir os projetos, quer dizer.. [...] Então, assim.. quer dizer, num ambiente de.. de.. quer dizer, **olhando o ponto de vista de gestão, né, a editoria científica ele teria um papel de fazer meio de campo é, entre, né.. é autores, entre temáticas** e aí eu acho que pra um.. né, pra forma que a gente trabalha aqui, integrado, né, do programa, das revistas, do evento, dos projetos que a gente tem, dos grupos de pesquisas, dos projetos.. **quer dizer, você tem um papel que acaba sendo bem.. bem.. bem estratégico, né, de.. de.. que ajuda.. ajuda dar visibilidade para o que está sendo feito, né, no âmbito do programa** [...] (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

A entrevistada 02 e editora de periódico B1, afirma que o trabalho do editor significa responsabilidade. A editora explica que é preciso ter relevância no conhecimento científico publicado para que área possa avançar.

Ahh.. é uma... é um desafio, é um trabalho de muita aprendizagem, de muita relevância, de muita responsabilidade, porque eu estou lidando com a produção científica de uma área de conhecimento que precisa ter uma relevância muito grande, se não você não consegue avançar no conhecimento da área. Então.. eu vejo, por exemplo, **a minha atividade, o sentido do trabalho, de realmente ter uma responsabilidade sem limites** e, principalmente, por que eu sei da minha...ahh que qualquer tipo de dificuldade ou qualquer tipo de.. ahhh.. **qualquer tipo de manifestação inadequada que eu tenha para com a revista, eu estou comprometendo a área de conhecimento, e cientificamente isso não é permitido, a ciência não permite fazer esse tipo de coisa** (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Nota-se, em algumas falas, o saber prévio que é adquirido pelos agentes, conforme Misoczky (2002) explica, que é o *habitus*, que é incorporado na socialização com o campo. Ao fazer parte do campo científico, as relações com as estruturas sociais possibilita a incorporação das suas disposições. Assim, com o que já foi exposto, é possível constatar que a busca pelo reconhecimento reflete a prática dos agentes, bem como, seus interesses.

5.2.1 O trabalho desempenhado pelo editor

O trabalho do editor é repleto de normas, prazos e cobranças, sejam elas realizadas de modo simbólico por meio das regras impostas pelas agências e indexadores, ou pelas cobranças dos autores (CONCEIÇÃO, 2006; LIPP, 2010). Além disso, o trabalho do agente que é editor é triplo, pois como visto eles são docentes e pesquisadores, além de serem editores, demandando uma carga de trabalho elevada, como atestam Araújo et al (2017).

Os docentes se inserem na editoração na busca por capital científico puro (conforme exposto no subcapítulo 5.1). Bourdieu (2004b) atesta que os agentes no campo científico lutam pela autoridade científica, no qual o agente possui por ter contribuído de forma efetiva com a ciência, como na forma de publicação em periódicos de relevância. Mas, a função editorial também reflete essa contribuição. Ao se tornar editor, o agente passa integrar as relações do campo editorial da comunicação científica e de modo similar, busca o reconhecimento.

Porém, o *status* que se busca no campo editorial da comunicação científica se confunde com a busca por maior visibilidade do periódico (conforme subcapítulo 5.2). De acordo com Thiry-Cherques (2006, p. 40) “o direito de entrada no campo é dado pelo reconhecimento de seu valores fundamentais, pelo conhecimento da regras de jogo”, o que faz com que o editor conheça e se reconheça no jogo.

Assim, apresentamos o trabalho desempenhado pelos editores nas revistas. Muitos trabalham com o auxílio de uma estrutura editorial e com uma rede de relações, enquanto outros editores, em menor número, trabalham sem nenhuma ajuda. O entrevistado 01 afirma que ele é responsável por todas as etapas do processo de editoração.

Todas. Literalmente, todas. Sou eu que faço tudo. Sou eu que recebo artigo e faço o *desk review*, sou eu que dou a má notícia ou a boa notícia que... a má notícia que foi rejeitado e a boa que vai seguir no processo, é.. sou eu que faço a designação de avaliadores, sou eu que cobro os avaliadores, sou eu que faço .. é quando o avaliador dá um retorno.. o certificado de avaliação, eu é que digito, gero o PDF e mando o *e-mail*. É.. quando os artigos tem, né, as correções, sou eu que mando a mensagem e aviso, né, quando volta sou eu que dou o direcionamento para a verificação dessas.. dessas.. dessas alterações, quando são poucas alterações, né.. são revisões menores, aí eu mesmo faço, né, mas, quando são avaliações maiores aí eu mando pro avaliador e quando volta sou eu também que dou a boa notícia ou a má notícia que vai continuar mais, mas, eu que dou a boa notícia que foi aprovado. É... eu que depois vou pegar os artigos e fazer todo o trabalho de ... ah outra coisa quando recebo lá no *desk review*, sou eu que uso o *copy spider*²¹ para verificar se há originalidade suficiente no trabalho ou não. É.. voltando a essa parte depois da editoração.. sou eu que opero o sistema de submissão e gestão da revista, crio a edição, sou eu que pego o pdf.. o arquivo *word* original boto na formatação, no padrão da revista, gero o pdf. Sou eu que faço o.. sumário da revista, a parte editorial em português e em inglês, sou eu mesmo que faço. E.. sou eu que gero todos os PDF's, sou eu que faço a.. coloco a.. o número no ar, sou eu que gero o XML e submeto.. mando lá no DOAJ pra poder atualizar. Sou eu que preencho o documento pra mandar lá pra BAR da ANPAD, onde é gerado o DOI. Aquelas revistas que são de programas ligados à ANPAD, teve um EnANPAD que a ANPAD passou a financiar isso aí, então eu faço o documento e mando pra menina. E essa é a parte final da coisa, eu faço tudo. [...] **Eu só não faço o DOI, é a menina lá da BAR que faz o cadastro** (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

Da mesma forma o entrevistado 08, editor de revista B1, explica que grande parte do trabalho é feito por ele, tendo apenas o auxílio de revisora e do *design*.

Ah mas, difícil.. falar o que eu não faço. **O que eu não faço: revisão de português e contato com os autores solicitando alguns dados e.. pra chegar na revisão de português porque quem faz isso é a revisora.** Nós temos uma revisora que ela.. envio os artigos pra ela depois que aprovado,

²¹ *Copy Spider* é um *software* gratuito usado para a busca de plágio em artigos.

quer dizer, depois que eu escolhi pra edição, ela revisa o português e o *abstract* em inglês, encaminha pra todos os autores, todos e eu peço pra todos os autores confirmar, por que? Pra evitar o risco de algum autor ter enviado um artigo sem o conhecimento ou o.. a autorização de um outro autor. Porque a gente não controla tudo as vezes, já teve caso de um dos co-autores estar com *e-mail* errado, eu procurei na *internet* e coloquei o *e-mail* correto e.. e eu peço para ela ter a confirmação e o aceite de todos. E ela complementa os dados porque como nós registramos o ORCID, o *Lattes*, o registro de titulação e afiliação, eu peço pra ela checar isso também. **Ela faz, me devolve, eu pego isso e encaminho pra editora é.. do *design*, ela prepara os documentos, me encaminha de volta, eu faço uma checagem total, depois que eu fiz isso eu entro novamente no sistema, eu atualizo todos os metadados de todos os artigos, incluo as referências lá.. que sempre são atualizadas e depois disso eu publico a edição.** Depois que eu publico a edição eu publico também no XML no.. no... pro DOI que gera uma série de itens, publico, deposito as referências e também deposito imediatamente no DOAJ que é um processo manual. Então, isso eu faço. E além disso, o que que eu faço? Eu sempre pego os artigos e compartilho no *Twitter*, aviso nas redes sociais que teve uma nova.. uma nova edição da [revista], então, esse processo de divulgação e de disseminação, pra tentar chamar a atenção pro periódico, eu sempre faço. E assim, além disso, qual o trabalho? O artigo chega, toda vez que o artigo chega o contato é comigo, não tem secretária editorial. Eu olho todos os artigos, baixo, leio, verifico se tá atendendo as normas básicas, por exemplo, se tem até três autores, se o artigo está em português e passo no.. no... aquele.. é uma ferramenta anti-plágio que a própria ABEC fornece, que antigamente era a *Authenticate* e agora é.. está ligado diretamente ao *CrossRef* e verifico se tem algum problema de plágio. Quando é plágio muito.. assim, uma frase que foi mal colocada, um trecho que foi.. você vê que não foi maldade, que foi desatenção, eu mando para os autores e peço para os autores corrigir, mando o relatório, inclusive. Eles mandam de volta a.. o documento segue. [...] E então, depois que eu pego os artigos eu faço a avaliação também do *desk reviews*, se é rejeitado eu mando de volta, se o artigo não é da área... se não é da área eu tenho *e-mail* automático que eu falo que não atende ao escopo da [revista]. Feito isso, eu pego os temas e procuro avaliadores que se adequam, especificamente, ao tema e quando não tem.. quando um artigo trabalha com diferentes perspectivas, você precisa de alguém com conhecimento em quantitativo, alguma metodologia específica, eu coloco, as vezes, [...] três avaliadores, quatro avaliadores. Tendo a primeira avaliação, eu faço uma leitura de todas as avaliações, vejo o julgamento que os avaliadores fazem, as vezes, tem três avaliações e as três são ruins, eu mando pra mais dois, então, esse processo eu acompanho. E checo depois se as correções podem ser feitas e eu depois aprovar ou se tem que mandar para novas rodadas. Todo esse processo de avaliação como editor científico, eu faço (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

De acordo com o entrevistado 03, o processo ainda se centraliza nele, mas, isso tende a ser modificado. Além disso, existe um outro editor que o auxilia.

[...] **Tô com uma assistente nova, acho que faz duas semanas.. então, eu não tive a oportunidade ainda de revisar, a gente está levantando tudo que a gente tem de pendência, enfim. Eu não terminei o treinamento dela, mas eu tenho hoje o que eu faço.** Eu recebo os artigos.. eu junto com o editor científico, que eu tenho um editor científico, a gente faz os *desk reviews*, tá?! A gente define, seja por formato, seja por conteúdo se passa ou não para os avaliadores aí. Eu mesmo seleciono também os avaliadores, tá? Também acabo fazendo o cadastro de

avaliadores que não está na plataforma, eu faço os lembretes, eu mando os agradecimentos, **eu... ainda hoje está muito concentrado em mim, mas a ideia é que esse trabalho mais operacional passe para a assistente de como era no passado, tá?** A gente tinha um assistente já com mais experiência ali, e ele fazia todo esse processo de mexer na plataforma mesmo, né. Também tomo a decisão final baseado nas recomendações dos avaliadores, faço também uma checagem quando volta da segunda ou terceira revisão [...] (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

A entrevistada 07, assim como o entrevistado 01, também afirma participar de todo o processo de editoração, mas a parte de diagramação e formatação é feita por uma equipe. Além disso, assim como o entrevistado 03, a revista conta com outro editor que divide o trabalho com ela.

Oh eu participo de todos os processos, né, então, eu hoje em dia.. antes eu ficava validando se o autor [risos] deixou o nome dele dentro do artigo, mas, hoje em dia até isso eu tenho que fazer, né, ainda. Assim, a gente divide um pouco o.. a gente faz uma leitura rápida dos artigos e a gente.. assim, a gente se divide, eu e mais um outro editor, né, pra que a gente cuide.. cuide de menos artigos, porque.. mas, assim todo processo eu faço, né. Então, desde verificar o formato, verificar se tá dentro do escopo e foco da revista, passar para os avaliadores, receber dos avaliadores, passar pro.. o retorno pros.. é.. pros.. pros autores, né. Claro que o sistema tem algumas coisas meio padrões, tá, mensagens pradrões que ajudam também nessa comunicação, mas, tudo assim... eu avalio também o retorno dos avaliadores pra que, né, tenha um tom não tão agressivo. Algumas vezes a gente usa o padrão APA e tem que é.. avaliadores que usam o ABNT e não perceberam que a gente usa APA, então, requerem.. então, tem que fazer também um filtro do.. do que é recomendado pelos avaliadores, né, e até tomar a decisão se publica ou não publica, então, é.. nesse.. assim, nesse ano, a partir de janeiro desse ano a gente tá meio que dividindo, eu e o outro autor.. outro editor, né. Mas, a gente é.. sei lá, pelo menos quinzenalmente, né, a gente se reúne pra definir isso, né, que artigo.. mas, numa dessas eu já... já vou, assim.. semanalmente eu gasto umas quatro horas pra... pra fazer essa.. essa avaliação e atualização, né, pra ter uma planilha minha paralela que eu vou registrando também tudo aquilo que ta acontecendo, pra ter o controle, né. E assim.. [...] eu só... eu só vou até a parte de aprovação, né, **depois tem toda parte de diagramação, editoração, enfim, mandar o processo pro.. de obter o número DOI, né, então esses processos de publicação, aí tem a área específica aqui que faz, mas, até a fase de aceitar, identificar qual edição vai o artigo, né, qual é a ordem dos artigos dentro da edição, ah isso é eu que faço** (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

O entrevistado 05 afirma que tem pessoas que auxiliam no processo de editoração, mas ele que acompanha o trabalho de algumas pessoas. O editor entrevistado enfatiza que não tem muito apoio da equipe editorial e que busca convidar membros mais participativos.

[...] Bom, eu tento divulgar um pouco, né, acho que não faço isso como deveria, mas, uma divulgação eu faço. E.. eu ajudo a pessoa que faz

convite aos pareceristas, quando ela tem problema, ou, as vezes, ela me consulta e diz não “essa pessoa é exatamente a área dela”, “reserva essa pessoa pra um outro artigo”. **Então, eu faço alguma supervisão dessa pessoa**, depois.. eu..é.. basicamente, eu acompanho o artigo, né, eu participo do trabalho do *desk reject*, ela faz essa parte mais formal, né.. checagem de plágio, originalidade, temática e tal, mas quem decide se o artigo entra ou não no..[...] *line* sou eu. É.. depois eu, quando tem dois pareceres, eu comunico, eu comento, eu acrescento, as vezes, eu excluo um parecer que me parece inadequado, eu peço pra.. essa pessoa conseguir mais um parecer. Eventualmente, eu tô demorando muito.. nós estamos demorando muito pra dar retorno, eu mando um *e-mail* pedindo desculpa pros autores e.. consolido, mando, aguardo, recebo, quando retorna eu avalio se deve ir de novo para os pareceristas e se eles aceitam também, e basicamente isso. Eventualmente, eu faço um editorial e acho que isso que resume meu papel editorial. Ah.. eu convido membros do conselho, né, tenho convidado, **tenho tentado montar um conselho mais participante, uma equipe editorial mais participante, mas sem muita ênfase, sem muito sucesso** (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

Nesse mesmo sentido, o entrevistado 11 parece ter pessoas que o auxiliam, pois o trabalho citado por ele é o de verificar se de fato o artigo tem condições de ser avaliado e de cuidar da indexação da revista.

É.. como a gente tem um fluxo muito grande, o editor ele já tem um papel mais apurado de ver se vale a pena mandar o artigo para a avaliação, né, então, não é só aquele trabalho que já vi.. por exemplo, que eu já vi de alguns editores tirar metadados e nomes, é identificação do artigo e mandar para a avaliação, não. A gente vê se aquilo é de interesse pro foco e escopo da revista, então, por exemplo a gente não aceita mais revisões de literatura, né, a gente entende a importância dela, mas nosso periódico hoje, ele não.. nós não publicamos mais revisões de literatura, que era algo que a gente recebia muito. A gente dá uma olhada já na consistência da metodologia e dos resultados alcançados pra ver se eles **foram discutidos de maneira pertinente e densa, antes de mandar pra avaliação. A gente tem um filtro muito grande já na.. assim que a gente recebe, antes de mandar..então, esse é o procedimento, né. Eu cuido mais assim junto do Bibliotecário, porque agora tem um Bibliotecário junto pra cuidar da indexação e mantenho a indexação, né, da revista [...]** (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

A entrevistada 02, já possui uma estrutura maior, com auxílio de editores adjuntos. É importante verificar nessa estrutura a posse de capital social e econômico, nos termos de Bourdieu (1983).

É.. lá no *site* da revista tem o passo a passo, mas assim, de uma forma mais genérica pra te auxiliar aí na sua pesquisa, eu recebo o artigo, o artigo é submetido pela base. Em um primeiro momento eu faço, como editora-chefe, o *desk review*, faço todo o processo de.. de entendimento se o artigo tem potencial, se traz contribuições, né, e caso o artigo tenha uma boa contribuição, tenha potencial e esteja dentro da política editorial da revista, **eu encaminho ao editor adjunto pra fazer o acompanhamento do artigo. Esse editor adjunto, ele atribui... ele atribui os artigos para no mínimo dois avaliadores e esses avaliadores ahh.. emitem seus**

pareceres, o editor adjunto ele tem autonomia de aceitar ou rejeitar o artigo na sua forma final, e ele encaminha pra mim. E daí eu faço uma outra *over review* de todo o processo que aconteceu com esse artigo. Ahh.. se foi bem avaliado, se as avaliações.. se os autores cumpriram com as avaliações, ahh.. com as sugestões dos autores.. dos avaliadores. Então, eu faço um *over review* geral do histórico desse artigo, e aí se foi aceito a publicação a gente põe na edição e verifica qual é o número que ele vai ser colocado. Se não, se ele é rejeitado eu também acompanho o histórico dessa rejeição, se precisar eu estou de prontidão pra dar um *ok* para os autores, mas os avaliadores e os editores adjuntos cumprem muito bem esse papel (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

O entrevistado 04 também conta com auxílio, porém, de editores associados. Além disso, o editor afirma contar com ajuda para diagramação.

Olha.. eu recebo cada nova submissão, eu leio o artigo e decido se vai ficar na minha mão ou se vai ficar na mão de um dos editores associados. A escolha, geralmente, passa por três critérios. Primeiro critério é conflitos de interesse, então, se é um amigo meu que manda eu não vou assumir a.. e tentar achar alguém dentro do corpo editorial que tenha menos relação com aquela pessoa. Se é de um outro editor associado, a mesma coisa. É... se é... então, esse é o primeiro critério, segundo critério é área, né, então eu vejo qual o tema do artigo e quem é a pessoa que trabalha com temas mais correlatos com o do artigo, e o terceiro eu olho “opa”, quanto cada um tem de estoque de artigos, então se parte aí de editores está com 8 artigos na mão deles, e o outro tem 2, prefiro mandar para o que tem 2. É.. então, essa é a primeira parte da seleção, uma vez que selecionou e eu sou o próprio editor dos artigos, eu faço meu próprio parecer. **Se caem na mão dos editores associados, eu não preciso fazer mais nada, porque eles fazem tudo, levam até o final e se tiver aceito o artigo, a gente entra na parte de editoração e a parte de editoração tem sido muito complicada.** Esse ano a gente contratou um *designer* pra fazer e aí o cara, basicamente, falhou, não conseguiu fazer, disse que entregaria em 10 ou 15 dias, passaram-se 4 ou 5 meses e não tinha entregue nada, quase 6 meses e nada. Então, me recuperei tudo e falei “oh, manda tudo pra mim, porque do jeito que tá, mais uns 6 meses e vamos parar por aqui”, hoje ta aqui a sangria, **consegui um professor do departamento de estatística da [instituição] pra me ajudar com a editoração em latex e agora ele está fazendo a editoração. Em vez de pagar, na verdade continuo pagando, mas agora pago esse rapaz do departamento de estatística, conhecedor de latex e a gente faz a gente mesmo a editoração.** Ficou uma coisa mais *in house*. Aí eu pego cada artigo editorado e envio pra *copy desk*, que é uma.. **a gente tem muito dinheiro pra fazer isso**, então, basicamente, escolhi fazer *copy desk* só na parte em inglês. **Então, se o artigo é em inglês ele é revisto por uma americana que mora aqui no Brasil, que tem experiência editorial, e de escrever artigo, publicar.. ela tem PhD.. e ela faz essa parte de editoração pra mim.** Então, ela lê todos os *abstracts*, né, os resumos dos artigos em inglês, e dá um tapinha, né, pra ficar mais bonitinho, e faz a revisão completa dos artigos em inglês também. Porque como a revista, hoje em dia, ela é apenas eletrônica ela precisa ser acessada pelo pessoal lá fora.. o brasileiro já sabe mais ou menos os imprevistos, mas o gringo não vai saber, então, pra dar uma impressão melhor eu preferi concentrar meus esforços no *copy desk*, né, na parte de.. e aí acabou, eu só coloco no sistema e o sistema automaticamente coloca a revista.. expõe a revista no *site* (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Nesse caso, o editor evidencia a posse de capital econômico. No campo editorial da comunicação científica, a posse de outros tipos de capitais é importante para posse de capital simbólico. De acordo com o entrevistado 06, ele tem editores associados, assim como o entrevistado 04, que o auxiliam no trabalho.

Olha, só é... o desk review, né, basicamente.. quer dizer, tudo que entra eu boto.. boto o olho, né, é.. tenho um cuidado muito grande de.. de.. de manter a coerência da linha editorial, né. A área de Administração é uma área muito ampla e.. você ter o cuidado de.. bom, assim, não concentrar demais, apesar da revista, né... [...] Então, eu tenho um editor para a área de Administração Pública, eu tenho um editor é.. pra área que a gente chama de Indústrias Criativas, novas tendências, TI.. essas coisas, e eu tenho um editor é.. aí assim.. bom, vou dizer de Administração da Inovação e eu funciono como um coringa, apesar de eu ser dessa área de Inovação também, né, eu cuido de algumas outras áreas é.. Finanças, etc. **Então, assim.. basicamente, eu entro no desk review no primeiro momento e distribuo aí a carga de trabalho entre os editores é... tem alguns artigos que eu chamo pra mim, né, e aí eu entro como gestor do processo de avaliação, né, que aí designo os.. os pareceristas e acompanho, e lá na parte final, né, na .. na.. quer dizer eu oriento o trabalho da.. da.. da equipe editorial em todo o processo de.. né, de formatação do artigo, revisão do.. do.. do.. é do *trafit* junto com os autores** é.. a questão do.. do.. a questão legal, né, então, pego o que eles passam pra gente, depois a montagem da revista, colocação dela no ar, essas coisas aí eu acompanho tudo bem.. bem próximo, e nesse momento, como eu, né, assumi a revista aqui esse ano eu tenho dado bastante atenção a essa parte que eu fiz..venho fazendo algumas mudanças é.. não que o trabalho do.. quer dizer, do editor anterior tivesse errado, mas é.. pelo contrário, né.. quer dizer, eu tô seguindo o trabalho que ele vinha fazendo, mas com mais flego agora pra tentar produzir algumas mudanças que a gente vinha conversando, né (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

O entrevistado 09 afirma possuir uma equipe e editores associados que o auxiliam.

[...] Mas, basicamente é isso, a assistente editorial.. os autores submetem os artigos pela plataforma *Scholar One*, que é a.. a ferramenta líder mundial, vamos dizer assim, nesse tipo de processamento. Os.. a.. a.. **a minha assistente editorial pega os artigos e faz uma triagem inicial pra ver se eles tem há, digamos assim, aspectos estruturais é.. é padrão.** Se ela conclui que tem, então, também o artigo é submetido à ferramenta *Authenticate* pra verificação de plágio. Se o artigo passa nessas triagens iniciais, ele vem pra mim, são mais ou menos 5 artigos novos por semana. **Eu recebo esses artigos há.. faço uma leitura, independente da área eu faço uma leitura completa,** é.. eu digo independente da área porque é uma revista de Administração, então a gente recebe artigo de Tecnologia, de Marketing, de Finanças, de RH, um monte de coisa, faço uma leitura se eu acho que ele não tem condições eu rejeito numa carta pros autores, **se eu acho que tem condições eu mando pra um editor associado especialista naquele tema.** O editor associado vai fazer a leitura dele também, se ele achar que não tem condição, ele retorna pra mim o artigo rejeitando e eu escrevo a carta de rejeição para os autores, se ele acha que tem condições de ser avaliado, ele passa pra dois ou três revisores, revisores doutores e especialistas na temática. **Esses caras fazem a**

revisão completa, emitem pareceres, devolvem o artigo pro editor associado, o editor associado faz um parecer sobre o parecer dos revisores, passa pra mim e eu faço também um parecer sobre todos esses e tomo a decisão que pode ser de acordo com o editor associado e revisores, e pode ser divergente também. Cada... cada elemento nessa hierarquia tem autoridade.. ah, quer dizer, eu tenho autoridade sobre o editor associado, o editor associado tem autoridade sobre os revisores. Então, é esse o processo (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

O editor revela que pode se opor a decisão dos pareceristas ou dos editores associados, tendo com isso, o poder de decisão no processo editorial, como afirmam Lipp (2010), Patrus, Dantas, Shigaki (2016), Tonelli e Zambaldi (2017).

O processo editorial da revista em que a entrevistada 10 atua, também possui equipes de apoio e editores associados.

Então, hã.. a.. a gente mudou um pouco as etapas do processo e é.. é o seguinte, eu recebo o artigo.. não, na verdade primeiro ele entra no sistema, a gente usa o *Scholar One*, aí ele entra no sistema hã.. tem [...] **a secretária da revista, ela olha pra ver... ela faz o.. pega o programa de plágio, né, se tem plágio ou não. Ela não toma decisão, simplesmente ela manda pra mim** “Olha, tem plágio nesse..”, manda uma nota lá e eu vou verificar, né, porque as vezes o plágio pode ser apenas de alguma tese, alguma.. então, assim, a gente precisa olhar pra ver que tipo de .. do que estamos falando, né, e as vezes, assim, é uma tese que está no repositório, tudo bem.. é uma tese, né, as vezes é um congresso, alguma coisa.. então, eu.. eu.. é isso é mais uma parte muito importante, a gente já nega muita coisa que teve plágio mesmo. **Hã.. depois, ela olha o tamanho do.. do artigo, se ele tá adequado pra revista, tal, feito isso ela passa pra mim**, eu olho.. eu entro, olho hã.. costume dar muito *desk reject* que é.. eu já vejo que o artigo não está adequado, não tem um escopo, ou ele por algum motivo tá fraco hã.. tem vários motivos que você pode achar por que o artigo.. e porque que eu faço isso? Eu faço por dois motivos, um pro autor não sofrer, porque você manda pra parecerista e tudo e depois vai ser negado? Então, já.. aquele que não tem potencial nenhum, eu já.. já descartamos na hora. Hã.. e também pra diminuir o trabalho dos pareceristas, né, porque as vezes o artigo é bem ruim e o cara tem que dar uma parecer, né, então, eu já.. em geral eu faço uma.. uma.. uma explicação porque que o artigo foi negado, né. Quando o artigo é negado e eu acho que pode ser.. pra uma segunda etapa, aí eu faço um parecer um pouco mais elaborado. **Hã... bom, passando dessa etapa aí eu encaminho pra um.. um editor associado, a gente tem vários editores associados, de várias áreas e ele que vai ser encarregado de mandar para pareceristas. Hã.. aí claro o processo fica com ele**, em geral, as vezes ele pergunta pra se tenho ideia de algum parecer, de alguma coisa assim.. então, a gente tem uma relação assim, eu mando pra ele, ele manda algum e-mailzinho “Oh te mandei esse artigo” ou as vezes eu tô em dúvida, “eu te mandei esse artigo, mas, acho que ele não está muito bom, mas, como não é da minha área, eu não tenho certeza, o que que você acha?” Então é mais ou menos assim. Aí depois ele fica lá com o.. o editor associado, quando ele terminou de ver os pareceres, os dois pareceres, tal, não sei o que, eles mandam de novo pra mim e eu dou o veredito final (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

Cabe lembrar que das revistas que possuem mais de um editor, uma é classificada como A2 (CEBAPE), quatro possuem *Qualis* B1 (BASE, OR&A, RAI e REMark), quatro são B2 (FACES, GeP, Revista Alcance e Revista de Negócios), onze são revistas classificadas como B3 (AOS, GEAS, GESTÃO.Org, NAVUS, P&R, PG&C, RACEF, RAUnP, REGS, RMPE e RTA) e duas são B4 (RECAPE e RGO). O editor entrevistado 03 e a editora entrevistada 07 afirmam que dividem o trabalho da editoração com outro editor, intitulado em alguns casos como editor científico. Nos dois casos, existem também uma equipe para diagramação e formatação que o auxiliam.

Quanto ao editor adjunto, os dados coletados apontam que duas das oito revistas classificadas como A2 (RAE e RAP) e cinco das dezenove revistas classificadas como B1 (APGS, BBR, CGPC, RAI e REGE) possuem editor adjunto. Das revistas classificadas como B2 (ADM.MADE, GeP, Gesec, ReA UFSM, REEN e TPA) e B3 (IJI, RACE e RCA), 56,25% possuem editor adjunto, e nenhuma das classificadas com B4 possuem o editor adjunto.

A entrevistada 02 e editora de uma revista B2 afirma ter um editor adjunto que a auxilia. Outros editores também afirmaram possuir uma equipe que lida com a parte mais técnica, como o entrevistado 05 e o entrevistado 11, ambos editores de revista classificada como B3.

Em relação aos editores associados, três (RAC, BAR e RBGN) das classificadas como A2, onze (APGS, BBR, Contextus, JISTEM, REAd, RBFin, REMark, RAI, RCA UFSC, REGE e RGSA) revistas B1 e oito (GES, G&R, Revista Alcance, RAU, FACES, Gesec, RIAE e TPA) das classificadas como B2, possuem editores associados como membros da equipe editorial. O editor adjunto e os editores associados, como visto nos relatos dos editores entrevistados, ajudam no processo editorial e retiram a carga do editor-chefe.

No entanto, somente os entrevistado 04, 06, 09 e 10 afirmaram contar com os editores associados. Sendo que o editor entrevistado 04 atua em revista classificada como B1, o editor entrevistado 06 é de uma revista *Qualis* B3 e os editores entrevistados 09 e 10 são de revistas classificadas como A2.

O entrevistado 08 afirma que não tem editor associado ou assistente por causa do tamanho do periódico, “[...] não temos a figura do.. do editor assistente ou

editor associado, até porque a revista é bem pequena ainda. Mas, se porventura ela crescer um pouco mais no futuro, valeria a pena ter [...].

Em relação ao Corpo Editorial Científico, dentre as revistas classificadas como A2, sete (CEBAPE, O&S, RAC, RAE, RBGN, RAUSP e RAP) e das classificadas como B1, quatorze (BASE, BBR, CGPC, Contextus, JISTEM, OR&A, RBFin, REMark, RAI, RAM, REGEPE, REGE, RGSA e ROC) também possuem essa instância coletiva.

Já, em relação as revistas B2, B3 e B4, doze (ADM.MADE, G&R, GeP, GES, Gesec, RAEP, RAU, REEN, Reunir, RIAE, RPCA e TPA), dezesseis (FUTURE, GEAS, IJI, Interface, NAVUS, PG&C, RACE, RAHIS, RAIMED, RASI, RBGI, RCA, RCCe, RECC, RG&T e RGSS) e três (G&C, RGO e RSP) possuem, respectivamente, Corpo Editorial Científico, o que a princípio seria um comitê com vários editores que também auxiliam no trabalho do editor. Apenas 17,73% das revistas não possuem Corpo Editorial Científico, Editores Associados e Editor Adjunto.

O entrevistado 01 afirma lidar com todo o processo editorial, e o entrevistado 08 (editor de revista B1) cita algumas pessoas que o ajudam, mas grande parte está a cargo do editor-chefe. O editor de periódico B1 e entrevistado 03 e a entrevistada 07 (editora de revista B2) afirmam que possuem outro editor atuante na revista com quem dividem o trabalho, e possuem pessoas que ajudam em alguns processos.

Assim, o que se percebe algumas revistas com maior prestígio no campo e que contam com capital específico, capital simbólico e capital econômico, tem uma estrutura editorial mais completa, isto é, capital social. Para Bourdieu (1999), os indivíduos dominantes no campo possuem todos os tipos de capitais. Outros editores, no entanto, possuem estrutura financeira para bancar uma equipe de apoio.

Nota-se, ainda, que muitas revistas demonstram ter uma estrutura mais completa pela posse de capital que os editores proporcionam. Bourdieu (1983b) relata que o capital científico pode ser reconvertido, assim a distinção no campo favorece a aquisição de outros tipos de capitais.

O caso do entrevistado 01, que participa de todos os momentos do processo e não tem auxílio, pode ter relação com a afirmação que ele faz no próximo subcapítulo de não ter apoio institucional. Percebe-se que a colaboração entre os agentes e instituições nem sempre acontece no campo editorial da comunicação

científica, sendo ela um fator importante para o crescimento do periódico, além de ser vinculado a gênese do campo. No próximo subcapítulo discutiremos a relação do editor com a instituição mantenedora.

5.2.2 A relação do editor com a instituição mantenedora

Em complemento ao subcapítulo anterior, discutiremos a relação do editor com a instituição que mantém a revista. Muitos editores afirmam ter apoio institucional, através da disponibilidade de um departamento que o auxilia nas tarefas e na questão financeira, arcando com custos em relação aos indexadores, entre outros. Os entrevistados 02, 03, 04, 05 e 06 recebem, em menor ou maior grau, o apoio da instituição que mantém a revista.

É.. muito boa, né. Eu fui convidada, né, pra.. pra editora-chefe, então, minha relação é muito boa, muito tranquila. **Conto muito com a ajuda, inclusive, de toda a diretoria da [instituição]. Eles também são avaliadores, me ajudam bastante nisso.** Porque a [instituição] ela tem dois pilares, um é a revista o outro é o evento, né, [...] que é o evento científico da área. Então, a gente trabalha junto (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Eu sou professor dela, né? Eu sou professor do programa. No nosso caso específico a mantenedora ah.. a *sponsor* da revista é a própria universidade. **Ela dispõe de um departamento com assistentes editoriais, né, que ajudam a gente nesse trabalho** (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

Eu já fui diretor da [instituição] há muitos anos atrás, é... deixa eu procurar aqui se eu acho quanto tempo foi isso, mas uma parte disso eu frequento a.. tento, né, frequentar [...]. É.. eu participe, sou sócio fundador, fui fundador da [instituição], ela começou quando eu voltei para o Brasil a primeira vez lá pra 2000, 2001.. e eu sou sócio fundador, faço parte da diretoria, tento ir nos encontros, é.. ajudo no que posso na [instituição], gosto de fazer os programas, tem a vídeo conferência, pra não ser aquela coisa aleatória por uma pessoa que é administrativa, não é acadêmica e não tem muita noção. Vou lá, pego as coisas e faço direitinho, tal. **Então, eu tenho uma relação bastante estreita com a [instituição], nada muito formal, quer dizer, agora formalmente eu sou editor, e é isso** (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Bem, próxima e me.. apoiam. É, formalmente, eu detenho total liberdade de decidir temas, é convidar artigos, compor o conselho, é.. algumas vezes há dificuldades com dinheiro, né, mas acho que hoje isso é geral. Mas, **a instituição, as pessoa que.. com quem eu lido diretamente sempre se empenham muito pra que as minhas..há.. solicitações sejam atendidas** (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

Então, eu sou professor, eu... da.. da... instituição, né, quer dizer.. instituição é o programa de pós-graduação em Administração [da instituição], quer dizer, eu sou é.. professor associado hoje da.. da.. da instituição, quer dizer, meu vinculo é 100%, né. Então, a gente opera as questões da revista.. o

programa de pós graduação que a gente tem...não é? [...] **Tem apoio institucional, tá. A gente tem.. tem apoio institucional** (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

De acordo com o entrevistado 09, sua relação com a instituição “[...] é uma relação de proximidade [...]”. Da mesma forma, a entrevistada 10 relata que “[...] a revista é do departamento de Administração, como você sabe o departamento de Administração tem uma fundação [...] e essa fundação que na verdade ela paga os custos [...]”. Nos dois casos os editores atuam em revista classificada como A2, demonstrando a maior posse de capital econômico, simbólico e social.

O entrevistado 08, assim como o entrevistado 04, afirma que foi um dos fundadores da instituição que mantém a revista. O editor explica que para continuar tendo apoio é necessário transparência.

Eu sou um dos fundadores [...] Entendeu? Então, **você tem que ser muito transparente. Tudo que é gasto, é gasto.. é solicitado finanças para a diretoria, o financeiro. Tudo que é feito, é feito pensando na transparência, então não há problemas.** Se você é transparente, se você deixa as coisas muito claras e justifica o propósito, isso é feito de uma forma muito tranquila (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

A editora entrevistada 07 afirma que é professora da instituição que mantém a revista e que há um tempo atrás tinha muito apoio, mas que agora eles estão cortando algumas coisas. Para ela, isso traz alguns transtornos.

Oh, a instituição é onde eu trabalho, né, sou professora, então.. assim.. eles tem a.. por exemplo.. **até ano passado a gente tinha um.. uma pessoa que auxiliava, então, ela preparava toda semana os artigos que.. avaliavam os artigos, né, pra ver se estava dentro do formato exigido, ela tinha uma interface maior com os.. os autores, né. E aí esse ano cortaram o pessoal, ta com.. ta com menos gente, então, assim a gente.. universidade não é.. ah até 2 ou 3 anos atras tinha revisão ortográfica, depois eles cortaram, então, é.. mesmo sendo uma universidade privada, né, os recursos também são.. são reduzidos, né.** Então, eles foram cortando isso, né, então.. **e a gente compete com outras revistas por essas pessoas, né, então eu.. assim, eu vejo que isso tá tendo cada vez mais dificuldade,** né, apesar de.. da.. da.. do ano passado ter um esforço, né, de colocar tudo dentro do *site* da.. da universidade, de.. de.. de ter essa centralização, também é uma exigência de algumas.. é algumas plataformas, né, pra que a gente possa publicar as nossas é.. listar as nossas revistas nas plataformas e ter uma avaliação melhor das revistas, né. Mas, isso também trouxe transtornos e assim, por exemplo, eu perdi.. eu não sei.. nessa mudança.. é pararam de contabilizar os acessos, então, eu fui fazer um trabalho de avaliar isso e percebi que não temos [risos] essa conta de acessos, entendeu. Eu não sei se já voltou a funcionar, entendeu. Então, é uma coisa muito distante, a gente.. é ano passado fez reuniões para discutir isso e tal, e a gente vê que também é um pessoal bastante novato que ta lá cuidando disso, então.. pra você ter uma ideia o cara queria trocar o número DOI dos artigos, assim, “você ta louco!” [risos], daí foi uma

briga pra fazer a pessoa entender, é claro que era falta de conhecimento mesmo, né, e a própria distribuição área que não dava pra aquela.. pra aquela pessoa. Então, é tinha uma vivência, sei lá, de dois dias de fazer algumas funções e outras.. quer dizer, não tinha o domínio completo sobre tudo que tava.. que acontece em volta de uma revista (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A editora entrevistada relata que com o corte do pessoal que a auxiliava no trabalho, existe, agora, uma competição com outras revistas por pessoas que possam suprir essa demanda. Logo, se observa que existe uma luta por capital social, pois os editores necessitam de uma rede colaborativa de pessoas que os beneficiem. Para Bourdieu (2007c), a rede de relações é fruto da estratégia dos agentes, um investimento que pode ser utilizado em determinado momento. No entanto, a editora atua em revista classificada como B2 que no quadrante da Análise de Correspondência Múltipla está posicionada em nível inferior, ou seja, tem pouca posse de capital. Tendo, por isso, uma colaboração pouco efetiva.

O entrevistado 11 afirma que a revista tem todo apoio institucional, e também conta com um departamento próprio para cuidar dessas demandas.

Nós temos apoio institucional no sentido de.. é.. de infraestrutura e financeiro, né, e tem o servidor, tem uma equipe que está dedicada se acaso o servidor cair, por exemplo. É.. tem a questão financeira, porque a gente pede pra *designers* fazer as capas, é.. tem a questão, nós somos associados da ABEC, então, tem a questão né de pagamento de DOI, pagamento da associação, é.. a ida até o encontro dos editores, inclusive o nosso.. esse outro editor, ele foi convidado a palestrar na ABEC, não sei se você conhece bem a ABEC, mas, é a Associação Brasileira de Editores Científicos, né, então, eles tem um evento nacional muito grande e a gente tenta sempre estar presente, [...] **então tem um envolvimento institucional muito.. muito grande assim, eles reconhecem o trabalho, é do periódico como um todo, é.. ajudam a divulgar, é.. é.. uma fonte de informação, um produto da instituição que faz brilhar os olhos dos diretores, né** (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

Percebe-se que para a instituição a revista é uma fonte de capital simbólico, provocando um maior envolvimento, conforme destacado pelo entrevistado 11. Porém, a revista assim como a da entrevistada 07, não possui grande volume de capital. Já, o entrevistado 01 relata que falta apoio institucional, e por ter outra revista da mesma instituição ele percebe uma preferência interna.

[...] então uma questão interna da instituição. **A.. a queridinha da instituição era a [revista X], é a [revista X] até hoje..** e aí saiu a avaliação. Na hora que saiu a avaliação, a [revista] foi pra.. B3..B2 e a [revista X] pra B3.. manteve B3, e aí eu ouvi piadinhas dentro da instituição, porque eles havia errado.. é.. é.. ele haviam confundido por ser da [mesma instituição] teriam colocado a [revista que sou editor] no lugar da [revista X]..

e falando isso na minha frente né?!, ou seja, uma relação de poder aí complicada.. que eu não podia xingar ninguém né. [...] **é quem faz a editoração sou eu, quem faz a diagramação sou eu.. quem faz o desk review sou eu.. quem faz as designações sou eu.. da [revista]. A [revista X] tem um apoio institucional, quem faz a diagramação é uma empresa [...]., é.. quem faz o desk review é.. haviam dois professores trabalhando com isso é..., quem faz a designação, haviam dois professores trabalhando com isso.. então, ela sempre foi a preferida da instituição, e ela ainda continua sendo a preferida da instituição (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).**

No caso do entrevistado 01, percebe-se as relações de poder instituídas dentro da instituição de ensino. Mesmo que a revista congregue alguns capitais, ela não é valorizada pela IES o que torna difícil o trabalho do editor.

Em quase todos os casos a instituição dispõe de equipe ou departamento para auxiliar o editor, mas alguns relatos demonstram a dificuldade de não se possuir apoio no trabalho e apoio financeiro. Nota-se que a relação entre editor e instituição envolve conflitos de interesses, capital simbólico, capital social, e principalmente, capital econômico.

Bourdieu (1983) explica que um capital pode ser converter em outro, como o social em econômico. Nas falas dos entrevistados é possível verificar que o capital econômico e o capital social são elementos essenciais para a revista possuir maior volume de capital específico do campo editorial da comunicação científica. A falta de apoio intitucional ou a falta de colaboração da equipe pode resultar na dificuldade de se conseguir prestígio no campo. No próximo subcapítulo trataremos da relação do editor com a equipe editorial.

5.2.3 A relação do editor com a equipe editorial

Sobre a relação do editor com a equipe, o entrevistado 01 explica da seguinte forma: “[...] eu tento manter uma relação cordial com as outras pessoas. Se pensar bem.. tudo gira em torno de mim mesmo, os outros fica mais difícil de passar uma atividade ou alguma coisa assim”.

Quando perguntado se na revista que ele é editor tem todas as funções, o entrevistado responde: “é.. tem, mas não é.. não é aquele negócio efetivo, né, infelizmente. Eu não tenho o apoio das outras pessoas, esse que é o grande problema.. esse que é o grande ponto”. O fato do editor entrevistado não ter apoio institucional torna a obtenção de apoio de outros agentes, principalmente dos que

estão inseridos na própria IES, mais difícil. Assim, se torna evidente que a falta de capital econômico e social prejudicam o periódico.

A entrevistada 02 explicou que tem uma relação muito boa com a equipe editorial e que ela que escolheu os membros. Estabelece-se que a editora detém capital social, isto é, uma rede de relações que propicia benefícios materiais e simbólicos, como Bourdieu (1983) explica.

É uma relação muito boa, eu escolhi quais são as pessoas que eu quero trabalhar, que eu gosto de trabalhar. Hoje a minha revista tem 11 editores adjuntos, ahh.. cada um toca a frente de uma área, que é contemplada dentro da revista para serem submetidos os artigos. Então, a minha relação é direta com eles, né, pelo *whatsapp*, pelo *e-mail*.. é uma relação de amizade e também é uma atividade muito.. é uma atividade muito.. anônima, porque eles também não aparecem de uma forma geral, nas avaliações.. ann... só quando eles estão à frente de um artigo.. que eu atribuo um artigo à eles aí eles passam a ter o domínio do artigo até ele ser aceito pra publicação ou rejeitado. **Então, é uma relação muito boa... muito boa... muito de.. amizade, eu que escolhi todas essas pessoas, então isso facilita muito o trabalho do editor-chefe** (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Como as revistas classificadas como B1, tem maior acúmulo de capital a entrevistada 02 acaba por possuir maior capital social e econômico, o que a auxilia em seu trabalho. De modo diverso do que a entrevistada 02 relatou, o entrevistado 03, editor de revista *Qualis* B1, afirma que tem um contato informal com a equipe editorial e que ela vem de outra gestão. Ele afirma ter apoio da equipe. Porém, o editor entrevistado sente a necessidade de uma relação mais formal com a equipe.

Então, hoje a equipe editorial ela vem da.. da.. gestão anterior, tenho relação com todo mundo, a gente tá num trabalho e vai retomar de novo em direção à mudanças, de trazer umas atualizações pra equipe editorial. Quando eu falo isso é do comitê editorial que eu estou falando.. vou falar mais do comitê e menos aqui dos avaliadores, especificamente, tá? Prossequindo, tenho contato com eles, o que a gente não tem hoje e pensa em implementar e fazer um contato mais próximo, tá?, é algum tipo de reunião de governança mesmo, anual pra colocar todo mundo na mesma página, envolver mais, porém tem.. tem alguns professores internacionais, então não é tão simples assim. Mas, a gente quer trazer eles mais perto, mas hoje.. hoje o que eu tenho é um relacionamento, claro.. bom mas assim, mais de trocar ideia, de ajuda, já pedi ajuda, por exemplo, pra buscar avaliador, pedi ajuda pra recomendação. **Eu tenho mais esse contato, mas não nada formalizado**, por exemplo “de mês em mês vamos fazer uma reunião”, isso eu não sou muito.. tenho uma relação, não está formalizado (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

Já, o entrevistado 04, também editor de periódico B1, afirma que tem uma relação boa. O editor também explica que a equipe editorial foi escolhida de modo a

diversificar as áreas e as regiões do Brasil, como estabelecido pela ANPAD (2010). Além disso, o editor entrevistado explica que na revista existem normas para a equipe editorial seguir, revelando novamente o poder do editor.

É... eu não.. tenho algumas pessoas que eu converso diversas coisas. Acho que eu conheço todos pessoalmente, menos um, que eu devo conhecer pessoalmente, mas não me lembro. Eu sei quem é aí, já troquei.. já tinha trocado *e-mails*, sei quem é a pessoa, obviamente, mas.. se você perguntar se eu conheci ou não conheci pessoalmente, agora que eu tô velhinho não lembro mais. **Mas, a maioria eu conheço, conheço bem são é... pessoas que eu confio, que.. e uma certa diversidade também. Então, a revista [...] atende [diversas áreas representadas pela revista] então, eu quis pegar uma *pout pourri* de gente, que não só representassem a linha de pesquisa..** fazer pesquisas nessas áreas, mas o fato de ter representação dentro de departamentos [...], é então a gente tem uma representação não só regional, né, até quero é... de gênero é complicado no Brasil, mas é.. pelo menos eu consegui uma editora associada, é uma coisa que acho importante e eu queria botar alguém do Nordeste também, pra ter uma representação do Nordeste, eu acho.. eu acho que é importante. **É.. eu conheço quase todos pessoalmente e é, de novo, são pessoas que eu confio, que tem.. eu acho que ser editor é muito difícil, eu acho que no Brasil a gente não tem uma cultura muito boa de editorial e eu quando fui diretor [da instituição] há 10 anos atrás, [...] a gente cuidava da parte de publicação, então, faltava trazer uma cultura diferente de.. diferente não sei, né, mas tentar criar uma cultura editorial, né, e é o que faço com eles, então, eu tenho [...], tem todo o guia de como se comportar, que tipo de *e-mail*, como é que vamos trabalhar, o que quero que todo mundo leia.. e tá sendo legal** porque muitos editores associados enviam pra mim no *whatsapp* “tô pensando em responder assim, o que você acha?” e eu tento dar uma suavizada aqui ou ali “ah não isso, porque não fala sobre isso que é importante” e eu acho que tá... tem funcionado bem, sabe? (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

O entrevistado 05, editor de revista B3, diz que tem apoio de algumas pessoas que fazem parte da equipe editorial da revista e com eles a relação é boa. No entanto, alguns não desempenham o trabalho e estão na revista apenas pela distinção que possuem.

Muito próxima.. bom, depende do que você chama demais membros da equipe editorial. Eu tenho duas ou três pessoas que me ajudam, eu tenho uma pessoa, é.. que tem uma dedicação parcial.. é.. de tempo parcial, é.. mais ou menos umas 8 horas por semana e que fundamentalmente, ela vai atrás de pareceristas Eu tenho uma outra pessoa que dedica ainda menos tempo, mas ele faz a diagramação e me ajuda com uma ou outra questão de TI. E tenho [outra pessoa] que por ser orientando, me ajuda bastante em questões de indexação, e de divulgação e tal. **Então, com essas três pessoas eu lhe diria que minha relação é muito próxima,** são pessoas que.. a gente tem uma relação de solidariedade absoluta, não é, muito gostoso estar nessa equipe. É.. agora, editores adjuntos, conselhos hum.. [...]. É.. tem um ou outro editor adjunto, conselheiro a que eu recorro eventualmente, em um artigo que eu estou indeciso e, principalmente, quando eu preciso de uma.. um parecer com

urgência, aí eu recorro a esses parece.. a esses parec.. a esses membros do conselho. **Mas, é.. pouco, tá nos meus planos também é.. rever a constituição do conselho, porque é uma revista.. ela tem mais ou menos 10 anos, ela começou junto com o programa que também tem mais ou menos essa idade, né, e quando ela começou a gente convidou pessoas de prestígio, com quem a gente tinha liberdade pra.. pra convidar, mas acho que tinha mais ou menos implícito aí, de que não haveria muita solicitação de trabalho. Só que hoje acho que a revista tem um outro porte, uma outra visibilidade, um outro pretígio, eu acho que daria para convidar pessoas com não tanta visibilidade, mas mais dispostas a por a mão na massa. E eu tô pensando, seriamente, em fazer essa mudança** (ENTREVISTADO 05, grifo nosso).

Observa-se que a escolha dos membros do conselho editorial se deu por prestígio, de acordo com o editor entrevistado, o que demonstra que a distinção dos membros do conselho editorial é algo importante para o reconhecimento da revista no campo, fazendo com que seus membros tenham apenas uma relação cerimonial com a função, ou seja, não a exercem, mas ganham o mérito por ela (ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2012).

Para o editor, agora que a revista tem maior reconhecimento, a distinção dos membros do conselho editorial já não é tão importante, por isso, ele afirma que tem a intenção de modificar a composição editorial. Nota-se que a revista pode ser prestigiada no campo pela composição do conselho editorial, pois a posição dela na estrutura do campo demonstra que tem pouco acúmulo de capital, quase zero.

A entrevistada 07, editora de revista B2, explica que tem uma relação boa, mas que muitas vezes a equipe editorial não da conta de toda demanda, isso devido a grande carga de trabalho.

Bom, é.. por exemplo, é.. o editor científico que tá comigo é amizade, ele também é super interessado no assunto, né, a gente tem uma parceria bastante é.. profícua, né. Agora com os editores, eles não ficam é.. abaixo de mim, né, então, eu sou mais uma, eles cuidam de n revistas, eles tem chefes, eles tem a universidade que faz o direcionamento, então, é.. eu não consigo muito o.. direcionar o trabalho deles. É claro que eles tem o esforço de fazer com que a revista saia dentro do prazo, mas, as vezes isso não acontece por causa da grande carga de trabalho que eles tem. Então, a gente tem que usar muito do.. do informal pra que a gente consiga com que as coisas sejam feitas, né (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A relação informal citada pela editora entrevistada serve para suprir a falta da equipe, o que revela que o capital social da editora é um fator relevante para o desenvolvimento do seu trabalho.

Segundo o editor de revista classificada como B1 e entrevistado 08, com alguns membros da equipe editorial ele não tem contato, mas afirma que confia nos conselheiros. O editor aponta, ainda, que na revista não tem a figura do editor associado ou editor assistente.

Ah o que acontece, alguns conselheiros eu não tenho contato algum, mas, nosso conselho é pequeno. Eles já estavam. Mas, dos nossos conselheiros tem três que são membros extremamente ativos, a [conselheira X] ela sempre avalia, sempre contribui, a [conselheira Y] também, ela sempre avalia, sempre contribuí, o [conselheiro Z] também, **São três conselheiros que são extremamente ativos, mas, não temos a figura do.. do editor assistente ou editor associado, até porque a revista é bem pequena ainda.** Mas, se porventura ela crescer um pouco mais no futuro, valeria a pena ter. Mas, o que a gente faz? Como a gente tem esse conselho, é um conselho editorial científico que não tem muito papel de executor, mas, sim de conselheiro, eles também acabam contribuindo com uma avaliação mais sistemática. O [...] editor emérito, que também tá no conselho, ele contribui sempre que preciso também. **Então, assim, o conselho acaba trabalhando como avaliadores que a gente confia muito. Um papel de editor privilegiado, são avaliadores que a gente aposta na avaliação** (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

Para o editor, a importância que o conselho editorial possui para a revista está relacionado, também, com a realização de avaliação. Eles são avaliadores que possuem sua confiança, conforme explica o entrevistado.

O editor entrevistado 09 explica que sua relação com os membros da equipe editorial é bem formal, o que afasta um pouco da posse de capital social, já que não se estabelece uma relação de troca. O editor entrevistado é editor de revista A2, e por isso, tem alto volume de capital e está em uma posição de dominante no campo.

Olha, eu sou editor chefe, então.. eu tô falando pela [revista], é.. como editor chefe eu.. eu recebo os artigos é.. que são processados preliminarmente pela assistente editorial, faz um.. faz uma checagem há.. básica de estrutura, idioma, seções, referencial teórico, as referências bibliográficas e tudo mais, tamanho, aí ela passa pra mim, eu faço uma leitura, se eu acho que o artigo tem uma potencial contribuição, então, eu designo esse artigo aos editores associados.. a um.. a um editor associado, que no caso da [revista] são mais de 100. E.. então, minha relação é essa, né, de encaminhar pra editor associado. Se o editor associado encaminha para revisores, eventualmente eu falo com os revisores também. **Mas, é.. enfim, é um relacionamento bem disciplinado, bem protocolar é.. igual ao de todas as grandes revistas, né. Mas, é um processo bem disciplinado, não é nada informal. Esse é o relacionamento que eu tenho, com alguns editores associados eu conheço pessoalmente, outros não e.. é um relacionamento profissional, protocolar** (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

A entrevistada 10, também editora de revista A2, relata que não conhece todos os membros que compõem a equipe editorial do periódico e que muitos foram indicados por outras pessoas.

Ah.. ah.. bom.. então, isso aí foi uma coisa interessante que a gente fez também, pra ser mais rápido a gente criou há.. a figura do editor associado, né. E... então, a gente tem várias categorias, tem o editor associado que é a gente é.. manda o artigo pra ele tomar conta do artigo, então, isso.. isso fez com que a gente conseguisse, então, não sou... não sou, é uma coisa mais democrática, não sou.. **não é o editor que resolve tudo, mas, sim eu com o apoio dos editores associados**, né. Há.. o membro.. os membros há.. depende, né, tem membros que já estavam [...], pessoas do departamento. **Na verdade pra gente compor essa.. essa há.. esse time a gente.. não é só de conhecimento meu, mas, do pessoal do departamento “Olha, tem um professor, há.. não sei o que, tal, tal, tal, de tal lugar e tal” e aí a gente.. então, assim, todos os membros tem alguma.. alguém que indicou por questões acadêmicas, que tinha haver com a revista, tal. Tem alguns lá que realmente foram indicados por mim, que eu tenho relacionamento com eles, tá, mas, geralmente a gente procura por gente que tem assim, um nome conhecido, né, que tenha uma influência boa nas áreas, né.** Como nossa.. como nossa revista é generalista a gente tenta a.. tende a por há.. as diversas áreas, né. Há.. então, tem áreas que eu não conheço muito, então, na área de Finanças a gente pede ajuda pra alguém que conhece alguém legal da área de Finanças, tal. Eu acho que é um pouco assim que a gente.. que a gente montou (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

O importante de se evidenciar na fala da editora, é a estrutura editorial que é composta por agentes que possuem elevado acúmulo de capital científico, ou seja, tem domínio de técnicas, métodos e temas que para a revista é importante. No entanto, a falta de contato de ambos editores que estão em posição elevada no campo, demonstram as relações de poder também instituídas.

Para o entrevistado 11, editor de revista B3, a relação que possui é bem próxima, no entanto, a fala dele transparece a formalidade.

Bom, então, eu tenho mais um editor que ele que faz esse contato, né, de receber o artigo, mandar para os avaliadores, ele faz essa parte é.. mais operacional, então, é um envolvimento bem próximo que eu tenho com ele, né, são reuniões semanais, *in loco* e à distância sempre que necessário, mas toda quarta feira eu me encontro com ele pra gente decidir isso, né. E.. essas decisões um pouco mais estratégicas, assim, de deixar de publicar por número e ser anual e tal é [...] (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

Nota-se que a relação dos editores com a equipe editorial também tem uma variação, alguns relatam que tem uma relação próxima, outros afirmam que a equipe editorial não contribui muito com a revista. Cabe ressaltar a presença do capital social quando editores relatam que escolheram sua equipe e de capital simbólico

quando editores afirmam que a escolha se deu por distinção. No entanto, até mesmo o capital social envolve capital simbólico.

Sobre isso, Bourdieu (2007c) explica que o capital social de um agente depende de suas relações, aqui percebe-se que os agentes escolhidos para a equipe editorial tem uma relação de proximidade com os editores ou com o departamento no qual a revista está vinculadas. Mas, a sua indicação depende também do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que cada agente vinculado por essa relação possui (BOURDIEU, 2007c). Novamente, se percebe a falta, muitas vezes, de uma rede de relações que beneficie o trabalho do editor.

Nota-se, ainda, as relações de poder, quando editores que atuam em revistas que estão em posição inferior (conforme Análise de Correspondência Múltipla) relatam que não possuem apoio da equipe editorial, mas que em sua maioria tem uma relação de maior proximidade, e os editores de revistas mais conceituadas tem apoio, mas a relação é mais formal, profissional.

5.2.4 A relação do editor com os avaliadores e os autores

Como exposto anteriormente, o editor-chefe encontra algumas dificuldades para efetivar seu trabalho sendo que uma delas é a falta de cooperação de agentes que integram o campo, assim existe uma falta de acúmulo de capital social e de capital econômico. Nesse subcapítulo buscamos identificar a relação do editor com os avaliadores e autores.

As dificuldades se apresentam na sua relação com a instituição e com os avaliadores, falta apoio, conforme esclarece o entrevistado 01.

[...] a principal dificuldade que eu .. é eu tenho duas grandes dificuldades, sabe? Falta de apoio institucional, é a grande.. é a maior de todas.. e a falta de apoio dos avaliadores. Final do ano.. na edição eu coloco agradecimentos à quem avaliou.. avaliou e tal.. mas há um problema sério de.. de.. desse apoio dos avaliadores no sentido de ter consciência da consequências da demora da avaliação, porque há vários alunos de doutorado que submetem pra revista .. então precisam desse retorno, alunos de mestrado também precisam desse retorno pra poder garantir seu resultado junto às instituições daqueles trabalhos, né. Então, o primeiro ponto é essa consciência. Segundo ponto, é que.. **em relação aos avaliadores, alguns só liberam a avaliação quando submetem o próprio artigo, então é “Oh eu estou avaliando direitinho, ta?!”,** aí manda a avaliação depois de dois anos que você fez a designação, então, é outro ponto também que é o dificultador. **Fora institucionalmente, as vezes eu faço a designação para colegas meus da instituição** é.. eu tenho, por exemplo, um que é da área de Operações e Logística, conforme o artigo que chega e

eu sei as especificidades dele.. aí eu passo pra ele a avaliação, ele libera pra mim a avaliação rápido, mas, aí tem uma influência da amizade pessoal, eu tenho mais proximidade com ele, então, ele... vai lá e coopera. **Outros.. eu faço essa designação e eles não fazem a menor ideia do que eu tô..** se o artigo chegou aí eu vou lá e “ô me ajuda aí, libera o artigo lá, vê lá o que é que aconteceu, aprova, reprova, recomendação, vê lá” e aí eles não seguem essa.. não conseguem.. ver a necessidade de... não é me ajudar, é de cooperar com quem está submetendo. Eu não peço para aprovar ou reprovar, simplesmente peço para avaliar.. esse que é o ponto (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

Nota-se que o editor sente a necessidade de maior apoio de avaliadores, sejam eles internos ou externos a instituição. Ele cobra maior consciência e cooperação, o Manual de Boas Práticas da Publicação Científica da ANPAD (2010) afirma que a função de avaliador deve ser uma contrapartida do que se espera como autor.

O editor entrevistado cita, ainda, que sente a manipulação dos avaliadores quando os mesmos entregam um parecer e em seguida encaminham um artigo para avaliação na mesma revista. Sobre o apoio institucional, o editor revela que quando manda a solicitação para um docente da IES avaliar o artigo, o mesmo não responde ou demora pra responder, não entendendo, com isso, o trabalho do editor.

No entanto, no campo científico brasileiro, o avaliador não recebe nenhum mérito, mesmo sendo um trabalho essencial para o desenvolvimento da comunicação científica (GOMES, 2013; MUELLER, 2006). No máximo o avaliador pode acumular algum capital simbólico por estar vinculado à uma revista de prestígio no campo. Shigaki e Patrus (2014) revelam que o avaliador também não é escolhido pela distinção que apresenta.

A entrevistada 02 revela que existe uma dificuldade com relação aos avaliadores justamente por ser um trabalho realizado de forma anônima.

Ahh são dificuldades e desafios, né?! Porque ahh.. hoje no Brasil de uma forma geral a.. a área de pesquisa, de desenvolvimento científico é muito pouco valorizada. Ah.. então, de uma certa forma, os autores.. autores precisam de comunicação, mas **avaliadores não precisam, ah vamos dizer, ser tão proativos, por quê? Trata-se de uma atividade anônima, não há nenhum reconhecimento pra quem avalia, em todos os sentidos. Se um avaliador colocar.. é.. pertencente a uma universidade, é.. a universidade não valoriza o trabalho dele, do avaliador de revista científica.** Ahh.. a Capes, que coordena os Programas de Pós-Graduação também não atribuí valor a isso e nem o órgão de fomento, também.. é.. vamos dizer, valoriza essa atividade. Então a atividade de avaliador.. do avaliador, que é uma peça essencial no processo de editoração, ela é totalmente... inócua. Ela é realmente, assim... não tem valor e as pessoas acabam deixando a avaliação sempre como uma atividade secundária. Ahh.. algumas pessoas percebem e reconhecem a relevância disso, então,

acabam contribuindo bastante nas avaliações para que os autores façam melhorias em seus artigos, outras fazem só pra cumprir tabela, só pra cumprir a atividade e outros, ainda, nem respondem quando a gente faz uma solicitação. Então, o ponto nevrage de toda a editoração concentra-se no avaliador, não que eles não tenham responsabilidade, mas, como é uma atividade anônima, sem nenhuma valorização, acaba ficando em segundo plano. Isso não so pra editoração dos artigos, mas, também a gente percebe isso em congressos, porque eu sou líder de tema de vários congressos e a gente também tem muita dificuldade nesse sentido. Esse.. esse é pra mim o ponto básico dos desafios e das dificuldades [...] (ENTREVISTADA 02, grifo nosso)

De acordo com o entrevistado 06, as dificuldades são os avaliadores, e que mesmo conseguindo com que eles avaliem, existem o problema em relação ao prazo, conforme ele relata “Olha.. a principal dificuldade é conseguir avaliadores e que eles avaliem dentro do tempo, dentro do prazo. Essa é a principal dificuldade [...]” (ENTREVISTADO, 06).

O entrevistado 03, assim como a entrevistada 02, também atribui ao avaliador o grande desafio no seu trabalho e explica que por ser um trabalho voluntário, sem reconhecimento, é difícil conseguir avaliadores.

Olha..um monte! Vamos falar de algumas, ah acho que talvez as principais, né. Claro que eu acho.. como eu falei é um trabalho que eu gosto, tem coisas legais, não vou dizer que só tem problemas e tal, mas já que houve o foco de discutir problemas, vamos lá! **Eu acho que a primeira coisa, eu acho que é a questão de avaliação, avaliador.** Acho que é um problema generalizado que muita gente ta vendo, provavelmente aí. **Muito difícil você conseguir avaliador hoje por vários motivos, primeiro porque é um trabalho voluntário, não é um trabalho fácil.. não é um... a gente ta numa profissão bem multifacetada, tem se exigido do pesquisador uma série de atividades que são diferentes, né, é.. tempo em sala de aula, publicação, dentre essas coisas também, avaliar artigo,** se deixar a gente avalia tranquilamente mais de 50 artigos por ano, pra você avaliar bem artigo não é uma coisa simples que você faz em meia hora, é um trabalho que requer dedicação, inclusive. Então você conseguir avaliadores hoje eu acho que é muito difícil, principalmente, por ser um trabalho comunitário, comunitário não, né, como que chama? O trabalho que a gente faz gratuito.. esqueci o nome.. voluntário. É o pessoal faz um trabalho voluntário é.. que tem prazo, que tem exigência de qualidade, então, não é.. A gente sempre tem problemas com... em buscar avaliadores, isso de qualquer das revistas que eu trabalhei, tá, aí eu trabalho como editor associado, talvez eu não tenha te falado, também em mais duas outras revistas, tá. [...]. E todas elas.. todas elas que eu trabalho com editoria, eu acho que tem muita dificuldade de conseguir avaliador (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

O editor entrevistado, ainda, cita que evita ao máximo passar trabalho aos avaliadores, isso por causa da dificuldade que se tem para conseguir a disponibilidade deles. Shigaki e Patrus (2014) relatam que uma das críticas em

relação ao processo de avaliação, sob o olhar dos próprios avaliadores, está relacionado ao tempo disponível que eles tem para avaliar o artigo.

[...] se eu resolver não precisa passar pelos avaliadores, evito ao máximo ficar passando, se eu consigo resolver, por exemplo, uma.. uma avaliação superficial, se eu conseguir resolver na minha mão eu tento ao máximo não passar para os avaliadores, porque eu sei [...] como é difícil conseguir tempo e disponibilidades deles, então eu tento abusar o mínimo possível [...]. Eu sou... eu sou a favor de um dia que a gente possa remunerar o avaliador... é um papo longo.. é um papo.. se quiser a gente fala.. eu sonho com um dia que a gente possa fazer isso (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

A editora entrevistada 07 também revela a dificuldade quanto aos avaliadores.

[...] Ai do.. do processo de avaliação é a gente tem dificuldade porque é um trabalho voluntário dos avaliadores, então, eles tem muitas outras atividades, muitas outras revistas, né, então, é.. a gente conta bastante com o pessoal da própria universidade pra fazer esse trabalho e a gente tem que entrar em contato com o pessoal pra pedir novos avaliadores, né. Ai tem o.. tem o tempo de retorno deles, tem o tempo de retorno de autores, então, **tem autores.. a grande maioria dos autores, eles respondem super bem porque é do interesse deles também publicar, mas, tem alguns que.. principalmente, aqueles que não estão na área do *stricto sensu*, né, que fazem MBA, que fazem curso *lato sensu*, que as vezes até tem é.. pesquisas interessantes, mas, aí eles não dão valor, não dão continuidade, então, a gente meio que perde um esforço aí que poderiam ter sido direcionados pra artigos que, realmente, é.. fossem publicados, né [...]** (ENTREVISTADA 07).

O interessante, nesse caso, é que a entrevistada cita o problema com os avaliadores, mas reconhece que eles também são professores e tem outras funções. Já, o entrevistado 11, revela que apesar de ser comum o problema com avaliadores, na revista em que ele atua, os avaliadores foram conquistados juntamente com o crescimento da revista e por isso ele não tem tanto problema.

[...] bom, tem algumas dificuldades que são normais para todo editor, né.. é a dificuldade de você encontrar avaliadores que não somente tenham tempo, mas, aqueles avaliadores que tenham tempo e tenham um parecer bom, né, que contriuam para o desenvolvimento da ciência como um todo e que ajudem a acelerar a comunicação científica. Na Administração, perculiamente, é.. nós temos um corpo de avaliadores muito bom, que foi sendo construído ao longo do tempo, né, e a revista foi criando visibilidade, foi sendo indexada, a gente já está na *Web of Science* é.. então, isso acabou dando uma confiabilidade pros avaliadores também. Mas, é.. hoje nossa dificuldade é dar conta de todo Conselho Editorial, porque nós temos aí.. hoje, atualmente.. nós estamos em torno de 48 [artigos] em curso, em avaliação, mais 27 em edição e a gente recebe em torno de... uma média, né, de 8 a 12 artigos por semana [...] (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

No entanto, em outro momento o editor revela que oferece recompensa aos avaliadores.

[...] com os avaliadores também a gente criou um laço bem interessante, até, após a avaliação, né, de não manter só.. ficar solicitando a avaliação e não criar uma espécie de relacionamento.. que querendo ou não, a gente depende muito dos avaliadores. Então, por exemplo, a gente costuma dar recompensas para os avaliadores, nesse sentido, né. Não recompensa financeira, é claro! Que o sistema é acesso aberto, mas recompensas tipo prêmio, certificado, uma placa, por exemplo, agora a gente chegou a avaliação 1000, quem que foi o avaliador 1000, a gente recompensou o avaliador 1000, né, e por ai vai. São pequenas coisas, mas a gente percebe que da um.. um trato diferente junto ao avaliador (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

De acordo com o entrevistado 09, a grande dificuldade é realmente conseguir a colaboração dos avaliadores.

[...] a principal dificuldade é conseguir colaboração de revisores. Os revi.. em torno de 50% dos convites são recusados, essa é uma dificuldade de todas as revistas e não é diferente nessas duas onde eu estou atualmente (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

E complementa,

[...] Se eu for falar assim, da qualidade dos artigos que eu recebo, eu acho que essa é uma dificuldade também. As pessoas não, não sabem direito o que que é um artigo. Aparentemente, quem submete não.. não sabe direito o que que é um artigo de qualidade há.. acadêmica internacional. Então, a gente tem uma taxa de aceite de.. de publicação de apenas 13% dos artigos é.. isso mostra que tem muita coisa ruim sendo enviada pra gente, né. Então, eu poderia dizer que essa é uma dificuldade também, dificuldade de é.. comunicar talvez direito o público, os autores que... sobre o que que é uma contribuição efetiva que eles podem fazer, tá, pra evitar serem rejeitados (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

Outro problema é com os autores que não sabem, segundo o editor, o que é um artigo de relevância internacional. Da mesma forma a entrevistada 07 revela “ [...] Bom, eu.. assim, por ser ainda uma.. uma revista que não tá lá , né, a gente tem muita dificuldade de receber artigos bons. Quer dizer, eu acho que a gente tem dificuldade em todo processo editorial, né, então, começa com receber artigos bons [...]”

Para o entrevistado 04, a maior dificuldade é conseguir artigos bons, o que influenciou o editor a ter nova conduta com os autores. Percebe-se, ainda, que o editor utiliza poucos os pareceristas, o que pode ter ocorrido por causa da dificuldade de se trabalhar com eles.

Acho que a maior dificuldade é conseguir artigo. [...] a [instituição X] e a [instituição Y] que tem duas ou três das cinco que eu consideraria as melhores revistas [da área] **no Brasil tem muita dificuldade para conseguir artigo é.. ninguém quer se dar ao trabalho de publicar em uma revista que vai dar a mesma pontuação, mas vai dar o mesmo trabalho.. vai dar mais trabalho pra publicar, porque a gente é mais exigente.** Então, a gente tem uma política editorial diferente das outras revistas [da área], é o corpo de editores associados é bem maior que das outras revistas, **e a gente quase não usa pareceristas, no máximo um parecerista por artigo. A ideia é que todos os editores metam a mão na massa, leiam os *papers* e ensinem também as pessoas a fazerem *paper*. É.. existe uma grande dificuldade das pessoas entenderem como é que se escreve *paper*, o que que é uma pasta de pesquisa e o que que não é, então..a gente faz esse trabalho didático também.** A ideia é.. [uma pessoa] uma vez falou pra mim, ele achava que a gente não devia recusar nenhum artigo, todo artigo devia dar revisão, né, e dar oportunidade da pessoa transformá-lo numa coisa razoável. É.. não foi isso bem que a gente adotou, mas foi quase isso. A gente, basicamente, agora tem uma política de *reject but accept*, a gente rejeita, mas aceita uma nova submissão [...] e a gente faz uma política [...] que dá sempre chance das pessoas re-submeterem e a gente recebe artigo sem nenhum conceito, sem noção nenhuma e a gente tenta dar uma noção “oh isso aqui não é uma agenda de pesquisa mais, uma agenda de pesquisa é isso.. isso e isso”, a gente tenta dar umas ideias e... e eu acho que tá funcionando. Mas, meio cedo pra dizer, né, a gente acabou de começar a fazer isso (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

O entrevistado 04 também cita que já viu alguns casos de plágio, inclusive, uma tradução de um artigo que foi realizada escondendo que o artigo não era inédito.

Na verdade no Brasil eu conheço alguns casos de plágio de artigo, basicamente, traduziram artigos internacionais e trocaram só a aplicação, mas é um plágio bem simples, de certa forma, porque foi um aluno que fez isso, mas eu acho inaceitável o professor que orientou o aluno não ter checado. É.. olhar o *paper* original que ele estava tentando replicar e não ver que era basicamente uma tradução, é.. eu conheço casos, já ouvi falar de casos que.. não conheço específico nenhum, mas eu vou falar de casos de artigos publicados no Brasil que são.. são traduzidos e publicados lá fora também, mas eu nunca tive essa experiência. Recente.. ah na verdade agora, **recentemente um dos editores associados pegou dois artigos submetidos para a [revista] que tinham o conteúdo de plágio, plágio no seu sentido amplo de você pegar frases inteiras e paragrafos, não o texto todo, obviamente, tinha material original, mas tinha uma.. plágio, nesse sentido mais amplo, né, de frases copiadas de muitos artigos, né, que nem essa tradução que tinha de um *paper* da [revista]** (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Além disso, existem problemas com autores que não lêem as diretrizes e submetem o artigo sem nenhuma adequação ao periódico o que promove várias rejeições ou devoluções para o devido ajuste, segundo a editora entrevistada 02. Esse fato corrobora com Rigo (2017) que afirma que os autores não se atentam para as normas de publicação ou para o escopo e foco do periódico.

[...] Segundo ponto, **é a falta de atenção dos autores em relação a política editorial da revista. Então, não lêem as exigências da revista, submetem de qualquer jeito, não fazem uma boa revisão antes de mandar, então o índice de rejeição acaba sendo muito alto.. muito alto.** Então, esse é o segundo ponto à ser considerado como sendo uma grande dificuldade, um grande desafio também dos editores. E por fim, **é.. a prática ética, ah... vários artigos chegam com muitos plágios, ahh.. e a gente fica com.. uma certa dificuldade em determinados tipos de devolutivas para os autores, né. Então, acho que são três pontos muito relevantes para serem considerados numa editoração** (ENTREVISTADA 02, grifo nosso)

A editora complementa relatando o problema com o plágio

[...] como eu te falei, né, **a gente encontra algumas práticas de plágio** em artigos e aí eu mesma faço uma devolutiva pra ele, como bastante cuidado, com delicadeza, porque as vezes são plágios não intencionais, né, então, a pessoa as vezes nem percebe que fez um plágio, porque, realmente.. é.. principalmente, no referencial teórico, a parte mais de fundamentação teórica do artigo é que a gente encontra, as vezes, um pouco mais desse tipo de problema nesse sentido (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

Da mesma, o entrevistado 08 cita o plágio como um problema relacionado aos autores.

Há casos também que eu tive plágio de 80%, foi uma.. um falsiamento do trabalho do outro, e nesse caso, inclusive, a.. o autor que plagiou o estudo inteiro de uma outra pessoa, ele adulterou o nome da professora. Eu mandei falando que era plágio, que era inadmissível, que eu não aceitaria mais nada daquele tipo e nenhuma submissão deles, e procurei o *e-mail* original da professora. Ela ficou extremamente constrangida, mandou uma carta pra mim, pediu.. ela levou isso ao conselho da instituição de ensino, pediu que o aluno assumisse toda a responsabilidade pelo envio, ela mandou pra mim e eu falei que por mim.. por mim e pelo periódico não havia nenhuma.. nenhum juízo negativo da professora, que **a gente também viu que o aluno tinha adulterado o e-mail pra não receber feedback** e feito isso, o problema foi resolvido [...] (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

O entrevistado 08, ainda, afirma que recebe uma grande quantidade de artigos que não apresentam relevância pra área.

[...] E.. em termos de rece.. receber artigos de qualidade, a gente recebe, poucos, mas recebe. **Tava vendo um.. ano passado foram 220 artigos, que passaram no desk reject foram.. deve ter sido uns 20, então, muito poucos passam, ah é porque eu sou exigente? Não! Eu leio todos e analiso todos, então, tem alguns que passam.. que não passam por problemas de formato, de plágio, porque é fora da área, mas, muitos não passam porque são extremamente deficientes.** Então, é muito comum, por a revista, talvez, ser menos reconhecida, ser B1, entende, porque acha que B1 é pouca coisa que vai ser mais fácil de publicar. Talvez seja mais fácil porque é mais rápido, e eu foco muito mais a contribuição, as vezes, do que o rigor propriamente dito. Os detalhes e as limitações você consegue evidenciar no decorrer do processo editorial, mas, se o artigo, a

proposta não é evidente, ele não diz nada, não fala sobre nada e é incapaz de chamar o interesse, pelo menos provocar indagações, não faz sentido prosseguir. Então, tem gente que não gosta. Acabei de descobrir aqui na.. na.. no EnANPAD que eu sou o editor que mais rejeita no *desk review*, entendeu. Talvez porque eu rejeito rápido, pelo menos os autores não sofrem. Mas, eu faço porque eu quero que ninguém perca tempo, eu gosto que os avaliadores avaliem com tempo, que possam se dedicar e se eu entupir os avaliadores de trabalho, eles não vão conseguir fazer um bom trabalho. Então, até pra poupar o trabalho dos avaliadores com revisões que talvez não vão dar em lugar nenhum, eu seguro, tento eliminar isso. Se.. se for interessante eu passo pra frente, se for uma área que eu não tenho domínio algum, eu convido alguém pra poder me ajudar. Tem isso também. Como que boa parte dos artigos acabam caindo em organizações e estratégia é fácil.. é eu tenho até certa facilidade pra saber das contribuições ou não, quando cai, por exemplo, na área de *marketing* eu preciso de mais auxílio (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

O entrevistado 05 afirma já ter recebido [...] artigos com caso evidente de plágio, que claramente o artigo tinha plágio. [...]. Tanto os avaliadores, como os autores, ambos, que exercem muita influência no trabalho do editor, são os que promovem algumas dificuldades aos mesmos. A função de avaliador apesar de não possuir capital simbólico relevante para o campo (SHIGAKI; PATRUS, 2014) e nem conseguir reconhecimento por seu trabalho (MARZIALE, 2012), é uma das bases da comunicação científica (MUELLER, 2006) pois se trata de uma função com aspecto desenvolvimentista, isto é, eles ajudam a desenvolver o conhecimento científico das diversas área.

Percebe-se, nesses capítulos algumas práticas sendo modificadas pelos editores que reconhecem esses aspectos ou que percebem a falta de contribuição dos avaliadores. Porém, ao mesmo tempo em que tais agentes são avaliadores, eles são também autores que cobram celeridade do processo editorial, como afirma Conceição (2006). Os autores são tidos como o cerne de todo o processo, mas a pressão desenvolvida pela Capes para a publicação, que resulta no produtivismo acadêmico (CAFÉ, 2017; TEIXEIRA, 2011), pode provocar atitudes antiéticas, como o falsiamento de artigos. O plágio é um dificultador do trabalho do editor por causa do tempo gasto com o artigo, bem como, devido ao constrangimento que causa ao editor que tem que enviar um parecer de rejeite.

Bourdieu (1983b) explica que no campo científico quando um pesquisador descobre algo uma semana depois que outro pesquisador, sua pesquisa perde o valor do ineditismo e passa a ser algo duplicado, explicando assim, a pressa que alguns autores tem em publicar, isto é, o interesse pelo reconhecimento.

Assim o produtivismo acadêmico é uma prática do campo científico (CAFÉ, 2017; TEIXEIRA, 2011) influenciada pelas relações de poder e que servem, supostamente, para acelerar a obtenção de prestígio, estando, inclusive, atrelado ao plágio, mesmo sendo o plágio algo que atinja o pesquisador de modo inverso ao esperado. Além disso, o produtivismo é caracterizado pela submissão de artigos sem relevância, fato atestado pelos entrevistados 08 e 09.

Assim, conclui-se que a falta de reconhecimento pode direcionar o campo para a escassez de colaboração entre os agentes. Além disso, a obseção pela busca de capital simbólico pode fazer com que práticas não coerentes com a estrutura do campo se manifestem. Tais possibilidades podem mudar práticas no campo editorial da comunicação científica, pois estão ligadas a sua estrutura.

5.2.5 As relações de interesse entre o editor e o campo

As relações de interesse circundam o editor, pois, partem de autores, avaliadores e até da própria instituição mantenedora. Esse interesse pode ser descrito por meio da busca de distinção no campo. Mas, o editor também tem interesse no campo, alguns podem advir de aspectos relacionadas à concorrência ou antiéticos (como a tentativa de manipular o fator de impacto) e outros que tem mais relação com a cooperação.

O entrevistado 01, editor de revista B2, cita uma prática que acredita não ser antiética.

[...] lógico que eu não sou bobo, né.. chega um artigo.. uma professora que publica muito na área de foco organizacional..se a gente olhar lá no *Spell* ela é muito citada, vários *downloads* e tudo mais.. ou seja, ela já é uma referência na área. Um artigo dela chegou na [revista] pra ser avaliado, foi avaliado.. pulei na avaliação.. foi avaliado, e aí vamos dizer que eu tenha 14 artigos e ela é o 14º em termos cronológicos de avaliação.. se eu sei que ela está sendo referenciada, eu passo ela para número 1 pra publicação.. eu quero aumentar o número de citações na minha revista.. né, então a gente trabalha toda essa lógica, isso aí não tem como a gente escapar, a gente precisa sobreviver também.. mas ai eu não atropelo nada ético...eu simplesmente tô atendendo o interesse da revista, todos os artigos serão publicados, não deixarão de ser publicados [...] (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

O editor, por motivo de interesse em aumentar o fator de impacto da revista ou mesmo o número de citações busca publicar artigos de pesquisadores, considerados especialistas ou referências em determinada área, de forma mais

rápida que outros, o que, de certa forma, pode significar o privilégio de alguns autores em detrimento de outros.

Além disso, ele explica que “[...] trabalha toda essa lógica [...]” com o objetivo de sobrevivência no campo. Porém, a ideia de sobrevivência se revela no consenso dos agentes em agirem em prol do campo (TRIGO, 1998). A busca por distinção reflete a luta por capital simbólico, conforme Bourdieu (2013). Assim, se compreende que o editor, nesse caso, agiu por interesse no capital simbólico que seria atribuído a sua revista.

Nota-se, que o editor entrevistado 01, em falas anteriores evidencia a dificuldade de possuir capital simbólico, pois a falta de capital econômico e social atrapalham, mas ele através de uma prática que é considerada antiética no campo consegue conquistar capital simbólico. O agente luta pelos seus interesses e pela posse de capital específico (BOURDIEU, 2013), que no campo editorial da comunicação científica se classifica como fator de impacto.

Segundo o entrevistado 05, editor de revista B3, existem “[...] revistas que privilegiam determinados autores que são próximos, assim, dos editores [...]”. Porém, diferente do entrevistado 01, esse caso evidencia a manutenção da rede de relações, isto é, do seu capital social, já que o agente também luta para manutenção do valor do capital atribuído a ele (BOURDIEU, 2013)

Da mesma forma, a entrevistada 07, editora de periódico classificado como B2, relata que existem questões antiéticas quando o editor publica alguns artigos solicitados por pessoas de determinadas universidades. E explica que como autora percebe um privilégio que alguns “grupos” podem ter em determinadas revistas.

Não, eu acho que, assim, o que acontece de anti-ético é uma questão, assim, também é de.. tipo, pessoas de outras universidades pedirem para publicar, é, então, você acaba aceitando esses artigos que não aceitaria se fosse.. se não tivesse essa recomendação, vamos dizer assim, né. Então, isso eu já vi acontecer em várias revistas, mas, eu também como autora vejo também o outro lado da moeda que é muitas vezes você sendo rejeitado é por não fazer parte do grupinho, entendeu. Então, as vezes eu vejo também .. é, por exemplo, já recebi um artigo que era da área pública sendo rejeitado por uma revista da GV, falando assim que tava fora do foco, escopo, sabe assim até retruquei pra ele “Mas, como assim? Se você é uma revista que publica artigos sobre área pública e eu tô falando de Gestão de Portifólios ou de geração de Orçamento na área pública, aonde tá a falta de foco? [risos]”. Então, é claro que não quer dizer que meu artigo deveria ter sido aceito, mas no minimo ter uma resposta mais adequada, né, porque isso me induz a pensar que não faço parte do grupinho, então não publico naquela revista, entendeu. Então, é.. é... tem algumas coisas que acontecem que a gente não.. a gente

fica assim, a mesma coisa que é aquele grupinho que faz só pesquisa quanti, entendeu, “ah na minha revista tem que ser quanti, né”, então, tem umas linhas assim, né. Mas, eu.. acho.. acho que é isso, né, pode acontecer mais de vir, né... de ser um pouco de falta de ética, né (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

O editor entrevistado 06, editor de revista B3, relata que como editor tem que estar atrás de autores de relevância. Essa busca de autores, revela o interesse em uma busca por maior capital simbólico.

[...] é porque o editor de verdade ele está sempre em busca de bons artigos, né, quer dizer, é um pouco de desafio. Agora mesmo, semana passada eu falei.. eu falei que eu tava viajando, não tinha tempo pra te responder, tava lá [em uma conferência] na África do Sul e boa parte do que fui assistir.. [...], foi ver se tinha, né, coisa boa pra eu puxar pra.. pra [revista], né, **morder alguns autores**, etc. **Então, assim, é bom ter essa relação e ela é saudável do ponto de vista é.. do ponto de vista dos organizadores de congresso e editores. Mas, “oh tenho um trabalho bom de finanças”, “pô manda pra mim”, né, quer dizer, no próprio [congresso] a gente interaje muito com temas, né, coordenadores de área, né, a gente interaje muito com eles porque acabam tendo uma visão ali, de coisa, né, de 15, 20 trabalhos ali numa área, né, “Poxa, vê qual o melhor desse aí” e escolhe os melhores e “ah vou assistir essa seção” é pra ver se a gente, né, pinça o trabalho e etc.** Mas, entre.. entre.. troca assim entre os editores eu não.. não conheço não (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

Para o entrevistado 09 a postura ética do editor ajuda a evitar que ocorram conflitos de interesse.

Devem existir, mas, eu realmente não conheço, não participo. Ah.. agora eu acho assim, eu também tenho uma postura muito clara sobre isso, muito refratária, e eu acho que o pessoal não.. não arriscaria fazer propostas indecentes desse tipo, tá, ah.. é, por exemplo, eu também não publico artigo meu no.. na [revista], é.. se há alguém conhecido meu, eu tomo o máximo cuidado, na verdade até já nesse tempo de editoria eu, infelizmente, já rejeitei muito artigo de amigos meus, mas, rejeitei profissionalmente, né, quer dizer, não.. não também por ser amigo meu que eu tenha rejeitado e.. mas, isso evidencia que eu não troco favores ou faço concessões à amigos, né. Há.. evito bastante envolver amigos no processo editorial, embora como membros da mesma comunidade a gente acaba tendo muito conhecimento pessoal, né, sobre os indivíduos é.. mas, assim, não.. não conheço troca de favor.. de favores, né, eu publico na tua revista, tu publica na minha, né, não.. não, realmente nunca chegou esse tipo de proposta nem eu fiz esse tipo de proposta (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

O editor de revista A2 e entrevistado 09, afirma que o capital social não tem influência nas suas decisões e afirma que a postura do editor ajuda a evitar os conflitos relacionados ao interesse do campo quanto ao editor.

De acordo com o entrevistado 03, editor de periódico classificado como B1, nunca existiu propostas para que artigos fossem aceitos. E ele também tem cuidado com os conflitos de interesse.

Ah tá! Vamos tentar pensar em alguma coisa aqui! Nada! Esse negócio que... por exemplo, eu até achava que poderia existir, [...] essa questão de vir alguém pra mim pedir artigo, nunca pediram, de revista nenhuma. Nunca veio ninguém diretamente e disse “Você pode publicar pra mim o meu artigo?”, nunca, eu até achei que poderia acontecer.. explicitamente nunca aconteceu, tá. O máximo que aconteceu assim, e que eu não vejo problema nenhum é você combinar com evento *fast track*, né? É você dar prioridade para um artigo em fila de aceitação do processo editorial, mas também não favorecer para ele o aceite, não. Não é porque ele é de um congresso que necessariamente, ele vai ser aceito. A gente pode até ter bons olhos com ele, mas não... deixa eu pensar de citações.. Ah sim.. eu tenho um cuidado grande, sempre das citações quando eu faço avaliação, porque, geralmente, sempre que dá.. não vou dizer todas as vezes.. mas a grande maioria das vezes, eu escrevo uma terceira avaliação de todos os artigos que entrego, minha [...] (ENTREVISTADO 03, grifo nosso)

O editor complementa, afirmando já ter ouvido uma discussão sobre privilegiar as revistas de subáreas da Administração nas referências, para que elas ganhassem espaço no campo.

Que eu já vi, é.. é.. não foi comigo, mas eu já vi.. pensando aqui que eu já posso ter presenciado.. são subáreas que a gente tem dentro da Administração que elas... na verdade, eu não sei se dá pra dizer que são trocas, mas eu já vi um pessoal discutir.. é o seguinte..”oh a gente precisa citar as revistas [...], a gente precisa se citar” pra que? Pra poder ganhar relevância, pra poder ganhar espaço nos indexadores, no caso é o *Spell* que eles estavam discutindo é.. não sei o que deu, não conversei com os editores, então não sei se chegou a ter algum acordo informal ou o que aconteceu, mas eu já.. lembro que teve um papo das subáreas aí, o pessoal tava tentando buscar autocitação, por que? Por questão de defesa da subáreas deles eles publicavam muito é.. eles referenciavam muito artigos estrangeiros e pouco a revista das subáreas deles. Agora o que aconteceu, não sei te dizer.. eu nunca chequei pra ver, mas teve um papo assim, a gente tem que se juntar para se fortalecer porque nenhuma das revistas dessa subárea estavam com estratos razoáveis na época. Não sei como que tá hoje, não sei. Então, não sei.. eu tô tentando forçar minha memória, assim.. por aí (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

Aqui se revela também a busca por capital simbólico para conseguir uma melhor posição no espaço de jogo. Sobre sugerir citações, o que não se configura na autocitação do periódico e sim na busca pessoal por distinção no campo científico, o entrevistado 03 diz que também evita.

[...] assim, eu posso ter recomendação de citação. Tenho cuidado pra não ser minha. Já aconteceu, por exemplo, uma vez, mas era de quando eu era editor associado, de um dos avaliadores que eu escolhi, era um co-autor meu. Escolhi ele, porque obvio, né, caiu na minha mão um artigo que era assunto da.. do meu domínio de interesse, né. Então, eu conhecia pessoas que conheciam esse assunto, né, dominavam o assunto, passei pra esse co-autor. Uma das recomendações dele foi um artigo nosso, tá, “olha, você pode olhar esse artigo que tá muito nessa discussão, tá muito no desenvolvimento e vai te ajudar a trazer uma porção de resultados melhores”. É.. eu não eliminei a sugestão dele, do parecer dele mas, eu coloquei um adendo embaixo “Vocês não precisam obrigatoriamente citar, é só uma das referências que vocês podem usar”. **Tenho que tomar muito cuidado porque... sim, eu tenho que tomar um cuidado, né, não poder recomendar uma coisa que é minha mesma, né, isso pega muito mal** (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

O entrevistado 04, também editor de B1, afirma que tem maior conhecimento do campo editorial internacional, afirma que no Brasil existem pouca concorrência entre editores ou mesmo conflitos de interesse.

[...] é .. eu vi muito pouco aqui no Brasil de briguinha entre acadêmicos ser considerada... dar problemas em termos de edição de artigos, posso estar sendo inocente, né, mas na minha experiência, nunca vi “ah não gosto desse cara, vou fazer um parecer é.. destruidor”, eu acho que as pessoas tem simpatias, e não tem muito como.. como impedir a pessoa de ser simpático a tal pessoa, na hora de ser *referee* você vai ser mais leniente, talvez, eu acho que é difícil a gente reconhecer nossos próprios vieses, né, então, acho que boa parte do trabalho do editor é tentar entender isso, né, como eu acho que tem .. vou partir um pouco pro Brasil, que a gente quer o artigo minimamente publicável, se você acha que um artigo está minimamente publicável, beleza, eu vou.. acho que os vieses não tão fazendo tanta diferença. Lá fora onde a briga é de cachorro grande, tem mais briga mesmo e aí você vê muitos *paper* sendo bloqueado, a pessoa demora a entregar parecer e.. como eles não tem essa necessidade tão grande de atrair artigos porque a revista já tem muita.. é já tem uma boa reputação, eu acho que as coisas.. que os editores deixam as coisas correr. Aqui no Brasil a gente não faz isso, pelo menos na [revista] a gente tem uma apólice, uma política de terminar a primeira revisão em três meses, então, a gente faz um esforço, quando chega dois meses e meio e a gente não recebeu o parecer, se o parecerista quiser ficar enrolando é.. a gente tem uma política de.. o próprio editor senta e faz o parecer, a gente mesmo resolve tudo em três meses. Então, aqui a política.. a política editorial da [revista] não permite esse tipo de comportamento, de sentar em cima do artigo (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

O editor entrevistado levanta a questão do produtivismo no lado editorial, quando afirma que no Brasil a gente quer um artigo “minimamente publicável”, diferente de outros países que atraem artigos devido à reputação da revista e não precisa aceitar artigos tão facilmente. Essa relação com o produtivismo, revela, novamente, a disputa por capital simbólico, o editor ao aceitar um artigo facilmente busca alterar a posição do campo.

Para o entrevistado 11, editor de revista com *Qualis* B3, o que existem são editores dando pareceres no lugar de avaliadores e editores que ignoram determinada avaliação positiva em busca de outra que negue o trabalho.

[...] até existem casos, por exemplo, de editor convidar autor para publicar em seu periódico e prometer pro autor que não vai.. e prometer pro autor que vai ser publicado sem ter avaliação por pares, por exemplo. Ou, então, do próprio editor fazer a avaliação do artigo porque não encontra avaliador, né, isso é muito.. muito.. muito comum. A gente vê em círculos aí, que tem editor fazendo a avaliação porque não encontra avaliador, ao invés dele reprovar a submissão ele acaba avaliando, né. Acho que isso.. é nesse sentido assim.. ou, então, um editor boicotar uma avaliação que tenha sido negativa em detrimento de outra que tenha sido positiva e ele corra atrás de uma avaliação positiva pra ter a aprovação do artigo, né, ou vice versa também pode acontecer ele querer mais uma avaliação negativa e daí o avaliador.. o autor não ter o trabalho aprovado né. É algo nesse sentido também já vi acontecer (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

O fato do editor dar parecer no lugar do avaliador pode ser a consequência de não ter avaliador disponível, sendo essa a principal dificuldade no trabalho do editor, o que pode levá-lo a adaptar a prática já legitimada no campo.

Além disso, algumas falas do editor entrevistado revelam mais a luta do periódico pelo capital do que uma prática antiética. Convidar autores para publicar artigos é comum no campo da Administração. O artigo convidado não passa pela avaliação por pares, dessa forma, a publicação não tem tanto valor para o autor, e sim, tem muito valor para o periódico, já que o convite geralmente é realizado para um autor com prestígio no campo. No entanto, é importante evidenciar que o artigo foi convidado na publicação. Mesmo assim, tal prática revela as relações de poder do processo.

Já, em as relações de interesse do campo científico para com o editor, o editor de A2 e entrevistado 09 afirma que recebe algumas propostas de pesquisadores.

É.. posturas anti éticas, bom talvez há... tem muita pressão, principalmente, de outros países pra é.. oferecendo dinheiro para publicar artigo, mas, aí também eu acho que assim, são praticas em outros países, países não tão desenvolvidos na.. na questão do.. do.. da.. das publicações científicas, como Indonésia, Túrquia, Irã e aí.. Tailândia, Malásia, volta e meia chega um e-mail perguntando se a gente.. quanto é que a gente cobraria pra publicar um artigo deles, né. Também é incorreto isso, mas, não acho que seja má intenção e sim práticas correntes e que as pessoas nem sabem que são erradas, né (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

Essa questão também foi relatada pelo entrevistado 08 em outro momento da pesquisa, no qual ele afirmava “[...] Eu já recebi oferta de dinheiro pra publicar na [revista], não de brasileiro, de gringo, por *whatsapp*.. achei um absurdo! [...]”.

De acordo com o entrevistado 01 e editor B2, a equipe editorial na busca de distinção pode combinar com avaliadores a aprovação do artigo de determinado autor. Outro fator, é o de autores com relevância no campo não aceitarem facilmente a reprovação de seu artigo, fazendo uma certa pressão para a publicação. Importante destacar que esses autores com relevância agem dessa forma com revistas que não tem tanto reconhecimento e onde o aceite seria mais fácil.

Sim, é.. há uma na.. na.. [revista], por exemplo, é.. **alguns colegas, e aí vem o grande detalhe, alguns colegas de instituição fazem as vezes.. é.. jogada política e para satisfazer interesses pessoais. Interesse de massagear ego** mesmo, não é interesse.. não vai ganhar nada material, nada disso, né, é.. e as vezes não ganham nenhuma publicação em outra revista, mas ganha.. por esse lado do ego.. quando encontra “Ah esse aqui é gente boa”, “Esse aqui é ótima pessoa”, **e aí fazem a negociata lá e colocam a revista como parte, só que não conversam comigo né?!, não combina comigo é.. e esse que é um dos grandes problemas, porque combinar comigo não é fácil.** Agora há algumas **outras questões que a gente analisa também.. que é.. as vezes uma certa pressão que vem da pessoa que submete, que as vezes tem uma certa posição no meio acadêmico que influencia.. tem influência no meio acadêmico, que em alguns momentos pode não prejudicar a revista, mas também pode não ajudar.** Então esse é um dos pontos principais dessa questão. As vezes tem essa pressão (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

E complementa

E tem as vezes aquelas questões de virar pra você e dizer “Ah libera logo o artigo dessa pessoa, porque essa pessoa é muito chata”. Muito chato... você sabe o que que é, né?!.. a pessoa não é chata, a pessoa é amiga, e vem com essa conversa mole, com esse lado, com esse sentido, então não é fácil gerenciar [...] (ENTREVISTADO 01).

É importante salientar que o pesquisador que possui o capital científico puro no campo, pode exercer pressão no editor de forma simbólica, através do poder simbólico, que é um poder que exerce se sem precisar de força física, atesta Bourdieu (2000), pois por ter distinção no campo o autor pode atribuir mais capital simbólico para o periódico.

O entrevistado 05 relata o seguinte: já recebi “[...] uma tentativa de usar meu vínculo de amizade para influenciar submissão, recepção de artigo”. Logo, se observa que o editor e o campo tem uma relação de interesse, no caso do editor essa relação se manifesta na busca por distinção no campo que o leva a privilegiar

autores com capital científico puro no campo, a trocar favores com outros editores para também acumular capital simbólico e a busca pela manutenção do capital social.

Por fim, os editores podem subverter o valor dos capitais para mudar a estrutura do campo, quando inseridos no conselho de instâncias burocráticas de avaliação (BOURDIEU, 1996). Já, o interesse do campo em relação ao editor se revela na tentativa de adquirir capital simbólico, seja utilizando, para isso, capital econômico ou o capital social para, então, converter em outra espécie.

5.2.6 A relação entre editores

A relação dos editores do campo de Administração acaba sendo diversificado, justamente, pela atuação de editores que não são do campo, com *habitus* e práticas diferenciadas. O entrevistado 04 (editor de periódico B1) que não é da área de Administração afirma não ter contato com editores de Administração e nem com outros editores.

[...] não conheço os outros editores, não sei.. sei que existem revistas de Contabilidade, mas sinceramente não sei quem são os editores. Tenho certeza que meus editores associados são editores associados de outras revistas também, mas... a própria [revista de Administração].. o departamento de Administração tem sua própria revista aqui, não tenho a menor ideia de quem é quem, não tenho essa relação. No passado, se eu não me engano, eu acho que foi o [editor anterior] que assinou um termo de compromisso com todos os editores de.. de... na área de Administração pra... é a gente tinha assumido lá o termo de compromisso, de ter lá uma política editorial que segue lá o padrão de ética da.. das coisas de Administração [...] (ENTREVISTADO 04, grifo nosso).

Percebe-se que o editor afirma não possuir relação com nenhum editor, mesmo da sua área de atuação. Da mesma forma o entrevistado 06 e editor de revista classificada como B3 que não é da área de Administração, afirma não ter contato com editores para além de eventos, e diz estar se esforçando para se inserir mais no meio. Importante apontar para a posição ocupada pelas revistas de *Qualis* B3, que não tem volume expressivo de capital e por isso, lutam por ele.

É.. assim, tem uma certa relação, assim, até por meio da ANPAD, né, da associação é.. mas, como eu não sou, originalmente da área de Administração, eu não tenho a mesma relação que, por exemplo, o editor anterior o [...] que era da área tinha. Ele é participativo da ANPAD, do EnANPAD e etc. Então, eu venho fazendo também um esforço pessoal de me aproximar mais é.. de alguns editores e da.. do

próprio movimento todo do.. da ANPAD, né. Porque eu frequento o simpósio de.. de.. de gestão da inovação que tá com eles, mas não o EnANPAD, não era meu foco anteriormente, agora eu estou mais envolvido, de uns 2 anos pra cá. Eu tenho andado envolvido com.. com.. com outras atividades da ANPAD, justamente tentando me aproximar dos editores. É.. tem algumas iniciativas também, da.. a gente é afiliado à ABEC, né, Associação Brasileira dos Editores Científicos e ali tem uns eventos dele, mas, eu ainda não participei de nada é.. também preciso me aproximar. E o SEMEAD também tem algumas ações voltadas para editores, quer dizer.. ano passado eu participei de alguns é.. alguns *workshops*, né, sobre.. sobre o tema (ENTREVISTADO 06, grifo nosso).

Percebe-se que a tentativa de inserção, reflete a busca por capital social em nível pessoal que pode se transformar em capital simbólico ou econômico, e por capital simbólico ao se pensar no periódico, já que ocorre uma maior divulgação do seu trabalho no campo.

Segundo o entrevistado 11, que também não é da área de Administração e é editor de revista B3, não existe uma proximidade com outros editores, até porque ele percebe que a Administração não realiza Fóruns com editores.

Então, eu.. eu não tenho muito envolvimento direto com os editores da área de Administração, primeiro porque não é meu.. a minha área de formação e segundo porque eu não percebo, igual na minha área, por exemplo, [...] que tem Fóruns dedicados para editores, né, e Fóruns sejam *online*, como presenciais assim, de algum encontro, exceto a ABEC, mas, a ABEC é um encontro de todas as áreas. Assim, a gente tem alguns relacionamentos com outros periódicos, né. Quando a gente vinha desenvolvendo o nosso lá em 2011, como *benchmarking*, então, por exemplo, a revista.. a Revista de Administração Empresarial da FGV é alguém que a gente mantém bastante contato, mas, assim não é algo.. nada significativo e expressivo para a gestão do nosso periódico. É algo que vem enquanto demanda, muito.. muito.. depende da ocasião.. é muito ocasional assim. **Eu não percebo uma desenvoltura muito grande da classe da Administração perante a comunicação científica, posso estar errado porque não me inseri, né. Mas, a minha percepção hoje é essa** (ENTREVISTADO 11, grifo nosso).

O editor entrevistado deixa evidente que não tem contato com editores da área de Administração por não ser sua formação, o que revela que ele pode ter disposições adquiridas de outro campo, na medida em que tanto o contato como pesquisador, como o de editor não são dentro das estruturas do campo de Administração.

Porém, editores da área também revelam um distanciamento. Sobre isso o entrevistado 01 (editor de revista classificada como B2) explica.

É.. havia aquela iniciativa da ANPAD, que antes do EnANPAD havia o encontro de editores, era muito interessante porque havia uma

discussão mais ampla, apesar de quê [...]. A gente sentava, tinha uns.. tema central, né, há ser discutido, então trazia alguém que tinha conhecimento sobre o tema, tinha alguma experiência a ser compartilhada, mas aqueles que falavam sempre eram os mesmos.. sempre eram os mesmos. Então, não havia uma abertura pra.. pra debate, pra conversa, pra buscas de soluções mais efetivas, acabava que ali a gente fazia uma relação, estabelecia umas conversas, né, mas sem haver a questão da.. da.. de troca, muito, de experiências, sem aprofundar. **Eu acho que essa relação é uma relação muito distanciada, eu acho que ela é muito mais política, muitas vezes. Mas, é muito distanciada** (ENTREVISTADO 01, grifo nosso).

O editor revela que a relação é muito política, ou seja, ela é muito formal. Para ele, as reuniões que tem na área não serve para uma discussão de troca, e sim para ouvir alguém com experiência no tema falar. Assim, se percebe a existência das relações de poder também em encontros de editores, pois apenas os dotados de posição hierárquica dominante tem a possibilidade de compartilhar as experiências.

O entrevistado 05, editor de periódico B3, também afirma não ter contato próximo com editores da área. “Olha, eu não tenho muito contato, eu tenho contato com um pequeno grupo que são muito próximos, a gente troca.. aa.. o que que tá acontecendo na área, [...] Mas, é.. bem.. totalmente informal e .. bem esporádico” (ENTREVISTADO 05). Mesmo o editor revelando ter conversas informais com editores, percebe-se mais a questão de colaboração nesse caso do que em outros descritos.

A entrevistada 07 (editora de periódico B2) afirma que ela não tem aproximação com outros editores, mas a editora afirma que não se esforça muito. No entanto, diferente do entrevistado 01, a editora revela que ações como a do EnANPAD são uma tentativa de aproximar os editores da área, porém os editores não se interessam muito em manter a aproximação.

Eu acho que tem algumas iniciativas, principalmente, tipo EnANPAD que tenta ajustar é.. ajudar isso, tem uma Associação dos Editores também que eu.. eu fiquei associada durante um ano e tal, mas, investimento, assim.. tem eventos, né, então, tem um *site* no *Facebook* que fala algumas.. dá dicas e tal, **mas, eu não vejo, assim, um relacionamento, né, uma.. uma troca, mas, de novo, né, pode ser que eu na minha visão *juniors* que não tem tanta é... eu não me esforço nisso.** Então, quando você fala da política, né, de criar aliados..então, eu vejo outros editores da.. da minha revista que tem essa é... que tem esse conhecimento, que tem essa.. é não sei se *network* que eles também se ajudam, principalmente, por exemplo, vamos ter um congresso da nossa organização, então, a gente tem os *fast tracks*, então, por exemplo, essa pessoa ela.. ela consegue acionar várias revistas pra que é... pra que elas participem do nosso *fast track*, né. Então, eu vejo que eu poderia fazer isso,

entendeu, mas, eu teria um esforço maior, teria que vê quem é, mandar mensagem, falar e tal, e ele me.. é já faz isso de uma maneira bastante natural, que ele também é mais conhecido no mercado. Então, é.. no mercado (risos), na academia (ENTREVISTADA 07, grifo nosso).

A editora revela que não tem essa busca por fazer aliados, como outros editores que atuam na sua revista. Isso simboliza a não percepção da construção de redes de relações como algo importante.

O entrevistado 09 afirma que mesmo havendo interação com outros editores não existe uma troca de experiências.

A gente.. a gente não conversa muito. Eu converso, eventualmente, com o editor da outra revista da [instituição], [...] conversei com ele hoje, mas, assim, apenas coisas burocráticas é.. necessidades de uma ou das duas revistas. E.. é que também tem mais de 100 revistas de Administração no Brasil, então, a gente sempre acaba conhecendo o.. o editor de alguma delas. **Então, com alguns editores eu tenho proximidade como amigo, com outros proximidade profissional, mas.. mas, sinceramente, a gente discute muito pouco sobre as revistas, né.** E uma vez por ano, alguns poucos desses editores se encontram no.. no.. no encontro anual da ABEC que é a Associação Brasileira de Editores de revistas acadêmicas, **mas a gente não tem.. eu pelo menos não, né.. não sei os outros, mas, eu não tenho muita relação com nenhum outro editor** (ENTREVISTADO 09, grifo nosso).

De acordo com o entrevistado 08 que é editor de revista classificada como B1, a relação é boa, mas que existem exceções, principalmente, entre aqueles que julgam ter maior qualidade que os demais.

Ah sim, normalmente as pessoas são muito solícitas. As pessoas cooperam, ajudam, interagem, a grande maioria. Há exceções! Tem editores que tem agenda e agenda deles é: que meu periódico seja melhor. Isso é péssimo! Ainda bem que é raridade, mas, tem pessoas que não fazem absolutamente nada para que os artigos sejam melhores, usa no máximo uma tentativa de influenciar pessoas pra tentar alavancar o periódico. Mas, o que acontece, as pessoas sabem que funciona assim, você não pode ter agenda própria o tempo inteiro e são pessoas que acabam se queimando. E hoje qual a vantagem que nós temos? Você pega o *Spell* e fica evidente quais são.. quais os periódicos que tem mais acesso, que os artigos são mais lidos, que tem mais entre aspas utilidade pra comunidade. Se há periódicos que se julgam os melhores e ninguém lê, ninguém cita, que qualidade é essa? Então, hoje fica evidente porque é extremamente desagradável, e isso acontecia com muita frequência no passado, você tinha periódicos que eram considerados A2, B1.. A2, principalmente, que julgavam-se pela qualidade, mas, que critério foi utilizado? Eu tenho colegas que tem periódicos que ate ano passado era B5 e são muito melhores que a maioria, eu vejo valor, mas os outros não veem, porque não tem base alguma, porque são recentes, mas eu conheço as pessoas e sei que são sérias, elas são.. é.. a qualidade do editorial, as pessoas gostam de publicar lá, cha.. atraí pessoas boas, atraem artigos bons e eu vejo qualidade, mas, é porque eu vejo qualidade, um grupo vê qualidade, que a gente vai alavancar ignorando todos os demais? Que

juízo é esse? Juízo de especialista ele é muito bom, mas, ele é muito falho, ele enviesado, então, como nós temos agora uma ferramenta que apesar de todas as limitações com indicadores de impacto nós temos, nós temos.. temos como ver quem é mais citado, quem é mais usado e isso não foge muito do nosso juízo não [...]. (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

Para o editor, alguns editores que fazem parte do campo não colaboram com os demais, ainda que seja excessão. É possível estabelecer uma conexão com o campo científico, quando Bourdieu (1983b) afirma que os agentes dominantes tem uma certa censura aos recém chegados do campo. No campo editorial da comunicação científica essa censura se manifesta quando os editores que estão em posições mais elevadas hierarquicamente, se sentem melhores que os demais não colaborando de forma específica.

Ainda de acordo com o entrevistado 08, existem troca de favores entre editores devido a pressão que se sofre para produzir por parte da Capes. O editor ainda acredita que determinados editores que fazem parte do conselho de algumas bases de dados e de agências podem prejudicar revistas, por questões políticas ou mesmo por concorrência.

Tem, vários! Editores que trocam artigos entre si, por exemplo, eu sou editor de uma revista, eu facilito a sua vida pra publicar na minha revista e você facilita a minha pra publicar na sua. Então, muitos editores usam de favores pra produzir, porque a gente é cobrado pra produzir, isso é anti-ético. Isso era prática extremamente frequente e eu tenho quase certeza que isso não foi abolido ainda. Tem mais coisa também, é.. eu tenho quase certeza que em algumas agências de avaliação em que há conselheiros externos de.. não sei quais, internacionais também, que alguns editores brasileiros que fa.. ou indivíduos da nossa área que fazem parte desses comitês, eles atrapalham os demais periódicos. Não posso provar, mas eu tenho quase certeza, porque umas avaliações negativas não tem qualquer justificativa, periódicos que são extremamente centrais, ainda não estão em algumas bases, porque? Porque, provavelmente, estão fora do jogo. Porque esse é um jogo velado, alguns editores fazem parte, eu não sei quais são, mas, isso existe. Isso é muito ruim. Isso é egoísta, inclusive (ENTREVISTADO 08, grifo nosso).

A concorrência e as trocas de favores estão atreladas as relações de força e as disputas por distinção no campo, conforme explica Bourdieu (2004a). Bourdieu (2004a) afirma, ainda, que o campo é o espaço onde se manifestam as relações de forças, com o propósito de conservar ou de subverter as forças dominantes no campo, dessa forma, a competição ou a cooperação são sempre existentes. Para a entrevistada 10, existe uma relação boa com outros editores, mas ela percebe a competição em alguns casos.

Ahh eu tenho uma relação muito bom com os outros editores. [...] A gente tem uma relação muito boa, assim. Não são com todos, mas, os que eu conheço, assim, é.. é.. é muito.. é muito cooperativo, a gente.. a gente coopera e “Ah nós fizemos isso e aquilo”, daí o outro “Ah tal, o que você acha de fazer aquilo também?”. Mas, é competição também é lógico, é.. mas assim, é mais cooperativo do que competição, não tem porque ser muito competitivo, né, acho que tem espaço pra todos, né, e mesmo porque cada uma tem um pouco do foco um pouquinho diferente, então, a gente não é tão.. tão competitivo assim, né. Tem muito... muito.. muito espaço pra todo mundo (ENTREVISTADA 10, grifo nosso).

No entanto, a editora relata que a cooperação é mais evidente, o que não é confirmado quando se observa as relações que foram relatadas pelos editores com o campo e com seu trabalho. Para entrevistada 02, editora de periódico B1, a relação é de muita troca.

São muito amigos, né, conversam, perguntam onde estão conseguindo os avaliadores, né, se os artigos vão caminhando. **A gente tem um grupo, né, que a gente conversa sistematicamente o tempo todo, pra poder dar andamento nos trabalhos** (ENTREVISTADA 02, grifo nosso).

O entrevistado 03 que também é editor de revista B1 concorda que a relação dos editores da área é saudável.

Eu.. eu vejo como muito saudável. Eu participo com certa frequência de discussões, aí, de editores. Eu acho muito.. muito frutífera a... esses eventos. Acho que a relação é muito harmônica [...]. É muito.. muito legal, assim. Não vejo, pelo menos no meu caso.. nunca passei por isso, qualquer tipo de rixa ou qualquer.. que eu me lembro.. eu me lembro como editor, assim. Não me lembro mesmo! **No geral acho que tem até uma troca até bem saudável, por exemplo, nas outras revistas que sou editor, né, editor associado, os editores-chefes é.. tão sempre muito.. muito preocupados em perguntar sobre experiências, do que deu certo em outras revistas, chegam a conversar muito comigo.. e eu com eles, né.** Troco sempre o que tem de mais avançado, em especial.. quanto a governança da revista. (ENTREVISTADO 03, grifo nosso).

A relação entre os editores da área de Administração é vista por alguns editores como existente, como os entrevistados 02, 03, 08 e 10. Porém, editores que não estão vinculados a área de Administração evidenciam uma relação distanciada (entrevistados 04, 06 e 11).

Apenas os entrevistados 01, 05, 07 e 09 tem vínculo com a área de Administração e afirmam não ter contato com os editores. O entrevistado 01 é editor de uma revista B2, assim como a entrevistada 07. O entrevistado 05 é editor de revista B3 e o entrevistado 09 é editor de uma revista A2. Muitos citam que a ida a

eventos proporcionam melhor aproximação, mas, o editor 11 que é de outra área percebe que a Administração é precária nesse sentido.

Em relação aos entrevistados 08 e 10, ambos relatam uma relação boa, mas afirmam ter algumas manifestações de competição. O entrevistado 08 é editor de revista B1 e a entrevistada 10 de A2. Os entrevistados 02 e 03, ambos editores de revista B1, afirmam ter uma relação muito boa, com trocas de experiências.

Bourdieu (1983b) afirma que todo campo é um espaço de lutas por causa da distribuição desigual de capital entre os agentes ou grupos de agentes, nesse caso percebe-se a falta de aproximação entre os editores. Tal fato pode estar relacionado pela falta de interesse dos agentes pelas mesmas categorias, o que difere as estratégias e práticas utilizadas para proporcionar o lucro do capital simbólico. Não existe uma coesão desses interesses, justamente pela dinâmica do campo, pelas regras impostas, entre outros.

Assim, diante do exposto e da Análise de Correspondência Múltipla realizada, nota-se que os editores de revistas A2 buscam a distinção no mercado internacional através na inserção da revista na base de dados *Web of Science*, ou mesmo na tentativa de publicar em inglês ou na parceria com editoras comerciais, os editores B1 buscam a inserção em indexadores como *SciELO* e *Scopus*, os editores B2 objetivam a inserção em indexadores como o *Redalyc*, até pela falta de recurso para bases de dados internacionais e os editores de revistas classificadas como B3 tem interesse em capital econômico para atingir outras posições.

No entanto, existe muita resistência no campo, além da busca por interesses que possibilite a acumulação de maior capital, o que gera as intensas disputas, que são simbólicas, mas resultam na mudança nas estruturas do campo, na adaptação do *habitus* e das práticas. Foi possível perceber que as relações de poder se manifestam entre editores que possuem maior posição hierárquica e entre editores que possuem outra formação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou compreender como as relações de poder influenciam a prática editorial em revistas científicas da área de Administração no Brasil. Para a realização deste estudo foi escolhido o campo editorial da comunicação científica. Definiu-se esse tema e esse objeto para o estudo por não haver muitas pesquisas que articulem as relações do editor com a estrutura social do campo de Administração.

Para a realização dessa pesquisa, percorreu-se sobre a gênese social do campo editorial da comunicação científica. O campo foi criado a partir da colaboração entre agentes que se reuniam e discutiam as suas descobertas. Foi com a criação da imprensa na Europa, no século XV, que houve o desenvolvimento da comunicação científica e uma abrangência em termos de audiência. Com o surgimento dos primeiros periódicos científicos, em 1665, a produção científica passou a ser considerada uma mercadoria nas mãos de editoras e indexadores comerciais.

No campo editorial da comunicação científica, que é um subcampo do campo científico, as relações de poder se manifestam constantemente em uma disputa pela ampliação do poder simbólico no campo. O *habitus* específico é constituído através das estruturas sociais e justificam a prática dos agentes e instituições que compõem o campo, sendo que são as práticas que determinam as distinções.

Assim, foi compreendido a estrutura social do campo, sua normatização e as funções dos agentes e instituições, sendo que os agentes também estruturam o campo científico. Apresentou-se o *Qualis*, sistema da Capes para a avaliação das revistas, os indexadores que atuam no campo, em um contexto geral, e os indicadores cientométricos.

Após a revisão teórica, apresentou-se de forma breve o campo editorial da comunicação científica em Administração no Brasil, através do surgimento da Administração e da criação dos campos acadêmico e científico, investigou-se algumas características dos periódicos que compuseram essa pesquisa, bem como, a estrutura do campo, discutiu-se a normatização do campo por meio do entendimento das regras das agências e dos indexadores.

Além disso, estabeleceu-se uma ligação entre as normas que regem o campo e a visão dos editores de revistas de Administração, entendeu-se como se posiciona o editor no campo, as lutas instituídas pela busca de capital manifestadas pela estrutura social, tanto no campo científico como no campo editorial da comunicação científica. Compreendeu-se também qual o *habitus* do campo, através não só da revisão teórica, mas também por meio das entrevistas realizadas. Cabe destacar, que o *habitus* individual dos agentes só é possível identificar pela história de vida, pois os agentes adquirem disposições de vários campos durante a sua trajetória de socialização, nesse caso, porém, identificamos o *habitus* de classe, pela manifestação aproximada com o campo científico.

Os resultados obtidos, através do caminho metodológico percorrido revelaram que as revistas estão em constante luta pelos capitais em jogo, isto é, pelo capital específico do campo (*Qualis*, indexadores, fator de impacto e autocitação) e pelo capital econômico (apoio institucional e bolsa Capes/CNPq), no entanto, diferente do que outras pesquisas apontam, descobriu-se que a Capes causa determinada influência nos editores pelas regras impostas para alavancar posições no jogo, mas não é responsável por determinar o jogo. O jogo é definido pelo próprio campo científico, através da visibilidade que proporciona a produção científica e por meio das citações. Bourdieu (2004b) relata que no campo científico os agentes são clientes e concorrentes, sendo que o pesquisador depende dos pares para ter reconhecimento.

O fator de impacto se mostra como uma obseção dos editores, que operam as estratégias para cada vez mais ter reconhecimento. Os editores buscam, de forma mais evidente, se adaptar às normas dos indexadores, mesmo que para isso seja necessário adaptar sua prática. Em relação as revistas que já são reconhecidas no Brasil, percebeu-se a busca pela visibilidade internacional, isso por meio das publicações em inglês, da parceria com editoras e da inserção em bases de dados comerciais. Outras que tem uma posição mais periférica no jogo, buscam os indexadores que tragam reconhecimento no campo de Administração, mas percebem a importância da visibilidade que a internacionalização pode proporcionar, ainda que haja estudos que contradigam isso. Cabe destacar, que mesmo os que se contrapõem a internacionalização, o que demonstra uma resistência a determinadas

condutas por parte desses editores, percebem que o crescimento é proporcionado pelo reconhecimento do periódico no campo científico.

O editor é o agente que está em contato com todas relações de poder instituídas, isto é, ele gerencia o processo editorial e está no meio de todos os interesses, seja do autor, do avaliador, da equipe editorial, das instituições que mantêm a revista, das editoras comerciais, das agências de avaliação e fomento, dos indexadores ou dos indicadores cientométricos.

Sobre isso, percebeu-se que o interesse em ser editor está relacionado ao capital científico, pois os agentes são parte do campo e buscam a distinção no campo, para isso o editor utiliza alguns capitais que tem posse, como o capital social e o próprio capital científico, caso tenha acumulado. No entanto, ao entrar no campo editorial da comunicação científica o editor passa a buscar com que o periódico tenha distinção para que assim também adquira capital simbólico, é como um repasse de capital. Tendo o editor prestígio o periódico pode ter maior distinção, da mesma forma o editor tem distinção por estar em um periódico de prestígio.

Compreendeu-se que a prática editorial pode ser influenciada pelas relações de poder, no caso do *Qualis* Capes não existe nada significativo, os editores inclusive criticam a atuação da agência, mas em relação aos indexadores notou-se que os editores buscam se adequar ao exigido pelas bases, sendo que essas bases de dados passam a ser dominantes no campo, já o fator de impacto, que é um subproduto de algumas bases, podem causar má influência fazendo com que o editor utilize estratégias para manipular o índice, através da solicitação de autocitação, por exemplo. A obseção nos índices de impacto também são responsáveis por desvalorizar a produção científica brasileira.

A internacionalização também resulta em capital simbólico, ainda que não seja totalmente legitimado pelo campo brasileiro, já que a maioria dos periódicos possuem acesso aberto, publicam em português e são mantidos e geridos por instituições de ensino e instituições ou associações de pesquisa. Assim, notou-se grande resistência na entrada da prática de internacionalizar a publicação científica, mesmo com os editores das revistas de posições mais elevadas concordando que pra continuar jogando o jogo tem que se submeter. Entende-se algumas falas em relação a isso como uma tentativa de subverter a ordem científica no campo.

Sobre a relação dos editores com as instituições mantenedoras, percebeu-se que os que não possuem o apoio institucional ou capital econômico tem maior dificuldade no exercício de seu trabalho, tornando mais difícil possuir o capital específico do campo e capital social, sendo necessário adaptar a sua prática, realizando, assim, várias etapas do processo editorial sem cooperação de agentes ou da instituição.

Se o periódico não tem distinção no campo, mais difícil a conquista de uma rede de relações disposta a colaborar. Os dominantes do campo tem capital social, capital simbólico e capital econômico e, por isso, conquistam mais facilmente o capital específico do campo. Foi possível constatar, ainda, o capital social e capital simbólico presente na escolha da equipe editorial.

Além disso, a falta de reconhecimento atribuído aos avaliadores no campo científico, faz com que haja uma escassez na colaboração. Vários editores relataram a dificuldade de conseguir o tempo de avaliadores. A falta de avaliadores pode levar os editores a adaptarem sua prática, sendo que em algumas etapas editores relataram que eles mesmos realizam o parecer, outros afirmaram não utilizar tanto os avaliadores e sim os editores associados.

Tais práticas não são legitimadas no campo, pois o mesmo dá valor à avaliação às cegas para assim evitar conflitos de interesse, no entanto, não é considerada uma prática antiética, mas sim uma tentativa de mudança das estruturas do campo, nos termos de Riviera e Brito (2015).

O interesse em distinção também move algumas relações do editor com o campo. Alguns editores privilegiam a publicação de artigos de autores que possuem reconhecimento no campo, pois dessa forma o periódico adquire capital simbólico, outros, privilegiam a sua rede de relações, tendo, dessa forma, um conflito de interesse colaborativo, que é uma prática antiética. Esse privilégio se traduz na luta pela manutenção dos capitais que o agente tem como posse, segundo Bourdieu (2013).

Percebeu-se, também que agentes do campo científico tentam influenciar os editores, através da oferta de capital econômico, na tentativa de utilizar o capital simbólico ou por meio da própria relação com os agentes. Sobre o capital econômico, alguns editores relatam que já ofereceram dinheiro para uma publicação, o capital simbólico vincula-se ao fato de pesquisadores que possuem distinção no campo

solicitarem a publicação, já, o capital social se refere ao uso de um vínculo pra tentar influenciar o editor. Todos esses casos também podem modificar a prática editorial no campo, caso sejam legitimadas.

Sobre a relação com outros editores da área de Administração, notou-se que alguns não possuem relação, pois são editores vinculados a outras áreas. Alguns dos que fazem parte do campo atribuíram à relação um certo distanciamento, tanto eles como os que não são da área relataram que fóruns e congressos auxiliam na aproximação.

Percebeu-se, ainda, editores que são da área e que citaram uma aproximação com alguns, mas também falaram que existe uma certa competição por parte de alguns editores. Outros apenas explicaram que a relação é boa. Observou-se, aqui também uma influência na prática editorial que advém do campo científico, trata-se da citação cruzada, e pode ser justificada pelo produtivismo acadêmico. Somado a isso, um editor relata que editores que tem cargos de conselheiros em bases de dados e agências, podem prejudicar outros periódicos.

Em relação ao autor, entendeu-se que ele é influenciado a buscar cada vez mais reconhecimento, o que o leva ao produtivismo acadêmico. Pesquisas atribuem a causa do produtivismo acadêmico ao poder simbólico exercido pela Capes. O produtivismo leva os autores a uma pressa por publicar e assim a publicar artigos sem relevância, e muitas vezes com plágio. Essa busca por reconhecimento por parte do autor traz um impacto no trabalho do editor, ainda que não influencie no modo de conduzir o periódico.

A mudança da prática, quando legitimada pelo campo, pode fazer com que as estruturas mudem e o *habitus* seja adaptado. Assim, as ações utilizadas para se obter capital simbólico, possibilita a ocorrência de disputas no campo para subverção ou manutenção do *doxa*. A importância do periódico para o desenvolvimento de áreas e de pesquisadores foi identificado como um senso comum entre os editores.

Já, os indexadores se revelaram como revestido de poder simbólico, induzindo os editores a se submeterem a determinadas normas. Além disso, se atribui como *habitus* do campo editorial da comunicação científica, a busca pelo reconhecimento do periódico, o que implica no reconhecimento do editor e faz com que a prática e os interesses estejam direcionados pra essa busca.

Notou-se, em vários aspectos a tentativa de editores em subverter a ordem do campo, isto é, alterar o valor dos capitais atribuídos a ele por meio da parceria com editoras comerciais e na publicação em inglês, o que fez com que se percebesse uma resistência por parte de outros editores. Essa subversão é identificada pois a revista que possui uma posição mais elevada no espaço de jogo é uma revista que publica em português e de acesso aberto. Além de grande parte do campo não legitimar tais práticas.

Identificou-se como limitadores dessa pesquisa a dificuldade de conseguir entrevista com editores, principalmente das revistas classificadas como B4, dos quais não se obteve respostas aos convites. Alguns editores com tempo reduzido queriam responder a entrevista pelo *e-mail* ou mesmo em intervalos no aeroporto. Em alguns casos, os editores me perderam para que consultasse o *lattes* ou a própria página da revista na busca das respostas. Além disso, em três casos, a secretária do editor entrou em contato, mas não houve agendamento das entrevistas por falta de tempo do editor, sendo que um queria marcar para final de março de 2020.

Por tudo que foi discutido até então, vale ressaltar que essa pesquisa não esgota os estudos que podem surgir relacionados as relações de poder e a prática editorial. É possível um maior aprofundamento das relações de poder e uma ampliação do campo, entrevistando também editores de revistas classificadas como B4, B5 e C. Além disso, nessa pesquisa não houve a possibilidade de identificar os capitais do editor e da equipe editorial, ainda que na análise da relação do editor pode-se verificar a falta de alguns capitais no próprio jogo editorial científico, mas essa impossibilidade pode ser resolvida com o estudo de um grupo de revistas que estejam classificadas em um determinado *Qualis*.

Ainda, que os resultados aqui não possam ser generalizados, até porque se teve como objeto o campo de Administração, os aspectos relacionados a política *Qualis* Capes, indexadores e indicadores cientométricos podem ocorrer com maior regularidade em outros campos, pois, Planas (2015) já afirmava que os indexadores eram os dominantes do campo pois estabeleciam as regras de jogo, o que está atribuído à visibilidade e relacionado ao próprio campo científico. Dessa forma, cabe destacar a possibilidade de ampliação deste estudo para outras áreas, com a finalidade de confirmar tal compreensão.

Evidencia-se que não foi possível, para os fins dessa pesquisa, entender a configuração de todo o campo de Administração dado a dificuldade de acesso as revistas que são realmente da área. Para os próximos estudos os pesquisadores poderão contar com a nova avaliação *Qualis* Capes, que estabelece novos critérios de classificação (A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4 e C) e que lista de forma mais exata as revistas que são avaliadas na área. Essa nova avaliação, que ainda não foi divulgada de forma definitiva, se refere ao quadriênio 2017-2020. Porém, nessa pesquisa foi possível reconhecer uma certa resistência dos editores entrevistados ao novo *Qualis*, já que ele pode mudar a estrutura do campo e algumas práticas aqui apresentadas.

Recomenda-se, como sugestões teóricas e analíticas, a apresentação da estrutura do campo de forma mais completa, o reconhecimento das classes que compõem o campo, o estudo dos capitais de posse dos agentes inseridos nas revistas, entre outros. Por fim, espera-se que os resultados sirvam para relacionar a prática editorial com novas teorias, possibilitando assim novas pesquisas. Além disso, objetiva-se um maior conhecimento da comunidade sobre o trabalho do editor e as relações de poder que o circundam.

REFERÊNCIAS

- ANPAD. **Boas Práticas da Publicação Científica: um manual para autores, revisores, editores e integrantes de Corpos Editoriais**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Rio de Janeiro, 2010.
- ANPAD. **Boas Práticas da Publicação Científica: manual para autores, revisores, editores e integrantes de Corpos Editoriais**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Curitiba, 2017.
- ARAÚJO, Flávia Monteiro; ALVES, Elaine Moreira; CRUZ, Monalise Pinto da. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de *habitus* na obra de Pierre Bourdieu. **Perspectiva da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2009.
- ARAÚJO, Richard Medeiros; et al. Gestão de periódicos: um estudo na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 42-58, 2017.
- ARONSON, Jodi. A Pragmatic View of Thematic Analysis. **The Qualitative Report**, v.2, n.1, 1995.
- BEDEIAN, Arthur G.; FLEET, David D. Van; HYMAN III, Hugh H.. Scientific Achievement and Editorial Board Membership. **Organizational Research Methods**, v.12, n.2, 2009.
- BÉGAULT, Báatrice. O periódico científico, um papel para a mediação de informação entre pesquisadores: qual seu futuro no ambiente digital? **RECIIS**, Rio de Janeiro, 2009.
- BERLINCK, Manoel Tosta. Editor de revistas científicas: relato de um interminável aprendizado. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 423-436, 2011.
- BISPO, Marcelo de Souza. Se publicar é preciso, avaliar também é!. **RAE**, São Paulo, v.58, n.4, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução: Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. Introdução, seleção e organização: Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva 2007b.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 96, p. 105-115, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In*: BOURDIEU, Pierre. (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983b.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Pierre Bourdieu - Escritos de Educação**, Rio de Janeiro: Vozes, 2007c.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Pierre Bourdieu - Escritos de Educação**, Rio de Janeiro: Vozes, 2007d.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução: Jeni Vaistman. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983c.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, v.14, n.6, 1975.

BOURDIEU, Pierre. Une révolution conservatrice dans l'édition. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 126-127, 1999.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D.. **An Invitation to Reflexive Sociology**. The University of Chicago, 1992.

BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE. **BOAI**, 2002. Disponível em: < <https://www.budapestopenaccessinitiative.org/read>>. Acesso em 11 jan. 2019.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Journal Qualitative Research in Psychology**, v.3, n.2, 2006.

BRINN, Tony; JONES, Michael Jon. The composition of editorial boards in accounting: a UK perspective. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v.21, n.1, 2008.

CABRAL, Sandro. Autores, Pareceristas e Editores: tripé do processo de revisão de artigos científicos. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 433-437, 2018.

CAFÉ, Anderson Luis da Paixão. **O controle e a regularidade na produção e na difusão de conhecimento no campo científico interdisciplinar**. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento). Universidade Federal da Bahia, 2017.

CAMPOS, José Nilson B.. Qualis periódicos: conceitos e práticas nas Engenharias I. **RBPG**, Brasília, v.7, n.14, 2010.

CAPELARI, Mauro Guilherme Maidana; AFONSO, Yedda Beatriz Gomes de Almeida Dysman da Cruz Seixas Singer; GONÇALVES, Andréa de Oliveira. Alberto Guerreiro Ramos: contribuições da redução sociológica para o campo científico da administração pública no Brasil. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, p. 98-121, 2014.

CAPELLE, Mônica Carvalho; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; BRITO, Mozar José de. Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault: uma proposta de

articulação teórica para a análise das organizações. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v.7, n.3, 2005.

CAPES. História e Missão. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação**, 17 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

CAPES. Relatório de Avaliação Quadrienal 2017 – Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação**, 2017. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-Administracao-quadrienal.pdf>> . Acesso em: 13 dez. 2018.

CARNEIRO, Cristina Maria Quintão. Estrutura e ação: aproximações entre Giddens e Bourdieu. **Tempo e Ciência**, v. 13, n. 26, 2006.

CNPq. A criação. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**, s.d.. Disponível em: <<http://memoria.cnpq.br/a-criacao>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

CNPq. **Regimento Interno do CNPq**, Portaria nº 816, de 17 de dezembro de 2002. Disponível em: <<http://centrodememoria.cnpq.br/port816.html>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

COIMBRA JR., Carlos E. A.. A confidencialidade no processo editorial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 234-235, 1998.

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Nos bastidores da editoração. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 1, p. iii-iv, 2006.

CRITERIOS de Web of Science y Scopus para la selección de publicaciones. **Servicio de Bibliotecas**, Universidad de Extremadura, 20 set. 2018. Disponível em: <<https://biblioguias.unex.es/c.php?g=577211&p=3981801>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

DIAS, Cleber; SILVA, Ana Márcia. Editoração científica e os descaminhos das políticas: experiências da Revista Pensar a Prática. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 802-808, Dez. 2014.

DINIZ, Eduardo H.. O gato que copia: similaridades e produção acadêmica na era digital. **RAE**, São Paulo, v.58, n.2, 2018.

DINIZ, Eduardo H.. Periódicos brasileiros da área de Administração no contexto de internacionalização da produção científica. **RAE**, São Paulo, v.57, n.4, 2017.

DONG, Peng; LOH, Marie; MONDRY, Adrian. The "impact factor" revisited. **Biomedical Digital Libraries**, 2005.

EBADI, Saman; ZAMANI, Gerannaz. Predatory publishing as a case of symbolic violence: a critical English for academic purposes approach. **Cogent Education**, 2018.

EMIRBAYER, Mustafa; JOHNSON, Victoria. Bourdieu and Organizational Analysis. **Theory and Society**, v.31, n.1, 2008.

FERREIRA, Manuel Portugal. Periódicos e *rankings* de periódicos em Administração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 9, n. 2, 2015.

FILGUEIRAS, Fernando. Editorial: Revista do Serviço Público – uma história de 80 anos. **Revista do Serviço Público**, v.68, n.3, 2017.

FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, 2006.

GARFIELD, Eugene. Citation Indexes for Science: A New Dimension in Documentation through Association of Ideas. **Science**, v.122, n. 3159, 1955.

GARFIELD, Eugene. On The Origins of Current Contents and ISI. **12th Annual Meeting of the Association of Independent Information Professionals**, Missouri, April 5, 1998.

GARFIELD, Eugene. The evolution of the Science Citation Index. **International Microbiology**, v.10, 2007.

GARRIDO, Isadora dos Santos; RODRIGUES, Rosangela Schwartz. Portais de periódicos científicos online: organização institucional das publicações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, 2010.

GOMES, Cristina Marques. **Comunicação Científica: Alicerces, Transformações e Tendências**. Portugal: Livros LabCom, 2013.

GOMES, Valdir Pereira. O editor de revista científica: desafios da prática e da formação. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 147-172, 2010. ISSN 1981-8920.

GONDIM, Sonia. A face oculta dos pareceristas: discussões éticas sobre o processo de avaliação de mérito dos trabalhos científicos. **Organização & Sociedade**, v.11, n.31, 2004.

GOULART, Sueli; CARVALHO, Cristina Amélia. O Caráter da Internacionalização da Produção Científica e sua Acessibilidade Restrita. **RAC**, Curitiba, v. 12, n.3, 2008.

GRANČAY, M.; VVEINHARDT, J.; ŠUMILO, Ě.. Publish or perish: how Central and Eastern European economists have dealt with the ever-increasing academic publishing requirements 2000–2015. **Scientometrics**, v.111, n.3, 2017.

GREENE, Lewis Joel. O dilema do editor de uma revista biomédica: aceitar ou não aceitar. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 230-232, 1998.

GUANAES, Paulo Cezar Vieira; GUIMARÃES, Maria Cristina Soares. Modelos de gestão de revistas científicas: uma discussão necessária. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.1, 2012.

GUEDES, Maria do Carmo. Equívocos na publicação científica: algumas considerações. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 387-398, 2011.

HARNAD, Stevan. Scholarly Skywriting and the Prepublication Continuum of Scientific Inquiry. **Psychological Science**, v.1, n.6, 1990.

HARNAD, Stevan; et al.. The Access/Impact Problem and the Green and Gold Roads to Open Access. Disponível em: <https://ost.openum.ca/files/sites/132/2017/06/access_impact_problem.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

HIRCH, Jorge E.. An index to quantify an individual's scientific research output. **PNAS**, 2005.

HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, V. (org.). **Filosofia, história**

e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

JATAHI, Paulo José de Castro. O poder simbólico e o gerenciamento de impressões em organizações públicas: a construção do mito da eficácia do Banco Central na administração da política econômica. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 01-13, 2004.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Tradução: Francisco de Morás. Petrópolis – RJ: Vozes, 2017.

KHULMANN JR., Moysés. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. **Cadernos de Pesquisa**, v.45, n.158, 2015.

KIMURA, Herbert. Desafios da Editoração de Periódicos Científicos no Brasil. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 19, n. 1, 2015.

KIMURA, Herbert; *et al.*. O Processo de Internacionalização de Periódicos Nacionais. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, 2014.

LARIVIÈRE, Vincent; HAUSTEIN, Stefanie; MONGEON, Philippe. The Oligopoly of Academic Publishers in the Digital Era. **PLoS ONE**, v.10, n.6, 2015.

LINDSEY, Duncan. Distinction, Achievement, and Editorial Board Membership. **American Psychologist**, 1976.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. Reflexões: prazeres e agruras de um editor. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 4, p. 433-436, dez. 2010.

MACHADO JUNIOR, Celso. A Contribuição da Sociologia do Conhecimento para os Estudos de Institucionalização e Legitimação do Conhecimento do Campo Científico. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 231-246, 2016.

MATTEDI, Marcos Antônio; SPIESS, Maiko Rafael. A avaliação da produtividade científica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set., 2017.

MARTINS, Thais Joi. **Desejo, Necessidade, e Realidade: Os marcadores culturais e econômicos e suas implicações ocupacionais para o grupo profissional de engenheiros de Produção no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Federal de São Carlos, 2015.

MARTINEZ ABREU, Judit. La revisión de los artículos científicos como procedimiento esencial para lograr calidad en la comunicación científica. **Rev Méd Electrón** [Internet], v. 36, n.1, 2014.

MARZIALE, Maria Helena Palucci. O papel do pesquisador como produtor e avaliador de artigos científicos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 20, n. 2, 2012.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Tradução: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MELLO, Diogo Lordello de. Palavras do Editor. **RAP**, v.2, n.3, 1968.

MENEZES, Vinícios; ODDONE, Nanci; CAFÉ, Anderson. Aspectos reputacionais dos sistemas de avaliação da produção científica no campo da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, 2012.

MICHAEL, Hagner. Open access, data capitalism and academic publishing. **Swiss Med Wkly**, 2018.

MIRANDA, Giuliana. Quatro revistas brasileiras são suspensas de índice internacional. **Folha de São Paulo**, 03 jul. 2013. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/07/1305305-quatro-revistas-brasileiras-sao-suspensas-de-indice-internacional.shtml>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MISOCSKY, Maria Ceci Araujo. **O campo da atenção da saúde após a constituição de 1988**: uma narrativa de sua produção social. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

MOCELIN, Daniel Gustavo. Concorrência e alianças entre pesquisadores: reflexões acerca da expansão de grupos de pesquisa dos anos 1990 aos 2000 no Brasil. **Revista Brasileira de Pós- Graduação – RBPG**, v.6, n.11, 2009.

MOIZER, Peter. Publishing in accounting journals: A fair game?. **Accounting, Organizations and Society**, v. 34, n. 2, 2009.

MUCCIOLI, Cristina et al. Direitos, obrigações e responsabilidades no processo editorial científico. **Arq. Bras. Oftalmol.** São Paulo, v. 69, n. 3, 2006.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, v.35, n.2, 2006.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Pierre Bourdieu - Escritos de Educação**, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

OTLET, Paul. Tratado da documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática. Tradução: Taiguara Villela Aldabalde e outros. In: BRIQUET DE LEMOS, Antonio Agenor (Org.). **O Sesquicentenário de Paul Otlet 1868 - 2018**. Briquet de Lemos, 2018.

PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belitani. Pesquisar é preciso. Publicar não é preciso: história e controvérsias sobre a avaliação por pares. **Avaliação**, Campinas, v. 21, n.3, 2016.

PLANAS, Javier. El campo editorial de la comunicación científica: reflexiones desde los trayectos de la Palabra Clave (La Plata). **Memoria Académica**, Universidade Estadual de La Plata, 2015.

PINHO, José Antonio Gomes. Brevíssimo manual do editor: considerações sobre a submissão e avaliação de artigos, o papel dos pareceristas e do editor de revistas científicas. **Organização & Sociedade**, v. 12, n. 34, 2005.

PORTO, Flávia; GURGEL, Jonas Lírio. Sugestão de roteiro para avaliação de um artigo científico. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v.40, n.2, 2018.

PRICE, Derek de Solla. Editorial Statements. **Scientometrics**, 1978.

REDALYC. Critérios de avaliação. **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal**, s.d.. Disponível em: <http://www.redalyc.org/redalyc/media/redalyc_n/estaticasredalyc/Criterios/criterios.html>. Acesso em: 01 dez. 2018.

REICH, Yoram. Theory and practice of journal editorship: on editorial ethics. **Res. Eng. Design**, v. 24, n. 2, 2013.

RIGO, Ariadne Scalfoni. Comunidade acadêmica, produtivismo e avaliação por pares. **RAE**, São Paulo, v.57, n.5, 2017.

RIVERA, Alessandra Souza Perez; BRITO, Mozar José de. A Pesquisa como Prática Social: um Estudo sob a Perspectiva Bourdieusiana. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 75, p. 561-582, 2015.

ROSA, Rodrigo Assunção; ROMANI-DIAS, Marcello. A Presença e o Impacto de Periódicos Brasileiros da Área de Administração, Contabilidade e Turismo em Bases Científicas. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v.18, n.3, 2019.

ROSSONI, Luciano. **A dinâmica das relações no campo da pesquisa em organizações e estratégia no Brasil**: uma análise institucional. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

ROSSONI, Luciano. Editorial: Em defesa das publicações em português. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v.17, n. 3, 2018a.

ROSSONI, Luciano Editorial: O Spell reduziu o efeito Mateus na citação de periódicos. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v.17, n. 1, 2018b.

ROSSONI, Luciano. Editorial: Produtivismo e Coautoria Cerimonial. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v.17, n.2, 2018c.

ROSSONI, Luciano; GUARIDO FILHO, Edson Ronaldo. Onipresença nos Conselhos Editoriais: Prestígio e Cerimonialismo na Atividade Científica. **REDES – Revista hispana para el análisis de redes sociales**, v.22, n. 8, 2012.

ROUANET, Henry; ACKERMAN, Werner; LE ROUX, Brigitte. A análise geométrica de questionários: a lição de La Distinction de Bourdieu. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v.15, 2005.

SAES, Maria Sylvia M.; MELLO, Adriana Marotti de; SANDES-GUIMARÃES, Luisa Veras de. Revistas brasileiras em Administração: relevância para quem? **RAE**. v.57, n.5, 2017.

SANDES-GUIMARÃES, Luisa Veras de; DINIZ, Eduardo. Impacto e meia-vida de periódicos brasileiros da área de Administração. **IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, 2013.

SANTOS, Elinaldo L. O campo científico da administração: uma análise a partir do círculo das matrizes teóricas. **Cadernos EBAPE.BR**, v.15, n.2, p. 209-228, 2017.

SANTOS, Jean Carlos Ferreira dos. **Estudo sobre o Movimento Open Access e de suas implicações para a comunicação na ciência**. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica). Unicamp. Campinas, 2014.

SAPIRO, Gisèle. The structure of the French literary field during German Occupation (1940-1944): a multiple correspondence analysis. **Poetics**, v.30, 2002.

SARMENTO E SOUZA, Maria Fernanda; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; FORESTI, Miriam Celi Pimentel Porto. Critérios de qualidade em artigos e periódicos científicos: da mídia impressa à eletrônica. **Transinformação**, v.16, n.1, 2004.

SCIELO. **Critérios, política e procedimentos para a admissão e permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil**. Scientific Electronic Library Online - SciELO, São Paulo, out. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/avaliacao/Criterios_SciELO_Brasil_versao_revisada_atualizada_outubro_20171206.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SETTON, Maria das Graças Jacinto. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, 2002.

SHIGAKI, Helena Belintani; PATRUS, Roberto. Modelos e critérios de avaliação de artigos de periódicos acadêmicos em Administração: uma pesquisa com avaliadores experientes. **XXXVIII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro, set. 2014.

SOUZA, Elaine Pereira de; PAULA, Maria Carlota de Souza. QUALIS: A base de qualificação dos periódicos científicos utilizada na avaliação CAPES. *In*: INFOCAPES - Boletim Informativo da CAPES. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação**, Brasília, v.10, n.2, 2002.

SOUZA, Eliana Pereira Salles de. Publicação de revistas científicas na Internet. **Rev Bras Cir Cardiovasc**, São José do Rio Preto, v. 21, n. 1, p. 24-28, Mar. 2006.

SPELL. Características. **Scientific Periodicals Electronic Library – Spell**, s.d.. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/sobre/caracteristicas>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

STORCK, Vera Suely. Notas para a história da administração brasileira: origens e desenvolvimento. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 57-62, Sept. 1983.

STUMPF, Ida. Avaliação pelos pares nas revistas de comunicação: visão dos editores, autores e avaliadores. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 18-32, 2008.

STUMPF, Ida. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, v.25, n.3, 1996.

SWARTZ, David L.. Bringing Bourdieu's Master Concepts into Organizational Analysis. **Theory and Society**, v.37, n.1, 2008.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. **A dinâmica do campo científico e os capitais em jogo em uma universidade pública**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Lavras, 2011.

TEIXEIRA, Juliana Cristina et al. Dinâmica de distribuição de fontes de capitais científicos entre docentes / pesquisadores de um programa de pós- graduação Stricto- Sensu de uma universidade pública. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 17, n. 1, p. 179-206, Mar. 2012.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Comentando: “A face oculta do parecerista: discussões éticas sobre o processo de avaliação de mérito de trabalhos científicos”. **Organizações & Sociedade**, v.12, n.32, 2005.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006.

TONELLI, Maria José. Revistas Científicas em Administração: o papel histórico da Revista de Administração de Empresas (RAE) na construção do campo acadêmico em Administração no Brasil. **RAE**, v.17, Edição Especial, 2018.

TONELLI, Maria José. The foundation of the academic field in Business and Administration in Brazil: the case of RAUSP (Special Invited Paper). **RAUSP**, v.52, n.4, 2017

TONELLI, Maria José; ZAMBALDI, Felipe. Editorial: Sobre o ofício do editor-chefe e decisões editoriais. **Rev. adm. empres.** São Paulo, v. 57, n. 6, p. 534-535, 2017.

TRZESNIAK, Piotr. A estrutura editorial de um periódico científico. In: SABADINI, Aparecida Angelica Z. Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada C.; KOLLER, Silvia. (Orgs.). **Publicar em psicologia**: um enfoque para a revista científica. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

TRZESNIAK, Piotr. A seleção/substituição de editores científicos de publicações periódicas: um modelo para discussão. **Informativo da Sociedade Entomológica do Brasil**, v. 29, n. 2, 2004.

TRZESNIAK, Piotr. Ser pesquisador, ser editor, ser autor. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 7, 2005.

TRZESNIAK, Piotr; KOLLER, Silvia Helena. Editorial: A Difusão do Conhecimento: Editores e a Comunidade Científica. **Revista Interamericana de Psicologia**, v.39, n.1, 2005.

TRZESNIAK, Piotr; PLATA-CAVIEDES, Tatiana; CÓRDOBA-SALGADO, Oscar Alejandro. Qualidade de Conteúdo, o grande desafio para Editores Científicos. **Revista Colombiana de Psicologia**, Bogotá, v.21, n.1, 2012.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Habitus, Campo, Estratégia: uma leitura de Bourdieu. **Cadernos CERU**, [S.l.], v. 9, p. 45-55, jan. 1998.

TUFFANI, Maurício. Capes anuncia projeto de internacionalização de revistas científicas brasileiras. **Folha de São Paulo**, 31 out. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/10/1541286-capes-anuncia-projeto-de-internacionalizacao-de-revistas-cientificas-brasileiras.shtml>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

WACQUANT, Loic. Esclarecer o Habitus. **Educação e Linguagem**. São Paulo, v.10, n.16, 2007.

YAMAMOTO, Oswaldo H.. Editorial: As responsabilidades do editor de um periódico científico. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 1, p. 3-4, Jan. 2002.

APÊNDICE 1 – Protocolo para coleta na página das revistas

Nome da revista: _____

Ano de criação: () Antes de 1983 () 1983 -1993

() 1994 – 2004 () Depois de 2004

Qualis da revista: _____ Região: _____

Gestão da revista: () Instituição de Ensino () Editora Comercial

() Instituição ou Associação de Pesquisa () Outros

Tem vínculo com Programa de Pós-Graduação? () Sim () Não

Se sim, qual a nota do programa? () 1 a 3 () 4 a 5 () 6 a 7

Está indexada no *Redalyc*? () Sim () Não

Está indexada no *SciELO*? () Sim () Não

Está indexada no *Scopus*? () Sim () Não

Está indexada no *Web of Science*? () Sim () Não

Qual o fator de impacto de 2 anos no *Spell*? () Até 0,218 () De 0,219 a 0,437

() De 0,438 a 0,656 () Depois de 0,656

Qual o fator de impacto de 5 anos no *Spell*? () Até 0,269 () De 0,270 a 0,539

() De 0,540 a 0,809 () Depois de 0,810

Qual a taxa de autocitação no *Spell*? () Até 25% () De 26% a 51%

() De 52% a 77% () Mais que 78%

Quais idiomas aceitos para publicação? () Apenas Inglês () Apenas Português

() Português, Inglês e Espanhol

() Português, Inglês, Espanhol e Francês

() Português e Inglês.

Recebe Bolsa Capes/CNPq? () Sim () Não

Tem mais de um editor na estrutura editorial da revista? () Sim () Não

Tem editor executivo? () Sim () Não

Tem Editores Associados? () Sim () Não

Tem Conselho Editorial? () Sim () Não

Tem Corpo Editorial Científico? () Sim () Não

Tem Editor Adjunto? () Sim () Não

APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista semiestruturada

Antes de iniciar a entrevista gostaria de agradecer por sua disponibilidade e repassar alguns pontos:

- O tema central desta pesquisa são as relações de poder e a prática editorial;
- A entrevista será gravada e, posteriormente, os dados serão transcritos;
- O objetivo deste estudo é estritamente acadêmico e os dados coletados serão coletados seguindo o termo de confidencialidade, assim, não é necessário se identificar ou identificar a revista. Caso, eventualmente, sejam citadas quaisquer informações que permitam a identificação do respondente, estas serão anuladas no registro dos dados.

1 – Para iniciar nossa conversa poderia me falar da sua trajetória profissional?

2 – Como se tornou editor de periódico científico?

3 – Quais as dificuldades que você enfrenta como editor?

4 – Qual a sua relação com os demais membros da equipe editorial?

5 – Qual a sua relação com a mantenedora da revista?

6 – Quais são as etapas do processo de editoração desempenhadas por você, como editor?

7 – Como percebe a relação entre os editores da área?

8 – De acordo com sua experiência, existem atitudes anti-éticas praticadas no âmbito da revista científica? Conhece algum caso?

9 – O que o trabalho do editor significa pra você?

10 – Em termos gerais, existe algum tipo de interesse para o docente querer ser editor?

11 – Como percebe as agências de avaliação e fomento em relação a sua revista?

12 – Como percebe os indexadores e indicadores cientométricos em relação a sua revista?

13 – O que pensa sobre a internacionalização dos periódicos científicos?

APÊNDICE 3 – Relação de revistas por número

(continua)

Número	Nome	Número	Nome
1	RAC	41	RCA
2	RAE	42	RMPE
3	RAEP	43	RAUSP
4	APGS	44	RACEF
5	AOS	45	ReA UFSM
6	BASE	46	RAU
7	BAR	47	RAI
8	BBR	48	FACES
9	CPA	49	RAHIS
10	CEBAPE	50	RAIMED
11	CGPC	51	RAM
12	Contextus	52	RASI
13	Desafio Online	53	RECAPE
14	FUTURE	54	RCA UFSC
15	G&C	55	REGEPE
16	GESTÃO.Org	56	REGE
17	GES	57	GEAS
18	G&R	58	RGSS
19	Interface	59	GeP

(continuação)

Número	Nome	Número	Nome
20	IJI	60	Gesec
21	InternexT	61	RGFC
22	JISTEM	62	RGSA
23	JOSCM	63	Revista de Negócios
24	NAVUS	64	RTA
25	OR&A	65	RSP
26	O&S	66	RECC
27	P&R	67	RECADM
28	PG&C	68	REEN
29	RACE	69	REGS
30	RAUnP	70	RGO
31	REAd	71	G&P
32	Reunir	72	RG&T
33	RAD	73	RIAE
34	ADM.MADE	74	RIGS
35	Revista Alcance	75	ROC
36	RBFIn	76	RPCA
37	RBGN	77	Revista Pretexto
38	RBGI	78	TPA
39	REMark	79	RAP

(conclusão)

Número	Nome	Número	Nome
40	RCCe		